

PHILIP  
YANCEY



Maravilhosa  
GRANÇA

Autor de 6 livros que eu nunca conheci



MARAVILHOSA

GRAÇA

PHILIP YANCEY

ISBN 85-7367-4124

Categoria: Teologia/Vida Cristã

Este livro foi publicado em inglês com o título *What's So Amazing About Grace?* por Zondervan Publishing House

© 1997 por Philip D. Yancey © 1999 por Editora Vida

*1ª impressão, 1999*

*2ª impressão, 2000*

*3ª impressão, 2001*

Traduzido por Yolanda M. Krievin

Todos os direitos reservados na língua portuguesa por Editora Vida, rua Júlio de Castilhos, 280 03059-000 São Paulo, SP -Telefax: (11) 6096-6814

As citações bíblicas foram extraídas da Edição Contemporânea da Tradução de João Ferreira de Almeida, publicada pela Editora Vida, salvo quando outra fonte for mencionada.

Gerência editorial: Reginaldo de Souza

Preparação de texto: Josué Ribeiro

Revisão de provas: Rosa M. Ferreira e Sérgio Pavarini

Editoração eletrônica: Idéia Dois

Capa: Douglas Lucas

*Impresso no Brasil, na Imprensa da Fé*

# SUMÁRIO

## Agradecimentos 5

### Capítulo 1

A ÚLTIMA PALAVRA PERFEITA 6

### Capítulo 2

A FESTA DE BABETTE: UMA HISTÓRIA 8

### Capítulo 3

Um mundo sem graça 9

### Capítulo 4

O PAI CEGO DE AMOR 12

### Capítulo 5

A NOVA MATEMÁTICA DA GRAÇA 15

## PARTE II

### Rompendo o ciclo da não-graça 19

#### Capítulo 6

Ciclo ininterrupto: uma história 19

#### Capítulo 7

Um ato nada NATURAL 20

#### Capítulo 8

Por que PERDOAR? 23

#### Capítulo 9

Acerto de contas 26

#### Capítulo 10

O ARSENAL DA GRAÇA 29

## PARTE III

### Cheiro de escândalo 32

#### Capítulo 11

Um larpara bastardos: uma história 32

#### Capítulo 12

Esquisitices, não 34

### Capítulo 13

### Olhos curados PELA GRAÇA 36

#### Capítulo 14

Brechas 40

#### Capítulo 15

Anulação da graça 43

## PARTE IV

### Sons da graça para um mundo surdo 47

#### Capítulo 16

BIG HAROLD: UMA HISTÓRIA 47

#### Capítulo 17

Aroma misto 49

#### Capítulo 18

Sabedoria de serpente 52

#### Capítulo 19

Retalhos verdes 55

#### Capítulo 20

Gravidade e graça 58

## Notas 61

# AGRADECIMENTOS



Ler uma lista de nomes de uma página de agradecimentos de alguém me faz lembrar os discursos do noite do Oscar, quando atores e atrizes agradecem a todos, desde suas professoras do primário até seus professores do terceiro ano de piano.

Também sou grato ao meu professor de piano, mas quando escrevo um livro existem algumas pessoas para as quais os meus agradecimentos não são luxos, mas necessidades. O primeiro esboço e a versão final deste livro são assombrosamente diferentes, graças à ajuda destas pessoas: Doug Frank, Harold Fickett, Tim Stafford, Scott Hozzee e Hal Knight. Pedi a ajuda deles porque todos sabem alguma coisa sobre como escrever e também a respeito da graça divina; a reação deles para comigo foi uma grande prova de amizade. Sinto-me devedor a cada um.

Meus colegas da *Christianity Today*, especialmente Harold Myra, ajudaram-me em algumas áreas muito especiais do manuscrito.

Pobre John Sloan! Ele recebe para revisar meus manuscritos, mas acabou dando seu parecer não apenas a respeito do primeiro esboço, mas de todas as versões subseqüentes. Os revisores fazem o seu trabalho de maneira invisível, mas as excelentes contribuições de John são muito visíveis para mim quando vejo o resultado final.

Obrigado também ao Bod Hudson, da Zondervan, que acrescentou toques finais na revisão.

Um sentimento de gratidão é de todo apropriado quando o tema é a graça. Enquanto penso nesses meus amigos, sinto-me imediatamente enriquecido e nada merecedor.

Pensando nisso, creio que deveria *agradecer* também ao apóstolo Paulo que, por meio de sua magnífica carta aos Romanos, ensinou-me tudo o que sei a respeito da graça e também me deu o esboço deste livro. Eu descrevo a "desgraça", tento sondar a graça, lido com as objeções que surgem no processo; discuto como a graça é vivida em um mundo frio, empedernido — seguindo exatamente a seqüência em Romanos.

(Também devo acrescentar que, embora as histórias deste livro sejam verdadeiras, em alguns casos nudei os nomes e os lugares para preservar a identidade das pessoas envolvidas.)

# MARAVILHOSA GRAÇA



*Eu não sei nada, exceto uma coisa que todos sabem —  
quando a Graça dança, eu também devo dançar.*

W. H. Auden

# CAPÍTULO 1

## A ÚLTIMA PALAVRA PERFEITA

Em meu livro *O Jesus que Eu Nunca Conheci* contei uma história verídica que muito tempo depois continuou me perseguindo. Eu a ouvi de um amigo que trabalha com pessoas marginalizadas em Chicago:

Uma prostituta veio falar comigo em terríveis dificuldades, sem lar, doente, incapaz de comprar comida para si e para a filha de dois anos de idade. Entre soluços e lágrimas, contou-me que estivera alugando sua filha — de dois anos de idade! — a homens interessados em sexo pervertido. Ela ganhava mais alugando sua filha por uma hora do que poderia ganhar ela mesma em uma noite. Tinha de fazê-lo porque precisava de dinheiro para sustentar o vício das drogas. Eu mal agüentava ouvir a sua sórdida história. Havia outra coisa que eu me sentia legalmente responsável — tenho de denunciar casos de abuso contra crianças. Mas naquele momento eu não tinha idéia do que dizer àquela mulher.

Finalmente, perguntei a ela se nunca havia pensado em ir a uma igreja para pedir ajuda. Nunca mais esquecerei do olhar assustado que perpassou seu rosto. "Igreja!", ela exclamou. "Por que eu iria a uma igreja? Eu já me sinto terrível o suficiente. Eles vão fazer que eu me sinta ainda pior."

O que me feriu na história de meu amigo é que mulheres muito parecidas com essa prostituta procuraram Jesus, não fugiram dele. Por pior que uma pessoa se sentisse a respeito de si mesma, ela sempre procurava Jesus como um refúgio. Será que a igreja perdeu esse dom? Evidentemente, os desvalidos que recorriam a Jesus quando ele vivia na terra já não se sentem bem-vindos entre os seus discípulos. O que aconteceu?

Quanto mais eu pensava nessa pergunta, mais me sentia atraído por uma palavra como chave. Tudo que vem a seguir se desenrola a partir dessa palavra.

Como escritor, eu jogo com as palavras o dia inteiro, brinco com elas, ouço os seus meios-tons, parto-as pelo meio e tento encaixar nelas os meus pensamentos. Descobri que as palavras têm uma tendência de se estragarem com o passar do tempo, como carne deteriorada. Quando os tradutores da versão King James contemplaram a forma mais elevada de amor, escolheram a palavra "caridade" para expressá-la. Porém nos dias de hoje ouvimos o protesto de desdém: "Não quero a sua caridade!".

Talvez eu continue rondando a palavra graça porque é uma grande palavra teológica que não foi estragada. Eu a chamo de "a última palavra perfeita" porque todos os usos dela em inglês que eu consigo encontrar retêm um pouco da glória original. Como um vasto lençol aquífero, a palavra sustenta nossa civilização orgulhosa, lembrando-nos que as coisas boas não vêm de nossos próprios esforços, e sim pela graça de Deus. Mesmo agora, apesar de nossa guinada secular, as raízes-mestras ainda vão estender-se para a graça. Veja como utilizamos a palavra.

Muitas pessoas "dão graças" antes das refeições, reconhecendo diariamente o pão como um presente de Deus. Somos gratos pela bondade de alguém, sentimo-nos gratificados com boas notícias, congratulados quando temos sucesso, graciosos hospedando amigos. Quando uma pessoa nos serve bem, deixamos uma gratificação. Em cada um desses usos ouço a exclamação infantil de prazer dos que não merecem.

Um compositor acrescenta appoggiaturas às notas reais. Embora não sejam essenciais à melodia — são gratuitas — elas acrescentam floreios cuja ausência seria sentida. Quando tento pela primeira vez tocar uma sonata de Beethoven ou Schubert no piano, toco-a toda, algumas vezes, sem as appoggiaturas. A sonata soa lúida, mas que diferença faz quando sou capaz de acrescentar as notas graciosas que temperam a partitura como gostosas especiarias!

Na Inglaterra, alguns usos dão uma evidência explícita da fonte teológica da palavra. Os súditos britânicos dirigem-se à realeza utilizando a expressão "Sua Graça". Os estudantes de Oxford e de Cambridge podem "receber uma graça" que os isenta de certas exigências acadêmicas. O Parlamento

leclara um "ato de graça" para perdoar um criminoso.

Os editores de Nova York também sugerem um significado teológico com a sua política de agradecer. Se eu assino doze exemplares de uma revista, posso receber alguns exemplares extras mesmo depois que minha assinatura expirar. São "exemplares de graça", enviados para me incentivar a renovar a assinatura. Os cartões de crédito, as agências de aluguel de carros e as imobiliárias igualmente estendem aos clientes um "período de graça" não merecido.

Eu também aprendo a respeito de uma palavra com o seu antônimo. Os jornais dizem que o comunismo "caiu em desgraça", uma frase igualmente aplicada a Jimmy Swaggart, Richard Nixon e O. J. Simpson. Resultamos uma pessoa apontando a carência da graça: "Seu ingrato". Ou, pior ainda, dizemos: "Você é um desgraça!". Uma pessoa realmente desprezível não tem "graça salvadora". Meu uso predileto da raiz graça aparece na melíflua expressão *persona non grata*: uma pessoa que ofende o governo com algum ato de traição é proclamada uma "pessoa sem graça".

Os muitos usos da palavra me convencem de que a graça é realmente surpreendente: é a nossa última palavra perfeita. Ela contém uma essência do evangelho como uma gota de água pode conter a imagem do sol. O mundo tem sede de graça em situações que nem reconhece; não nos causa admiração que o hino "Maravilhosa Graça" continue sendo tão repetido duzentos anos depois de sua composição. Para uma sociedade que parece estar à deriva, sem amarras, não sei de lugar melhor para lançar uma âncora de fé.

Contudo, como as *appogiaturas* na música, o estado de graça na vida das pessoas provoca alterações. O Muro de Berlim caiu em uma noite de euforia; os negros sul-africanos fizeram longas e exuberantes filas para votar pela primeira vez; Yitzhak Rabin e Yasser Arafat apertaram-se as mãos em Rose Garden — por um momento a graça pôde ser vista em cada uma dessas situações. Mas, depois, a Europa Oriental de mau humor inicia uma longa tarefa de reconstrução, a África do Sul tenta descobrir como governar um país e Arafat, disfarçadamente, solta projéteis e Rabin é atingido por um deles. Como uma estrela que desaparece, a graça se dissipa em uma explosão final de luz pálida, e é então engolfada pelo buraco negro da "não-graça".

"As grandes revoluções cristãs", disse H. Richard Niebuhr,<sup>1</sup> "não vêm por meio da descoberta de alguma coisa que não era conhecida antes. Elas acontecem quando alguém aceita radicalmente uma coisa que sempre esteve aí". Estranhamente, às vezes descubro uma falta de graça dentro da igreja, uma instituição fundada para proclamar, na frase de Paulo, "o evangelho da graça de Deus".

O escritor Stephen Brown observa que um veterinário fica sabendo uma porção de coisas a respeito do dono de um cão — que ele não conhece — apenas olhando o animal. O que o mundo fica sabendo a respeito de Deus ao nos observar como os seguidores de Deus na terra? Busque as raízes da palavra graça no grego e você vai descobrir um verbo que significa "eu me regozijo, estou feliz". Em minha experiência o regozijo e a alegria não são as primeiras imagens que vêm à mente das pessoas quando pensam na igreja. Elas pensam em santarrões. Pensam na igreja como um lugar para ir depois que tiverem endireitado as coisas, não antes. Pensam em moralidade, não em graça. "Igreja!", disse a prostituta, "por que eu iria lá? Eu já me sinto terrível. Eles vão me fazer sentir-me ainda pior".

Tal atitude vem parcialmente de um conceito deturpado, ou preconceito, dos de fora. Visitei abrigos de semilhos, hospícios e ministérios na prisão dirigidos por voluntários cristãos generosos cheios da graça. E mesmo assim, o comentário da prostituta é doloroso porque ela encontrou um ponto fraco na igreja. Alguns de nós parecemos tão ansiosos em fugir do inferno que nos esquecemos de celebrar a nossa viagem para o céu. Outros, justamente preocupados com questões de uma "guerra cultural" moderna, negligenciam a missão da igreja como um porto da graça neste mundo de carente de graça.

"A graça está por toda parte", disse o moribundo sacerdote na novela *Diary of a Country Priest* [Diário de um padre do interior], de Georges Bernano.<sup>2</sup> Sim, mas com que facilidade nós a ignoramos, surdos à sua melódica harmonia.

Freqüentei uma faculdade cristã. Anos depois, quando me assentava ao lado do diretor dessa escola



em um avião, ele me pediu que avaliasse minha educação. "Coisas boas, coisas ruins", repliquei. Encontrei ali muita gente piedosa. Na verdade, encontrei Deus ali. Quem pode avaliar uma coisa dessas? Contudo, mais tarde percebi que em quatro anos eu não aprendi quase nada a respeito da graça. Talvez seja a palavra mais importante da Bíblia, o coração do evangelho. Como pude ignorá-la?"

Falei dessa nossa conversa em uma palestra subsequente em uma capela e, ao fazê-lo, ofendi os professores. Alguns sugeriram que eu não fosse mais convidado para falar. Uma alma gentil escreveu-me perguntando se eu não poderia ter dito aquilo de maneira diferente. Não poderia ter dito que como estudante eu não tinha receptores para receber a graça que me rodeava? Pensei muito a respeito da pergunta porque amo e respeito esse homem. Finalmente, entretanto, concluí que experimentei tanta ausência de graça no campus de uma universidade cristã como em qualquer outro lugar na vida.

Um conselheiro, David Seamands,<sup>3</sup> resumiu sua carreira desta maneira:

Há muitos anos, cheguei à conclusão de que as duas causas principais da maioria dos problemas emocionais entre os cristãos evangélicos são estas: o fracasso em entender, receber e viver a graça e o perdão incondicionais de Deus; e o fracasso de distribuir esse amor, perdão e graça incondicionais aos outros... Nós lemos, ouvimos, cremos em uma boa teologia da graça. Mas não é assim que vivemos. As boas novas do evangelho da graça não penetraram no nível de nossas emoções.

"O mundo pode fazer quase tudo tão bem ou melhor do que a igreja", diz Gordon MacDonald.<sup>4</sup> "Você não precisa ser cristão para construir casas, alimentar os famintos ou curar os enfermos. Há apenas uma coisa que o mundo não pode fazer. Ele não pode oferecer graça." MacDonald colocou o seu dedo sobre a única contribuição realmente importante da igreja. Onde mais o mundo poderia ir para encontrar graça?

Ignazio Silone, romancista italiano, escreveu a respeito de um revolucionário caçado pela polícia. A fim de escondê-lo, seus camaradas o vestiram com as roupas de um padre e o enviaram a uma remota vila ao pé dos Alpes. A notícia se espalhou, e dentro de pouco tempo uma longa fila de camponeses apareceu à porta dele, cheios de histórias de pecados e vidas desfeitas. O "sacerdote" protestava e tentava desvencilhar-se deles, sem resultados. Ele não tinha outro recurso a não ser sentar-se e ouvir as histórias das pessoas que morriam de fome da graça.

Eu acho que, de fato, por isso é que todos vão à igreja: fome da graça. O livro *Growing Up Fundamentalist (Fundamentalistas em Formação)*<sup>5</sup> conta de uma reunião de estudantes em uma escola missionária no Japão. "Com uma ou duas exceções, todos abandonaram a fé, mas depois voltaram", contou um dos estudantes. "E aqueles entre nós que voltaram têm uma coisa em comum: todos nós descobrimos a graça..."

Quando olho para a minha própria peregrinação, marcada por erros, desvios e becos sem saída, vejo agora que aquilo que me impulsionava era minha busca da graça. Rejeitei a igreja durante algum tempo porque encontrei bem pouca graça ali. Voltei porque não descobri graça em nenhum outro lugar.

Para dizer a verdade, mal provei da graça em toda a sua intensidade, tenho dispensado menos do que recebi e não sou, de modo nenhum, um especialista no assunto. Existem, de fato, motivos que me impeliram a escrever a respeito. Eu queria conhecer mais, entender mais, experimentar mais graça. Não me atrevo — o perigo é muito real — a escrever um livro desagradável a respeito da graça. Saiba, então, aqui no início, que eu escrevo como um peregrino qualificado apenas por minha fome da graça.

A graça não é um assunto fácil para um escritor. Tomando emprestado o comentário de E. B. White a respeito do humor: "[A graça] pode ser dissecada, como uma rã, mas morre no processo, e o que está lá dentro é deprimente para todos, exceto às mentes puramente científicas". Acabei de ler um tratado de treze páginas a respeito da graça na *New Catholic Encyclopedia [Nova Enciclopédia Católica]* que me curou de qualquer desejo de dissecar a graça e mostrar o seu interior. Eu não quero que ela morra. Por causa disto vou apoiar-me mais em histórias do que em silogismos.

Resumindo, prefiro transmitir graça em vez de explicá-la.





# PARTE I

## COMO É DOCE OUVIR

## Capítulo 2

# A FESTA DE BABETTE: UMA HISTÓRIA

Karen Blixen, dinamarquesa de nascimento, casou-se com um barão e passou os anos de 1914-31 administrando uma plantação de café na África Britânica, no Leste (seu livro *Out of Africa* fala daqueles anos). Depois de um divórcio, ela voltou à Dinamarca e começou a escrever em inglês com o pseudônimo *sak Dinesen*. Uma de suas histórias, "A festa de Babette",<sup>1</sup> tornou-se um clássico respeitado depois de ser transformado em filme na década de 80.

Dinesen situou sua história na Noruega, mas os cineastas dinamarqueses mudaram o local para uma pobre aldeia de pescadores no litoral da Dinamarca, uma localidade de ruas lamacentas e cabanas cobertas de palha. Neste ambiente triste, um ministro de barbas brancas liderava um grupo de crentes de uma austera seita luterana.

Os poucos prazeres mundanos que pudessem tentar um camponês em Norre Vosburg eram condenados por essa seita. Todos usavam roupas pretas. Sua alimentação consistia em bacalhau cozido e uma papa feita de pão escaldado em água enriquecida com um borrifo de cerveja. Aos sábados, o grupo se reunia e cantava hinos a respeito de "Jerusalém, meu lar feliz, nome sempre querido para mim". Eles haviam direcionado suas bússolas para a Nova Jerusalém, e a vida na terra era apenas tolerada como um meio de chegar lá.

O velho pastor, um viúvo, tinha duas filhas adolescentes: Martine, chamada assim por causa de Martinho Lutero, e Philippa, por causa do discípulo de Lutero, Philip Melancton. Os habitantes da vila costumavam ir à igreja apenas para deliciar seus olhos olhando para as duas, cuja radiante beleza não podia ser ocultada, apesar dos melhores esforços das duas irmãs.

Martine captou os olhares de um jovem e arrojado oficial da cavalaria. Quando ela, obstinadamente resistiu às suas investidas — afinal, quem cuidaria de seu velho pai? — ele foi embora para se casar com uma dama de companhia da rainha Sofia.

Além de ser muito bela, Philippa também possuía a voz de um rouxinol. Quando ela cantava a respeito de Jerusalém, visões reluzentes da cidade celestial pareciam surgir. E aconteceu que Philippa conheceu o mais famoso cantor de ópera daquele tempo, o francês Achille Papin, que estava passando uns dias no litoral por causa da saúde. Enquanto caminhava pelos poeirentos caminhos de uma cidade atrasada, Papin ouviu, para sua grande admiração, uma voz digna da Grand Opera de Paris.

"Deixe-me ensiná-la a cantar de maneira certa", ele insistiu com Philippa, "e toda a França vai cair aos seus pés. A realeza vai fazer fila para conhecê-la, e você vai andar de carruagem puxada por cavalos para cantar no magnífico Café Anglais". Lisonjeada, Philippa consentiu em tomar algumas lições, mas apenas algumas. Cantar a respeito do amor fê-la ficar nervosa, a agitação dentro dela a perturbou mais ainda e quando uma ária de Don Giovanni acabou com ela sendo enlaçada pelos braços de Papin, os lábios dele roçando os seus, ela soube, sem a menor sombra de dúvida, que estes novos prazeres tinham de ser abandonados. Seu pai escreveu um bilhete desistindo de todas as futuras lições, e Achille Papin voltou a Paris, tão triste como se tivesse perdido um bilhete de loteria premiado.

Passaram-se quinze anos, e muita coisa mudou na vila. As duas irmãs, agora solteironas de meia-idade tentaram continuar com a missão do falecido pai, mas, sem a sua séria liderança, a seita estilhaçou-se. Um irmão tinha queixas de outro por causa de algum negócio. Espalharam-se boatos de que havia um caso de sexo ilícito há trinta e dois anos envolvendo duas pessoas da comunidade. Duas velhas senhoras não se falavam há uma década. Embora a seita ainda se reunisse aos domingos e cantasse velhos hinos, apenas um punhado de pessoas se davam ao trabalho de ir, e a música havia perdido o seu entusiasmo. Apesar de todos esses problemas, as duas filhas do ministro continuaram fiéis, organizando os cultos e escaldando

ção para os anciãos desdentados da vila.

Uma noite, chuvosa demais para que alguém se aventurasse pelas ruas lamacentas, as irmãs ouviram portas batidas na porta. Quando a abriram, uma mulher caiu desmaiada. Elas a reanimaram e descobriram que não falava dinamarquês. Ela lhes entregou uma carta de Achille Papin. Ao ver aquele nome Philippa enrubesceu, e sua mão tremia enquanto ela lia a carta de apresentação. O nome da mulher era Babette. Ela havia perdido o marido e filho durante a guerra civil na França. Com a vida em perigo, tivera de fugir, e Papin lhe arranjara uma passagem em um navio com esperança de que essa aldeia lhe demonstrasse misericórdia. "Babette sabe cozinhar", dizia a carta.

As irmãs não tinham dinheiro para pagar Babette e, antes de mais nada, não sabiam se deviam ter uma empregada. Desconfiaram de sua arte — os franceses não comiam cavalos e rãs? Mas, por meio de gestos e rogos, Babette amoleceu o coração delas. Ela poderia fazer alguns serviços em troca de quarto e comida.

Durante os doze anos seguintes Babette trabalhou para as irmãs. A primeira vez que Martine mostrou-lhe como cortar um bacalhau e cozinhar a papa, as sobrancelhas de Babette se elevaram e o seu nariz enrugou um pouco, mas nunca questionou suas tarefas. Ela alimentava os pobres na cidade e assumiu todas as tarefas domésticas. Até ajudava nos cultos de domingo. Todos tinham de concordar que Babette trouxe uma nova vida à estagnada comunidade.

Uma vez que Babette nunca se referia ao seu passado na França, foi uma grande surpresa para Martine e Philippa quando, um dia, depois de doze anos, ela recebeu a primeira carta. Babette a leu, viu as irmãs com os olhos arregalados e anunciou de maneira natural que uma coisa maravilhosa lhe havia acontecido. Todos os anos um amigo em Paris renovava o número de Babette na loteria francesa. Nesse ano, o seu bilhete fora premiado. Dez mil francos!

As irmãs apertaram a mão de Babette, parabenizando-a, mas lá no fundo seus corações desfaleceram. Sabiam que logo ela iria embora.

A sorte grande de Babette na loteria coincidiu com o momento em que as irmãs estavam discutindo sobre a celebração de uma festa em homenagem ao centenário do nascimento de seu pai. Babette lhes fez um pedido. Disse que em doze anos nunca lhes pedira nada. Elas assentiram. "Agora, porém, tenho um pedido: Gostaria de preparar uma refeição para o culto de aniversário. Quero cozinhar uma verdadeira refeição francesa."

Embora as irmãs tivessem sérias dúvidas a respeito desse plano, Babette, sem nenhuma sombra de dúvida, estava certa de que nunca havia pedido nenhum favor em doze anos. Que escolha elas tinham a não ser concordar?

Quando o dinheiro chegou da França, Babette fez uma rápida viagem para providenciar os arranjos para o jantar. Nas semanas que se seguiram à sua volta, os habitantes de Norre Vosburg foram surpreendidos com a visão de vários barcos ancorados descarregando provisões para a cozinha de Babette. Trabalhadores empurravam carrinhos de mão cheios de gaiolas com pequenas aves. Caixas de champagne — champagne! — e vinho logo se seguiram. A cabeça inteira de uma vaca, vegetais frescos, rufas, faisões, presunto, estranhas criaturas que viviam no mar, uma imensa tartaruga ainda viva mexendo a cabeça como a de uma cobra de um lado para o outro — tudo isso acabava na cozinha das irmãs agora firmemente dirigida por Babette.

Martine e Philippa, alarmadas com os preparativos que mais pareciam de bruxa, explicavam a embarçosa situação aos membros da seita, agora apenas onze pessoas, velhas e grisalhas. Todas manifestavam simpatia com elas. Depois de alguma discussão concordaram em comer a refeição francesa e freando os comentários para que Babette não entendesse mal. Línguas haviam sido feitas para louvor e ação de graças, e não para satisfazer gostos exóticos.

Nevava no dia 15 de dezembro, o dia do jantar, iluminando a aldeia obscura com um brilho branco. As irmãs ficaram satisfeitas ao saber que um hóspede inesperado se juntaria a elas: a senhora Loewenhielm, de noventa anos de idade, estaria acompanhada de seu sobrinho, o oficial de cavalaria que havia cortejado

Martine tempos atrás, e agora era general no palácio real.

Babette havia conseguido emprestadas louças e cristais suficientes, e havia enfeitado o recinto com velas e coníferas. A mesa estava linda. Quando a refeição começou todos os habitantes da aldeia esqueceram de seu pacto e ficaram mudos, como tartarugas ao redor de um lago. Apenas o general comentou a comida e a bebida. "Amontillado!", ele exclamou quando levantou o primeiro copo. "É o mais fino Amontillado que já provei." Quando experimentou a primeira colherada de sopa, o general poderia jurar que era sopa de tartaruga, mas como se acharia tal coisa no litoral da Jutlândia?

"Incrível!", disse o general quando experimentou o próximo prato. "É Blinis Demidoff!" Todos os outros convivas, as faces franzidas por profundas rugas, estavam comendo as mesmas delicadezas raras sem nenhuma expressão ou comentários. Quando o general entusiasmado elogiou o champanhe, um Veuve Cliquot 1860, Babette ordenou ao seu ajudante de cozinha que mantivesse o copo do general cheio o tempo todo. Apenas ele parecia apreciar o que estava diante dele.

Embora ninguém mais falasse a respeito da comida ou da bebida, gradualmente o banquete operou um efeito mágico sobre os habitantes da aldeia. O seu sangue esquentou. Suas línguas se soltaram. Eles lembraram dos velhos dias quando o pastor estava vivo e do Natal em que a baía congelou. O irmão que havia enganado o outro nos negócios finalmente confessou, e as duas mulheres que tinham uma rixa acabaram conversando. Uma mulher arrotou, e o irmão ao seu lado disse sem pensar: "Aleluia!".

O general, entretanto, não conseguia falar de nada além da comida. Quando o ajudante da cozinha trouxe o coup de grâce, codornizes preparadas em Sarcophage, o general exclamou que vira tal prato apenas em um lugar na Europa, no famoso Café Anglais em Paris, o restaurante que já fora célebre por ter uma mulher como chefe-de-cozinha.

Cheio de vinho, o apetite satisfeito, incapaz de se conter, o general levantou-se para fazer um discurso. "A misericórdia e a verdade, meus amigos, se encontraram", ele começou. "A justiça e a bem-aventurança se beijaram." E, então, o general fez uma pausa, "pois — conforme comenta Isak Dinesen — ele tinha o hábito de fazer os seus discursos com cuidado, consciente do seu propósito, mas aqui, no meio da simples congregação do pastor, foi como se toda a figura do General Loewenhielm, com seu peito coberto de hondecorações, fosse porta-voz de uma mensagem que tinha de ser transmitida". A mensagem do general era graça.

Embora os irmãos e as irmãs da seita não compreendessem totalmente o discurso do general, naquele momento "as vãs ilusões desta terra se dissolveram diante de seus olhos como fumaça, e eles viram o universo como ele realmente era". O pequeno grupo se desfez e saiu para uma cidade coberta de neve brilhante sob um céu recoberto de estrelas.

A "Festa de Babette" termina com duas cenas. Lá fora, os velhos se dão as mãos ao redor da fonte e cantam entusiasmados os velhos hinos da fé. É uma cena de comunhão: a festa de Babette abriu o portão e a graça entrou silenciosamente. Eles sentiram, acrescenta Isak Dinesen, "como se realmente tivessem os seus pecados lavados e tornados brancos como a lã, e nessas vestes inocentes recuperadas faziam brincadeiras como cordeirinhos travessos".

A cena final acontece lá dentro, na bagunça de uma cozinha cheia até o teto de louça para lavar, panelas engorduradas, conchas, carapaças, ossos cartilagosos, engradados quebrados, cascas de vegetais e garrafas vazias. Babette senta-se no meio da bagunça, parecendo tão desgastada quanto na noite em que chegara doze anos antes. Subitamente, as irmãs percebem que, de acordo com o seu voto, ninguém havia falado com Babette a respeito do jantar.

— Foi um jantar e tanto, Babette — Martine diz para começar. Babette parece distante. Depois de um minuto ela responde: — Eu era a cozinheira do Café Anglais.

— Todos nós vamos-nos lembrar desta noite quando você tiver voltado para Paris, Babette — Martine acrescenta, como se não a tivesse ouvido.

Babette lhes diz que não vai voltar para Paris. Todos os seus amigos e parentes ali foram mortos ou

eitos prisioneiros. E, naturalmente, seria muito caro voltar para Paris.

— Mas e os dez mil francos? — as irmãs perguntam.

Então Babette deixa cair a bomba. Ela havia gasto tudo, cada franco dos dez mil que ganhara, na comida que haviam acabado de devorar. — Não se assustem — ela lhes diz. — É isso que um jantar adequado para doze custa no Café Anglais.

No discurso do general, Isak Dinesen não deixa dúvidas de que ela escreveu "A Festa de Babette" não apenas como uma história a respeito de uma excelente refeição, mas como uma parábola da graça: um presente que custa tudo para o doador e nada para o que recebeu. Isto é o que o General Loewenhielm disse aos carrancudos paroquianos reunidos ao redor da mesa de Babette:

Todos nós fomos informados de que a graça deve ser buscada no universo. Mas em nossa loucura humana e nossa visão reduzida imaginamos que a graça divina seja finita... Porém, chega o momento em que nossos olhos são abertos, e vemos e entendemos que a graça é infinita. A graça, meus amigos, não exige nada de nós a não ser que a aguardemos com confiança e a reconheçamos com gratidão.

Doze anos antes, Babette aparecera entre aquelas pessoas desprovidas de graça. Discípulas de Lutero ouviam sermões a respeito da graça quase todos os domingos e no restante da semana tentavam obter o favor de Deus com a sua piedade e renúncia. A graça veio a elas na forma de uma festa, a festa de Babette, uma refeição desperdiçando uma vida inteira sobre aqueles que não a haviam merecido, que mal possuíam a faculdade de recebê-la. A graça veio a Norre Vösborg como sempre vem: livre de pagamento, sem cordões amarradas, como oferta da casa.

O graça momentânea dos homens mortais,  
que nós procuramos mais ao que a graça de Deus.  
Shakespeare, Ricardo III

## CAPÍTULO 3 UM MUNDO SEM GRAÇA

Indo de ônibus para o trabalho, um amigo meu ouviu uma conversa entre a jovem sentada perto dele com o companheiro do outro lado do corredor. A mulher lia *The Road Less Traveled*- [A estrada menos viajada], de Scott Peck, livro que permaneceu na lista dos best-sellers do *The New York Times* mais do que qualquer outro.

— O que você está lendo? — perguntou o companheiro.

— Um livro que uma amiga me deu. Ela disse que mudou sua vida.

— É mesmo? Do que ele trata?

— Não tenho certeza. Uma espécie de guia para a vida. Ainda não li muita coisa —. E ela começou a olhar o livro. — Aqui estão os títulos dos capítulos: Disciplina, Amor, Graça...

O homem a interrompeu: — O que é graça?

— Não sei. Ainda não cheguei lá.

Às vezes, penso nessa última linha quando ouço o noticiário da noite. Um mundo marcado por guerras, violência, opressão econômica, lutas religiosas, processos e desmembramentos de famílias claramente ainda não alcançou a graça. "Ah, que coisa é um homem carente de graça", suspirou o poeta George Herbert.<sup>1</sup>

Infelizmente, também penso nessa frase da conversa no ônibus quando visito determinadas igrejas. Como excelente vinho derramado em um jarro de água, a maravilhosa mensagem da graça de Jesus fica



liluída no vaso da igreja. "Pois a lei<sup>2</sup> foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo", escreveu o apóstolo João. Os cristãos gastam muita energia debatendo e decretando a verdade; cada igreja defende sua versão particular. Mas o que dizer da graça? Como é difícil encontrar uma igreja que esteja competindo com suas rivais para superá-las na graça.

A graça é o melhor presente do cristianismo ao mundo. Ela é uma boa nova espiritual no nosso meio exercendo uma força maior do que a vingança, mais forte do que o racismo, mais forte do que o ódio. É triste dizer, mas, infelizmente, para um mundo carente, a igreja às vezes apresenta mais uma forma de ausência de graça. Com demasiada freqüência, nós nos parecemos mais com o pessoal carrancudo que se reunia para comer pão escaldado do que com aqueles que acabaram de participar da festa de Babette.

Fui criado em uma igreja que estabelecia limites distintos entre "a dispensação da Lei" e "a dispensação da Graça". Embora ignorássemos muitas proibições morais do Antigo Testamento, tínhamos nossos próprios mandamentos prediletos rivalizando com os dos judeus ortodoxos. Lá no alto vinham o fumo e a bebida (contudo, como estávamos no Sul, com a sua economia dependente do tabaco, algumas permissões eram feitas para o fumo). O cinema vinha logo abaixo desses vícios, com muitos membros da igreja recusando-se até a assistir a *The Sound of Music* [O som da música]. O rock, naquela época, na infância, era igualmente considerado como uma abominação, com toda probabilidade demoníaca em sua origem.

Outras proibições — usar maquiagem e jóias, ler o jornal dominical, assistir ou participar de esportes aos domingos, homens e mulheres nadando juntos (curiosamente intitulado de "banho misto"), cumprimentos nas saias para as moças, comprimento dos cabelos para os rapazes — eram obedecidas ou não dependendo do nível espiritual da pessoa. Cresci com a forte impressão de que uma pessoa se tornava espiritual obedecendo a essas regras sem significado. Considerando minha própria vida, eu não conseguia perceber muita diferença entre as dispensações da Lei e da Graça.

Minhas visitas a outras igrejas me convenceram de que essa escada para atingir a espiritualidade era quase universal. Os católicos, os menonitas, as Igrejas de Cristo, os luteranos e os batistas do sul, todos têm suas próprias agendas de usos e costumes do legalismo. Você obtém a aprovação da igreja, e presumivelmente de Deus, seguindo o padrão prescrito.

Mais tarde, quando comecei a escrever a respeito do problema da dor, encontrei outra forma de não-graça. Alguns leitores levantaram-objeções à minha simpatia para com aqueles que sofrem. As pessoas sofrem porque merecem, elas me diziam. Deus as está punindo. Tenho muitas dessas cartas em meu arquivo, declarações modernas dos "provérbios de cinza"<sup>3</sup> dos amigos de Jó.

No seu livro *Guilt and Grace* [Culpa e Graça], o médico suíço Paul Tournier,<sup>4</sup> um homem de profunda fé pessoal, admite: "Não consigo estudar com você este sério problema da culpa sem levantar o fato óbvio e trágico de que a religião — a minha própria como também a de todos os crentes — pode esmagar em vez de libertar".

Tournier fala de pacientes que o procuraram: um homem abrigando culpa por causa de um antigo pecado, uma mulher que não podia esquecer de um aborto que fizera há dez anos. O que os pacientes realmente buscam, diz Tournier, é graça. Mas, em algumas igrejas encontram a vergonha, a ameaça de castigo e um sentimento de julgamento. Resumindo, quando procuram graça na igreja, com freqüência encontram não-graça.

Uma mulher divorciada contou-me que estava no santuário de sua igreja com sua filha de 15 anos de idade quando a esposa do pastor se aproximou. "Ouvi dizer que você e seu marido estão se divorciando. Como eu não consigo entender é, se vocês amam Jesus, por que estão fazendo isso?" A esposa do pastor nunca havia conversado com a minha amiga antes, e sua dura repreensão na presença da filha deixou-a perplexa. "A dor estava no fato de que eu e meu marido amávamos Jesus de coração, mas o casamento havia-se quebrado além do conserto. Se ela apenas tivesse me abraçado e dito: 'Eu sinto muito...'"

Mark Twain costumava falar de pessoas que eram "boas no pior sentido da palavra", uma frase que

para muitos, capta a reputação dos cristãos de hoje. Recentemente, estive fazendo uma pergunta a pessoas desconhecidas — pessoas sentadas ao meu lado no avião, por exemplo — quando buscava dar início a uma conversa. "Quando eu digo as palavras 'cristão evangélico', no que você pensa?" Em resposta, ouvi principalmente suas descrições políticas: ativistas barulhentos a favor da vida, ou oponentes aos direitos dos homossexuais, ou proponentes para censurar a Internet. Ouço referências à Maioria Moral, uma organização desbaratada anos atrás. Nenhuma vez — uma única vez sequer— ouvi uma descrição com agrância de graça. Aparentemente, esse não é o aroma que os cristãos distribuem pelo mundo.

H. L. Mencken descreveu um puritano como uma pessoa com um medo obsessivo de que alguém, em algum lugar, seja feliz; hoje, muitas pessoas aplicariam a mesma caricatura aos evangélicos ou fundamentalistas. De onde vem essa reputação de retidão sem alegria? Um artigo da humorista Erma Bombeck<sup>5</sup> nos dá uma pista:

Domingo passado, na igreja, eu prestava atenção a uma criança que se virava para trás e sorria para os lados. Ela não estava fazendo nenhum barulho, nem estava cantarolando, ou chutando, nem rasgando os urinários, nem mexendo na bolsa da mãe. Apenas sorrindo. Finalmente, sua mãe olhou para ela com carência e num sussurro teatral que poderia ser ouvido em um pequeno teatro da Broadway, disse: "Pare de sorrir! Você está na igreja!". Em seguida, deu-lhe um tapa e, quando lágrimas começaram a rolar pela face da criança, a mãe acrescentou: "Assim é melhor", e retornou às suas orações...

Subitamente, eu fiquei zangada. Percebi que o mundo inteiro está em lágrimas e, se você não está chorando, é melhor começar. Eu quis abraçar aquela criança com o rosto molhado de lágrimas e lhe falar a respeito do meu Deus. O Deus feliz. O Deus sorridente. O Deus que precisava ter senso de humor para ter criado gente como nós... Por tradição, as pessoas usam a fé com a solenidade de acompanhantes de enterro e a seriedade de uma máscara trágica e a dedicação de um participante do Rotary.

Que loucura, eu pensei. Aqui está uma mulher sentada ao lado da única luz ainda existente em nossa civilização — a única esperança, nosso único milagre — nossa única promessa de infinidade. Se ela não podia sorrir na igreja, para onde deveria ir?

Essa caracterização de cristãos certamente está incompleta, pois conheço muitos cristãos que personificam a graça. Mas em algum ponto da história a igreja conseguiu receber uma reputação de falta de graça. Como orou uma menininha inglesa: "Ó Deus, transforme as pessoas ruins em pessoas boas, e as pessoas boas em pessoas agradáveis".

William James,<sup>6</sup> talvez o mais importante filósofo americano do século passado, tinha uma simpática visão da igreja, conforme expressou em seu clássico estudo *The Varieties of Religious Experience* [A diversidade da experiência religiosa]. Contudo, ele lutava para compreender a intolerância dos cristãos que perseguiram os quakers porque eles não cumprimentavam tirando o chapéu e que vigorosamente discutiam a moralidade de tingir tecidos. Ele escreveu a respeito do ascetismo de um padre francês de anterior que decidiu "que nunca cheiraria uma flor, nunca beberia quando estivesse morrendo de sede, nunca espantaria uma mosca, nunca demonstraria nojo diante de um objeto repugnante, nunca se queixaria de nada que prejudicasse o seu conforto pessoal, nunca se assentaria, nunca se apoiaria em seus cotovelos quando estivesse ajoelhado".

O famoso místico S. João da Cruz<sup>7</sup> aconselhava os crentes a mortificar toda alegria e esperança voltando-se "não para o que mais agrada, mas para o que mais desagrada", e a "desprezar-se, e a desejar que os outros o desprezem". S. Bernardo costumava cobrir os olhos para não ver a beleza dos lagos suíços.

Atualmente, o legalismo mudou de foco. Em uma cultura totalmente secular, a igreja está mais inclinada a demonstrar falta de graça por meio de um espírito de superioridade moral ou uma atitude violenta para com os oponentes na "guerra cultural".

A igreja também transmite desgraça mediante de sua falta de união. Mark Twain costumava dizer que havia colocado um cachorro e um gato juntos em uma gaiola como uma experiência para ver como eles conviveriam. Eles conviveram, então ele colocou um pássaro, um porco, uma cabra. Eles também se deram

em depois de alguns poucos ajustes. Então ele colocou um batista, um presbiteriano e um católico; logo não sobrou nenhum com vida.

O moderno intelectual judeu Anthony Hecht<sup>8</sup> escreve, mais seriamente:

Através dos anos, não somente a conheci melhor (a minha fé) como também tornei-me cada vez mais familiarizado com as convicções dos meus vizinhos cristãos. Muitos deles eram gente boa que eu admirava, e com os quais eu mesmo aprendi coisas boas. E havia muita coisa na doutrina cristã que também me parecia agradável. Mas poucas coisas me atingiram com mais força do que a profunda e incompreensível hostilidade entre católicos e protestantes.

Eu "pego no pé" dos cristãos porque sou um deles, e não vejo motivos para fingir que somos melhores do que somos. Eu luto contra as garras da falta de graça em minha própria vida. Embora eu não perpetue a verdade de minha criação, luto diariamente contra o orgulho, a inclinação para julgar e um sentimento de que, de alguma forma, devo obter a aprovação de Deus. Nas palavras de Helmut Thielicke,<sup>9</sup> "...como o cuco, que coloca os ovos em ninhos de outras aves, o diabo tem êxito em colocar seus ovos em um ninho piedoso... O odor sulfuroso do inferno não é nada comparado com o cheiro ruim emitido pela graça divina outrefata".

Contudo, na verdade, uma pressão virulenta de falta de graça aparece em todas as religiões. Tenho ouvido testemunhas oculares falando do recentemente reavivado ritual da Dança do Sol, no qual jovens guerreiros lakota cravam garras de águias em seus mamilos e, puxando uma corda amarrada a um poste agrado, atiram-se na direção contrária até que as garras rasguem sua carne. Em seguida, eles entram em uma sauna e amontoam pedras candentes até que a temperatura se torne insuportável, tudo na tentativa de expiar os pecados.

Tenho observado camponeses devotos rastejando sobre joelhos sangrentos pelas ruas calçadas de pedras na Costa Rica, e camponeses hindus oferecendo sacrifícios aos deuses da varíola e a serpentes venenosas na Índia. Tenho visitado países islâmicos onde membros da "polícia moral" patrulham as calçadas armados, à procura de mulheres cujas roupas os ofendam e que se atrevam a dirigir um carro.

Em triste ironia, os humanistas que se rebelam contra a religião conseguem, com frequência, inventar formas piores de não-graça. Nas universidades modernas, ativistas das causas "liberais" — feminismo, ambientalismo, multiculturalismo — podem demonstrar um cruel espírito de contrário à graça. Não conheço nenhum legalismo mais abrangente do que o do comunismo soviético, que criou uma rede de espiões para denunciar qualquer pensamento falso, mau uso de palavras ou desrespeito aos ideais do comunismo. Solzhenitsyn, por exemplo, gastou a sua vida no Gulag como castigo porque fez uma observação descuidada a respeito de Stalin em uma carta pessoal. Não conheço nenhuma Inquisição mais severa do que a da Guarda Vermelha na China, que se apresenta com carapuças e exhibições teatrais de contrição pública.

Até mesmo os melhores humanistas inventaram sistemas de ausência de graça para substituir os que foram rejeitados na religião. Benjamim Franklin<sup>10</sup> estabeleceu treze virtudes, incluindo o Silêncio ("Fale apenas o que possa beneficiar os outros ou você mesmo; fuja da conversa fútil"), a Frugalidade ("Não gaste a não ser para o bem dos outros e o seu; isto é, não desperdice nada"), a Diligência ("Não perca tempo; esteja sempre ocupado em alguma coisa útil; descarte todas as ações desnecessárias") e a Tranqüilidade ("Não se perturbe com ninharias ou acidentes comuns ou inevitáveis"). Ele criou um livro com uma página para cada virtude, com uma coluna na qual registrava os "defeitos". Escolhendo uma diferente virtude para exercitar a cada semana, anotava diariamente cada erro, recomeçando tudo a cada sete semanas a fim de repassar pela lista quatro vezes por ano. Durante décadas Franklin carregou o seu livrinho com ele, lutando por um ciclo limpo de treze semanas. Ao fazer progresso, descobriu-se lutando contra um outro defeito:

Talvez não exista nenhuma paixão natural tão dura de subjugar quanto o orgulho. Disfarce-o. Lute contra ele. Sufoque-o. Mortifique-o quanto quiser. Ele continua vivo, e vai de vez em quando espiar e

parecer... Mesmo se eu pudesse imaginar que já o venci, provavelmente ficaria orgulhoso de minha humildade.

Estes vigorosos esforços, em todas as suas formas, não estariam traindo um profundo anseio pela graça? Nós vivemos em uma atmosfera sufocada pela fumaça da não-graça. A graça vem de fora, como um dom, e não como uma realização. Com que facilidade ela se desvanece em nosso mundo ferozmente competitivo, que mira só a sobrevivência dos mais aptos, de quem é o melhor.

A culpa revela um anseio pela graça. Uma organização em Los Angeles opera a Apology Sound-Of-Line (linha do Pedido de Desculpas),<sup>11</sup> um serviço telefônico que dá às pessoas uma oportunidade de confessar seus erros pelo preço de uma chamada telefônica. As pessoas que não crêem mais em padres confiam agora os seus pecados a uma máquina que fala. Cerca de duzentas chamadas anônimas são feitas todos os dias, deixando mensagens de sessenta segundos. O adultério é uma confissão comum. Algumas pessoas confessam atos criminosos: estupros, abuso sexual infantil e até mesmo homicídios. Um alcoólatra em recuperação deixou a mensagem: "Gostaria de me desculpar com todas as pessoas que eu magoei em meus dezoito anos de vício". O telefone toca. "Apenas quero dizer que sinto muito", soluça uma jovem. Ela diz que acabou de provocar um acidente de automóvel onde cinco pessoas morreram. "Eu gostaria de trazê-las de volta."

Um colega apanhou o agnóstico ator W. C. Fields lendo a Bíblia em seu vestiário. Embaraçado, Fields escondeu o livro e explicou: "Estou apenas procurando erros". Provavelmente, ele estava procurando a graça.

Lewis Smedes,<sup>12</sup> um professor de Psicologia no Seminário Teológico Fuller, escreveu um livro inteiro fazendo correlações entre vergonha e graça (intitulado adequadamente de Shame and Grace, "Vergonha e Graça"). Diz ele: "A culpa não era o meu problema principal, segundo eu achava. O que mais sentia era uma noção total de indignidade que não conseguia ligar a quaisquer pecados concretos dos quais fosse culpado. Eu precisava mais do que perdão; desejava ter um sentimento de que Deus me aceitava, me possuía, me segurava, me confirmava, e que nunca me largaria mesmo se não ficasse muito impressionado com o que tinha nas mãos".

Smedes continua dizendo que identificou três fontes comuns de vergonha deformadora: a cultura secular, a religião sem a graça e os pais rejeitadores. A cultura secular nos diz que a pessoa deve ter boa aparência, sentir-se bem e fazer o bem. A religião sem a graça nos diz que devemos seguir as regras ao pé da letra e que o fracasso provoca rejeição eterna. Os pais rejeitadores — "Você não tem vergonha?" — convencem-nos de que nunca conseguiremos a aprovação deles.

Como os habitantes das cidades que já não percebem mais o ar poluído, nós respiramos, inconscientes, a atmosfera da falta de graça. Já no pré-primário e no jardim-de-infância somos testados, avaliados e depois colocados em filas de "adiantados", "normais" ou "lentos". Dali em diante recebemos notas que indicam nossa capacidade na matemática, nas ciências, na leitura e também na "convivência" e na "cidadania". Os papéis dos testes voltam com os erros destacados. Tudo isso nos prepara para o mundo real com sua classificação constante, uma versão adulta do jogo do jardim-de-infância denominado "o relevo da montanha".

O serviço militar pratica a não-graça na sua forma mais pura. Depois de receber um título, um uniforme, um salário e um código de comportamento, cada soldado sabe exatamente onde está em relação aos outros: cumprimente e obedeça aos superiores, dê ordens aos inferiores. As empresas são mais sutis — um pouco. A Ford classifica os empregados segundo uma escala de 1 (escriturários e secretárias) a 25 (presidente da diretoria). Você tem de, pelo menos, atingir o grau 9 para ter direito a uma vaga no estacionamento; o grau 13 proporciona benefícios tais como uma janela, plantas e um intercomunicador; os escritórios do grau 16 são equipados com banheiros privativos.

Cada instituição, ao que parece, funciona na não-graça e insiste no fato de que merecemos nossas egalias. Os departamentos de justiça, os programas de clientes das companhias de vôo e as imobiliárias

ão podem operar pela graça. O governo mal conhece essa palavra. O time de futebol recompensa aqueles que fazem bons passes e marcam gols; não há lugar para aqueles que fracassam; as revistas especializadas publicam o nome dos mais ricos; ninguém, porém, sabe o nome das quinhentas pessoas mais pobres de seu país ou cidade.

A anorexia é um produto direto da falta de graça: exhibe o ideal da beleza de modelos esqueléticas, e as adolescentes vão jejuar até a morte na tentativa de atingir esse ideal. Uma peculiar tendência da civilização ocidental moderna, a anorexia não tem história e raramente ocorre em lugares como a África moderna (onde as mais rechonchudas, e não as magras, são admiradas).

Tudo isto acontece nos Estados Unidos, uma sociedade supostamente igualitária. Outras sociedades refinaram a arte da não-graça por meio de sistemas sociais rígidos baseados em classe, raça ou casta. A África do Sul costumava dividir os cidadãos por quatro categorias sociais: brancos, negros, pardos e asiáticos (quando os investidores japoneses objetaram, o governo inventou uma nova categoria: "brancos honorários"). O sistema de castas da Índia era tão cheio de labirintos que, na década de 1930, os britânicos descobriram uma nova casta que não conheceram nos três séculos de sua presença ali: com a obrigação de lavar as roupas dos intocáveis, essas pobres criaturas criam que podiam contaminar as castas mais elevadas olhando para elas, por isso só saíam à noite e evitavam todo e qualquer contato com outras pessoas.

O jornal *New York Times*<sup>13</sup> recentemente publicou uma série de reportagens sobre crimes no Japão moderno. Por que, eles perguntavam, nos Estados Unidos se prendiam 519 cidadãos para cada 100.000 quando no Japão se prendiam apenas 37? Em busca de resposta, o repórter entrevistou um japonês que havia acabado de cumprir uma sentença por assassinato. Nos quinze anos que passou na cadeia, não recebeu uma única visita. Depois de solto, sua esposa e filho vieram encontrar-se com ele apenas para dizer-lhe que nunca retornasse à sua casa. Suas três filhas, agora casadas, recusavam-se a vê-lo. "Eu acho que tenho quatro netos", o homem disse com tristeza, "nunca vi um retrato deles". A sociedade japonesa encontrou um jeito de aproveitar o poder da não-graça. Uma cultura que valoriza "ter a cara limpa" não tem lugar para aqueles que trazem a desgraça.

Até mesmo as famílias, que unem indivíduos por acidente de nascimento, e não por desempenho espiram a poluída fumaça da não-graça. Uma história de Ernest Hemingway<sup>14</sup> revela esta verdade. Um pai espanhol decidiu reconciliar-se com seu filho que havia fugido para Madri. Cheio de remorso, o pai publica este anúncio no jornal *El Liberal*: "PACO, ENCONTRE-SE COMIGO NO HOTEL MONTANA ÀS 10 HORAS DE TERÇA-FEIRA AO MEIO-DIA. ESTÁ TUDO PERDOADO, PAPÁ". Paco é um nome comum na Espanha e quando o pai vai ao local combinado, encontra oitocentos jovens chamados Paco à espera de seus pais.

Hemingway conhecia a não-graça nas famílias. Seus devotos pais (os avós dele haviam freqüentado a universidade evangélica de Wheaton) detestavam a vida libertina que ele levava. Depois de algum tempo a mãe não permitiu mais que ele permanecesse em sua presença. Em um dos seus aniversários, ela lhe enviou um bolo com a arma que seu pai havia usado para se matar. Em outro, ela lhe escreveu uma carta explicando que a vida de uma mãe é como um banco. Dizia ela: "Cada filho que lhe nasce<sup>15</sup> entra no mundo com uma conta bancária grande e próspera, aparentemente inexaurível". O filho, ela continuava, faz saques e não depósitos, durante os primeiros anos de sua vida. Mais tarde, quando o filho cresce, a responsabilidade dele repor o suprimento que sacou. A mãe de Hemingway então continuava enunciando todas as maneiras específicas pelas quais Ernest deveria ter feito "depósitos para manter a conta em dia" flores, frutas ou doces, um pagamento sub-reptício das contas da mãe e, acima de tudo, uma determinação de parar com "a negligência dos seus deveres para com Deus e o seu Salvador, Jesus Cristo". Hemingway nunca venceu o seu ódio pela mãe ou pelo Salvador.

Ocasionalmente, a música da graça soa alto e etérea para interromper o monótono e obscuro rosnado da não-graça.

Um dia enfiei a mão no bolso de uma calça em uma loja de saldos e encontrei uma nota de vinte

dólares. Não tinha como encontrar o proprietário original, e o gerente da loja disse que eu poderia ficar com ela. Pela primeira vez comprei um par de calças (de treze dólares) e saí da loja com um bom lucro. Revivo a experiência todas as vezes em que visto a calça e conto-a aos meus amigos sempre que o assunto de compras aparece.

Outro dia, pela primeira vez escalei uma montanha de cerca de quinhentos metros de altitude. Foi uma caminhada brutal e cansativa; quando finalmente desci, achei que tinha ganho o direito de comer um churrasco e de ter uma semana de folga nas atividades aeróbicas. Quando virei uma curva, no caminho de volta para a cidade, deparei-me com um genuíno lago alpino rodeado por álamos verde-vivos por trás dos quais levantava-se o mais brilhante arco-íris que eu já vira. Eu saí para o acostamento e fiquei olhando por muito tempo para aquela paisagem, em silêncio.

Em uma viagem para Roma, eu e minha esposa seguimos o conselho de um amigo para visitar a basílica de São Pedro bem cedo de manhã. "Peguem um ônibus antes do amanhecer para a ponte enfeitada com todas as estátuas de Bernini", o amigo instruiu. "Espere ali o nascer do sol, então corra para a catedral alguns quarteirões de distância. De manhã vocês vão encontrar apenas freiras, peregrinos e padres". Quando nasceu em um céu límpido naquela manhã, tingindo o Tibre de vermelho e jogando raios alaranjados sobre as preciosas estátuas dos anjos de Bernini. Seguindo o conselho, corremos para a basílica de São Pedro. Roma estava acabando de despertar. É claro que éramos os únicos turistas; nossos passos sobre o chão de mármore ecoaram fortes na basílica. Admiramos a Pietã, o altar e os diversos monumentos, depois subimos por uma escada externa para chegar ao balcão na base do imenso domo criado por Miguelângelo. Então percebi exatamente uma fila de duzentas pessoas atravessando a praça. "Horário perfeito", eu disse para minha mulher, pensando que eram turistas. Mas não eram turistas, e sim um grupo de peregrinos da Alemanha. Eles chegaram, reuniram-se em um semicírculo abaixo de nós e começaram a cantar hinos. Conforme suas vozes se elevavam, reverberando ao redor do domo e se mesclando na harmonia das muitas partes, a meia esfera de Michelangelo se transformou de apenas uma obra grandiosa de arquitetura em um templo de música celeste. O som fez nossas células vibrarem. Ele recebeu substância, como se pudéssemos encostar-nos nele, ou nadar nele, como se os hinos, e não o balcão, estivessem nos segurando.

Claro que o fato dos presentes não merecidos e prazeres inesperados produzirem a maior alegria tem significado teológico. A graça se alteia. Ou, como dizem as palavras no pára-choque, "A graça acontece".

Para muitos, o amor romântico é a experiência mais próxima de pura graça. Pelo menos alguém sente que eu — Eu! — sou a criatura mais desejável, mais atraente, mais companheira do planeta. Alguém fica acordado de noite pensando em mim. Alguém me perdoa antes que eu peça, pensa em mim quando está se vestindo. Alguém organiza a vida ao redor da minha. Alguém me ama exatamente como eu sou. Por causa disso, creio que escritores modernos como John Updike e Walker Percy, que têm forte sensibilidade cristã, escolhem um relacionamento sexual como símbolo da graça em seus romances. Eles estão falando a linguagem que a nossa cultura compreende: a graça como um rumor, e não uma doutrina.

E, então, surge um filme como *Forrest Gump*, a respeito de um garoto com um baixo QI que conta aneddotas ouvidas de sua mãe. Este indivíduo retardado salva seus companheiros no Vietnã, mantém-se fiel à namorada Jenny, apesar da infidelidade dela, mantém-se fiel ao filho e a si mesmo, e vive como se genuinamente não soubesse que é o alvo de todas as piadas. A cena mágica de uma pena inicia e termina o filme — uma nota de graça tão leve que ninguém sabe onde vai parar. *Forrest Gump* foi para os tempos modernos o que *O Idiota* foi para o tempo de Dostoiévski, e provocou reações semelhantes. Muitos acharam que era ingênuo, ridículo, manipulador. Outros, entretanto, viram nele um rumor de graça que rouxe forte alívio da violenta desgraça de *Pulp Fiction* e *Natural Born Killers* [Nascidos para Matar]. Como resultado, *Forrest Gump* tornou-se o filme de maior sucesso no seu tempo. O mundo tem fome de graça.

Peter Greave<sup>16</sup> escreveu reminiscências de sua vida com lepra, uma enfermidade que contraiu enquanto estava servindo na Índia. Voltou à Inglaterra, meio cego e parcialmente paralisado, para viver em um retiro

dirigido por um grupo de irmãs anglicanas. Incapaz de trabalhar, um pária da sociedade, tornou-se uma pessoa amarga. Pensou em suicídio. Fez planos elaborados para fugir do retiro, mas sempre voltava porque não tinha para onde ir. Uma manhã, contra os seus hábitos, levantou-se muito cedo e ficou andando pela propriedade. Ouvia um murmúrio e o seguiu até a capela, onde as irmãs estavam orando pelos doentes cujos nomes estavam escritos nas paredes. Entre os nomes, encontrou o seu. De alguma forma essa experiência de conexão, de ligação, mudou o rumo de sua vida. Ele se sentiu desejado. Ele sentiu a graça.

A fé religiosa — com todos os seus problemas, apesar de sua enlouquecedora tendência para copiar a fé não-graça — sobrevive porque sentimos a beleza luminosa do dom imerecido que vem em momentos inesperados de fora. Recusando-nos a crer que nossas vidas de culpa e vergonha não nos levam a nada além de ser à aniquilação, esperamos, sem nenhuma esperança, um outro lugar dirigido por regras diferentes. Crescemos famintos de amor e, de maneira tão profunda que não conseguimos expressar, ansiamos por que o nosso Criador nos ame.

A graça não veio a mim inicialmente nas formas ou nas palavras de fé. Fui criado em uma igreja que com freqüência, utilizava a palavra, mas com significado diferente. A graça, como muitos termos religiosos, ficou desprovido de significado, de modo que eu já não podia mais confiar nela.

Primeiro experimentei a graça por meio da música. Na faculdade cristã que freqüentava, eu era considerado um desviado. As pessoas oravam por mim publicamente e me perguntavam se eu não precisava de exorcismo. Eu me sentia embaraçado, perturbado, confuso. As portas do dormitório eram trancadas à noite, mas felizmente eu morava no primeiro andar. Eu descia pela janela do meu quarto e me esgueirava para a capela, que tinha um grande piano Steinway. Na capela às escuras, a não ser por uma luzinha para ler a música, eu ficava sentado mais ou menos uma hora todas as noites para tocar as sonatas de Beethoven, os prelúdios de Chopin e os improvisos de Schubert. Meus dedos pressionavam uma espécie de botão palpável para o mundo. Minha mente estava confusa, meu corpo estava confuso, o mundo estava confuso — mas ali eu sentia um mundo oculto de beleza, de graça e de maravilhosa luz como um voo suave e surpreendente como a asa de uma borboleta.

Uma coisa parecida acontecia no mundo da natureza. Para fugir da pressão das idéias e das pessoas, eu fazia longas caminhadas nas florestas de pinheiros salpicadas de cornisos. Seguia os vãos em ziguezague e as libélulas ao longo do rio, observava bandos de pássaros girando por sobre a minha cabeça e quebrava lenhas de lenha para encontrar dentro delas muitos insetos. Eu gostava do jeito certo e inevitável da natureza dando forma e lugar a todos os seres vivos. Eu via evidências de que o mundo continha grandeza, grande bondade e, sim, traços de alegria.

Mais ou menos na mesma época, me apaixonei. Foi exatamente como levar um tombo, um trambolhão que me virou do avesso, deixando-me em um estado de alegria incontrolável. A terra se inclinava sobre o meu eixo. Naquele tempo eu não acreditava em amor romântico, pensando que fosse uma construção humana, uma invenção dos poetas italianos do século XVI. Estava tão despreparado para o amor quanto estivera para a bondade e a beleza. De repente, meu coração parecia inchado, grande demais para o meu peito.

Eu estava experimentando "graça comum", para utilizar o termo teológico. Descobri que é terrível sentir-se grato e não ter ninguém para agradecer, estar extasiado e não ter ninguém para adorar. Gradualmente, muito gradualmente, voltei para a fé descartada da minha infância. Eu havia experimentado "gotas da graça", a expressão de C. S. Lewis para descrever aquilo que desperta uma saudade profunda do perfume de uma flor que não descobrimos, o eco de uma melodia que não ouvimos, notícias de um país que nunca visitamos".

A graça está em toda parte, como lentes que não percebemos porque estamos olhando através delas. Finalmente, Deus me deu olhos para perceber a graça que me cercava. Tornei-me escritor, tenho certeza, na tentativa de restaurar palavras que foram empanadas por cristãos sem graça. Em meu primeiro emprego

em uma revista cristã, trabalhei para um homem bom e sábio, Harold Myra, que permitiu que eu elaborasse minha fé no meu próprio passo, sem máscaras.

Em alguns dos meus primeiros livros, trabalhei com o dr. Paul Brand, que passou grande parte de sua vida em uma região quente e árida no sul da Índia tratando de pacientes leprosos, muitos dos quais pertenciam à casta dos intocáveis. Nesse solo tão pouco apropriado, Brand experimentou e transmitiu a graça de Deus. Com pessoas como ele, aprendi a graça sendo agraciado.

Eu tinha ainda uma última casca para descartar em meu trajeto para o crescimento na graça. Entendi que a imagem de Deus com a qual eu fora criado era lamentavelmente incompleta. Vim a conhecer um Deus que é, nas palavras do salmista, "um Deus piedoso e benigno, tardio em irar-se, e de grande amor".

A graça é de graça para pessoas que não merecem, e eu sou uma dessas pessoas. Lembro-me do que eu era — ressentido, seriamente marcado pela ira, um simples elo endurecido em uma longa cadeia de não-graças aprendidas na família e na igreja. Agora estou tentando de minha própria e desprezível maneira tocar a melodia da graça.

Eu o faço porque sei, com mais certeza do que qualquer outra coisa, que qualquer sentimento de cura ou perdão ou de bondade que eu tenha tido vem apenas da graça de Deus. Espero, sinceramente, que a igreja se torne uma cultura nutridora dessa graça.

Isso acontece com os filhos pródigos... a lembrança da casa de seu pai retorna. Se o filho tivesse vivido de maneira econômica nunca teria tido a idéia de voltar.

Simone Weil

## CAPÍTULO 4 O PAI CEGO DE AMOR

Durante uma conferência britânica a respeito de religiões comparadas, técnicos de todo o mundo debatiam qual a crença única da fé cristã, se é que existia essa crença. Eles começaram eliminando as possibilidades. Encarnação? Outras religiões tinham diferentes versões de deuses aparecendo em forma humana. Ressurreição? Novamente, outras religiões tinham histórias de retorno dos mortos. O debate prosseguiu durante algum tempo até que C. S. Lewis<sup>1</sup> entrou no recinto. "A respeito do que é a confusão?" Ele perguntou, e ouviu a resposta dos seus colegas de que estavam discutindo sobre a contribuição única do cristianismo entre as religiões do mundo. Lewis respondeu: "Oh, isso é fácil. É a graça".

Depois de alguma discussão, os conferencistas tiveram de concordar. A noção do amor de Deus vindo a nós livre de retribuição, sem cordas amarradas, parece ir contra cada instinto da humanidade. O caminho de oito passos do budismo, a doutrina hindu do karma, a aliança judaica, o código da lei muçulmana — cada um deles oferece um caminho para alcançar a aprovação. Apenas o cristianismo se atreve a dizer que o amor de Deus é incondicional.

Consciente de nossa resistência inata à graça, Jesus falou dela com freqüência. Ele descreveu um mundo banhado pela graça de Deus: onde o sol brilha sobre bons e maus; onde as aves recolhem sementes pela graça, sem arar nem colher para merecê-las; onde flores silvestres explodem sobre as encostas rochosas das montanhas sem serem cultivadas. Como um visitante de um país estrangeiro que percebe o que os nativos não percebem, Jesus viu a graça por toda parte. Mas Ele nunca analisou nem definiu a graça, e quase nunca usou essa palavra. Em vez disso, transmitiu graça por meio de histórias que nós conhecemos



como parábolas — que tomarei a liberdade de transportar para um cenário moderno.

Um vagabundo mora perto do Mercado de Peixes Fulton, na parte inferior ao leste de Manhattan. O cheiro repugnante das carcaças e entranhas dos peixes quase o esmaga, e ele odeia os caminhões barulhentos que chegam antes do nascer do sol. Mas a cidade fica apinhada de gente, e os policiais atrapalham quando ele vai para lá. No cais ninguém se importa com um homem grisalho que cuida de si mesmo e dorme em uma doca por trás de um vagão basculante.

Bem cedo, quando os trabalhadores estão descarregando enguias e linguados dos caminhões, gritando entre si em italiano, o vagabundo se levanta e se esgueira pelos vagões até os fundos dos restaurantes para turistas. Começar cedo é garantia de bom lucro: um pão de alho amanhecido intacto e batatas fritas, uma pizza que só foi beliscada, uma fatia de cheesecake. Come o que consegue engolir e guarda o resto em um saco de papel pardo. As garrafas e latas ele as enfurna em sacos plásticos dentro de seu carrinho de compras enferrujado.

O sol pálido da manhã finalmente sobe sobre os edifícios do cais, através da neblina do porto. Quando ele vê o bilhete da loteria da semana passada em cima de uma pilha de alface murcha, quase o deixa ficar. Mas, pela força do hábito, ele o pega e enfia no bolso. Antigamente, quando tinha mais sorte, costumava comprar um bilhete por semana, nunca mais de um. Já passa do meio-dia quando se lembra do canhoto do bilhete e vai à banca de jornais comparar os números. Três números combinam, o quarto, o quinto — todos os sete! Não pode ser verdade. Coisas assim não acontecem com ele. Vagabundos não ganham na Loteria de Nova York.

Mas é verdade. Mais tarde, naquele dia, ele está piscando diante das luzes fortes enquanto o pessoal da televisão apresenta o mais novo personagem da mídia, o vagabundo barbudo, maltrapilho, que vai receber 243.000 dólares por ano nos próximos vinte anos. Uma mulher de aparência elegante, usando um minissaia de couro, sacode um microfone no seu rosto e pergunta: "Como você se sente?". Ele olha em volta espantado, e capta um leve cheiro do perfume dela. Há muito tempo, há muito tempo mesmo, que ninguém mais lhe fazia essa pergunta.

Ele se sente como um homem que esteve quase morrendo de fome e voltou à vida, e está começando a imaginar que nunca mais vai sentir fome.

Um empresário em Los Angeles decide ganhar dinheiro arriscando em turismo. Nem todos os americanos dormem em hospedadas nem comem no McDonald's quando viajam para o estrangeiro; alguns preferem desviar-se dos caminhos conhecidos. O empresário tem a idéia de patrocinar o turismo nas Sete Maravilhas do Mundo Antigo.

A maioria das maravilhas antigas, ele descobriu, não deixou vestígios. Mas há um movimento em favor da restauração dos Jardins Suspensos da Babilônia e, depois de muitas andanças, o empresário conseguiu retar um avião, um ônibus, reservar acomodações e contratar um guia que prometeu deixar os turistas trabalhar junto com os arqueólogos profissionais. Exatamente a atividade que os aventureiros amam. O empresário encomendou uma série dispendiosa de propagandas na TV e as lançou durante os torneios de golfe, quando os turistas endinheirados os estarão acompanhando.

Para financiar seu sonho, o empresário conseguiu um empréstimo de um milhão de dólares de um capitalista especulador, calculando que depois da quarta viagem poderia cobrir as despesas da operação e começar a pagar o empréstimo.

Uma coisa, entretanto, ele não calculou: duas semanas antes de sua viagem inaugural, Saddam Hussein invadiu o Kuwait e o governo americano proibiu qualquer viagem ao Iraque, onde estão localizados os antigos Jardins Suspensos da Babilônia.

Ele agonizou por três semanas sem saber como dar a notícia ao capitalista especulador. Visitou bancos e não chegou a nenhuma conclusão. Pensou em hipotecar a própria casa, o que lhe garantiria apenas alguns milhares de dólares, um quinto do que precisava. Finalmente, elaborou um plano comprometendo-se a pagar cinco mil dólares por mês durante o restante de sua vida. Redige um contrato e, enquanto o faz, a

oucura se torna óbvia. Cinco mil dólares por mês não pagariam nem os juros do empréstimo que fizera. Além disso, onde iria arranjar cinco mil dólares todo mês? Mas a alternativa, a falência, arruinaria o seu crédito. Ele foi ao escritório do seu financiador na Rua da Desgraça; nervoso, gaguejou um pedido de desculpas, e então apresentou sua ridícula proposta de pagamentos mensais. Estava molhado de suor apesar do ar-condicionado do escritório.

O especulador levanta a mão para interrompê-lo. "Espere um pouco. Do que você está falando? Devolução?" Ele ri. "Não seja tolo. Eu sou um especulador. Às vezes ganho, às vezes perco. Sabia que seu plano tinha riscos. Contudo, era uma boa idéia e não foi culpa sua que estourasse uma guerra. Esqueça." Pegou o contrato, rasgou-o e jogou-o no cesto de lixo.

Uma das histórias de Jesus a respeito da graça foi narrada em três dos evangelhos, em versões um pouquinho diferentes. Minha versão preferida, entretanto, apareceu em outra fonte: uma notícia num jornal de Boston, em junho de 1990, que falava sobre um banquete de casamento muito incomum.

Acompanhada de seu noivo, uma mulher foi ao bufê do Hyatt Hotel para encomendar a festa de casamento. Os dois examinaram o menu, escolheram as louças e prataria e os arranjos de flores de que ambos gostaram. Ambos tinham gostos sofisticados, e a conta subiu a treze mil dólares. Depois de deixar um cheque da metade dessa quantia como sinal, o casal foi para casa escolher o modelo dos convites de casamento.

No dia em que os convites deveriam ser enviados pelo correio, o noivo se acovardou. "Eu não tenho certeza", ele disse. "É um compromisso muito sério. Vamos pensar um pouco mais."

Quando a noiva irada retornou ao Hyatt para cancelar o banquete, a gerente de eventos não pôde ser mais compreensiva. "A mesma coisa aconteceu comigo, querida", ela disse, e contou a história do seu noivado desfeito. Mas, quanto à devolução do pagamento, tinha más notícias. "O contrato é claro. Você só poderá receber de volta mil e trezentos dólares. Você tem duas opções: perder o restante da entrada ou realizar o banquete. Sinto muito. Realmente, sinto mesmo."

Parecia uma loucura, mas quanto mais a noiva frustrada pensava no assunto, mais gostava da idéia de realizar a festa — não um banquete de casamento, imagine! mas uma festa de arromba. Dez anos antes, essa mesma mulher estivera morando em um abrigo para mendigos. Ela se havia recuperado, encontrara um emprego e conseguira guardar um bom dinheiro. Agora tinha a louca idéia de usar suas economias para presentear os desvalidos de Boston com um luxuoso banquete.

Assim, em junho de 1990, o Hyatt Hotel, no centro de Boston, recebeu um grupo de pessoas diferentes de todas as anteriores. A anfitriã mudou o menu para frango desossado — "em homenagem ao noivo", ela disse — e enviou convites aos abrigos de mendigos. Naquela quente noite de verão, pessoas que estavam acostumadas a raspar pizzas meio comidas das embalagens de papelão jantaram Frango à Cordon Bleu. Garçons do Hyatt em smokings serviram hors d'oeuvres a cidadãos idosos apoiados em muletas e catadores de alumínio. Catadoras de papel, vagabundos e viciados tiveram uma noite livre da vida dura: sobre as calçadas do lado de fora para beber champanhe, comer torta de chocolate e dançar ao som da música de uma orquestra até tarde da noite.

Uma jovem fora criada em um pomar de cerejas na parte superior de Traverse City, no Michigan. Seus pais, um tanto antiquados, costumavam reagir mal ao seu piercing no nariz, às músicas que ouvia e ao comprimento de suas saias; de vez em quando eles a repreendiam e ela fervia por dentro. "Odeio vocês!" gritou para o pai quando ele bateu a porta do quarto dela depois de uma discussão. Naquela noite, a jovem realizou um plano que mentalmente já ensaiara dezenas de vezes. Ela fugiu de casa.

A jovem havia visitado Detroit apenas uma vez, em uma viagem de ônibus com os jovens da igreja para assistir ao jogo dos Tigers. Os jornais de Traverse City descreviam em chocantes detalhes as gangues, as drogas e a violência na cidade de Detroit; ela concluiu que provavelmente seria o último lugar onde seus pais a procurariam. Talvez na Califórnia, ou na Flórida, mas não em Detroit.

No seu segundo dia ali, ela conheceu um homem dirigindo o maior carro que já vira na vida. Ele lhe

afereceu carona, pagou-lhe um almoço e arranjou um lugar para ela ficar. O homem deu-lhe alguns comprimidos que a fizeram sentir-se melhor do que jamais se sentira. Ela se sentiu ótima e concluiu: seus pais não permitiam que ela se divertisse,

A boa vida continuou durante um mês, dois meses, um ano. O homem com o carrão — ela o chamava de "chefe" — ensinou-lhe coisas de que os homens gostam. Sendo menor de idade, os homens lhe pagavam mais. Ela morava em um apartamento pequeno e podia encomendar o que precisava. Ocasionalmente morava nos pais em casa, mas a vida deles lhe parecia tão chata e provinciana que mal acreditava que era criada ali.

Ela se assustou ao ver sua foto na embalagem de leite com os dizeres: "Vocês viram esta criança?" Agora, porém, com o cabelo tingido de loiro, e com toda a maquiagem que usava, ninguém a consideraria uma criança. Além do mais, a maioria dos seus amigos também fugira de casa, e ninguém dava com a língua nos dentes em Detroit.

Depois de um ano, os primeiros sintomas incipientes da enfermidade apareceram, e ela ficou surpresa com a crueldade do chefe. "Hoje em dia, a gente não pode facilitar", ele rosna; antes que a jovem percebesse, estava na rua sem um tostão. Ela ainda conseguia ganhar alguma coisa de noite, mas não lhe pagavam muito, e todo o dinheiro era usado para manter o vício. Quando chegou o inverno, ela se encontrava dormindo nas grades de metal do lado de fora de uma loja de departamentos. "Dormir" não é a palavra certa — uma adolescente sozinha na noite em Detroit não pode nunca baixar a guarda. Estava com olheiras profundas. Sua tosse piorava.

Uma noite ela se encontrava acordada, atenta ao barulho de passos; de repente, tudo ao seu redor pareceu diferente. Ela não se sentia mais como uma mulher do mundo. Sentia-se uma menininha perdida em uma cidade fria e assustadora. Começou a soluçar. Seus bolsos estavam vazios e estava com fome. Precisava de uma dose. Trêmula, encolheu as pernas debaixo dos jornais que empilhara sobre o seu casaco. Alguma coisa acionou uma série de lembranças e uma imagem preenchia sua mente: o mês de maio em Traverse City, quando milhares de cerejeiras estão em flor todas ao mesmo tempo, e ela via seu cachorro correndo no meio das fileiras das árvores em flor atrás de uma bola de tênis.

Deus, por que eu fugi?, ela disse para si mesma, e uma dor traspassa seu coração. Meu cachorro em casa come melhor do que eu agora. A jovem estava soluçando e, imediatamente, percebeu que desejava voltar para casa mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Três telefonemas, todos caindo na secretária eletrônica. Nas duas primeiras vezes, ela desligou sem deixar uma mensagem; na terceira, porém, disse: "Papai, mamãe, sou eu. Estive pensando em voltar para casa. Estou pegando um ônibus e chegarei aí amanhã lá pela meia-noite. Se vocês não estiverem me esperando, bem, acho que ficarei no ônibus e irei para o Canadá".

Foram sete horas de ônibus entre Detroit e Traverse City; durante aquele tempo ela percebia os erros do seu plano. E se os pais estivessem fora da cidade e nem tivessem ouvido a mensagem? Não deveria ter esperado outro dia para poder falar com eles? E, mesmo que estivessem em casa, provavelmente já a consideravam morta há muito tempo. Deveria ter-lhes dado um tempo para se recuperarem do choque.

Seus pensamentos pulavam de lá para cá entre as preocupações e o discurso que estava preparando para o pai. "Papai, sinto muito. Sei que estava errada. A culpa não foi sua; foi minha. Papai, você pode me perdoar?" Ela repetiu as palavras muitas e muitas vezes, com a garganta apertada enquanto as ensaiava. Nos últimos anos não havia pedido perdão a ninguém.

O ônibus estivera andando com as luzes acesas desde Bay City. Floquinhos de neve batem no calçamento desgastado por milhares de pneus e o asfalto exala vapor. Ela havia esquecido como a noite é escura lá fora. Um cervo cruzou a estrada como uma flecha e o ônibus deu uma guinada. De vez em quando aparecia um outdoor ao lado da estrada. Uma placa indicava quantos quilômetros faltavam até Traverse City. Oh, Deus!

Quando o ônibus finalmente entrou na rodoviária, os freios sibilando em protesto, o motorista anunciou

o microfone: "Quinze minutos, pessoal. É tudo quanto vamos gastar aqui". Quinze minutos para decidir sua vida. Ela se examinou em um espelhinho, alisou o cabelo e limpou o dente manchado de batom. Olhou para as manchas de fumo nas pontas dos dedos e ficou imaginando se os pais iriam perceber. Se estivessem não.

A jovem entrou no saguão sem saber o que esperar. Nenhuma das milhares de cenas que passaram por sua cabeça a prepararam para aquilo que viu. Ali, naquele terminal de ônibus de paredes de concreto e cadeiras de plástico de Traverse City, em Michigan, estava um grupo de quarenta parentes, irmãos e irmãs, tios e primos, uma avó e uma bisavó para recebê-la. Todos eles estavam usando chapeuzinhos de festa e soprando apitos; na parede do terminal havia um cartaz, dizendo: "Seja bem-vinda!".

Da multidão que a recepciona irrompe o papai. Ela olhou para ele através das lágrimas que brotavam dos seus olhos como mercúrio quente e começou o discurso memorizado: "Papai, sinto muito. Eu sei...".

Ele a interrompeu. "Quieta, filhinha. Não temos tempo para isso agora. Nada de pedidos de desculpas. Você vai chegar atrasada na festa. Lá em casa há um banquete esperando por você."

Estamos acostumados a achar um impedimento em cada promessa, mas as histórias de Jesus a respeito da graça extravagante não incluem nenhum impedimento, nenhuma desculpa nos desqualificando do amor de Deus. Cada uma delas traz no seu âmago um final bom demais para ser verdadeiro — ou tão bom que tem de ser verdadeiro.

Como essas histórias são diferentes das minhas próprias noções de Deus na minha infância: um Deus que perdoa, sim, mas relutantemente, depois de fazer o penitente contorcer-se. Eu imaginava Deus como uma figura trovejante e distante que prefere medo e respeito ao amor. Jesus, pelo contrário, fala de um pai publicamente se humilhando e correndo ao encontro do filho para abraçar aquele que desperdiçou metade da fortuna da família. Não há nenhum discurso solene: "Espero que você tenha aprendido a lição!". Pelo contrário, Jesus fala da jovialidade do pai — "Pois este meu filho<sup>2</sup> estava morto, e reviveu; tinha-se perdido, e foi achado" — e então acrescenta a frase animadora: "E começaram a alegrar-se".

O que impede o perdão não é a relutância de Deus — "Quando ainda<sup>3</sup> estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão" — mas a nossa. Os braços de Deus estão sempre estendidos; nós é que nos desviamos.

Tenho meditado bastante a respeito das histórias da graça contadas por Jesus para deixar seu significado filtrar-se. Ainda assim, cada vez que me confronto com as suas mensagens surpreendentes percebo como o véu da desgraça obscurece minha visão de Deus. Uma dona de casa saltando de alegria pela descoberta de uma moeda perdida não é o que vem naturalmente à mente quando penso em Deus. Mas essa é a imagem na qual Jesus insistia.

A história do Filho Pródigo, afinal, aparece numa série de três histórias — a ovelha perdida, a moeda perdida, o filho perdido —, todas destacando o mesmo ponto. Cada uma delas destaca o sentimento de perda, fala da alegria da redescoberta e termina com uma cena de júbilo. Jesus diz realmente: "Você quer saber como é ser Deus? Quando um desses seres humanos me dá atenção é como se eu tivesse acabado de encontrar minha propriedade mais valiosa, que eu considerava perdida para sempre". Para o próprio Deus é como se fosse a descoberta de toda uma vida.

É estranho, mas a redescoberta pode tocar-nos mais profundamente do que a descoberta. Perder e depois achar uma caneta Mont Blanc torna o proprietário mais feliz do que no dia em que a adquiriu. Um dia, antes dos computadores, perdi quatro capítulos de um livro que estava escrevendo ao deixar a única cópia na gaveta de um hotel. Durante duas semanas o hotel insistiu em que o pessoal da limpeza havia jogado os papéis no lixo. Fiquei inconsolável. Como iria ter energia para começar tudo de novo, quando durante meses havia trabalhado polindo e melhorando aqueles quatro capítulos? Nunca mais encontraria as mesmas palavras. Então, um dia, uma faxineira que mal falava inglês me telefonou para dizer que não havia jogado os capítulos no lixo. Cria-me, senti muito mais alegria pelos capítulos encontrados do que sentir no processo de escrevê-los.

Essa experiência me dá uma idéia de como um pai deve sentir-se quando recebe um telefonema do FBI contando que a filha seqüestrada há seis meses fora finalmente localizada, viva. Ou de uma esposa ao receber a visita do porta-voz do Exército desculpando-se pelo engano: seu marido não estava a bordo do helicóptero que caiu. Essas imagens dão um mero vislumbre de como deve sentir-se o Criador do Universo quando recebe de volta um outro membro de sua família. Nas palavras de Jesus: "Assim vos digo<sup>4</sup> que há alegria diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende".

A graça é chocantemente pessoal. Como Henri Nouwen<sup>5</sup> destaca: "Deus se regozija. Não porque os problemas do mundo foram resolvidos, não porque todo o sofrimento e dor da humanidade acabou, não porque milhares de pessoas se converteram e estão agora louvando-o por sua bondade. Não, Deus se regozija porque um dos seus filhos que estava perdido foi achado".

Se eu fosse falar sobre o caráter dos personagens das parábolas — o vagabundo de Fulton Street, o homem de negócios que perdeu um milhão de dólares, a multidão heterogênea do banquete de Boston, a prostituta adolescente de Traverse City — acabaria com uma mensagem realmente muito estranha. Obviamente, Jesus não nos contou as parábolas para nos ensinar a viver. Creio que ele as contou para corrigir nossa noção a respeito de quem Deus é e a quem Deus ama.

Na Academia de Artes Plásticas de Veneza há uma pintura de Paolo Veronese que lhe provocou problemas com a Inquisição. A pintura apresenta Jesus em um banquete com seus discípulos, soldados romanos jogando, em um canto, um homem com um nariz sangrando no outro lado, cães vadios perambulando ao redor, alguns bêbados e também anões e negros africano. Convocado pela Inquisição para explicar essas irreverências, Veronese defendeu sua pintura mostrando nos Evangelhos que essas eram exatamente as pessoas com as quais Jesus se misturava. Escandalizados, os inquisidores mandaram que mudasse o título da pintura e transformasse a cena religiosa em cena secular.

Ao ordenarem isso, os inquisidores copiaram a atitude dos fariseus do tempo de Jesus. Eles também se scandalizaram com os cobradores de impostos, os mestiços, os estrangeiros e as mulheres de má reputação que cercavam Jesus. Eles também tinham dificuldade em assimilar a idéia de que essas eram pessoas que Deus amava. Enquanto Jesus cativava a multidão com suas parábolas a respeito da graça, os fariseus ficavam de longe murmurando e rangendo os dentes. Para provocá-los, na história do Filho Pródigo, Jesus introduziu o irmão mais velho para enunciar o devido sentimento de ultraje pelo fato de ele ter recompensado um comportamento irresponsável. Que tipo de "valores de família" o seu pai comunicaria dando uma festa para tal renegado? Que tipo de virtude isso encorajaria?<sup>[1]</sup>

O evangelho não é, de maneira nenhuma, o que nós sugerimos. Eu, por minha vez, esperaria que se honrasse a virtude contra a libertinagem. Eu esperaria ter de me purificar para marcar uma audiência com um Deus Santo. Mas Jesus falou de Deus ignorando o mestre religioso que se achava fantástico e deu atenção a um pecador comum que rogava: "Ó Deus, tem misericórdia".<sup>6</sup> Em toda a Bíblia, na verdade Deus demonstra uma notável preferência por pessoas "autênticas" em vez de pessoas "boas". Nas palavras do próprio Jesus: "Haverá alegria no céu<sup>7</sup> por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento".

Em um de seus últimos atos antes de morrer, Jesus perdoou o ladrão que pendia de uma cruz, sabendo muito bem que o ladrão havia-se convertido por causa de puro medo. Esse ladrão nunca estudaria a Bíblia, nunca freqüentaria uma sinagoga ou igreja e nunca acertaria a sua vida com todos aqueles que haviam prejudicado. Ele simplesmente disse: "Senhor, lembra-te<sup>8</sup> de mim", e Jesus lhe prometeu: "Hoje estarás comigo no paraíso". Foi outro lembrete chocante de que a graça não depende do que fizemos por Deus, mas, antes, do que Deus fez por nós.

Pergunte às pessoas o que elas devem fazer para ir para o céu e a maioria vai responder: "Ser bom". As histórias de Jesus contradizem essa resposta. Tudo que devemos fazer é clamar: "Socorro!". Deus recebe em sua casa qualquer um que o fizer e, de fato, já deu o primeiro passo. A maioria dos especialistas — médicos, advogados, conselheiros matrimoniais — dão-se alto valor e esperam que os clientes venham

deles. Deus, não. Como Sören Kierkegaard<sup>9</sup> disse:

Quando se trata de um pecador Ele não fica simplesmente parado, com os braços abertos e dizendo "Venha cá". Não. Ele fica ali e espera, como o pai do filho perdido esperou; ou melhor, ele não fica parado esperando: sai procurando, como o pastor procurou a ovelha perdida, como a mulher procurou a moeda perdida. Ele vai — não, Ele foi — infinitamente mais longe do que qualquer pastor ou qualquer mulher. Ele seguiu calmamente o longo e infinito caminho de ser Deus para se tornar homem e, desse modo, foi procurar os pecadores.

Kierkegaard coloca o dedo sobre aquele que talvez seja o mais importante aspecto das parábolas de Jesus. Elas não são simplesmente histórias agradáveis para prender a atenção dos ouvintes ou vasos vazios para guardar verdades teológicas. Elas foram, realmente, o modelo da vida de Jesus na terra. Ele foi o pastor que deixou a segurança do aprisco para sair na noite escura e perigosa lá fora. Nos seus banquetes ele recebeu cobradores de impostos, réprobos e prostitutas. Ele veio por causa dos doentes e não por causa dos sãos, pelos injustos e não pelos justos. E àqueles que o traíram — especialmente os discípulos, que o abandonaram na hora de sua maior necessidade — Ele respondeu como um pai cego de amor.

O teólogo Karl Barth, depois de escrever milhares de páginas em sua obra *Church Dogmatics* (Dogmática da Igreja), encontrou esta simples definição de Deus: "Aquele que ama".

Não faz muito tempo um pastor amigo meu me contou que lutava com sua filha de quinze anos de idade. Ele sabia que ela tomava anticoncepcionais, e várias noites nem havia voltado para casa. Os pais tentaram várias formas de castigo, sem resultado. A filha mentia, enganava, e ainda encontrou um jeito de acusá-los. "A culpa é de vocês, por serem tão rigorosos!".

Meu amigo me disse: "Eu me lembro de ter ficado diante da janela da sala de estar, olhando para a escuridão, à espera de ela voltar para casa. Eu sentia tanta raiva. Eu queria ser como o pai do Filho Pródigo, mas estava furioso com minha filha pelo jeito com que ela nos manipulava para nos machucar. E naturalmente, ela se machucava mais do que ninguém. Eu compreendi a passagem nos profetas expressando a ira de Deus. O povo sabia como machucá-lo, e Deus gritava sentindo dor.

"Mas, vou-lhe dizer, quando minha filha voltou para casa naquela noite, ou quase no dia seguinte, o que eu mais desejava no mundo era tomá-la em meus braços, confessar o meu amor por ela e dizer-lhe que queria o melhor para ela. Eu era um pai desamparado, cego de amor."

Agora, quando penso em Deus, levanto a imagem do pai cego de amor que está a milhas de distância. O monarca severo que eu costumava imaginar. Penso em meu amigo de pé diante da janela da sala de estar, perscrutando dolorosamente as trevas. Penso na descrição que Jesus fez do Pai que espera, sofrendo resultado, mas desejando mais do que tudo perdoar e começar tudo de novo, para anunciar alegremente: "Este meu filho estava morto, mas reviveu; estava perdido, e foi achado".

O Réquiem, de Mozart, contém uma frase maravilhosa que se transformou em minha oração, uma prece que faço com confiança cada vez maior: "Lembre-se, Jesus misericordioso, de que eu sou o motivo da sua triagem". Creio que ele se lembra.

Exceto pelo ponto, o ponto parado,  
não haveria dança, e há apenas a dança.

T. S. Eliot

# A NOVA MATEMÁTICA DA GRAÇA

Quando uma coluna minha, intitulada "A matemática atroz do evangelho", apareceu na revista Christianity Today (Cristianismo Hoje), logo fiquei sabendo que nem todos gostam de sátira. As cartas que recebi chamuscaram o lado de dentro da minha caixa de correio. "Philip Yancey, você não anda com Deus sem Jesus!", escreveu um leitor irado. "Esta coluna é uma blasfêmia". Outro condenava minha filosofia anticristã, intelectualizada". Outro, ainda, me chamava de "satânico". "Não existem revisores suficientes em sua equipe para arrancar daí tal porcária estudantil?", outro perguntava ao editor.

Sentindo-me castigado, e não estando acostumado a ser considerado blasfemo, anticristão e satânico fiquei perplexo para a coluna. O que tinha acontecido de errado? Havia reunido quatro histórias, uma de cada evangelho, e obviamente em tom de brincadeira — pelo menos achava —, aponte para o absurdo da matemática envolvida.

Lucas<sup>1</sup> fala de um pastor que deixou suas noventa e nove ovelhas e mergulhou nas trevas para procurar uma ovelha perdida. Um ato nobre, realmente, mas pense um pouco na aritmética subjacente. Jesus diz que o pastor deixou as noventa e nove ovelhas "no deserto", o que presumivelmente significa que ficaram vulneráveis aos ladrões, aos lobos ou ao desejo inato de buscar a liberdade. Como se sentiria o pastor se retornasse com a ovelha perdida pendurada sobre o ombro apenas para descobrir que agora estavam faltando outras vinte e três?

Em uma cena também contada por João,<sup>2</sup> uma mulher chamada Maria pegou 453 gramas — um ano de trabalho! — de um exótico perfume e o derramou sobre os pés de Jesus. Pense no desperdício.

Uma gota apenas de perfume não faria o mesmo efeito? Até Judas podia perceber o absurdo: o tesouro agora escorrendo em fragrantes regatos pelo chão cheio de sujeira poderia ter sido vendido para ajudar os pobres.

Marcos<sup>3</sup> registra uma terceira cena. Depois de ver uma viúva jogar duas moedinhas no cofre das moletas no templo, Jesus desprezou contribuições muito mais elevadas. "Eu lhes direi a verdade", ele observou, "esta pobre viúva colocou mais no tesouro do que todos os outros". Espero que Ele tenha dito essas palavras baixinho, pois os doadores importantes não gostariam da comparação.

A quarta história, de Mateus,<sup>4</sup> envolve uma parábola que tenho ouvido em poucos sermões, por bons motivos. Jesus falou de um lavrador que contratou pessoas para trabalhar em suas vinhas. Algumas começaram ao nascer do sol, outras no meio da manhã, algumas na hora do almoço, outras no meio da tarde, e algumas outras uma hora antes de encerrar o expediente. Todos pareciam satisfeitos até a hora do pagamento, quando aqueles que trabalharam doze horas sob o sol causticante ficaram sabendo que os empregados, que mal haviam trabalhado uma hora, receberiam exatamente o mesmo pagamento. A atitude de gratidão contradizia tudo o que eles sabiam a respeito de motivação para o trabalho e justa compensação — era uma economia atroz, pura e simplesmente.

Além de aprender uma lição a respeito de sátiras nessa coluna, também aprendi uma importante lição a respeito da graça. Talvez a palavra "atroz" fosse mal escolhida, mas certamente a graça tem uma estridente nota de injustiça. Por que as moedinhas da viúva valeriam mais do que os milhões de um homem rico? E por que empregador pagaria aos retardatários o mesmo que aos seus trabalhadores regulares?

Não muito tempo depois de escrever a coluna, assisti a Amadeus (palavra latina para "amado de Deus"), uma peça que apresenta um compositor do século XVII procurando entender a mente de Deus. Clevelevoto Antônio Salieri tem o profundo desejo, mas não a aptidão, de criar uma imortal música de louvor. Ele fica enfurecido porque Deus concedeu o maior dom de gênio musical já conhecido a um pré-adolescente ímpio chamado Wolfgang Amadeus Mozart.

Enquanto eu assistia à peça, percebi que via o lado irreverente de um problema que há muito vinha me perturbando. A peça estava fazendo a mesma pergunta do livro bíblico de Jó, apenas invertida. O autor de

ó pergunta por que Deus "puniria" o mais justo homem na face da terra; o autor de Amadeus pergunta por que Deus "recompensaria" um pirralho que nada merecia. O problema do sofrimento encontra o seu paralelo perfeito no escândalo da graça. Uma frase da peça expressa o escândalo: "Que utilidade tem o homem no final, se não ensinar suas lições a Deus?".

Por que Deus escolheria Jacó, o enganador, em vez do respeitoso Esaú? Por que conferir poderes sobrenaturais de força a um delinqüente mozartiano chamado Sansão? Por que preparar um pastorzinho mecânico, Davi, para ser o rei de Israel? E por que conferir um sublime dom de sabedoria a Salomão, o fruto da ligação adúltera desse rei? Na verdade, em cada uma dessas histórias do Antigo Testamento o escândalo da graça retumba sob a superfície até que, finalmente, nas parábolas de Jesus, ela explode em uma dramática sublevação para reformar a paisagem moral.

A parábola de Jesus dos trabalhadores e seus cheques de pagamento injustos mostra claramente este escândalo. Em uma versão judaico-contemporânea desta história, os trabalhadores contratados à tarde trabalharam tanto que o empregador, impressionado, decide recompensá-los com o salário de todo um dia. Não foi assim na versão de Jesus, que destaca que o último grupo de trabalhadores esteve negligentemente em atividade no mercado, coisa que apenas trabalhadores preguiçosos e incapazes poderiam estar fazendo durante a colheita. Mais ainda, esses folgados nada fizeram para se distinguir, e os outros trabalhadores ficaram chocados com o pagamento que receberam. Que empregador em seu juízo perfeito pagaria por uma hora de trabalho a mesma quantia que pagou por doze?

A história de Jesus não faz sentido do ponto de vista econômico, e essa foi a sua intenção. Ele estava nos dando uma parábola a respeito da graça, que não pode ser calculada como o salário de um dia. A graça não trata de acabar primeiro ou depois; trata de não levar em conta. Recebemos a graça como um dom de Deus, e não por alguma coisa que tenhamos dado duro para ganhar, um ponto que Jesus tornou claro na resposta do empregador:

Amigo, não te faço injustiça.<sup>5</sup> Não combinaste comigo um denário? Toma o que é teu, e retira-te. Eu quero dar a este último tanto quanto a ti. Não tenho o direito de fazer o que quiser com o que é meu? Ou não nau o teu olho porque eu sou bom?

Salieri, você está com inveja porque sou tão generoso com Mozart? Saul, você está com inveja porque sou tão generoso com Davi? Fariseus, vocês estão com inveja porque abro o portão para os gentios entrarem no jogo depois de começado? Porque honro a oração do cobrador de impostos mais do que a do fariseu, porque aceito a confissão de última hora de um ladrão e lhe dou as boas-vindas no Paraíso — isso lhes causa inveja? Vocês reclamam porque deixo as ovelhas obedientes para buscar a perdida ou porque sirvo um bezerro cevado ao pródigo que não merece?

O empregador na história de Jesus não enganou os trabalhadores diaristas pagando a todos o equivalente a uma hora de trabalho em vez de doze. Não, os trabalhadores diaristas receberam o que foram prometido. Seu descontentamento surgiu por causa da matemática escandalosa da graça. Eles não podiam aceitar que o empregador tivesse o direito de fazer o que queria com seu dinheiro, pagando aos folgados doze vezes o que mereciam.

De maneira significativa, muitos cristãos que estudam esta parábola se identificam com os empregados que trabalharam o dia todo, em vez dos adicionais no final do dia. Gostamos de nos considerar trabalhadores responsáveis, e o comportamento estranho do empregador nos desconcerta como desconcertou os ouvintes originais. Nós nos arriscamos a perder o ponto principal da história: Deus concede dons, e não salários. Nenhum de nós recebe pagamento de acordo com o mérito, pois não somos capazes de satisfazer as exigências de Deus para uma vida perfeita. Se fôssemos pagos com base na justiça, todos iríamos parar no inferno.

Nas palavras de Robert Farrar Capon, "se o mundo pudesse ter sido salvo por meio de uma boa contabilidade, teria sido salvo por Moisés, e não por Jesus". A graça não pode ser reduzida a princípios contábeis. Na base do reino da não-graça, alguns trabalhadores merecem mais do que outros; no reino da



graça a palavra merecer nem mesmo se utiliza.

Frederick Buechner<sup>6</sup> diz:

As pessoas estão preparadas para tudo, exceto para o fato de que além das trevas de sua cegueira há uma grande luz. Estão preparadas para continuar se extenuando, lavrando no mesmo antigo campo, até que voltem para casa sem ver, até tropeçarem nele, no tesouro que está enterrado nesse campo, suficiente para comprar o Texas. Estão preparadas para um Deus que efetua barganhas duras, mas não para um Deus que dá tanto por uma hora de trabalho quanto por um dia. Estão preparadas para um reino de Deus do tamanho de uma semente de mostarda, que não é maior do que o olho de uma salamandra, mas não para a imensa floresta de pinheiros brava da Índia em que a semente se transforma, com aves em seus ramos cantando Mozart. Elas estão preparadas para o jantar trivial da Igreja evangélica que freqüentam, mas não para a ceia das bodas do Cordeiro...

No meu entender, Judas e Pedro se destacavam como os discípulos mais matemáticos. Judas devia ter demonstrado alguma facilidade com números ou os outros não o teriam eleito tesoureiro. Pedro insistia nos detalhes, sempre procurando desvendar exatamente aquilo que Jesus queria dizer. Além disso, os evangelhos registram que, quando Jesus fez acontecer a pesca milagrosa, Pedro puxou 153 grandes peixes. Quem, a não ser um matemático, teria se importado em contar o monte de peixes que se remexiam?

Era, portanto, apropriado que o escrupuloso apóstolo Pedro procurasse uma fórmula matemática da graça. "Senhor, até quantas vezes<sup>7</sup> pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei?", ele perguntou a Jesus. "Até sete vezes?", quis saber. Pedro estava errado quanto à magnanimidade, pois os rabinos do seu tempo haviam sugerido o três como o número máximo de vezes que se devia esperar que alguém se perdoasse.

"Não sete vezes, mas setenta e sete vezes", respondeu Jesus imediatamente. Alguns manuscritos dizem "setenta vezes sete", mas dificilmente faz diferença se Jesus disse 77 ou 490. O perdão, Ele deu a entender, não é o tipo de coisa que você calcula em um ábaco.

A pergunta de Pedro provocou outra das impressionantes histórias de Jesus. Desta feita Ele fala a respeito de um servo que havia, não se sabe como, amontoado uma dívida de diversos milhões de dólares. O fato de que nenhum servo poderia acumular uma dívida desse tamanho enfatiza o que Jesus quer dizer: confiscar a família, os filhos e toda a propriedade do homem não faria nenhuma diferença no pagamento da dívida. Era imperdoável. Não obstante, o rei, tocado pela piedade, abruptamente cancela a dívida e deixa o servo ir livre.

Subitamente, a história se inverte. O servo que acabara de ser perdoado agarra um colega que lhe deve alguns dólares e começa a esganá-lo. "Paga-me o que me deves!",<sup>8</sup> ele exige, e joga o outro na cadeia. Em resumo, o servo ganancioso é um ingrato.

O fato de Jesus ter pintado a parábola com traços tão exagerados deixa bem claro que o rei na história representa Deus. Isso mais do que tudo deveria determinar nossas atitudes para com os outros: uma conscientização humilde de que Deus já nos perdoou uma dívida do tamanho de uma montanha e que, acabado dela, quaisquer erros pessoais contra nós se encolhem como formigas. Como poderíamos não perdoar uns aos outros à luz de tudo o que Deus nos perdoou?

C. S. Lewis<sup>9</sup> expõe esse argumento da seguinte maneira: "Ser cristão significa perdoar o imperdoável porque Deus perdoou o imperdoável em você". Lewis mesmo penetrou nas profundezas do perdão de Deus em um relance de revelação ao repetir a frase do Credo dos Apóstolos: "Creio no perdão dos pecados", no Dia de São Marcos. Seus pecados se foram, perdoados! "Essa verdade apareceu em minha mente em luz tão clara que percebi que nunca antes (e isso depois de muitas confissões e absolvições) havia crido nela em todo o meu coração."<sup>10</sup> Quanto mais reflito nas parábolas de Jesus, mais tentado me sinto a reivindicar a palavra "atroz" para descrever a matemática do evangelho. Eu creio que Jesus nos deu essas histórias a despeito da graça para nos convocar a sair completamente desse mundo toma-lá-dá-cá da falta de graça e entrar no reino da graça infinita de Deus. Como Miroslav Volf<sup>11</sup> diz, "a economia da graça não-merecida

em primazia sobre a economia dos merecimentos morais". A partir da escola maternal somos ensinados a buscar o sucesso no mundo da não-graça. Passarinho que cedo madruga cedo limpa o biquinho. Ninguém come sem a graça. Reclame seus direitos. Pague e receba.

Conheço bem essas regras porque vivo por elas. Trabalho para comer; gosto de ganhar; insisto nos meus direitos. Quero que as pessoas recebam o que merecem — nem mais, nem menos.

Se prestar atenção, porém, ouço um sussurro forte vindo do evangelho que diz que não recebi o que mereço. Eu merecia castigo e obtive perdão. Merecia a ira e recebi amor. Merecia a cadeia do devedor e recebi, em vez disso, uma ficha limpa. Merecia advertências severas e devia me arrepender rastejando de olhos baixos, mas recebi um banquete — a festa de Babette — colocado diante de mim.

De certa maneira, a graça resolveu um dilema de Deus. Não é preciso ler muito da Bíblia para detectar uma tensão subjacente em como Deus se sente a respeito da humanidade. De um lado, nos ama; do outro lado, nosso comportamento o enoja. Deus anseia por ver nas pessoas algo de sua própria imagem refletida. Quando muito, vê fragmentos esparsos dessa imagem. Mesmo assim, Deus não pode — ou não vai — resistir.

Uma passagem de Isaías é freqüentemente citada como prova da distância e do poder de Deus:

Pois os meus pensamentos<sup>12</sup> não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos,

diz o Senhor.

Assim como os céus são mais altos do que a terra,

assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos.

No contexto, entretanto, Deus está descrevendo sua ansiedade em perdoar. O mesmo Deus que criou os céus e a terra tem o poder de criar uma ponte sobre o abismo que o separa de suas criaturas. Ele vai trazer reconciliação e perdoar, não importa que obstáculos seus filhos pródigos coloquem no caminho. Como o profeta Miquéias diz: "O Senhor não retém<sup>13</sup> a sua ira para sempre, porque tem prazer na misericórdia".

Às vezes, as emoções conflitantes de Deus lutam entre si na mesma cena. No livro de Oséias, por exemplo, Deus vacila entre reminiscências ternas do seu povo e a solene ameaça de julgamento. "Cairá a espada<sup>14</sup> sobre as suas cidades", Ele adverte sinistramente, e então, quase no meio da sentença, escapa um grito de amor:

Como te deixaria, ó Efraim?

Como te entregaria, ó Israel?...

Está comovido em mim o meu coração,

todas as minhas paixões à uma se acendem.

"Não executarei o furor da minha ira", Deus conclui, finalmente. "Porque eu sou Deus, e não homem, e não quero tanto no meio de ti." Novamente Deus reserva para si o direito de alterar as regras da retribuição. Embora Israel tenha merecido totalmente sua repreensão, não receberá o que merece. Eu sou Deus, e não homem. Não tenho o direito de fazer o que quero com o meu próprio dinheiro? Deus irá a qualquer distância despropositada para trazer sua família de volta.

Em uma parábola surpreendentemente dramatizada, Deus pede ao profeta Oséias que se case com uma mulher chamada Gômer para ilustrar o seu amor por Israel. Gômer tem três filhos de Oséias, depois abandona a família para viver com outro homem. Durante algum tempo, ela trabalha como prostituta e durante esse período que Deus dá a surpreendente ordem a Oséias: "Vai outra vez, ama<sup>15</sup> uma mulher chamada de seu amigo, e adúltera, como o Senhor ama os filhos de Israel, embora eles olhem para outros deuses".

Em Oséias, o escândalo da graça se torna real, um escândalo conhecido na cidade. O que se passa na mente de um homem quando sua esposa o trata como Gômer tratou Oséias? Ele queria matá-la, ele queria perdoá-la. Ele queria divorciar-se, ele queria reconciliar-se. Ela o envergonhou, ela o desintegrou. De

maneira absurda, contra todas as expectativas, o poder irresistível do amor venceu. Oséias, o marido enganado, motivo de piada na comunidade, recebeu sua esposa de volta ao lar.

Gômer não recebeu imparcialidade, nem justiça; ela recebeu graça. Toda vez que leio sua história — ou leio os discursos de Deus que começam com severidade e se dissolvem em lágrimas — fico maravilhado diante de Deus por se permitir suportar tanta humilhação apenas para voltar e receber mais. Como te deixaria, ó Efraim? Como te entregaria, ó Israel?" Substitua o nome de Efraim e Israel pelo seu próprio nome. No coração do evangelho está um Deus que deliberadamente submete-se ao poder selvagem e irresistível do amor.

Séculos depois, um apóstolo explicaria a reação de Deus em termos mais analíticos: "Mas onde o pecado abundou,<sup>16</sup> superabundou a graça". Paulo sabia melhor do que ninguém que essa graça não é merecida, ela vem da iniciativa de Deus, e não da nossa. Jogado ao chão no caminho para Damasco, Paulo nunca se recuperou do impacto da graça: a palavra sempre aparece o mais tardar na segunda frase de cada uma de suas cartas. Como Frederick Buechner<sup>17</sup> diz: "A graça é o melhor que ele pode desejar-lhes porque a graça é o melhor que ele sempre recebeu".

Paulo repetia sempre a mesma coisa insistindo na graça porque sabia o que poderia acontecer se nós crêssemos que merecemos o amor de Deus. Nos momentos de crise, quando falhássemos completamente com Deus, ou quando por qualquer motivo não nos sentíssemos amados, ficaríamos em terreno inseguro. Teríamos medo de que Deus pudesse parar de nos amar quando descobrisse a verdade a nosso respeito. Paulo — "o principal dos pecadores", como ele mesmo se intitulou uma vez — sabia, sem sombra de dúvida, que Deus ama as pessoas pelo que Ele é, e não pelo que somos.

Consciente do aparente escândalo da graça, Paulo esforçou-se para explicar como Deus fez a paz com os seres humanos. A graça nos desconcerta porque vai contra a intuição que todos têm de que, diante da injustiça, algum preço tem de ser pago. Um homicida não pode simplesmente ficar livre. Alguém que abusou de crianças não pode desvencilhar-se dizendo: "Eu fiquei com vontade de fazer isso". Antecipando-se a tais objeções, Paulo destacou que um preço foi pago — pelo próprio Deus. Ele desistiu do seu próprio filho, Jesus Cristo, para não desistir da humanidade.

Como na festa de Babette, a graça não custa nada para os beneficiários, mas tudo para o doador. A graça de Deus não é uma exibição que o vovô faz de sua "bondade", pois custou o exorbitante preço do Calvário. "Há apenas uma única lei real — a lei do universo", disse Dorothy Sayers.<sup>18</sup> "Ela pode ser cumprida por meio do juízo ou por meio da graça, mas tem de ser cumprida de um jeito ou de outro." Aceitando o juízo em seu próprio corpo, Jesus cumpriu a lei, e Deus encontrou um meio de perdoar.

No filme *The Last Emperor* [O Último Imperador], a criança ungida como o último imperador da China vive uma vida mágica de luxo com mil eunucos à sua disposição para servi-la. "O que acontece quando você faz uma coisa errada?", pergunta o irmão. "Quando eu faço uma coisa errada, outra pessoa é castigada", o imperador-menino responde. Para demonstrar o que estava falando, ele quebra um jarro e um dos servos é espancado. Na teologia cristã, Jesus inverteu esse padrão antigo: quando os servos erraram, o Rei foi punido. A graça é gratuita apenas porque o próprio doador assumiu o preço.

Quando o conhecido teólogo Karl Barth visitou a Universidade de Chicago, estudantes e professores montaram-se ao seu redor. Em uma entrevista com a imprensa, alguém perguntou: "Dr. Barth, qual é a verdade mais profunda que o senhor já aprendeu em seus estudos?". Sem hesitação, ele respondeu: "Jesus me ama, a Bíblia assim o diz" [trecho de um cântico infantil]. Eu concordo com Karl Barth. Por que, então, com tanta freqüência eu ajo como se estivesse tentando merecer esse amor? Por que tenho tanto problema em aceitá-lo?

Quando o dr. Bob Smith<sup>19</sup> e Bill Wilson, fundadores dos Alcoólicos Anônimos, tiveram a idéia para o seu programa de doze passos, foram procurar Bill D., um conhecido advogado que falhara em oito diferentes programas de desintoxicação em seis meses. Amarrado a uma cama de hospital como castigo por ter atacado duas enfermeiras, Bill D. não teve outra escolha a não ser ouvir os seus visitantes, que

contaram suas próprias histórias de alcoolismo e a recente esperança que tinham descoberto por meio da fé em uma força maior, o poder de Deus.

Logo que eles mencionaram o poder maior, Bill D. sacudiu tristemente a cabeça. "Não, não", ele disse. "É tarde demais para mim. Eu ainda creio em Deus, tudo bem, mas sei muito bem que Ele não crê mais em mim."

Bill D. expressou o que muitos de nós sentimos, às vezes. Desanimados por repetidos fracassos, sem esperança, atordoados por um tremendo senso de indignidade, envolvemo-nos em uma concha que nos torna quase impermeáveis à graça. Como crianças adotivas que preferem muitas vezes retornar a famílias desintegradas, afastamo-nos teimosamente da graça.

Sei como reajo às cartas de rejeição dos editores das revistas e às cartas de crítica dos leitores. Sei até onde meu espírito sobe quando chega um cheque de direitos autorais mais alto do que eu esperava, e como ele desce quando o valor é pequeno. Sei que minha auto-imagem no final do dia depende grandemente do tipo de mensagens que recebo das outras pessoas. Será que gostam de mim? Será que me amam? Espero as manifestações de meus amigos, de meus vizinhos, de minha família — como um homem amado, aguardo as respostas.

Ocasionalmente, muito ocasionalmente, sinto a verdade da graça. Há momentos em que estudo as parábolas e percebo que elas estão falando a meu respeito. Eu sou a ovelha que o pastor foi procurar deixando o aprisco, o filho pródigo por quem o pai perscruta o horizonte, o servo cuja dívida foi perdoada. Eu sou o amado de Deus.

Não faz muito tempo recebi pelo correio um cartão postal de um amigo que continha apenas seis palavras: "Eu sou aquele a quem Jesus ama". Eu sorri quando olhei para o endereço do remetente, pois meu estranho amigo se especializa nesses dizeres piedosos. Quando lhe telefonei, entretanto, ele me disse que as palavras vinham do escritor e orador Brennan Manning. Em um seminário, Manning referiu-se ao amigo mais íntimo de Jesus na terra, o discípulo chamado João, identificado nos evangelhos como "aquele a quem Jesus amava". Manning disse: "Se perguntassem a João: 'Qual é a sua identidade principal na vida?', ele não responderia: 'Eu sou um discípulo, um apóstolo, um evangelista, o autor do quarto evangelho', mas sim: 'Eu sou aquele a quem Jesus ama'".

O que significaria, perguntei a mim mesmo, se eu também pudesse considerar como minha identidade principal na vida ser "aquele a quem Jesus ama"? Como eu me veria diferente no final de um dia!

Os sociólogos têm uma teoria do ego de lente de aumento: você se torna o que a pessoa mais importante de sua vida (esposa, pai, chefe, etc.) acha que você é. Como minha vida se modificaria se eu verdadeiramente cresse nas espantosas palavras da Bíblia a respeito do amor de Deus por mim, se eu olhasse no espelho e visse o que Deus vê?

Brennan Manning conta a história de um padre irlandês que, em uma viagem por uma paróquia rural, viu um velho camponês ajoelhado ao lado da estrada, orando. Impressionado, o padre diz ao homem: "Você deve ter muita intimidade com Deus". O camponês levanta os olhos, pensa um momento, e então sorri. "Sim, ele gosta muito de mim".

Deus não é limitado ao tempo, dizem-nos os teólogos. Deus criou o tempo assim como um artista escolhe um meio de trabalho, e fica solto dele. Ele vê o futuro e o passado em uma espécie de eterno presente. Se for correta essa teoria a respeito de Deus, os teólogos ajudaram a explicar como Deus pode chamar de "amada" uma pessoa inconstante, volúvel e temperamental como eu. Quando Deus olha para o gráfico da minha vida, não vê grandes mudanças de direção para o bem ou para o mal, mas, antes, uma linha firme no bem; a bondade do Filho de Deus capturada em um momento do tempo e aplicada por toda a eternidade.

Como disse John Donne,<sup>20</sup> o poeta do século XVII:

Pois no Livro da Vida, o nome de Maria Madalena foi tão logo registrado, por toda a sua incontinência, como o da Virgem bendita, por toda a sua integridade; e o nome de Paulo, que brandiu sua

aspada contra Cristo, como o de Pedro, que brandiu a sua em defesa dele; pois o Livro da Vida não foi escrito sucessivamente, palavra após palavra, linha após linha, mas foi entregue como um Livro, tudo junto.

Cresci com a imagem de um Deus matemático que pesava meus atos bons e maus em um conjunto de balanças e sempre me considerava em falta. Não sei como me esqueci do Deus dos evangelhos, um Deus de misericórdia e generosidade que continua encontrando maneiras de despedaçar as leis implacáveis da não-graça. Deus rasga as tabuadas e apresenta a nova matemática da graça, a palavra mais surpreendente e mais assustadora, mais inesperada da nossa língua.

A graça surge de tantas formas diferentes que tenho dificuldade em defini-la. Estou pronto, contudo, para tentar alguma coisa como uma definição da graça divina. Graça significa que não há nada que possamos fazer para Deus nos amar mais — nenhuma quantidade de renúncia, nenhuma quantidade de conhecimento recebido em seminários e faculdades de teologia, nenhuma quantidade de cruzadas em benefício de causas justas. E a graça significa que não há nada que possamos fazer para Deus nos amar menos — nenhuma quantidade de racismo ou orgulho, pornografia ou adultério, ou até mesmo homicídio. A graça significa que Deus já nos ama tanto quanto é possível um Deus infinito nos amar.

Há uma cura simples para pessoas que duvidam do amor de Deus e questionam a graça divina: voltar para a Bíblia e examinar o tipo de pessoas que Deus ama. Jacó, que se atreveu a se envolver em uma luta física com Deus e mesmo depois que fora ferido nessa luta tornou-se o epônimo do povo de Deus, os "filhos de Israel". A Bíblia fala de um homicida e um adúltero que ganhou reputação como o maior rei do Antigo Testamento, um "homem segundo o coração de Deus". E de uma igreja dirigida por um discípulo que praguejou e jurou que não conhecia Jesus. E de um missionário sendo recrutado das fileiras dos torturadores de cristãos. Eu recebo correspondência da Anistia Internacional e, quando examino as fotos de homens e mulheres que foram espancados, pisoteados, espetados, cuspidos e eletrocutados, pergunto a mim mesmo: "Que espécie de ser humano poderia fazer isso a outro ser humano?". Então, leio o livro de Atos e encontro o tipo de pessoa que poderia fazer uma coisa dessas — agora um apóstolo da graça, um servo de Jesus Cristo, o maior missionário da história. Se Deus pode amar esse tipo de pessoa, talvez, apenas talvez, Ele também possa amar pessoas como eu.

Não posso moderar minha definição de graça porque a Bíblia me força a torná-la o mais abrangente possível. Deus é "o Deus de toda a graça",<sup>21</sup> nas palavras do apóstolo Pedro. E graça significa que não há nada que eu possa fazer para Deus me amar mais, e nada que eu possa fazer para Deus me amar menos. Significa que eu, até mesmo eu que mereço o contrário, sou convidado a tomar o meu lugar à mesa da família de Deus.

Por instinto, sinto que devo fazer alguma coisa para ser aceito. A graça soa como uma surpreendente nota de contradição, de liberação e, todos os dias, eu devo orar de novo para ter a capacidade de ouvir sua mensagem.

Eugene Peterson traça um contraste entre Agostinho e Pelágio, dois oponentes teológicos do século IV. Pelágio era educado, convincente e todos gostavam dele. Agostinho desperdiçou sua juventude na imoralidade, tinha um estranho relacionamento com sua mãe e fez muitos inimigos. Mas Agostinho começou com a graça de Deus e acertou, enquanto Pelágio partiu dos esforços humanos e errou. Agostinho uscou apaixonadamente a Deus; Pelágio trabalhou metodicamente para agradar a Deus. Peterson continua dizendo que os cristãos tendem a ser agostinianos na teoria e pelagianos na prática. Trabalham obsessivamente para agradar outras pessoas e até mesmo a Deus.

Todos os anos, na primavera, eu me torno vítima do que os noticiários esportivos diagnosticam de "Loucura de Março". Não consigo resistir à tentação de ligar a TV no jogo final de basquete, no qual as duas únicas sobreviventes de um torneio de sessenta e quatro equipes se encontram para a final do campeonato universitário. Esse importantíssimo jogo sempre parece terminar com um garoto de dezoito anos de idade pronto para fazer um arremesso, com apenas um segundo para terminar o jogo.

Ele dribla nervosamente. Se ele perder essa jogada, sabe que será o bode expiatório do campus, o bode expiatório do seu Estado. Daqui a vinte anos estará se aconselhando para se libertar desse momento. Se fizer os dois pontos, será um herói. Sua foto estará na primeira página dos jornais. Provavelmente poderá candidatar-se a governador.

Ele dribla novamente e a outra equipe pede tempo, para confundi-lo. Ele está na lateral, avaliando todo o seu futuro. Tudo depende dele. Seus colegas olham para ele encorajando-o, mas não dizem nada. Um ano depois me lembro, deixei a sala para atender o telefone exatamente na hora em que o garoto se preparava para arremessar a bola. Rugas de preocupação vincavam sua testa. Ele mordiscava seu lábio inferior. Sua perna esquerda tremia na altura do joelho. Vinte mil torcedores estavam gritando, sacudindo bandeiras e lençóis para distraí-lo.

O telefonema foi mais longo do que eu esperava e, quando voltei, tive uma nova visão. O mesmo garoto, o cabelo encharcado com Gatorade, estava cavalgando nos ombros dos colegas, cortando a rede de um cesto de basquete. Ele não tinha mais nenhuma preocupação no mundo. Seu sorriso enchia a tela toda.

Essas duas imagens congeladas — o mesmo garoto se encolhendo na linha lateral e, depois celebrando sobre os ombros dos amigos — vieram a simbolizar para mim a diferença entre a não-graça e a graça.

O mundo é governado pela ausência de graça. Tudo depende do que eu faço. Tenho de fazer os pontos.

O reino de Jesus nos chama para trilhar outro caminho, um caminho que não depende de nossas realizações, mas, sim, da realização dele. Nós não temos de realizar, mas apenas seguir. Ele já ganhou para nós a preciosa vitória da aceitação de Deus.

Quando penso naquelas duas imagens, uma pergunta perturbadora penetra em minha mente: Qual dessas duas cenas se parece mais com a minha vida espiritual?



## PARTE II

# Rompendo o ciclo da não-graça

### CAPÍTULO 6

## CICLO ININTERRUPTO: UMA HISTÓRIA

Daisy nasceu em 1898 em uma família de operários em Chicago. Era a oitava de dez filhos. O pai mal ganhava para alimentar a todos e, depois que começou a beber, o dinheiro ficou ainda mais escasso. Daisy, aproximando-se do seu centésimo aniversário enquanto escrevo estas linhas, estremece quando fala a respeito daqueles dias. Seu pai era um "bêbado perverso", ela diz. Daisy costumava encolher-se no canto, soluçando, quando ele chutava seus irmãos menores no assoalho forrado com linóleo. Ela o odiava de todo o seu coração.

Um dia o pai declarou que a esposa tinha de ir embora até o meio-dia. Todas as crianças reuniram-se à volta da mãe, agarrando-se à saia dela e chorando. "Não, não vá!" O pai, porém, não mudou de idéia. Amparada pelos irmãos e irmãs, Daisy viu através da janela da sacada sua mãe caminhando, os ombros caídos, uma mala em cada mão, cada vez menor até que, finalmente, desapareceu de vista.

Algumas das crianças tempos depois se reuniram à mãe, enquanto que outras foram morar com parentes. A sorte quis que Daisy ficasse com o pai. Ela cresceu com um duro nó de amargura dentro dela, um tumor de ódio pelo que ele havia feito à família. Todas as crianças deixaram de estudar logo cedo para trabalhar ou alistar-se no Exército, e então uma a uma mudaram-se para outras cidades. Casaram-se, iniciaram famílias e tentaram deixar o passado para trás. O pai sumiu — ninguém sabia onde estava e ninguém se importava com isso.

Muitos anos depois, para surpresa de todos, o pai apareceu. Havia saído da sarjeta, dizendo que ele. Bêbado e com frio, havia acabado em uma missão do Exército da Salvação. Para ganhar um vale-refeição, precisou primeiro assistir a um culto. Quando o orador perguntou se alguém desejava aceitar Jesus, ele achou simplesmente que seria educado da parte dele ir à frente junto com alguns dos outros bêbados. Ficou ainda mais surpreso quando a "oração do pecador" realmente funcionou. Os demônios dentro dele se aquietaram. Ele se tornou sóbrio. Começou a estudar a Bíblia e a orar. Pela primeira vez na vida sentiu-se amado e aceito. Sentiu-se limpo.

E, agora, disse aos filhos, estava à procura deles um a um para lhes pedir perdão. Não podia justificar nada do que havia acontecido. Não podia mais consertar nada. Mas sentiu-se aliviado, mais do que eles possivelmente imaginavam.



Os filhos, agora de meia-idade e com suas próprias famílias, primeiro se mostraram réticos. Alguns duvidaram de sua sinceridade, esperando que voltasse à bebida a qualquer momento. Outros desconfiaram de que logo ele lhes pediria dinheiro. Nada disso aconteceu, e com o tempo o pai reconquistou a todos, exceto Daisy.

Há muito tempo, Daisy havia jurado que não falaria com o pai — "aquele homem", era assim que ela o chamava — nunca mais. O reaparecimento do pai abalou-a profundamente, e velhas lembranças das cenas de embriaguez voltavam quando ela se deitava para dormir. "Ele não pode desfazer tudo aquilo apenas dizendo: 'Sinto muito'!" Daisy insistia. Ela queria ficar longe dele.

O pai podia ter deixado de beber, mas o álcool havia prejudicado o seu fígado além da restauração. Ele ficou muito doente e, nos últimos cinco anos de sua vida, viveu com uma das filhas, irmã de Daisy. Eles moravam, na verdade, oito casas abaixo na rua onde Daisy morava, no mesmo quarteirão. Cumprindo o seu juramento, Daisy nunca entrou para visitar o pai moribundo, embora passasse na frente da casa sempre que ia fazer compras ou pegar o ônibus.

Daisy permitiu que seus filhos visitassem o avô. Perto do fim, o pai viu uma menininha aproximando-se de sua porta e entrando no quarto. "Oh, Daisy, Daisy, você veio finalmente para me ver", ele chorou, abraçando a menina. Os adultos no quarto não tiveram coragem de dizer-lhe que a menina não era Daisy, mas, sim, a filha dela, Margaret. Para ele foi graça alucinante.

Durante toda sua vida Daisy tomou a decisão de não ser como o pai, e na verdade nunca tocou em uma gota de álcool. Mas governava sua família com uma forma mais dura da tirania na qual havia sido criada. Ela ficava deitada em um sofá com uma compressa de gelo na cabeça gritando para as crianças: "Calem a boca!".

"Por que tive vocês, crianças estúpidas?", ela gritava. "Vocês arruinaram minha vida!" O país mergulhou na Grande Depressão e cada filho era mais uma boca para alimentar. Ela tinha seis ao todo, criando-os na casa de dois quartos onde mora até hoje. Em um local tão apertado, eles estavam sempre no meio do caminho. Algumas noites ela batia neles apenas para tornar claro: sabia que tinham feito alguma coisa errada mesmo que não tivesse visto.

Dura como aço, Daisy nunca pedia desculpas e nunca perdoava. Sua filha Margaret lembra que, quando criança, vinha chorando pedir-lhe desculpas por alguma coisa que ela tinha feito. Daisy respondia com um ditado materno: "Você não pode estar arrependida! Se realmente estivesse arrependida, antes de mais nada, não teria feito o que fez".

Ouvi muitas dessas histórias de não-graça contadas por Margaret, que eu conheço bem. Durante toda a vida ela tomou a decisão de ser diferente de sua mãe Daisy. Mas a vida de Margaret tem as suas próprias tragédias, algumas grande outras pequenas e, quando seus quatro filhos entraram na adolescência, sentiu que perdia o controle sobre eles. Ela também tinha vontade de ficar no sofá com uma compressa de gelo e gritar: "Calem a boca!". Ela também queria bater neles apenas para manter a disciplina ou talvez para aliviar um pouco a tensão que se avolumava dentro dela.

Seu filho Michael, que completou dezesseis anos em 1960, era aquele que a irritava de maneira especial. Ele gostava de rock, usava óculos fora de moda e cabelos compridos. Margaret o expulsou de casa quando o pegou fumando maconha, e ele foi morar em uma comunidade hippie. Ela continuou ameaçando-o e repreendendo-o. Ela o levou a um juiz e ela o excluiu de seu testamento. Tentou tudo o que podia imaginar, mas nada fazia efeito sobre Michael. As palavras que jogava contra ele voltavam, inúteis, até que finalmente, um dia, em um acesso de raiva, ela disse: "Não quero vê-lo nunca mais em minha vida". Isso foi há vinte e seis anos, e ela não o viu mais desde então.

Michael também é meu amigo íntimo. Diversas vezes durante estes vinte e seis anos eu tentei algum tipo de reconciliação entre os dois, e todas as vezes enfrentei novamente o terrível poder da não-graça. Quando perguntei a Margaret se ela se arrependia de alguma coisa dita ao filho, se gostaria de retirar alguma coisa, ela me olhou com um repente de raiva ígnea como se eu fosse o Michael. "Não sei por que Deus não o levou há muito tempo, antes de ele fazer todas as coisas que fez!", disse, com um olhar feroz e medrontador, nos olhos.

Sua fúria não-disfarçada me deixou desarmado. Fiquei olhando para ela durante um minuto: suas mãos crispadas, seu rosto vermelho, repuxando os pequeninos músculos ao redor dos olhos. "Você quer dizer que gostaria de ver o seu próprio filho morto?" perguntei-lhe finalmente. Ela não respondeu.

Michael emergiu da safra dos anos sessenta com a mente obscurecida pelo LSD. Mudou-se para o Havaí, viveu com uma mulher, deixou-a, conheceu outra, e então se casou. — Sue é tudo de que eu precisava —, ele me disse quando o visitei uma vez. — Com essa vou ficar.

Mas não ficou. Lembro-me de uma conversa telefônica com Michael, interrompida por um recurso tecnológico irritante chamado "espera". A linha deu um clique e Michael disse — Dá licença —, e então me deixou segurando um receptor silencioso por pelo menos quatro minutos. Ele se desculpou quando voltou. Estava perturbado. — Era Sue —, ele disse. — Estamos acertando algumas das últimas questões financeiras do divórcio.

— Não sabia que você ainda tinha contato com Sue — eu disse, tentando conversar.

— Eu não tenho! — ele me interrompeu, utilizando quase o mesmo tom de voz que eu ouvira de sua mãe, Margaret. — Espero nunca mais vê-la em toda a minha vida!

Ambos ficamos em silêncio por um longo tempo. Estivéramos conversando a respeito de Margaret e, embora eu não dissesse nada, pareceu que Michael reconheceria em sua própria voz o tom de voz de sua mãe, que era realmente o tom de voz da mãe dela, Daisy, traçando todo o caminho de volta ao que havia acontecido em uma fileira de casas em Chicago há quase um século.

Como se fosse um defeito espiritual codificado no DNA da família, a ausência de graça passou em uma cadeia ininterrupta.

A não-graça opera calma e letalmente, como um gás venenoso, imperceptível. Um pai morre sem perdão. Uma mãe que antes carregou um filho no seu próprio corpo não fala

com ele durante metade de sua vida. A toxina se insinua, de geração em geração.

Margaret é uma cristã piedosa que estuda a Bíblia todos os dias, e uma vez eu lhe falei a respeito da parábola do Filho Pródigo. "O que você acha dessa parábola?", perguntei. "Você percebe a mensagem de perdão que está contida nela?"

Obviamente, ela havia pensado no assunto, pois sem hesitação respondeu que a parábola aparece em Lucas 15 como a terceira em uma série de três: a moeda perdida, a ovelha perdida, o filho perdido. Ela disse que a parábola demonstrava como os seres humanos diferem de objetos inanimados (moedas) e de animais (ovelhas). "As pessoas têm livre-arbítrio", ela disse. "Elas precisam ser moralmente responsáveis. Esse rapaz precisou voltar humilde. Ele teve de arrepender-se. Isso é o que Jesus quis demonstrar."

Não, Margaret, não é isso que Jesus quis demonstrar. Todas essas histórias enfatizam a alegria de quem achou. É verdade que o pródigo voltou para casa de livre e espontânea vontade, mas o ponto central da história é o amor chocante do pai: "Quando ainda estava longe, viu-o o seu pai, e se moveu de íntima compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou". Quando o filho tenta explicar-se, o pai interrompe seu discurso preparado a fim de ordenar a celebração.

Um missionário no Líbano<sup>1</sup> leu uma vez esta parábola a um grupo de habitantes de uma vila que vivia em uma cultura muito parecida com a que Jesus descreveu e que nunca havia ouvido a história. "O que vocês perceberam?", ele perguntou.

Dois detalhes da história destacaram-se aos habitantes da vila. Primeiro, reclamando sua herança antes da hora, o filho estava dizendo a seu pai: "Eu gostaria de que você estivesse morto!". Os aldeões não podiam imaginar um patriarca aceitando tal insulto ou concordando com a exigência do filho. Segundo, eles notaram que o pai correu para receber o seu filho há tanto tempo perdido. No Oriente Médio, um homem de posição caminha lentamente e com dignidade; ele nunca corre. Na história de Jesus o pai correu, e no auditório de Jesus, sem dúvida, ficou sem fôlego com este detalhe.

A graça não é justa, o que é uma das coisas mais difíceis de aceitar nela. É irracional esperar que uma mulher perdoe as coisas terríveis que seu pai lhe fez apenas por que ele lhe pede desculpas muitos anos depois. E é totalmente injusto pedir que uma mãe ignore as muitas ofensas que seu filho adolescente cometeu. A graça, entretanto, não trata de justiça.

O que é verdade nas famílias é verdade também a respeito das tribos, raças e nações.

Aquele que não pode perdoar destrói a ponte sobre a qual ele mesmo tem de passar.

George Herbert

## CAPÍTULO 7

# UM ATO NADA NATURAL

Contei a história de uma família que viveu um século de desgraça. Na história do mundo, casos semelhantes ultrapassam séculos, com conseqüências ainda piores. Se você perguntar a um adolescente atirador de bombas na Irlanda do Norte, a um soldado com um facão em Ruanda ou a um atirador de tocaia na antiga Iugoslávia por que estão matando, talvez nem saibam. A Irlanda ainda está procurando vingar as atrocidades de Oliver Cromwell, cometidas no século XVII; Ruanda e Burundi continuam cultivando animosidades que se iniciaram em períodos imemoriais; a Iugoslávia está-se vingando das lembranças da Segunda Guerra Mundial e tentando evitar uma repetição do que aconteceu há seis séculos.

A desgraça opera como um pano de fundo estático ao longo da vida das famílias, das nações e das instituições. Ela é, infelizmente, nosso estado humano natural.

Uma vez partilhei de uma refeição junto com dois cientistas que tinham acabado de sair da biosfera de uma redoma de vidro perto de Tucson, no Arizona. Quatro homens e quatro mulheres se ofereceram para a experiência de dois anos de isolamento. Todos eram cientistas perfeitos, todos eram preparados e tinham passado por testes psicológicos, e todos tinham entrado na biosfera completamente esclarecidos a respeito dos rigores que enfrentariam enquanto estivessem excluídos do mundo lá fora. Os cientistas me contaram que logo nos primeiros meses os oito "bionautas" haviam-se separado em dois grupos de quatro e, durante os meses finais da experiência, esses dois grupos se recusavam a conversar um com o outro. Oito pessoas viveram em uma bolha cortada ao meio por uma parede invisível de não-graça.

Frank Reed, um cidadão americano que ficou preso como refém no Líbano, revelou, quando solto, que não falara com um de seus companheiros reféns durante diversos meses por causa de uma pequena discussão. O detalhe é que, a maior parte do tempo, os dois reféns estavam acorrentados um ao outro.

A falta de graça provoca rachaduras entre mãe e filha, pai e filho, irmão e irmã, entre cientistas prisioneiros, tribos e raças. Quando abandonadas, as rachaduras se alargam e, para os abismos resultantes, a não-graça há apenas um remédio: a frágil ponte de corda do perdão.

No calor de uma discussão, minha esposa surgiu com uma formulação teológica exata. Estávamos discutindo minhas falhas de uma maneira mais ou menos espiritual, quando ela disse: "Acho espantoso que eu tenha perdoado você por algumas de suas atitudes pusilânimes!".

Uma vez que estou escrevendo a respeito do perdão, e não do pecado, vou omitir os detalhes dessas atitudes pusilânimes. O que me abalou no seu comentário, realmente, foi a sua visão exata da natureza do perdão. Não é um doce ideal platônico para ser espalhado pelo mundo como um renovador de ar borrifado de uma lata. O perdão é dolorosamente difícil e, muito tempo depois de você perdoar, a ferida — minhas atitudes pusilânimes — continua na lembrança. O perdão é um ato nada natural. E minha esposa estava protestando contra a sua injustiça espalhafatosa.

Uma história do Gênesis capta muito desse mesmo sentimento. Quando eu era criança e ouvia a história na Escola Dominical, não conseguia entender as voltas e os desvios da reconciliação de José com seus irmãos. Em um momento José agia com rudeza, jogando seus irmãos na prisão; a seguir parecia estar obrepujado pela tristeza, para sair da sala e debulhar-se em lágrimas como um bêbado. Ele foi ardilosamente com os irmãos, escondendo o dinheiro em seus sacos de mantimentos, mantendo um deles como refém acusando outro de roubar o seu copo de prata. Durante meses, talvez anos, essas intrigas prolongaram-se até que, finalmente, José não agüentou mais. Convocou seus irmãos e dramaticamente os perdoou.

Agora vejo esta história como uma descrição realista do ato nada natural do perdão. Os irmãos que José lutou para perdoar foram exatamente os mesmos que o haviam maltratado, que tinham armado planos para matá-lo, que o haviam vendido como escravo. Por causa deles ele havia passado os melhores anos de sua juventude mofando em uma prisão egípcia. Mesmo tendo triunfado na adversidade e mesmo desejando

le todo o seu coração perdoar aqueles irmãos, não conseguia fazer isso. A ferida ainda doía muito.

Vejo o texto de Gênesis 42-45 como a maneira de José dizer: "Acho espantoso que eu lhes perdoe pelas atitudes pusilânimes que vocês tiveram!". Quando a graça finalmente irrompeu sobre José, o som da sua tristeza e amor fizeram eco através do palácio. Que gemidos são esses? O ministro do rei está doente? Não, a saúde de José vai bem. Era o som de um homem perdoador.

Por trás de cada ato de perdão jaz uma ferida de traição, e a dor de ser traído não se desvaneca facilmente. Leão Tolstói<sup>1</sup> achou que iniciaria bem seu casamento permitindo que a noiva adolescente lesse seus diários, que registravam com sensacionais detalhes todas as suas brincadeiras sexuais. Ele não queria guardar segredos para Sonya -queria iniciar um casamento com ficha limpa, perdoado. Em vez disso, a confissão de Tolstói semeou as sementes de um casamento que seria sustentado com vides do ódio, e não com amor.

"Quando ele me beija, estou sempre pensando: 'Eu não sou a primeira mulher que ele amou'", escreveu Sonya Tolstói em seu diário. Alguns impulsos adolescentes do marido ela conseguia perdoar, mas não o caso com Axinya, uma mulher camponesa que continuou trabalhando na propriedade de Tolstói.

"Um dia destes eu me mato por ciúmes", Sonya escreveu depois de ver o filho de três anos de idade da camponesa, a imagem exata do seu marido. "Se eu pudesse matá-lo (Tolstói) e criar uma pessoa nova exatamente como ele é agora, eu o faria alegremente."

Outra anotação no diário datada de 14 de janeiro de 1909: "Ele gosta daquela prostituta camponesa com o forte corpo de fêmea e pernas queimadas de sol, ela o atrai tão poderosamente agora como fazia durante todos aqueles anos passados...". Sonya escreveu essas palavras quando Axinya era uma encarquilhada velha de oitenta anos.

Durante meio século o ciúme e a falta de perdão a deixaram cega, no processo de destruir todo o amor pelo marido.

Contra um poder tão maligno, que chance tem a reação cristã? O perdão é um ato nada natural — Sonya Tolstói, José e minha esposa expressaram essa verdade como por instinto.

Todos nós já sabemos O que todo escolar aprende: Quem é alvo do mal, Com mal vai revidar.

W. H. Auden,<sup>2</sup> que escreveu essas linhas, entendeu que a lei da natureza não admite perdão. Os esquilos perdoam os gatos que correm atrás deles pelas árvores acima, ou os golfinhos perdoam os tubarões por comerem seus companheiros de folgedos? O mundo aqui fora é de "um-devora-o-outro", e não de "um-perdoa-o-outro". Quanto à espécie humana, nossas maiores instituições — financeiras, políticas e até mesmo as esportivas — funcionam com o mesmo princípio inexorável. Um treinador nunca anuncia: "Vocês estão realmente acabados, mas por causa de seu bom comportamento digo que vocês vão ganhar". Ou que nação reage a seus beligerantes vizinhos com a proclamação: "Vocês estão certos, nós violamos suas fronteiras. Por favor, perdoem-nos"?

O próprio sabor do perdão parece, de alguma forma, errado. Mesmo quando cometemos um erro queremos retornar à simpatia da parte injuriada. Preferimos rastejar de joelhos, chafurdar, fazer penitência e matar um cordeiro — e a religião com freqüência nos obriga a isso. Quando o Imperador Henrique IV do Santo Império Romano decidiu buscar o perdão do Papa Gregório VII em 1077, permaneceu descalço por três dias na neve do lado de fora do aposento papal na Itália. Provavelmente, Henrique voltou para casa satisfeito, usando as cicatrizes provocadas pelo congelamento como estigma do perdão. "Apesar de já termos ouvido uma centena de sermões a respeito do perdão, não perdoamos facilmente, nem somos facilmente perdoados. Descobrimos que o perdão é sempre mais difícil do que os sermões o fazem parecer", escreve Elizabeth O'Connor.<sup>3</sup> Acalentamos feridas, percorremos longas distâncias para racionalizar nosso comportamento, perpetuarmos nossas brigas familiares, nos punir e punirmos aos outros — e fazemos tudo isso para fugir desse ato antinatural.

Em uma visita a Bath, na Inglaterra, vi uma reação muito normal para a ofensa. Nas ruínas romanas que ali se encontram, os arqueólogos descobriram várias "maldições" escritas em latim e gravadas sobre

placas de estanho ou bronze. Séculos atrás, usuários dos banhos jogaram essas orações como uma oferta aos deuses do banho, mais ou menos como as modernas moedas nas fontes para ter sorte. Uma delas pede ajuda a uma deusa para uma vingança de sangue contra alguém que havia lhe roubado seis moedas. Outra dizia: "Docimedes perdeu duas luvas. Ele pede que a pessoa que as roubou perca o seu juízo e os seus olhos no templo que frequenta".

Quando olhava para as inscrições em latim e lia suas traduções, tive o pensamento de que essas orações faziam sentido. Por que não empregar o poder divino para nos ajudar na justiça humana aqui na terra? Muitos dos Salmos expressam o mesmo sentimento, implorando a Deus que nos vingue de alguma maldade. "Senhor, se não podes tornar-me magra, então faze os meus amigos ficarem gordos", a humorista irmã Bombeck uma vez orou. O que seria mais humano?

Em vez disso, Jesus, de uma maneira inversa excepcional, instruiu-nos a orar: "Perdoa-nos<sup>4</sup> as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores". No centro da oração do Pai-Nosso, que Jesus nos ensinou, esconde-se furtivo o ato nada natural do perdão. Os banhistas romanos insistiam com os seus deuses para dar apoio à justiça humana; Jesus vinculou o perdão divino à nossa disposição de perdoar atos de injustiça.

Charles Williams<sup>5</sup> disse o seguinte a respeito da Oração do Pai Nosso: "Nenhuma expressão em inglês oferece maior possibilidade de terror do que as palavras 'assim como' nessa cláusula". O que torna "assim como" tão aterrorizante? O fato de que Jesus simplesmente conecta nossa absolvição pelo Pai Nosso perdão contínuo aos outros seres humanos. A próxima observação de Jesus não poderia ser mais explícita: "Porém se não perdoardes<sup>6</sup> aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial não vos perdoará as vós".

Uma coisa é ser apanhado pelo ciclo da não-graça com um cônjuge ou sócio, e outra, totalmente diferente, é ser apanhado nesse ciclo com o Deus todo-poderoso. Mas a Oração do Pai Nosso junta as duas coisas: Quando nos libertamos para interromper o ciclo, para começar de novo, Deus pode libertar-nos e quebrar o ciclo, começar de novo.

John Dryden<sup>7</sup> escreveu a respeito dos efeitos solenes dessa verdade. "Mais libelos foram escritos contra mim do que contra qualquer homem ainda vivo", ele protestou. E preparou-se para atacar seus inimigos. Mas "esta consideração frequentemente me faz tremer quando estou fazendo a oração do Pai Nosso; pois a simples condição do perdão que rogamos é o perdão aos outros das ofensas que fizeram contra nós; por isso tenho, muitas vezes, evitado a comissão dessa falta, mesmo quando fui notoriamente provocado".

Dryden estava certo em tremer. Em um mundo governado pelas leis da não-graça, Jesus requer — ou melhor, exige — uma reação de perdão. Tão urgente é a necessidade do perdão que ele tem precedência sobre os deveres "religiosos": "Portanto, se trouxeres a tua oferta<sup>8</sup> ao altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa diante do altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; depois vem, e apresenta a tua oferta".

Jesus concluiu sua parábola a respeito do servo que não perdoou com uma cena do senhor mandando o servo para a cadeia para ser torturado. "Assim vos fará<sup>9</sup> também meu pai celeste, se de coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas", disse Jesus. Eu desejaria fervorosamente que essas palavras não se encontrassem na Bíblia, mas elas estão lá, enunciadas pelos lábios do próprio Cristo. Deus nos garantiu uma terrível influência: negando o perdão aos outros, estamos, de fato, determinando que eles não são indignos do perdão de Deus, e da mesma forma nós. De algum modo misterioso, o perdão divino depende de nós.

Shakespeare colocou o perdão em *O Mercador de Veneza* da seguinte maneira: "Como esperas tu misericórdia, não concedendo nenhuma?".

Tony Campolo, às vezes, pergunta aos estudantes das universidades seculares o que eles sabem a respeito de Jesus. Conseguiriam eles lembrar-se de alguma coisa que Jesus disse? Quase sempre

espondem:

"Amar os inimigos"<sup>[2]</sup>. Mais do que qualquer outro ensinamento de Cristo, esse se destaca para o crente. Tal atitude não é natural, talvez seja absolutamente suicida. Já é difícil perdoar nossos irmãos como José fez, quanto mais os inimigos! A gangue de bandidos da outra rua? Os terroristas? Os traficantes que envenenam nossa nação?

Muitos éticos preferem concordar com o filósofo Immanuel Kant, que argumentou que uma pessoa deve ser perdoada somente quando merece. Mas o próprio termo perdoar contém a palavra "doar" (exatamente como a palavra pardon, que contém o termo donut e que significa doação). Assim como a graça, o perdão também traz em si a enlouquecedora qualidade de ser não-merecido, sem mérito, injusto.

Por que Deus exigiria de nós um ato nada natural que desafia cada instinto primitivo? O que torna o perdão tão importante para que seja o ponto central de nossa fé? Por minha experiência de pessoa muitas vezes perdoada, e às vezes perdoadora, posso sugerir diversos motivos. O primeiro é teológico. Os outros mais pragmáticos, deixarei para o próximo capítulo.

Teologicamente, os evangelhos dão-nos uma resposta direta quanto à questão por que Deus nos pede para perdoar: simplesmente porque é assim que Deus é. Ao nos dar a ordem "Amai os vossos inimigos" Jesus incluiu nessa ordenança um fundamento lógico: "...para que sejais filhos<sup>11</sup> do vosso Pai que está no céu. Ele faz que o sol se levante sobre maus e bons, e envia chuva sobre justos e injustos".

Qualquer um, disse Jesus, pode amar os amigos e a família: "Não fazem os gentios também assim?" Filhos e filhas do Pai são chamados para obedecer a uma lei mais elevada a fim de que se pareçam com o Pai perdoador. Somos chamados para ser iguais a Deus, para carregarmos a semelhança da família divina.

Lutando com a ordem de "amar os inimigos" enquanto estava sendo perseguido na Alemanha nazista Dietrich Bonhoeffer finalmente concluiu que esta é a própria qualidade "peculiar... extraordinária, fora do comum" que diferencia um cristão das outras pessoas. Mesmo quando trabalhava para solapar o regime ele obedecia à ordem de Jesus para "orar por aqueles que o perseguiam". Bonhoeffer escreveu:

Por meio da oração vamos até o nosso inimigo, ficamos do seu lado e intercedemos por ele com Deus. Jesus não prometeu que quando abençoarmos os nossos inimigos e lhes fizermos o bem eles não abusarão de nós nem nos perseguirão. Certamente eles o farão. Mas nem isso pode nos ferir ou vencer, quando oramos por eles... Estamos fazendo vicariamente o que eles não podem fazer por si mesmos.

Por que Bonhoeffer<sup>12</sup> lutava para amar os seus inimigos e orar pelos seus perseguidores? Ele tinha apenas uma resposta: "Deus ama os seus inimigos — essa é a glória do seu amor, como cada discípulo de Jesus sabe". Se Deus perdoou nossas dívidas, como não fazer o mesmo?

Mais uma vez, a parábola do servo que não perdoou me vem à mente. O servo tinha todo direito de sentir a falta dos poucos dólares que seu companheiro lhe devia. Pelas leis da justiça romana, tinha o direito de jogar o companheiro na cadeia. Jesus não argumentou a respeito da perda pessoal do servo, mas antes, destacou a perda contra o senhor (Deus) que já havia perdoado o servo em diversos milhões de dólares. Apenas a experiência de sermos perdoados torna possível perdoarmos os outros.

Tive um amigo, já falecido, que trabalhou na Universidade de Wheaton por muitos anos, durante os quais ouviu milhares de mensagens devocionais. Muitas dessas mensagens se desvaneceram em um borrão de esquecimento. Outras, porém, se destacaram. Particularmente, ele gostava de recontar a história de Sam Moffat, um professor do Seminário de Princeton, que serviu como missionário na China. Moffat contou aos estudantes de Wheaton uma história comovente de sua fuga dos perseguidores comunistas. Eles tomaram sua casa e todas as suas posses, queimaram as instalações missionárias e mataram alguns dos seus amigos mais chegados. A própria família de Moffat quase não escapou. Quando ele saiu da China, levou consigo um profundo ressentimento contra os discípulos do presidente Mao, um ressentimento que se disseminou por metástase dentro dele.

Finalmente, ele disse aos estudantes de Wheaton que havia enfrentado uma singular crise de fé. "Eu percebi", confessou Moffat, "que se não perdoasse os comunistas não teria mais nenhuma mensagem para

regar".

O evangelho da graça começa e termina com o perdão. E as pessoas escrevem canções com títulos como "Maravilhosa graça" apenas por um motivo: a graça é a única força do universo suficientemente poderosa para quebrar as cadeias que escravizam gerações. Apenas a graça derrete a não-graça.

Particpei de uma reunião, num fim de semana, com dez judeus, dez cristãos e dez muçulmanos. O dirigente do encontro era o escritor e psiquiatra M. Scott Peck. Ele esperava que a reunião pudesse acabar em alguma espécie de comunidade ou, pelo menos, dar início à reconciliação, nem que fosse em uma escala menor, entre os participantes. Não funcionou. Agressões físicas quase irromperam entre aquelas pessoas educadas, sofisticadas. Os judeus falavam de todas as coisas horríveis que lhes foram feitas pelos cristãos. Os muçulmanos falavam de todas as coisas horríveis que lhes foram feitas pelos judeus. Nós cristãos, tentávamos falar de nossos próprios problemas, mas eles empalideciam em contraste com o Holocausto e as dificuldades dos refugiados palestinos, por isso ficamos principalmente nas laterais ouvindo os outros dois grupos falando das injustiças da história.

Em determinado momento, uma mulher judia eloqüente, que fora ativa em tentativas anteriores para reconciliação com os árabes, voltou-se para os cristãos e disse: "Creio que nós, judeus, temos muito a aprender com vocês, cristãos, a respeito do perdão. Não vejo outro caminho para solucionar alguns dos conflitos. Mas ainda acho muito injusto perdoar injustiças. Fico presa entre o perdão e a justiça".

Lembrei-me desse fim de semana quando li as palavras de Helmut Thielicke,<sup>13</sup> um alemão que viveu os horrores do nazismo:

Essa questão de perdoar não é de maneira nenhuma uma coisa simples... Nós dizemos: "Muito bem, se o outro se arrepender e pedir o meu perdão, eu lhe perdoarei, eu desistirei". Fazemos do perdão uma lei de reciprocidade. E isso não funciona nunca. Pois, então, ambos dizemos a nós mesmos: "O outro tem de tomar a iniciativa".

Daí, fico observando como um gavião para ver se o outro vai sinalizar-me com os olhos ou se posso detectar alguma pequena indicação entre as linhas de sua carta que demonstre que está arrependido. Eu estou sempre pronto a perdoar... mas nunca perdôo. Eu sou justo demais.

O único remédio, Thielicke concluiu, era a percepção de que Deus havia perdoado os seus pecados e lhe dado outra oportunidade — a lição da parábola do servo que não perdoou. Quebrar o ciclo da não-graça significa tomara iniciativa. Em vez de esperar que o seu próximo faça o primeiro movimento Thielicke teve de fazer isso, desafiando a lei natural da retribuição e da justiça. Ele o fez apenas quando percebeu que a iniciativa de Deus estava no coração do evangelho que ele estivera pregando, mas não praticando.

No centro das parábolas de Jesus a respeito da graça está um Deus que toma a iniciativa em nossa direção: um pai doente de amor que corre para se encontrar com o filho pródigo, um senhor que cancela uma dívida grande demais para o servo reembolsar, um empregador que paga aos trabalhadores da décima primeira hora o mesmo que pagou ao pessoal da primeira hora, um anfitrião que sai pelas estradas e caminhos à procura de convidados que não merecem o banquete.

Deus despedaçou a inexorável lei do pecado e da retribuição invadindo a terra com o seu amor. Ao observar o pior que tínhamos para oferecer, enviou-nos Jesus, o seu próprio Filho. E, mediante a crucificação de Cristo, fez então desse ato cruel o remédio para a condição humana. O Calvário desfez o impedimento entre a justiça e o perdão. Aceitando sobre o seu ser inocente todas as severas exigências da justiça, Jesus quebrou para sempre a corrente da não-graça.

Assim como Helmut Thielicke, com demasiada frequência eu escorrego de volta para uma luta olho por olho-dente-por-dente que fecha com força a porta do perdão. Por que eu teria de dar o primeiro passo? fui ofendido. Por isso não me mexo e, por causa dessa minha posição, aparecem rachaduras nos meus relacionamentos que, pouco a pouco, se alargam. Com o tempo, essas rachaduras transformam-se em um abismo que parece impossível de transpor. Fico triste, mas raramente aceito a culpa. Pelo contrário



justifico-me e destaco os pequenos gestos que fiz para a reconciliação. Mantenho uma contabilidade mental daquelas tentativas para me defender se for acusado daquela brecha. Fujo do risco da graça para a segurança da não-graça.

Henri Nouwen,<sup>14</sup> que define o perdão como "amor praticado entre pessoas que amam defeituosamente" descreve como o processo do perdão funciona:

Digo com frequência: "Eu perdôo você". Mas, mesmo quando digo essas palavras, meu coração continua zangado ou ressentido. Ainda quero ouvir a história que me diz que eu estava certo, afinal de contas; ainda quero ouvir pedidos de desculpas e justificativas; ainda quero ter a satisfação de receber algum louvor em troca — pelo menos o louvor de ser tão perdoador!

O perdão de Deus, contudo, é incondicional; ele vem de um coração que não exige nada para si mesmo, um coração que está completamente vazio de interesses próprios. É o perdão divino que tenho de praticar em minha vida diária. Ele me convoca para continuar passando por cima de todos os meus argumentos que dizem que o perdão é loucura, doentio e impraticável. Ele me desafia a passar por cima de toda a minha necessidade de gratidão e elogios. Finalmente, ele exige de mim que eu passe por cima daquela parte ferida do meu coração que se sente machucada e maltratada e que deseja ficar no controle e colocar algumas condições entre mim e a pessoa a qual sou solicitado a perdoar.

Um dia descobri estas advertências do apóstolo Paulo aninhada entre muitas outras em Romanos 12: "Aborrecei o mal, alegrai-vos, sede unânimes, não sejais sábios em vós mesmos — e a lista prossegue. Então aparece este versículo: "Não vos vingueis<sup>15</sup> a vós mesmos, amados, mas dai lugar a ira, pois esta é escrita: Minha é a vingança; eu retribuirei, diz o Senhor".

Finalmente, entendi: em última análise, o perdão é um ato de fé. Perdoando outra pessoa, estou confiando que Deus é um juiz melhor do que eu. Perdoando, abandono meus próprios direitos de me vingar e deixo toda a questão da justiça nas mãos divinas. Deixo nas mãos de Deus a balança que deve pesar a justiça e a misericórdia.

Quando José, finalmente, chegou ao ponto de perdoar seus irmãos, a dor não desapareceu, mas o fardo de ser o juiz se desfez. Embora o mal não desapareça quando perdôo, ele perde o seu poder sobre mim e é assumido por Deus, que sabe muito bem o que fazer. Tal decisão envolve risco, naturalmente: o risco de Deus não lidar com a pessoa como eu gostaria (o profeta Jonas, por exemplo, ressentiu-se porque Deus foi mais misericordioso do que os ninivitas mereciam).

Eu nunca achei que o perdão é fácil, e raramente o considero completamente satisfatório. As injustiças importunas continuam, e as feridas ainda doem. Tenho de me aproximar de Deus repetidas vezes entregando a Ele os resíduos do que pensava ter-lhe entregue há muito tempo. Ajo dessa forma porque os evangelhos tornam clara a conexão: Deus perdoa minhas dívidas como eu perdôo meus devedores. O inverso também é verdadeiro: apenas vivendo na correnteza da graça de Deus encontrarei forças para reagir com graça para com os outros.

Um cessar-fogo entre os seres humanos depende de um cessar-fogo com Deus.

Nos desertos do coração deixe a cura jorrar.  
A força dessa prisão ensina o liberto a louvar.

W. H. Auden

## CAPÍTULO 8

### POR QUE PERDOAR?

Participe, de uma discussão animada a respeito da questão do perdão na semana em que Jeffrey Dahmer morreu na cadeia. Dahmer, um assassino em grande escala, havia violentado e depois matado lezesete jovens, canibalizando-os e guardando partes dos corpos em sua geladeira. Sua prisão provocou um abalo no departamento de polícia de Milwaukee, quando se ficou sabendo que os policiais haviam ignorado os desesperados rogos de um adolescente vietnamita que tentou escapar fugindo, nu e sangrando no apartamento de Dahmer. Esse garoto também veio a ser vítima de Dahmer, um dos onze corpos encontrados em seu apartamento.

Em novembro de 1994, Dahmer foi assassinado, espancado até a morte com um cabo de vassoura por um colega de cadeia. O noticiário da televisão naquele dia incluiu entrevistas com os entristecidos parentes das vítimas de Dahmer, muitos dos quais disseram que lastimavam o assassinato de Dahmer apenas porque dera fim à sua vida cedo demais. Ele tinha de sofrer, sendo forçado a viver mais tempo e pensar nas coisas horríveis que havia feito.

Uma rede de televisão apresentou um programa gravado algumas semanas antes da morte de Dahmer. O entrevistador perguntou-lhe como pudera fazer aquelas coisas pelas quais fora condenado. Dahmer disse que naquela ocasião não cria em Deus, e por isso não se sentia culpado de nada. Ele havia começado com pequenos crimes, experimentando pequenos atos de crueldade, e então continuou cada vez mais. Nada o restringia.

Dahmer, depois, contou de sua recente conversão religiosa. Ele fora batizado na cadeia e estava passando todo o seu tempo lendo material religioso que lhe fora dado por um pastor da cidade. A câmera passou para uma entrevista com o capelão da cadeia, que afirmava que Dahmer havia realmente se arrependido e era um dos seus mais fiéis discípulos.

A discussão em meu pequeno grupo tendia a se dividir entre aqueles que haviam apenas assistido aos telejornais a respeito da morte de Dahmer e aqueles que haviam também assistido à entrevista com Dahmer. O primeiro grupo via Dahmer como um monstro e repudiavam sem restrições quaisquer notícias a respeito de uma conversão na cadeia. As fisionomias angustiadas dos parentes impressionaram-nos profundamente. Uma pessoa comentou: "Crimes como esses não podem ser perdoados nunca. Ele não podia estar sendo sincero".

Aqueles que assistiram à entrevista com Dahmer não tinham tanta certeza. Eles concordavam que seus crimes foram hediondos além da imaginação. Mas ele parecia contrito, até mesmo humilde. A conversa retornou à questão: "Alguém pode ficar de fora do perdão?". Ninguém naquela tarde saiu sentindo-se inteiramente satisfeito com as respostas.

O escândalo do perdão confronta qualquer pessoa que concorde com um cessar-fogo moral apenas porque alguém diz "Sinto muito". Quando me sinto ofendido, posso imaginar uma centena de motivos contra o perdão. Ele precisa aprender uma lição. Não quero incentivar o comportamento irresponsável. Vou deixá-la em banho-maria por um tempo; vai-lhe fazer bem. Ela precisa aprender que suas atitudes têm conseqüências. Fui ofendido— não preciso dar o primeiro passo. Como posso perdoar se ele nem mesmo está arrependido?'Eu controlo meus argumentos até que aconteça alguma coisa que derrube a minha existência. Quando, finalmente, amoleço a ponto de conceder o perdão, isso parece uma capitulação, um alto da lógica fria para um sentimento piegas.

Por que, afinal, dei um salto desses? Já mencionei um fator que me motiva como cristão: na qualidade de filho do Pai, recebo ordens de perdoar. Mas os cristãos não têm o monopólio do perdão. Por que alguns de nós, cristãos e não cristãos igualmente, escolhemos esta atitude nada natural? Posso identificar pelo menos três motivos pragmáticos, e quanto mais penso nesses motivos para o perdão, mais reconheço neles uma lógica que parece fundamental, e não apenas "difícil".

Primeiro, o perdão é a única alternativa que pode deter o ciclo da culpa e da dor, interrompendo a cadeia da ausência de graça. No Novo Testamento, a palavra grega mais comum utilizada para o perdão

ignifica, literalmente, soltar, jogar para longe, libertar-se.

Prontamente admito que o perdão é injusto. O hinduísmo, com sua doutrina do karma, mostra um sentido muito mais gratificante de justiça. Os mestres hindus calcularam com precisão matemática quanto tempo leva para que seja feita justiça a uma pessoa: a fim de equilibrar o castigo por todos os meus erros nesta vida e nas vidas futuras, 6.800.000 encarnações seriam suficientes.

O casamento dá um vislumbre do processo do karma operando. Duas pessoas obstinadas vivem juntas e dão nos nervos uma da outra e perpetuam a luta pelo poder por meio de um cabo-de-guerra emocional. — Não consigo acreditar que você esqueceu o aniversário de sua própria mãe —, diz alguém.

— Espere um pouco, você não ficou encarregado de tomar conta do calendário?

— Não tente passar a culpa para mim, ela é sua mãe.

— Sim, mas eu lhe pedi na semana passada que me lembrasse. Por que você não me lembrou?

— Você está louco, ela é sua mãe. Você não é capaz de lembrar o aniversário de sua própria mãe?

— Por que eu deveria? É obrigação sua me lembrar

O diálogo vazio prossegue por, digamos, 6.800.000 ciclos até que, finalmente, um dos cônjuges diz: — Chega! Vou interromper essa cadeia. E a única maneira de fazê-lo é por meio do perdão: Sinto muito. Você me perdoa?

A palavra ressentimento expressa o que acontece se o ciclo continua ininterrupto. Ela significa literalmente, "sentir de novo": o ressentimento apega-se ao passado, libera-o muitas e muitas vezes e arranca cada nova casca, de modo que a ferida nunca sara. Este padrão, sem dúvida, começou com o primeiro casal na terra. "Pense em todas as alterações que Adão e Eva devem ter tido no decorrer de seus novecentos anos", escreveu Martinho Lutero.<sup>1</sup> "Eva diria: 'Você comeu a maçã', e Adão replicaria: 'Você me levou para mim'."

Dois romances escritos por autores premiados com o Nobel exemplificam o padrão em um cenário moderno. Em *Love in the Time of Cholera* [Amor no tempo do cólera], Gabriel Garcia Márquez<sup>2</sup> retrata um casamento que se desintegra por causa de um sabonete. Era obrigação da mulher manter a casa em ordem e inclusive na responsabilidade da provisão de toalhas, papel higiênico e sabonete no banheiro. Um dia ela esqueceu de colocar o sabonete, um esquecimento que o seu marido classificou exageradamente: "Estive tomando banho por quase uma semana sem sabonete", e ela o negou com vigor. Embora fosse verdade que realmente tinha esquecido, o orgulho estava em jogo e ela não voltaria atrás. Durante os sete meses seguintes eles dormiram em quartos separados e comeram em silêncio.

"Mesmo depois que ficaram idosos e plácidos", escreve Marquez, "tinham muito cuidado em tocar no assunto, pois as feridas mal cicatrizadas poderiam começar a sangrar de novo como se tivessem sido infligidas ontem". Como pode um sabonete acabar com um casamento? Porque nenhum dos parceiros foi capaz de dizer: "Chega. Isto não pode continuar. Sinto muito. Perdoe-me".

*The Knot of Vipers* [Ninho de Víboras], de François Mauriac,<sup>3</sup> conta uma história semelhante de um velho homem que passa as últimas décadas — décadas! — de seu casamento dormindo no corredor. Uma brecha se abre há trinta anos porque o marido não havia demonstrado bastante preocupação quando a filha de cinco anos de idade ficou doente. Agora, nem o marido nem a mulher queriam dar o primeiro passo. Todas as noites ele espera que ela se aproxime, mas ela não aparece. Todas as noites ela fica acordada esperando que ele se aproxime, e ele não aparece. Nenhum dos dois vai interromper o ciclo que começou há vários anos. Nenhum deles vai perdoar.

Em suas memórias de uma família realmente desarranjada, *The Liar's Club* [O Clube dos Mentirosos] Mary Karr<sup>4</sup> conta a história de um tio do Texas que continuou casado, mas não falava com a esposa há quarenta anos, desde uma briga por causa do quanto ela gastava com açúcar. Um dia ele pegou uma serra e lividiu sua casa exatamente no meio. Pregou tábuas nos lados cortados pela serra e empurrou uma das metades para trás de um bosque de pinheiros no mesmo terreno. São dois, marido e mulher, vivendo o resto de seus dias em casas separadas.

O perdão oferece uma saída. Ele não resolve todas as questões da culpa e da justiça — com frequência claramente foge dessas questões —, mas permite um relacionamento renovado, que começa outra vez. Desse modo, disse Solzhenitsyn, nós diferimos de todos os animais. Não é a nossa capacidade de pensar nas a nossa capacidade de nos arrependermos e perdoar que nos torna diferentes. Apenas seres humanos podem realizar esse ato antinatural, que transcende a implacável lei da natureza.

Se não transcendemos a natureza, continuamos amarrados a pessoas que não podemos perdoar, presos em suas garras apertadas. Este princípio se aplica até mesmo quando uma das partes é totalmente inocente e a outra, totalmente culpada, pois a parte inocente vai carregar a ferida até que consiga encontrar um caminho para receber alívio. E o perdão é o único caminho. Oscar Hijuelos escreveu um romance comovente, *Mr. Ives' Christmas* [O Natal do sr. Ives], a respeito de um homem que é sufocado pela margura até que, de alguma forma, descobre que pode perdoar o criminoso latino que assassinou seu filho. Embora o próprio Ives não fizesse nada de errado, durante décadas o assassino o manteve como prisioneiro emocional.

Às vezes, divago e imagino um mundo sem perdão. O que aconteceria se cada filho alimentasse ressentimentos contra seus pais e cada família passasse as inimizades para as futuras gerações? Mencione uma família — Daisy, Margaret e Michael — e o vírus da desgraça que afligiu a todos. Eu conheço o respeito e desfruto da amizade de cada membro dessa família, separadamente. Mas, embora partilhem de quase o mesmo código genético, hoje não conseguem ficar sentados juntos na mesma sala. Todos eles me têm protestado a sua inocência — mas os inocentes também sofrem os resultados da falta de graça. "Não quero vê-lo nunca mais enquanto viver!", Margaret gritou para o filho. Ela foi atendida, e agora sofre por causa disso todos os dias. Posso ver o sofrimento na estreiteza de seus olhos e na tensão do seu maxilar todas as vezes em que pronuncio o nome "Michael".

Deixo que minha imaginação avance mais, para um mundo no qual cada ex-colônia abriga ressentimentos contra o seu ex-governo imperial, cada raça odeia as outras raças e cada tribo luta com suas rivais como se todos os agravos da história se acumulassem por trás de cada contato entre nações, raças e tribos. Fico deprimido quando imagino tais cenas porque elas parecem estar tão próximas da história que existe hoje. Como disse Hannah Arendt, a filósofa judia, o único remédio para a inevitabilidade da história é o perdão; caso contrário, continuamos presos na "embaraçosa situação da irreversibilidade".

Não perdoar me aprisiona ao passado e exclui todo potencial de mudança. Assim, transfiro o controle ao outro, meu inimigo, e me condeno a sofrer as conseqüências do erro. Uma vez ouvi um rabino imigrante fazer uma declaração espantosa. "Antes de vir para a América, precisei perdoar Adolf Hitler", ele disse. "Eu não queria trazer Hitler dentro de mim para meu novo país."

Nós perdoamos não apenas para cumprir alguma lei mais elevada de moralidade; fazemo-lo por nós mesmos. Como Lewis Smedes<sup>5</sup> destaca: "A primeira e geralmente única pessoa a ser curada pelo perdão é a pessoa que perdoa... Quando genuinamente perdoamos, libertamos um prisioneiro e então descobrimos que o prisioneiro que libertamos éramos nós".

Para o José da Bíblia, que tinha um ressentimento justificado contra seus irmãos, o perdão derramou-se na forma de lágrimas e gemidos. Estes, como um trabalho de parto, foram arautos da libertação e, por meio deles, José finalmente obteve a liberdade. Ele chamou seu filho de Manasses, que significa "aquele que conduz a ser perdoado". A única coisa mais difícil do que o perdão é não perdoar.

O segundo grande poder do perdão é que ele pode aliviar a força opressora da culpa no perpetrador.

A culpa faz sua obra corrosiva mesmo quando conscientemente é "reprimida. Em 1993, um membro do Ku Klux Klan chamado Henry Alexander fez uma confissão à esposa. Em 1957, ele e diversos outros membros da organização arrancaram um motorista negro da cabine de seu caminhão, levaram-no para um monte deserta por cima de um caudaloso rio e o fizeram pular dali, gritando, para que morresse. Alexander foi acusado pelo crime em 1976 — levou quase vinte anos para ser julgado —, alegou inocência e foi absolvido por um júri de brancos. Durante trinta e seis anos ele insistiu em sua inocência, até 1993, quando

confessou a verdade à esposa. "Nem sei o que Deus planejou para mim. Nem mesmo sei como orar por mim mesmo", ele lhe disse. Alguns dias depois, morreu.

A esposa de Alexander escreveu uma carta pedindo perdão à viúva do homem negro, uma carta que foi depois impressa em *The New York Times*. "Henry viveu uma mentira toda a sua vida, e me fez vivê-la também", ela escreveu. Todos aqueles anos ela havia acreditado na inocência do marido. Ele não demonstrou nenhum sinal exterior de remorso até os últimos dias de sua vida, tarde demais para tentar uma retratação pública. Mas não conseguiu levar o terrível segredo da culpa para a sepultura. Depois de trinta e seis anos de veementes negativas, ainda precisava da libertação que apenas o perdão poderia conceder.

Outro membro da Ku Klux Klan, o Grande Dragão Larry Trapp, de Lincoln, no Nebraska, provocou grandes manchetes nos jornais quando, em 1992, renunciou a seu ódio, rasgou suas bandeiras nazistas e destruiu muitas caixas de literatura voltada ao ódio. Como Kathryn Watterson conta no livro *Not by the sword* [Não pela espada], Trapp<sup>6</sup> fora vencido pelo amor por doador de um cantor judeu e sua família. Embora Trapp lhes enviasse panfletos vis zombando dos judeus e negando o Holocausto, embora fizesse ameaças violentas telefonando para a casa deles, embora escolhesse a sinagoga deles para que fosse explodida, a família do cantor sistematicamente reagia com compaixão e interesse. Diabético desde a infância, Trapp ficou confinado a uma cadeira de rodas e notou que estava perdendo rapidamente a visão; a família do cantor convidou Trapp para que fosse morar com eles, para cuidar dele. "Eles me demonstraram tal amor que eu não pude deixar de amá-los em retribuição", Trapp disse mais tarde. Ele passou seus últimos meses de vida buscando o perdão dos grupos judeus e de muitos indivíduos que havia odiado.

Nos últimos anos, auditórios em todo o mundo estiveram assistindo ao drama do perdão apresentado no palco na versão musical de *Les Misérables* [Os miseráveis]. O musical segue sua fonte original: o romance agitado de Victor Hugo,<sup>7</sup> que conta a história de Jean Valjean, um prisioneiro francês perseguido, finalmente, transformado pelo perdão.

Condenado a dezenove anos de trabalhos forçados pelo crime de roubar pão, Jean Valjean gradualmente endureceu-se até se transformar em um rude prisioneiro. Ninguém podia vencê-lo em uma briga. Ninguém podia quebrar sua vontade. Finalmente, Valjean recebeu a anistia. Mas os condenados naquele tempo tinham de carregar cartões de identificação, e nenhum dono de pousada permitiria que um criminoso perigoso passasse ali a noite. Durante quatro dias vagou pelas estradas do lugarejo, procurando abrigo contra as intempéries, até que, finalmente, um bondoso bispo teve misericórdia dele.

Naquela noite Jean Valjean ficou quieto em uma cama extremamente confortável até que o bispo e sua irmã caíram no sono. Levantou-se da cama, esvaziou os armários onde a família guardava a prata e saiu silenciosamente para as trevas.

Na manhã seguinte, três policiais bateram à porta do bispo, com Valjean a reboque. Eles haviamapanhado o condenado fugindo com a prata furtada e estavam prontos a colocar o canalha na cadeia pelo resto de sua vida.

O bispo reagiu de um jeito que ninguém, especialmente Jean Valjean, esperava.

"Então você está aí!", ele gritou para Valjean. "Que bom vê-lo de novo. Você esqueceu que eu lhe dei também os castiçais? São de prata como o resto, e valem bem uns 200 francos. Esqueceu de levá-los?" Jean Valjean arregalou os olhos. Olhava para o velho homem com uma expressão que palavras não poderiam traduzir.

Valjean não era ladrão, o bispo garantiu aos policiais. "Eu lhe dei esta prata de presente."

Quando os policiais se afastaram, o bispo entregou os castiçais a seu hóspede, agora trêmulo e senil. "Não se esqueça, jamais se esqueça", disse o bispo, "de que você me prometeu que usaria o dinheiro para se tornar um homem honesto."

O poder da atitude do bispo, desafiando todo instinto humano de vingança, transformou a vida de Jean Valjean para sempre. Um encontro direto com o perdão — especialmente porque nunca se arrependera — ferreteou o granito das defesas de sua alma. Ele manteve os castiçais como lembrança preciosa da graça e

dedicou-se daquele momento em diante a ajudar outras pessoas necessitadas.

O romance de Hugo é, de fato, uma parábola de dois gumes a respeito do perdão. Um detetive chamado Javert, que não conhece outra lei além da justiça, persegue Jean Valjean sem misericórdia nas duas décadas seguintes. Assim como Valjean é transformado pelo perdão, o detetive é consumido pela sede de vingança. Quando Valjean salva a vida de Javert — a presa demonstrando graça para com o seu perseguidor —, o detetive sente que o seu mundo em preto-e-branco começa a se desintegrar. Incapaz de conviver com a graça que vai contra todo o instinto, e não encontrando em si mesmo o perdão correspondente, Javert pula de uma ponte e afoga-se no rio Sena.

O perdão magnânimo, tal como foi oferecido a Valjean pelo bispo, dá possibilidade de transformação na parte culpada. Lewis Smedes<sup>8</sup> detalha este processo de "cirurgia espiritual":

Quando você perdoa alguém, você secciona o erro da pessoa que o cometeu. Você separa essa pessoa do ato ruim. Você a recria. Em um momento você a identifica radicalmente como a pessoa que errou contra você. No outro, você muda a identidade dela. Ela é refeita em suas lembranças.

Você não pensa nela agora como a pessoa que o feriu, mas, sim, como a pessoa que precisa de você. Você não a sente agora como a pessoa que se alienou de você, mas, sim, como a pessoa que pertence a você. Antes você a considerava como uma pessoa poderosa no mal, mas agora você a vê como fraca em suas necessidades. Você recriou o passado dela refazendo-a numa pessoa cujo erro tornou o seu passado doloroso.

Smedes acrescenta muitas advertências. Perdão não é o mesmo que indulto, ele adverte: você pode perdoar uma pessoa que errou contra você e, ainda assim, insistir em um castigo justo para esse erro. Mas se você consegue obrigar-se a perdoar, você irá liberar o poder de cura tanto em você como na pessoa que o ofendeu.

Um amigo meu que trabalha com os problemas da cidade questiona se o perdão daqueles que não se arrependem faz sentido. Este homem vê diariamente os resultados do mal no abuso de crianças, nas drogas, na violência e na prostituição. "Se eu sei que uma coisa é errada e 'perdô' sem discriminar o erro, o que estou fazendo?", ele pergunta. "Estou potencialmente capacitando-o, em vez de libertar."

Meu amigo me contou histórias de pessoas com as quais trabalha, e eu concordo que algumas delas parecem além do alcance do perdão. Mas não posso esquecer a cena emocionante do bispo perdoador Jean Valjean, que não admitiu o erro. O perdão tem o seu próprio poder extraordinário que vai além da lei da justiça. Antes de ler *Os Miseráveis*, li *O Conde de Monte Cristo*, um romance de Alexandre Dumas compatriota de Hugo, que conta a história da estranha vingança de um homem injustiçado contra os quatro homens que tramaram contra ele. O romance de Dumas agradou ao meu senso de justiça; o de Hugo despertou em mim o senso da graça.

A justiça tem uma espécie racional e correta de poder. O poder da graça é diferente: não é temporal — transformador, sobrenatural. Reginald Denny, o motorista de caminhão assaltado durante os tumultos no centro-sul de Los Angeles, demonstrou este poder da graça. Toda a nação assistiu ao vídeo gravado de um helicóptero onde dois homens quebraram a janela do seu caminhão com um tijolo, arrancaram-no da cabine, espancaram-no com uma garrafa quebrada e o chutaram até que o seu rosto ficou amassado. No tribunal, seus atormentadores mostraram-se beligerantes e nada arrependidos, não cedendo terreno. Com a mídia mundial acompanhando, Reginald Denny, com o rosto ainda inchado e deformado, descartou-se dos seus advogados, aproximou-se das mães dos dois acusados, abraçou-as e lhes disse que os perdoava. As mães abraçaram Denny e uma delas declarou: "Eu amo você".

Não sei que efeito essa cena causou nos rudes acusados, algemados ali perto. Mas sei que o perdão, e apenas o perdão, pode iniciar o degelo na parte culpada. E também sei que efeito tem sobre mim quando um colega de trabalho, ou minha esposa, me procura espontaneamente e me oferece perdão por alguma coisa errada que eu sou orgulhoso e teimoso demais para confessar.

O perdão — não merecido, não adquirido — pode cortar as cordas e soltar o fardo opressivo de

culpa. O Novo Testamento mostra um Jesus ressurreto levando Pedro pela mão através de um ritual triplé perdão. Pedro não precisava andar pela vida culpado, de olhos baixos como quem traiu o Filho de Deus. Definitivamente não. Sobre as costas de tais pecadores transformados Cristo edificou a sua igreja.

O perdão quebra o ciclo da culpa e afrouxa a força opressora do pecado. Realiza as duas coisas por meio de uma notável ligação, colocando o perdoador do mesmo lado de quem cometeu o erro. Por meio disso, percebemos que não somos tão diferentes do culpado como gostaríamos de pensar. "Eu também sou diferente do que eu mesma me imagino. Saber disto é perdoar", disse Simone Weil.<sup>9</sup>

No início deste capítulo, mencionei um pequeno grupo de debates a respeito do perdão relacionado com o caso de Jeffrey Dahmer. Como acontece com muitas discussões desse tipo, ela começou a derivar das ilustrações pessoais para o abstrato e teórico. Discutimos horrorizados outros crimes, Bósnia e o Holocausto. Quase por acidente, a palavra "divórcio" apareceu e, para surpresa nossa, Rebecca falou.

Rebecca é uma mulher sossegada, e nas semanas em que nos reunimos ela raramente abriu a boca. Ao mencionar o divórcio, entretanto, começou a contar a sua própria história. Ela havia-se casado com um pastor conhecido como líder de retiros. Contudo, tornou-se evidente que seu marido tinha um lado enebroado. Ele chapinhava na pornografia e, em suas viagens para outras cidades, visitava prostitutas. Às vezes, ele pedia perdão à esposa, às vezes, não. Depois de algum tempo, ele a deixou por outra mulher, Julianne.

Rebecca teve o crescente sentimento de que, se não perdoasse o ex-marido, um duro carço de vingança passaria para os seus filhos. Durante meses ela orou. No princípio, suas orações pareciam tão vingativas quanto alguns Salmos: ela pedia a Deus que desse ao ex-marido "o que ele merecia". Finalmente, ela chegou ao ponto de deixar que Deus determinasse, e não ela, "o que ele merecia".

Uma noite Rebecca telefonou para o ex-marido e disse, com voz trêmula e forçada: "Quero que você saiba que eu o perdoo pelo que me fez. E perdoo Julianne também". Ele riu da argumentação dela, não querendo admitir que havia feito alguma coisa errada. Apesar da rejeição, a conversa ajudou Rebecca a superar seus sentimentos de amargura.

Alguns anos depois, Rebecca recebeu um telefonema histórico de Julianne, a mulher que lhe havia roubado" o marido. Estivera assistindo a uma conferência de pastores com ele em Minneapolis, e ele havia saído do hotel para dar um passeio. Passaram-se algumas horas e, então, Julianne recebeu um telefonema da polícia: seu marido fora preso com uma prostituta.

No telefone com Rebecca, Julianne estava soluçando: "Eu nunca acreditei em você", ela disse. "Eu insistia comigo mesma que, mesmo se o que você dizia fosse verdade, ele havia mudado. E agora isto estou tão envergonhada, ferida e culpada. Não tenho ninguém no mundo que possa me compreender. Então me lembrei da noite quando você disse que nos perdoava. Pensei que talvez você pudesse compreender o que estou passando. É uma coisa horrível para lhe pedir, mas eu poderia conversar com você?"

De alguma maneira Rebecca encontrou coragem para convidar Julianne para vir naquela mesma noite. Elas ficaram sentadas na sala de estar, choraram juntas, partilharam histórias de traição e, no final, oraram juntas. Julianne agora aponta para aquela noite como o momento em que se tornou cristã.

Nosso grupo silenciou enquanto Rebecca contava sua história. Ela estava descrevendo o perdão não de forma abstrata, mas em um cenário quase incompreensível de elos humanos: a sedutora do marido e a esposa abandonada ajoelhadas lado a lado em uma sala de estar, orando.

"Durante muito tempo, eu me sentia tola por ter perdoado o meu marido", Rebecca nos dizia. "Mas naquela noite, percebi qual era o fruto do perdão. Julianne estava certa. Eu poderia compreender o que ela estava passando. E, por eu ter estado lá também, podia ficar do lado dela, em vez de ser sua inimiga. Nós duas fomos traídas pelo mesmo homem. Agora eu podia lhe ensinar a vencer o ódio, a vingança e a culpa que ela estava sentindo."

Em *The Art of Forgiving* [A arte de perdoar], Lewis Smedes faz a notável observação de que a Bíblia descreve Deus passando por estágios progressivos quando perdoa, assim como nós, os seres humanos

Primeiro, Deus redescobre a humanidade da pessoa que pecou contra Ele, removendo a barreira criada pelo pecado. Segundo, Deus descarta o seu direito de vingança, preferindo, em lugar disso, assumir o preço em seu próprio corpo. Finalmente, Deus examina de novo os seus sentimentos para conosco descobrindo um jeito de "justificar-nos" para que, ao olhar para nós, veja seus próprios filhos adotivos com a sua imagem divina restaurada.

Ocorreu-me, enquanto pensava nas considerações de Smedes, que o milagre cheio de graça do perdão que Deus tornou-se possível por causa da união que ocorreu quando Deus veio ao mundo em Cristo. De certa maneira, Deus tinha de vir fazer as pazes com estas criaturas que desejava amar — mas como? experimentalmente, Deus não sabia o que era ser tentado pelo pecado, ter um dia difícil. Na terra, vivendo entre nós, aprendeu isso. Ele se colocou do nosso lado.

O livro de Hebreus torna explícito este mistério da encarnação: "Pois não temos<sup>10</sup> um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado". A segunda carta de Paulo aos coríntios vai ainda mais longe: "Aquele que não conheceu pecado,<sup>11</sup> ele o fez pecado por nós". Não podemos ser mais explícitos. Deus fez a ponte sobre o abismo; Ele passou totalmente para o nosso lado. E, por causa disso, o autor das cartas aos Hebreus afirma, Jesus pode defender-nos diante do Pai. Ele esteve lá. Ele compreende.

Pela narrativa dos evangelhos, parece que o perdão também não foi fácil para Deus. "Se possível,<sup>12</sup> passa de mim este cálice", Jesus orou, contemplando o preço que deveria pagar em nosso favor, e o suor pingou dele em gotas de sangue. Não havia outro meio. Finalmente, em uma de suas últimas declarações antes de morrer, Ele disse: "perdoa-lhes"<sup>13</sup> — a todos eles, aos soldados romanos, aos líderes religiosos e aos discípulos que fugiram nas trevas, a você, a mim — "perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem". Apenas tornando-se um ser humano o Filho de Deus poderia realmente dizer: "Não sabem o que fazem". Tendo morado entre nós, Ele agora compreendia!

No pesadelo da escuridão, na Europa,  
ouve-se o ladrar de um cão, as nações aguardam inflamadas,  
cada uma com seu ódio, separadas.

W. H. Auden

## CAPÍTULO 9

### ACERTO DE CONTAS

No meio da recente guerra na antiga Iugoslávia, peguei um livro que havia lido há vários anos: *The Sunflower* [O girassol], de Simon Wiesenthal.<sup>1</sup> Ele narra um pequeno incidente ocorrido durante a mais bem-sucedida campanha de "purificação étnica" deste século, um incidente que explica bastante o que impeliu Wiesenthal a se tornar o principal caçador de nazistas e uma incansável voz pública contra os crimes do ódio. O livro centraliza-se sobre o perdão, e eu o busquei para ter uma visão do que o perdão poderia fazer globalmente — no atoleiro moral, digamos, do que foi antes a Iugoslávia.

Em 1944, Wiesenthal era um jovem prisioneiro polonês entre os nazistas. Ele tinha presenciado indefeso, quando soldados nazistas assassinaram sua avó sobre a escadaria de sua casa e quando eles orçaram sua mãe a entrar em um vagão de carga abarrotado de mulheres judias idosas. Somados, oitenta e



love de seus parentes judeus morreriam nas mãos dos nazistas. O próprio Wiesenthal tentou cometer suicídio quando foi capturado.

Em um luminoso e ensolarado dia, quando o destacamento da prisão para onde Wiesenthal havia sido levado estava limpando o lixo de um hospital para feridos germânicos, uma enfermeira se aproximou dele. "Você é judeu?", ela perguntou hesitante, e depois lhe fez sinal para que a acompanhasse. Apreensivo, Wiesenthal a seguiu por uma escadaria acima e depois por um corredor até que chegaram a um quarto escuro, cheio de mofo, onde um soldado solitário jazia enfaixado. Faixas de gaze branca envolviam o rosto do homem, com aberturas para a boca, o nariz e as orelhas.

A enfermeira desapareceu, fechando a porta atrás dela para deixar o jovem prisioneiro sozinho com a spectral figura. O homem ferido era um oficial da SS, e ele mandara chamar Wiesenthal para uma confissão de leito de morte. "Meu nome é Karl", disse uma voz rouca que vinha de algum lugar de dentro das ataduras. "Preciso lhe contar a respeito desta coisa horrível — contar a você porque você é judeu."

Karl começou sua história lembrando sua criação católica e a fé da infância, que havia perdido na juventude Hitlerista. Mais tarde se oferecera como voluntário para a SS e servira com distinção retornando apenas recentemente, muito ferido, do front russo.

Por três vezes, enquanto Karl tentava contar sua história, Wiesenthal se afastou para sair. Todas as vezes o oficial estendeu a mão branca, quase sem sangue, para agarrar o braço dele. Implorou-lhe que parasse o que tinha acabado de experimentar na Ucrânia.

Na cidade de Dnyepropetrovsk, a unidade de Karl tropeçou sobre armadilhas de minas abandonadas pelos russos em retirada, as quais mataram trinta dos seus soldados. Em um ato de vingança os SS reuniram trezentos judeus, ajuntaram-nos em uma casa de três andares, espalharam gasolina e jogaram granadas nela. Karl e seus homens fizeram um círculo ao redor da casa, com as armas engatilhadas para atirar contra qualquer um que tentasse escapar.

"Os gritos que vinham da casa eram horríveis", ele disse, revivendo a cena. "Vi um homem com uma criança nos braços. Suas roupas estavam em chamas. Ao lado havia uma mulher, sem dúvida a mãe da criança. Com a mão livre, o homem cobria os olhos da criança, depois ele pulou para a rua. Segundo depois a mãe o seguiu. Então, das outras janelas caíram corpos em chamas. Nós atiramos... Oh, Deus!"

O tempo todo Simon Wiesenthal ficou em silêncio, deixando o soldado germânico falar. Karl continuou descrevendo outras atrocidades, mas voltava sempre à cena do menino de cabelos negros e olhos escuros saindo de um edifício, alvo dos tiros dos SS. "Estou abandonado aqui com a minha culpa", ele concluiu finalmente:

Nas últimas horas de minha vida você está comigo. Eu não sei quem você é, apenas sei que é judeu e isso basta.

Eu sei que o que lhe contei é terrível. Nas longas noites enquanto aguardo a morte, de novo e de novo eu desejei conversar a respeito disso com um judeu e pedir perdão a ele. Apenas não sabia se havia ainda judeus com vida... Sei que o que estou pedindo é quase impossível para você, mas sem a sua resposta não posso morrer em paz.

Simon Wiesenthal, um arquiteto com vinte e poucos anos, agora um prisioneiro em um surrado uniforme com a Estrela de Davi amarela, sentiu o imenso fardo esmagador de sua raça sobre ele. Olhou pela janela para o pátio banhado de sol. Olhou para uma mosca verde zumbindo sobre o corpo do homem moribundo, atraída pelo cheiro.

"Finalmente, tomei uma resolução", Wiesenthal escreve, "e sem uma palavra deixei o recinto".

Sunflower tira o perdão da teoria e o lança no meio da história viva. Resolvi reler o livro porque o dilema que Wiesenthal enfrentou tinha muitos paralelos com os dilemas morais que ainda estão rasgando o mundo em pedaços em lugares como Iugoslávia, Ruanda e Oriente Médio.

A primeira parte do livro de Wiesenthal conta a história que eu acabei de resumir. A outra metade registra as reações diante dessa história de astros como Abraham Heschel, Martin Marty, Cynthia Ozick

Gabriel Mareei, Jacques Maritain, Herbert Marcuse e Primo Levi. No final, Wiesenthal voltou-se para ele pedindo suas opiniões para saber se havia agido corretamente.

O oficial da SS, Karl, morreu logo, sem o perdão de um judeu, mas Simon Wiesenthal viveu até se libertado de um campo de extermínio pelas tropas americanas. A cena no hospital o perseguiu como um fantasma. Depois da guerra, Wiesenthal visitou a mãe do oficial em Stuttgart, esperando de alguma forma exorcizar da memória aquele dia. Em vez disso, a visita apenas tornou o oficial mais humano, pois a mãe falou com ternura da juventude piedosa de seu filho. Wiesenthal não teve coragem de lhe contar como ele havia terminado os seus dias.

Através dos anos, Wiesenthal perguntou a muitos rabinos e sacerdotes o que deveria ter feito. Finalmente, mais de vinte anos depois da guerra, ele escreveu a história e a enviou às mais iluminadas mentes éticas que conhecia: judeus, católicos, protestantes e pessoas sem religião. "O que você teria feito em meu lugar?", perguntava.

Dos trinta e dois homens e mulheres que responderam, apenas seis disseram que Wiesenthal havia errado em não perdoar o alemão. Dois cristãos apontavam para o contínuo desconforto de Wiesenthal como agulhadas da consciência que só poderiam ser acalmadas com o perdão. Um deles, um negro que havia servido na Resistência Francesa, disse: "Eu consigo entender sua recusa em perdoar. Está totalmente de acordo com o espírito da Bíblia, com o espírito da Antiga Lei. Mas há uma Nova Lei, a de Cristo expressa nos Evangelhos. Como cristão, acho que você deveria ter perdoado".

Outros ficaram em cima do muro, mas a maioria dos interrogados concordou com Simon Wiesenthal que ele havia feito o que era certo. Que autoridade moral ou legal ele tinha para perdoar crimes cometidos contra outras pessoas?, perguntavam. Um escritor citava o poeta Dryden: "O perdão, aos injuriados pertence".

Alguns poucos interrogados judeus disseram que a enormidade dos crimes nazistas excedia toda possibilidade de perdão. Herbert Gold, um escritor e professor americano, declarou: "A culpa desse horror jaz tão profundamente sobre os alemães dessa época que nenhuma reação pessoal diante dela é justificável". Outro disse: "Os milhões de pessoas inocentes que foram torturadas e assassinadas teriam de ser restituídas à vida para que eu pudesse perdoar". A romancista Cynthia Ozick foi veemente: "Que homem da SS morra sem absolvição. Que ele vá para o inferno". Um escritor cristão confessou: "Acho que eu teria estrangulado em sua cama".

Alguns poucos comentaristas questionaram toda a noção de perdão. Uma professora desprezou o perdão como um ato de prazer sensual, o tipo de coisa que os amantes fazem depois de uma briga antes de voltar para a cama. Não tem cabimento, ela disse, em um mundo de genocídio e holocausto. Perdoe, e tudo poderá ser facilmente repetido.

Quando li *The Sunflower* pela primeira vez, dez anos atrás, fui tomado de surpresa pela quase unanimidade das respostas. Esperava mais dos teólogos cristãos ao falar de misericórdia. Mas, desta vez quando reli as eloqüentes respostas à pergunta de Wiesenthal, fui atingido pela lógica terrível, cristalina falta de perdão. Em um mundo de atrocidades indescritíveis, o perdão realmente parece injusto e lesonesto, irracional. Indivíduos e famílias precisam aprender a perdoar, sim, mas como fazer tais princípios elevados aplicarem-se a um caso como o da Alemanha nazista? Como o filósofo Herbert Marcuse disse: "Não se pode, e não se deve, andar alegremente por aí matando e torturando e, então quando chega a hora, simplesmente pedir e receber perdão".

É esperar demais que os elevados ideais éticos do evangelho — no qual o perdão se encontra no ímago — sejam transportados para o mundo brutal da política e diplomacia internacional? Neste mundo que chance tem uma coisa tão etérea como o perdão? Essas perguntas me atormentavam enquanto relia a história de Wiesenthal e ouvia as incessantes más notícias da antiga Iugoslávia.

Meus amigos judeus têm falado com admiração da ênfase cristã sobre o perdão. Eu o tenho apresentado como nossa arma mais poderosa para desarmar o contra-ataque da não-graça. Mesmo assim

Como o grande mestre judeu Joseph Klausner<sup>2</sup> destacou no início deste século, a grande insistência dos cristãos em tais ideais nos deixam vulneráveis à crítica devastadora. "A religião representa o que há de mais elevado em termos de ética e ideal", escreve Klausner, "enquanto a vida política e social representa o outro extremo da barbaridade e do paganismo".

Klausner afirma que os fracassos da história cristã provam sua opinião de que Jesus ensinou uma ética impraticável que não vai funcionar em um mundo real. Ele menciona a Inquisição espanhola, que "não devia ser incompatível com o cristianismo". Um crítico contemporâneo poderia acrescentar a essa lista a Jugoslávia, Ruanda e, sim, até mesmo a Alemanha nazista, pois todos esses três conflitos aconteceram em nações consideradas cristãs.

Será que a ênfase cristã sobre o amor, a graça e o perdão tem alguma relevância fora das famílias em disputa ou grupos de encontros nas igrejas? Em um mundo onde a força significa poder, um ideal elevado como o perdão pode parecer etéreo como vapor. Stalin compreendeu este princípio muito bem quando lembrou da autoridade moral da igreja: "Quantas divisões de soldados tem o papa?".

Para ser honesto, eu não sei como reagiria no lugar de Simon Wiesenthal. Poderíamos ou deveríamos perdoar crimes dos quais não fomos vítimas? Karl, o oficial da SS, arrependeu-se, amenizando sua situação. Mas o que dizer dos rostos de pedra, quase sorrindo com desdém, nos julgamentos de Nuremberg e Stuttgart? Martin Marty, um dos cristãos interrogados no livro de Wiesenthal, escreveu estas linhas, com as quais sou tentado a concordar: "Posso responder apenas com o silêncio. Os que não são judeus, e talvez especialmente os cristãos, não deveriam dar conselhos aos seus herdeiros a respeito da experiência do Holocausto durante os próximos dois mil anos. E, então, não teremos nada a dizer".

Ainda assim, tenho de admitir, enquanto leio as eloqüentes vozes que dão apoio à falta do perdão, que não posso ficar sem imaginar o que é mais difícil, o perdão ou a falta de perdão. Herbert Gold julgou que nenhuma reação pessoal para com ela (a culpa alemã) é injustificável". Oh?! O que dizer de uma execução vingativa de todos os alemães sobreviventes — seria justificável?

O argumento mais forte em favor da graça é o seu oposto, um mundo de não-graça. O mais forte argumento para o perdão é a outra alternativa — um permanente estado de falta de perdão. Concordo que o Holocausto cria condições especiais. Que dizer de outros exemplos mais contemporâneos? Ao escrever estas palavras, cerca de dois milhões de refugiados hutus estão sentados sem fazer nada nos campos de refugiados nas fronteiras da Ruanda, recusando todas as solicitações para que voltem para casa. Seus líderes, gritando através de chifres de boi, os advertem de que não confiem nas promessas dos tutsis de que tudo está perdoado". "Eles vão matá-los", dizem os líderes hutus. "Eles vão procurar vingar os quinhentos mil tutsis que assassinamos."

Enquanto escrevo isto, soldados americanos estão ajudando a manter unidas as quatro nações separadas que se formaram ao longo das fronteiras de uma Jugoslávia dilacerada pela guerra. Como muitos americanos, acho desconcertante, impronunciável e perverso tudo o que se refere à região dos Balcãs. Mas, depois de reler *The Sunflower*, comecei a ver os Balcãs como simplesmente o cenário do último estágio de um recorrente motivo da história. Onde reina a falta de perdão, como o ensaísta Lance Morrow destacou, uma lei newtoniana entra em jogo: para cada atrocidade tem de haver uma atrocidade igual e oposta.

Os sérvios, naturalmente, são os bodes expiatórios de todos para o que está acontecendo na Jugoslávia. Observe a linguagem utilizada para descrevê-los na supostamente objetiva seção de notícias da revista *Time*: "O que aconteceu na Bósnia é simplesmente sordidez e barbarismo — o trabalho sujo de mentirosos e cínicos manipulando preconceitos tribais, usando propaganda de antigas atrocidades e inimizades feudais para atingir o resultado da política suja da 'purificação étnica'".) Apanhados na repulsa justa — e totalmente apropriada — às atrocidades sérvias, o mundo ignora um fato: os sérvios estão simplesmente acompanhando a terrível lógica da falta de perdão.

A Alemanha nazista, o mesmo regime que eliminou oitenta e nove membros da família de Simon

Viesenthal e que provocou palavras tão ásperas de pessoas refinadas como Cynthia Ozick e Herber Marcuse, incluía os sérvios em sua campanha de "purificação étnica" durante a Segunda Guerra Mundial. É verdade que na década de 1990 os sérvios mataram dezenas de milhares — mas, durante a ocupação nazista no território dos Balcãs em 1940, os alemães e croatas mataram centenas de milhares de sérvios, gitanos e judeus. A memória histórica continua: na recente guerra, alemães neonazistas alistaram-se para lutar ao lado dos croatas, e unidades do exército croata atrevidamente desfraldaram bandeiras com símbolos nazistas, o antigo símbolo fascista croata.

"Nunca mais", foi o grito unânime dos sobreviventes do Holocausto. E foi também o que inspirou os sérvios a desafiar as Nações Unidas e, virtualmente, o mundo inteiro. Nunca mais permitirão que os croatas dominem o território habitado pelos sérvios. Nunca mais aceitarão os muçulmanos também: a última guerra que tiveram com os muçulmanos acabou em cinco séculos de domínio turco (em perspectiva histórica, um período duas vezes mais longo do que a existência dos Estados Unidos).

Na lógica da falta de perdão, não bater nos inimigos seria trair os ancestrais e os sacrifícios que fizeram. Existe, porém, uma falha maior na lei da vingança: ela nunca estabelece o final do jogo. Os turcos venceram e vingaram em 1389, na Batalha de Kosovo; os croatas, na década de 1940; agora é a nossa vez, dizem os sérvios. Mas um dia, como os sérvios certamente sabem, os descendentes das vítimas que hoje foram torturadas e mutiladas vão-se levantar para buscar a vingança dos vingadores. A porta da armadilha foi aberta e morcegos selvagens voejam ao redor. Nas palavras de Lewis Smedes:<sup>3</sup>

A vingança é uma paixão de acerto de contas. É um desejo ardente de devolver tanto sofrimento quanto alguém lhe infligiu... O problema

com ela é que nunca alcança o que deseja; nunca chega ao empate. A justiça nunca acontece. A reação em cadeia iniciada por cada ato de vingança sempre segue o seu curso desimpedida. Ela amarra ambos, o injuriado e o injuriador, a uma escada rolante de sofrimento. Ambos

são impedidos de prosseguir na escada quando se exige paridade, e a escada não pára nunca, nunca deixa ninguém descer.

O perdão pode ser injusto — e ele é, por definição —, mas pelo menos fornece um meio de parar com o carro da dedicação cega da retribuição. Hoje, quando escrevo, a violência está irrompendo ou ardendo constantemente bem debaixo da superfície entre a China e Taiwan, Índia e Paquistão, Rússia e Chechênia, Grã-Bretanha e Irlanda e, especialmente, entre judeus e árabes no Oriente Médio. Cada uma destas disputas retrocede a décadas, séculos, ou, como no caso dos judeus e árabes, milênios. Cada lado luta para vencer uma injustiça do passado, para consertar um erro percebido.

O teólogo Romano Guardini<sup>4</sup> oferece este diagnóstico para a falha fatal na busca da vingança. Enquanto você estiver emaranhado no erro e na vingança, golpe e contragolpe, agressão e defesa, você será constantemente atraído para um novo erro... Apenas o perdão nos liberta da injustiça dos outros". Se todos seguissem o princípio "olho por olho" da justiça, observou Gandhi, no final todo o mundo estaria no inferno.

Temos muitas demonstrações vivas da lei da falta de perdão. Nas tragédias históricas de Shakespeare: Sófocles, corpos espalham-se desordenadamente pelo palco. Macbeth, Ricardo III, Tito Andrônico e Electra devem matar e matar e matar até que obtenham sua vingança, então passam a viver com medo de que alguns inimigos tenham sobrevivido e procurem a contravengança.

A trilogia O Poderoso Chefão, de Francis Ford Coppola e Os Imperdoáveis, de Clint Eastwood exemplificam a mesma lei. Vemos a lei operando nos terroristas do IRA que explodem pessoas que estavam fazendo compras na cidade de Londres, parcialmente por causa das atrocidades cometidas lá em 1649 — que, por sua vez, foram ordenadas por Oliver Cromwell para vingar um massacre em 1641. Vemos esses mesmos acontecimentos no Sri Lanka, na Argélia, no Sudão e nas repúblicas em guerra na antiga União Soviética.

"Simplesmente reconheçam seus crimes contra nós", dizem os armênios aos turcos, "e nós vamos para

le explodir aviões e assassinar seus diplomatas". A Turquia recusa-se inflexivelmente. Em determinado ponto da crise dos reféns no Irã, o governo iraniano anunciou que soltaria todos os reféns ilesos se o presidente dos Estados Unidos se desculpasse por ter apoiado no passado o regime opressor do Xá. Jimmy Carter, um cristão regenerado que compreendia o perdão e ganhou merecida reputação como pacificador negou-se. Sem pedidos de desculpas, ele disse: "Nossa honra nacional estava em jogo".

"Descobri que uma palavra gentil com uma arma consegue mais do que apenas uma palavra gentil" dizia John Dillinger. Sua observação ajuda a explicar por que os países pobres hoje gastam mais da metade de suas receitas anuais em armas. Em um mundo decaído, a força opera. Helmut Thielicke<sup>5</sup> lembra-me de seu primeiro estudo bíblico depois de se tornar pastor na igreja alemã estatal. Determinado a confiar nas palavras de Jesus "todo o poder me foi dado no céu e na terra", tentou convencer-se de que até mesmo Adolf Hitler, então no poder, era um mero fantoche pendurado por cordas nas mãos de um Deus soberano. O grupo reunido para estudar a Bíblia consistia em duas senhoras idosas e um organista ainda mais velho e paralisado. Nesse momento, lá fora, nas ruas, marchavam os batalhões reluzentes da Juventude Hitlerista. "O reino dos céus é como um grão de mostarda...", Thielicke precisava lembrar.

Essa imagem, um punhado de santos orando a portas fechadas, enquanto lá fora legiões poderosas marcham com passo de ganso, com frequência indica como eu me sinto. As armas da fé parecem virtualmente sem poder em combate contra as forças da não-graça. Alguém pode lutar contra ogivas nucleares com apenas um estilingue?

A História, porém, mostra que a graça tem o seu próprio poder. Grandes líderes, como Lincoln e Gandhi, King, Rabin e Sadat me vêm à mente; todos eles pagaram o preço máximo por desafiar a lei da não-graça e podem ajudar a criar um clima nacional que conduza à reconciliação. Como seria diferente a História moderna se Sadat e não Saddam governasse o Iraque. Ou se um Lincoln surgisse das ruínas da Jugoslávia.

A política lida com coisas exteriores: fronteiras, riquezas, crimes. O perdão autêntico lida com o mal no coração da pessoa, uma coisa para a qual a política não tem cura. O mal virulento (racismo, ódio étnico, etc.) espalha-se pela sociedade como uma doença no ar; um acesso de tosse infecta todos os passageiros de um ônibus. A cura, como uma vacina, tem de ser aplicada a cada pessoa por vez. Quando momentos de graça ocorrem, o mundo tem de fazer uma pausa, ficar em silêncio e reconhecer que realmente o perdão oferece uma espécie de cura.

Em 1987, uma bomba do IRA explodiu em uma pequena cidade a oeste de Belfast, no meio de um grupo de protestantes que estavam reunidos para homenagear os mortos no Dia dos Veteranos. Onze pessoas morreram e sessenta e três ficaram feridas. O que fez este ato de terrorismo destacar-se de muitos outros foi a reação de um dos feridos, Gordon Wilson,<sup>6</sup> um devoto metodista que havia emigrado para o norte vindo da República Irlandesa para trabalhar como negociante de tecidos. A bomba sepultou Wilson e sua filha de vinte anos de idade sob quase dois metros de concreto e tijolos. "Papai, eu te amo muito" foram as últimas palavras de Marie, agarrada à mão do pai enquanto aguardavam quem os salvasse. Ele teve sérios ferimentos na coluna e no cérebro, e morreu algumas horas depois no hospital.

Um jornal mais tarde proclamou: "Ninguém lembra o que os políticos tiveram a dizer naquela ocasião. Ninguém que ouviu Gordon "Wilson vai se esquecer um dia do que ele disse. Sua graça subiu acima das miseráveis justificativas dos terroristas". Falando em seu leito de hospital, Wilson disse: "Eu perdi minha filha, mas não tenho ressentimentos. Palavras amargas não vão trazer Marie Wilson de volta à vida. Eu vou orar, hoje à noite e todas as noites, para que Deus lhes perdoe".

As últimas palavras de sua filha foram palavras de amor, e Gordon Wilson determinou esgotar sua vida nessa planície de amor. "O mundo chorou", disse um repórter, "quando Wilson deu entrevista semelhante na rádio BBC naquela semana".

Depois de receber alta no hospital, Gordon Wilson liderou uma cruzada para reconciliação de protestantes e católicos. Os extremistas protestantes que planejavam vingar a explosão decidiram, po-

causa da publicidade que rodeava Wilson, que tal comportamento seria politicamente prejudicial. Wilson escreveu um livro a respeito de sua filha, falou contra a violência e repetiu constantemente o refrão: "Comor é o fundamento". Ele se encontrou com p IRA, perdoou-os pessoalmente pelo que haviam feito e pediu-lhes que depusessem suas armas. "Eu sei que vocês perderam entes queridos, exatamente como eu" ele disse. "Certamente, bastante é bastante. Sangue bastante já foi derramado."

A República Irlandesa finalmente transformou Wilson em um membro do Senado. Quando ele morreu em 1995, a República Irlandesa, a Irlanda do Norte e toda a Grã-Bretanha homenagearam este cidadão cristão comum que ganhou fama por seu espírito de graça e de perdão fora do comum. Seu espírito denunciou pelo contraste os violentos atos de retaliação, e sua vida de pacificador veio a simbolizar o consolo pela paz dentro de muitas outras pessoas que nunca aparecerão nas manchetes dos jornais.

"Abençoar as pessoas que oprimiram nosso espírito, que nos feriram emocionalmente ou de outras maneiras nos aleijaram é a obra mais extraordinária que qualquer um de nós poderia fazer", escreveu Elizabeth O'Connor.<sup>7</sup>

Há dez anos, outro drama de perdão pessoal captou a atenção irrequieta do mundo. O papa João Paulo I foi à prisão Rebibbia de Roma para visitar Mehmet Ali Agca, um assassino de aluguel que tentou matá-lo e quase conseguiu. "Eu o perdô", disse o Papa. A revista Time,<sup>8</sup> impressionada com o acontecimento publicou uma reportagem de capa ao papa na qual Lance Morrow escreveu: "João Paulo quis, entre outras coisas, demonstrar como as dimensões particulares e públicas da atividade humana podem amalgamar-se em ação moral... João Paulo quis proclamar que grandes questões são determinadas, ou pelo menos denunciadas, pelos impulsos elementares do coração humano: ódio ou amor". Morrow continuou, citando um jornal de Milão: "Não haverá como evitar guerras, fome, miséria, discriminação racial, negação de direitos humanos e nem mesmo mísseis se nossos corações não forem transformados". Morrow acrescentou:

A cena em Rebibbia teve um esplendor simbólico. Ela brilhou em solitário contraste com o que o mundo tem testemunhado ultimamente no noticiário. Durante algum tempo, houve uma suspeita de que a trajetória da história era descendente, que o mundo se movia da desordem para uma desordem maior, para as trevas — ou mais, para a explosão global terminal. O simbolismo do quadro de Rebibbia é exatamente a mensagem cristã de que as pessoas podem ser redimidas, que elas estão subindo na direção da luz.

A atitude de João Paulo brilhou mais intensamente por causa de seu cenário obscuro: uma cela nua de concreto, o perfeito pano de fundo para a melancólica lei da falta de perdão. Assassinos devem ficar presos e ser executados, e não perdoados. Mas, por um momento, a mensagem do perdão irradiou através das paredes da prisão, mostrando ao mundo um caminho de transformação, e não de vingança.

O papa, naturalmente, estava seguindo o exemplo daquele que não sobreviveu ao atentado contra a sua vida. Os tribunais irregulares da Judéia encontraram um jeito de aplicar uma sentença de pena capital sobre o único homem perfeito que já viveu na terra. Da cruz, Jesus pronunciou a sua própria contra-sentença, dando um golpe eterno contra a lei da falta de perdão. Notavelmente, ele perdoou aqueles que não se arrependeram: "[Eles] não sabem o que fazem".<sup>9</sup>

Os soldados romanos, Pilatos, Herodes e membros do Sinédrio estavam "apenas executando o seu dever" — a desculpa fraca mais tarde utilizada para explicar Auschwitz, My Lai e o Gulag —, mas Jesus acabou com esse verniz institucional e falou ao coração humano. Eles precisavam de perdão, mais do que qualquer outra coisa. Sabemos, aqueles de nós que crêem na expiação, que Jesus tinha mais em mente do que os seus executores quando enunciou aquelas palavras finais. Ele pensava em nós. Na cruz, e apenas na cruz, ele acabou com a lei das conseqüências eternas.

O perdão interessa em um lugar como a Iugoslávia, onde tanta maldade foi realizada? Sim, ou as pessoas ali não terão esperança de conviver juntas. Como tantas crianças que sofreram abuso aprenderam em o perdão não podemos nos libertar das garras do passado. O mesmo princípio se aplica às nações.

Tenho um amigo cujo casamento passou por momentos tumultuados. Uma noite George passou do

limites. Bateu na mesa e pisou forte no chão. "Eu te odeio!", gritou para a esposa. "Não agüento mais! Já basta! Não vou continuar! Não vou permitir! Não! Não! Não!"

Vários meses depois, meu amigo acordou no meio da noite e ouviu estranhos sons vindos do quarto onde seu filho de dois anos dormia. Atravessou pesadamente o corredor, parou por um momento do lado da porta do quarto do seu filho e calafrios passaram pelo seu corpo. Mal conseguia respirar. Com vozinha mansa, a criança de dois anos de idade estava repetindo palavra por palavra, com inflexão exata, a briga entre seus pais. "Eu te odeio... Eu não agüento mais... Não! Não! Não!"

George entendeu que de maneira horrível ele havia transmitido seu sofrimento, raiva e falta de perdão para a próxima geração. Não é o que está acontecendo por toda a Iugoslávia agora?

Dissociado do perdão, o monstruoso passado pode despertar a qualquer momento da hibernação para piorar o presente. E também o futuro.

Apenas um pequeno estalo...  
mas esta os jazem túneis desabar.  
Alexander Solznenitsyn

## CAPÍTULO 10

### O ARSENAL DA GRAÇA

Walter Wink<sup>1</sup> conta de dois pacifistas que visitaram um grupo de cristãos poloneses dez anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial. "Vocês não gostariam de se encontrar com os cristãos da Alemanha Ocidental?", os pacifistas perguntaram. "Eles querem pedir perdão pelo que a Alemanha fez à Polônia durante a guerra e iniciar, dessa forma, um novo relacionamento."

No início houve silêncio. Então um polonês falou: "O que vocês estão pedindo é impossível. Cada pedra de Varsóvia está encharcada de sangue polonês! Não podemos perdoar!"

Contudo, antes do grupo partir, recitaram juntos a oração do Pai Nosso. Quando chegaram às palavras "perdoa-nos os nossos pecados assim como nós perdoamos...", todos pararam de orar. A tensão cresceu no recinto. O polonês que havia falado com tanta veemência disse: "Eu tenho de dizer sim a vocês. Não posso mais fazer a oração do Pai Nosso, não posso mais me chamar de cristão se recusar o perdão. Humanamente falando, não posso, mas Deus vai dar-nos a força!". Dezoito meses depois, os cristãos poloneses e alemães ocidentais reuniram-se em Viena, estabelecendo laços de amizade que continuam até o dia de hoje.

Um livro recente, *The Wages of Guilt* [O salário da culpa]<sup>2</sup> explora as diferenças de atitude na culpa da guerra da Alemanha e do Japão. Os sobreviventes alemães, como aqueles que pediram perdão aos poloneses, tendem a aceitar a responsabilidade pelos crimes cometidos durante a guerra. Por exemplo quando o prefeito de Berlim, Willy Brandt, visitou Varsóvia em 1970, caiu de joelhos diante do memorial das vítimas do gueto de Varsóvia. "Este gesto... não foi planejado", ele escreveu. "Oprimido pelas lembranças da história recente da Alemanha, eu simplesmente fiz o que as pessoas fazem quando as palavras não são suficientes."

De maneira diferente, o Japão tem relutado em reconhecer qualquer culpa pelo seu papel na guerra. O imperador Hirohito anunciou a derrota do Japão com a clássica atenuante: "A situação da guerra enveredou por um caminho não necessariamente vantajoso para o Japão", e as declarações do pós-guerra foram calculadas exatamente da mesma maneira. O governo japonês negou-se a comparecer às comemorações de

üinquagésimo aniversário de Pearl Harbor porque os Estados Unidos fizeram o convite condicionado a um pedido de perdão. "O mundo inteiro é responsável pela guerra", insistiu o secretário do governo. Até 1995, na realidade, o Japão não usou a palavra "desculpas" a respeito de seus atos.

Hoje, as crianças alemãs aprendem na escola os detalhes a respeito do Holocausto e outros crimes nazistas. Os estudantes no Japão aprendem a respeito das bombas atômicas lançadas sobre eles, mas não sobre o Massacre de Nanquim, o tratamento brutal dos prisioneiros de guerra e a vivissecção dos prisioneiros americanos, ou ainda sobre as "escravas sexuais" estrangeiras recrutadas para servir aos soldados japoneses. Como resultado, o ressentimento arde em países como a China, Coréia e Filipinas.

O contraste não precisa ser levado tão longe porque ambos, Japão e Alemanha, receberam a aceitação das nações do mundo, um sinal do "perdão" internacional por sua agressão. Mas a Alemanha tem sido bem recebida como parceira integral na nova Europa, lado a lado com suas antigas vítimas, enquanto o Japão ainda está negociando arranjos com seus antigos inimigos cautelosos. Sua demora em pedir perdão atrasou o processo da aceitação plena.

Em 1990, o mundo assistiu a um drama de perdão encenado no palco da política mundial. Depois que a Alemanha Oriental escolheu um parlamento em suas primeiras eleições, os representantes resolveram assumir as rédeas do governo. O bloco comunista estava mudando diariamente, a Alemanha Ocidental estava propondo um passo radical de reunificação e o novo parlamento tinha muitas questões de estado importantes a considerar. Como seu primeiro ato oficial, entretanto, eles decidiram votar esta declaração extraordinária, esboçada em linguagem teológica, e não política:

Nós, os primeiros<sup>3</sup> parlamentares livremente eleitos da GDR... para o bem dos cidadãos desta nação admitimos a responsabilidade pela humilhação, expulsão e assassinato de homens, mulheres e crianças judeus. Sentimos tristeza e vergonha, e reconhecemos o fardo da história germânica... Sofrimento mensurável foi infligido aos povos do mundo durante a era do socialismo nacional... Pedimos a todos os judeus do mundo que nos perdoem. Pedimos ao povo de Israel que nos perdoe pela hipocrisia e hostilidade da política oficial da Alemanha Oriental para com Israel e pela perseguição e humilhação dos cidadãos judeus em nosso país também depois de 1945.

O parlamento da Alemanha Oriental aprovou a declaração por unanimidade. Os membros ficaram de pé durante uma longa ovação e, então, fizeram uma pausa de silêncio em memória dos judeus que haviam morrido no Holocausto.

O que tal ato do parlamento conseguiu? Certamente não trouxe os judeus assassinados de volta à vida nem desfez os monstruosos atos do nazismo. Não, mas ajudou a afrouxar a força opressora da culpa que esteve estrangulando os alemães orientais por quase meio século — cinco décadas nas quais seu governo negou firmemente qualquer necessidade de perdão.

Do seu lado, a Alemanha Ocidental já se arrependeu oficialmente pelas abominações. Além disso, a Alemanha Ocidental pagou sessenta bilhões de dólares de reparação aos judeus. O simples fato de que existe um relacionamento entre a Alemanha e Israel é uma demonstração espantosa de perdão entre nações. A graça tem o seu próprio poder, até mesmo na política internacional.

Recentemente, vimos outros dramas públicos de perdão apresentados em nações antes controladas pelo comunismo.

Em 1983, antes da Cortina de Ferro se levantar e durante o período da lei marcial, o papa João Paulo I visitou a Polônia, onde realizou uma imensa missa ao ar livre. Multidões organizadas em grupos pelos seus párocos marcharam pela Ponte Poniatowski e dirigiram-se ao estádio. Exatamente antes da ponte, o corteiro passava bem diante do prédio do Comitê Central do Partido Comunista e, de hora em hora, os velotões da marcha cantavam em uníssono: "Nós perdoamos, nós perdoamos!", ao passarem pelo edifício. Alguns gritavam as palavras com toda sinceridade. Outros gritavam quase com desprezo, como se não fossem eles: "Vocês não são nada, nós nem mesmo odiávamos vocês".

Alguns anos depois, Jerzy Popeilusko, um padre de trinta e cinco anos de idade, cujos sermões



letrificaram a Polônia, foi encontrado boiando no rio Vístula com os olhos furados e as unhas arrancadas. Novamente os católicos saíram às ruas marchando com bandeiras que diziam: "Nós perdoamos. Nós perdoamos". Popeiluszko pregara a mesma mensagem domingo após domingo às multidões que enchiam a praça diante de sua igreja: "Defendam a verdade. Vençam o mal com o bem". Depois de sua morte, eles continuaram lhe obedecendo e, no final, foi exatamente este espírito de graça prevalecente que provocou o colapso do regime.

Por toda a Europa Oriental a luta do perdão ainda está em andamento. Um pastor na Rússia deveria perdoar os oficiais da KGB que o prenderam e arrasaram a sua igreja? Os romenos deveriam perdoar os médicos e enfermeiras que acorrentaram órfãos doentes às suas camas? Os cidadãos da Alemanha Oriental deveriam perdoar os delatores — inclusive professores de seminário, pastores e cônjuges traidores — que os espionaram? Quando a ativista dos direitos humanos Vera Wollenberger soube que fora o seu marido que a havia denunciado para a polícia secreta, resultando em sua prisão e exílio, correu para o banheiro e vomitou. "Eu não gostaria de que ninguém experimentasse o inferno pelo qual passei", ela diz.

Paul Tillich uma vez definiu o perdão como lembrar o passado para que ele possa ser esquecido — um princípio que se aplica às nações como também aos indivíduos. Embora o perdão nunca seja fácil, e possa lembrar por gerações, o que mais poderia quebrar as cadeias que escravizam as pessoas ao seu passado histórico?

Nunca me esquecerei de uma cena que testemunhei na União Soviética em outubro de 1991. Conteí a história num livro publicado logo após a visita, mas vale a pena recontá-la. Na ocasião, o império soviético estava se desmanchando. Mikhail Gorbachev estava pendurado em seu cargo por um fio e Boris Yeltsin consolidava seu poder dia após dia. Eu acompanhei uma delegação de cristãos que se encontrou com líderes russos em resposta ao pedido deles para ajudá-los a "restaurar a moralidade" no país.

Embora Gorbachev e todos os oficiais do governo que visitamos nos recebessem calorosamente, os antigos do nosso grupo nos advertiram que aguardássemos tratamento diferente na noite em que visitamos o quartel-general da KGB. Uma estátua do seu fundador, Feliks Dzerzhinsky, podia ter sido derrubada do pedestal pela multidão no lado de fora do edifício, mas sua memória vivia ali dentro. Uma grande fotografia do conhecido líder ainda pendia de uma parede em nossa sala de reuniões. Agentes, com os rostos tão inexpressivos e impassíveis quanto os de seus estereótipos cinematográficos, estavam de pé junto à porta do auditório forrado de painéis de madeira enquanto o general Nikolai Stolyarov, o vice-presidente da KGB, apresentava-se à nossa delegação. Nós nos preparamos.

"Encontrar-se com os senhores aqui esta noite", começou o general Stolyarov, "é uma mudança no mundo que não poderia ter sido concebida pelo mais louco escritor de ficção". Ele tinha razão. Em seguida, ele nos deixou perplexos dizendo: "Nós aqui na URSS entendemos que com muita frequência somos negligentes em aceitar os seguidores da fé cristã. Mas questões políticas não podem ser decididas até que haja sincero arrependimento, um retorno do povo à fé. Esta é a cruz que tenho de carregar. No estudo do ateísmo eficiente, há a idéia de que a religião divide o povo. Agora vemos o oposto: o amor a Deus apenas pode unir".

Nossas cabeças giravam. Onde ele havia aprendido a frase "carregar uma cruz"? E a outra palavra — arrependimento? O tradutor havia acertado? Lancei um olhar para Peter e Anita Deyneka, banidos da Rússia há treze anos por causa de sua obra cristã, agora mastigando biscoitos no quartel-general da KGB.

Yoel Nederhood, um homem gentil e educado que fazia programas de rádio e televisão para a Igreja Cristã Reformada, queria fazer uma pergunta a Stolyarov. "General, muitos de nós lemos o relatório de Solzhenitsyn a respeito do Gulag. Alguns de nós até mesmo perdemos membros da família ali." Seu comentário colocou alguns dos seus colegas em guarda, e a tensão na sala aumenta sensivelmente. "Seus agentes, naturalmente, são responsáveis pela fiscalização das prisões, inclusive aquela localizada no porão deste edifício. Como o senhor responde a esse passado?"

Stolyarov respondeu cautelosamente: "Eu falei de arrependimento. Este é um passo essencial. Você:

provavelmente conhecem o filme de Abuladze com esse título. Não pode haver perestroika sem arrependimento. Chegou o momento de nos arrependermos do passado. Nós transgredimos os Dez Mandamentos, e por isso estamos pagando".

Eu havia assistido a *Repentance* [Arrependimento], de Tengiz Abuladze, e a alusão de Stolyarov ao filme foi assombrosa. O filme detalhava falsas denúncias, prisões forçadas, queima de igrejas — os próprios atos que deram à KGB sua reputação de crueldade, especialmente contra a religião. Na era de Stalin, cerca de 42.000 sacerdotes perderam suas vidas, e o número total de sacerdotes declinou de 80.000 para 172. Cerca de mil mosteiros, sessenta seminários e 98% das igrejas ortodoxas foram fechadas.

*Repentance* descreve as atrocidades do ponto de vista de uma cidade provinciana. Na cena mais pungente do filme, mulheres da vila rebuscam a lama de um depósito de madeiras inspecionando um carregamento de toras que havia acabado de descer o rio. Elas estão procurando mensagens de seus maridos que cortaram essas toras em um acampamento de prisioneiros. Uma mulher encontra as iniciais gravadas na casca e, chorando, acaricia ternamente a tora, seu único fio de conexão com um marido que ela não pode acariciar. O filme termina com uma camponesa pedindo o endereço de uma igreja. Informada de que está na rua errada, ela responde: "Para que serve uma rua se não leva a uma igreja?"

Abruptamente, a reunião tomou um rumo mais pessoal quando Alex Leonovich levantou-se para falar. Alex estivera sentado na ponta da mesa traduzindo para Stolyarov. Nativo da Bielo-Rússia, ele havia escapado do reinado do terror de Stalin e emigrara para os Estados Unidos. Durante quarenta e seis anos havia transmitido programas de rádio cristãos, às vezes com interferências, para a sua terra natal. Ele conhecia pessoalmente muitos dos cristãos que foram torturados e perseguidos por sua fé. Para ele, esta tradução dessa mensagem de reconciliação de um alto oficial da KGB era assustador e quase incompreensível.

Alex, um homem corpulento com aparência de vovô, representa a velha guarda de guerreiros que lutaram por mais de meio século para que houvesse mudanças na União Soviética — essas mesmas mudanças que estávamos aparentemente testemunhando. Ele falou lentamente e com voz baixa ao general Stolyarov.

"General, muitos membros de minha família sofreram por causa desta organização", disse Alex. "Eu mesmo tive de sair do país que amava. Meu tio, que me era muito caro, foi para um campo de trabalho forçados na Sibéria e nunca mais voltou. General, o senhor diz que se arrepende. Cristo nos ensinou sobre como responder. Em nome de minha família, em nome do meu tio que morreu no Gulag, eu o perdôo".

E, então, Alex Leonovich, um evangelista cristão, estendeu os braços para o general Nikolai Stolyarov, vice-presidente da KGB, e lhe deu um abraço de urso russo. Enquanto eles se abraçavam, Stolyarov sussurrou alguma coisa para Alex, e só mais tarde ficamos sabendo o que ele disse. "Apenas duas vezes em minha vida eu chorei. Uma vez foi quando minha mãe morreu. A outra é hoje à noite."

"Eu me sinto como Moisés", disse Alex no ônibus de volta para casa naquela noite. "Eu vi a terra prometida. Estou preparado para a glória."

O fotógrafo russo que nos acompanhava teve uma visão menos otimista. "Tudo não passou de uma encenação", ele disse. "Eles usaram máscaras diante de vocês. Não consigo acreditar." Mas ele também vacilava, desculpando-se um pouco depois: "Talvez eu esteja errado. Não sei mais em que acreditar".

Nas próximas décadas — e talvez séculos — a extinta União Soviética vai enfrentar questões de perdão. O Afeganistão, a Chechênia, a Armênia, a Ucrânia, a Letônia, a Lituânia, a Estônia — cada um desses estados tem ressentimentos contra o império que os dominava. Cada um deles vai questionar as motivações, como o fotógrafo que nos acompanhou ao quartel-general da KGB. Por bons motivos, os russos não confiam uns nos outros ou no seu governo. O passado deve ser lembrado antes de ser vencido.

Mesmo assim, superar a história é possível, ainda que lenta e imperfeitamente. As cadeias da desgraça podem realmente quebrar-se com um estalo. Nós, nos Estados Unidos, experimentamos a reconciliação em

escala nacional: arquiinimigos na Segunda Guerra Mundial, a Alemanha e o Japão são agora nossos aliados mais leais. Ainda mais significativamente — e de relevância mais direta para lugares como a extinta União Soviética e a Iugoslávia —, nós lutamos em uma sangrenta Guerra Civil que jogou família contra família e a nação contra si mesma.

Fui criado em Atlanta, na Geórgia, onde as atitudes para com o general Sherman, que queimou Atlanta até os alicerces, dão uma idéia de como os muçulmanos da Bósnia devem ter-se sentido a respeito de seus vizinhos sérvios. Foi Sherman, afinal, que introduziu a tática da "terra arrasada" da guerra moderna, uma política que seria aperfeiçoada nos Bálcãs. De alguma forma, nossa nação sobreviveu, unida. Os sulistas ainda debatem os méritos da bandeira dos Confederados e a canção "Dixie", mas não tenho ouvido muita discussão a respeito da secessão ultimamente, ato que dividiria a nação em enclaves étnicos. Ao contrário. Dois dos nossos recentes presidentes vieram de Arkansas e da Geórgia.

Depois da Guerra Civil, políticos e conselheiros insistiram em que Abraham Lincoln punisse o Sul severamente por todo o derramamento de sangue que provocou. "Eu não destruo meus inimigos quando os transformo em meus amigos?", respondeu o presidente, que preferiu estabelecer um plano magnânimo de reconstrução. O espírito de Lincoln orientou a nação mesmo depois de sua morte, talvez o motivo central porque os Estados "Unidos" permaneceram assim.

Ainda mais impressionantes são os passos para a reconciliação entre as raças negra e branca, uma das quais possuía a outra. Os efeitos duradouros do racismo provam que são precisos muitos anos e muito trabalho árduo para desfazer a injustiça. Ainda assim, cada passo que os afro-americanos dão na direção da participação como cidadãos implica um movimento na direção do perdão. Nem todos os negros perdoam e nem todos os brancos se arrependem; o racismo divide a nação profundamente. Mas compare nossa situação com o que aconteceu, digamos, na antiga Iugoslávia. Não tenho visto nenhuma metralhadora bloqueando as estradas para Atlanta ou granadas da artilharia caindo em Birmingham.

Fui criado como racista. Embora ainda não tenha cinqüenta anos de idade, lembro-me bem quando o Sul praticava uma forma perfeitamente legal de apartheid. As lojas na cidade de Atlanta tinham três banheiros: homens brancos, mulheres brancas e negros. Os postos de gasolina tinham dois bebedouros, um para os brancos e outro para os negros. Os motéis e restaurantes serviam apenas aos clientes brancos, e quando o Ato dos Direitos Civis tornou essa discriminação ilegal, muitos proprietários fecharam seus estabelecimentos.

Lester Maddox, mais tarde eleito governador da Geórgia, foi um dos donos de restaurantes que protestaram. Depois de fechar as suas distribuidoras de frango frito, ele abriu um memorial para a morte da liberdade, apresentando uma cópia do "Declaração dos Direitos" repousando em um caixão coberto com um pano negro. Para sustentar-se, vendia porretes e cabos de machadinhas em três diferentes tamanhos: Papai, Mamãe e Júnior, réplicas dos porretes utilizados para bater nos negros que faziam passeatas pelos direitos civis. Comprei um desses cabos de machados com o dinheiro que ganhei entregando jornais. Lester Maddox, às vezes, vinha à minha igreja (sua irmã era membro), e foi lá que fiquei conhecendo um fundamento teológico distorcido para o meu racismo.

Na década de 60, a mesa diaconal da igreja mobilizou esquadrões de vigilância e, aos domingos, eles se revezavam patrulhando as entradas para que nenhum negro viesse nos "perturbar" integrando-se a nós. Ainda tenho um dos cartões que os diáconos imprimiram para entregar a cada participante dos direitos civis que pudesse aparecer.<sup>[3]</sup>

Crendo que as motivações do seu grupo são dissimuladas e contrárias aos ensinamentos da Palavra de Deus, não podemos estender-lhe as boas-vindas e, respeitosamente, lhe pedimos que deixe o recinto. As Escrituras NÃO ensinam "a fraternidade dos homens e a paternidade de Deus". Ele é o Criador de todos os homens. Pai apenas daqueles que foram regenerados.

Se qualquer um de vocês está aqui com o sincero desejo de conhecer Jesus Cristo como Salvador e Senhor, estaremos dispostos a falar individualmente a respeito da Palavra de Deus.

(Declaração unânime do pastor e diáconos, agosto de 1960)

Quando o Congresso assinou o Ato dos Direitos Civis, nossa igreja criou uma escola particular com o brigo para os brancos, expressamente proibida para todos os estudantes negros. Alguns poucos membros "liberais" deixaram a igreja em protesto quando o jardim-de-infância não aceitou a filha de um professor negro do seminário, mas a maioria de nós aprovou a decisão. Um ano depois, a junta da igreja rejeitou um estudante do Instituto Bíblico Carver como membro (seu nome era Tony Evans e ele tornou-se um notável pastor e orador da atualidade).

Costumávamos chamar Martin Luther King Jr. de "Martin Lúcifer Negro". Dizíamos que King era um comunista de carteirinha, um agente marxista que apenas se disfarçava em ministro. Só muito tempo depois fui capaz de apreciar a força moral do homem que, talvez mais do que qualquer outra pessoa, evitou uma guerra racial no Sul.

Meus colegas brancos na escola e na igreja aplaudiam os confrontos televisionados de King com os delegados sulistas, cães da polícia e cavalaria. Pouco sabíamos que fazendo assim estávamos agindo indiretamente a favor da estratégia de King. Ele deliberadamente procurava indivíduos como o delegado Bull Connor e se submetia às cenas de confrontação, aceitando espancamentos, prisões e outras brutalidades porque acreditava que uma nação complacente se reuniria ao redor de sua causa apenas quando visse o mal do racismo manifesto em seu extremismo mais cruel. "O cristianismo", ele costumava dizer, "sempre tem insistido que a cruz que levamos precede a coroa que usamos".

King registrou a sua luta com o perdão em "Cartas da Cadeia da Cidade de Birmingham". Fora da cadeia, pastores sulistas estavam denunciando-o como comunista, multidões estavam gritando "enforcem o negro!" e policiais estavam sacudindo cassetetes contra os seus partidários desarmados. King conta que precisou jejuar por diversos dias para obter a disciplina espiritual necessária para perdoar seus inimigos.

Forçando o mal a aparecer em público, King estava tentando alcançar um reservatório nacional de coragem moral, um conceito que eu e meus amigos não estávamos equipados para compreender. Muitos historiadores apontam um acontecimento como o momento único no qual o movimento obteve finalmente uma massa crítica de apoio para a causa dos direitos civis. Ocorreu em Selma, no Alabama, quando o delegado Jim Clark soltou os seus policiais contra os ativistas negros desarmados.

Os policiais montados incitaram seus cavalos para correr pela multidão da passeata adentro manejando seus cassetetes, quebrando cabeças e derrubando corpos ao chão. Enquanto os brancos nas laterais berravam e aplaudiam, os policiais jogavam gás sobre os participantes históricos da passeata. Muitos americanos tiveram a primeira visão da cena quando a televisão interrompeu o filme dominicano "Judgment at Nuremberg [Julgamento em Nuremberg]", para apresentar o noticiário. O que o público viu transmitido ao vivo de Alabama tinha uma semelhança horrível com aquilo a que estavam assistindo no filme a respeito da Alemanha nazista. Oito dias depois o presidente Lyndon Johnson submeteu à votação o Ato dos Direitos de 1965 ao Congresso dos Estados Unidos.

King havia desenvolvido uma estratégia sofisticada de guerra com graça, sem pólvora. Nunca se recusou a encontrar-se com seus adversários. Opunha-se à política, mas não às personalidades. O que é mais importante: ele atacava a violência com a não-violência, e o ódio com o amor. "Não vamos procurar satisfazer a nossa sede de liberdade bebendo do cálice da amargura e do ódio", ele exortava seus discípulos. "Não podemos permitir que nossos protestos criativos degenerem em violência física. Novamente, temos de atingir as majestosas alturas de enfrentar a força física com a força da alma."

Andrew Young, companheiro de King, lembra-se daqueles dias turbulentos como um período quando eles procuravam salvar "os corpos dos homens negros e as almas dos homens brancos". Seu verdadeiro alvo, dizia King, não era derrotar o homem branco, mas "despertar um sentimento de vergonha dentro do opressor e desafiar seu falso senso de superioridade... O fim é a reconciliação; o fim é a redenção; o fim é a criação da comunidade bem-amada". E foi o que Martin Luther King Jr. finalmente conseguiu, até mesmo com racistas intransigentes como eu. O poder da graça desarmou minha própria maldade teimosa.

Hoje, quando olho para minha infância, sinto vergonha, remorso e também arrependimento. Levou anos para Deus quebrar minha armadura de racismo espalhafatoso — fico imaginando se alguns de nós não dão razão às suas formas mais sutis — e agora vejo esse pecado como um dos mais malignos, com talvez o maior impacto social. Ouço muitas conversas hoje a respeito da classe inferior e da crise na América urbana. Os técnicos culpam as drogas, o declínio dos valores, a pobreza e a derrocada do núcleo familiar típico me perguntando se todos esses problemas não seriam conseqüências de uma causa mais profunda subjacente: nosso pecado de racismo com séculos de idade.

Apesar da radioatividade moral e social do racismo, de alguma forma a nação permaneceu unida, e as pessoas de todas as cores finalmente juntaram-se ao processo democrático, até mesmo no Sul. Já há alguns anos, Atlanta tem tido prefeitos afro-americanos. E, em 1976, os americanos viram a cena extraordinária de George Wallace aparecendo diante da liderança negra do Alabama para desculpar-se pelo seu comportamento passado para com os negros, um pedido que ele repetiu na televisão.

A atitude de Wallace — ele precisava dos votos dos negros em uma disputa apertada para governador — foi mais fácil de entender do que a reação. Os líderes negros aceitaram seu pedido de desculpas e os cidadãos negros o perdoaram, votando nele maciçamente. Quando Wallace foi à Igreja Batista em Montgomery, onde King havia lançado o movimento dos direitos civis, para pedir desculpas, os líderes que lhe vieram oferecer perdão incluíam Coretta Scott King, Jesse Jackson e o irmão de Medgar Evers que fora assassinado.

Até a igreja de minha infância aprendeu a arrepender-se. Quando a vizinhança mudou, a freqüência à igreja começou a declinar. Quando assisti a um culto há alguns anos, fiquei assustado por encontrar apenas algumas centenas de freqüentadores espalhados no grande santuário que, na minha infância, costumava ficar abarrotado com mil e quinhentas pessoas. A igreja parecia amaldiçoada, arruinada. Ela havia experimentado novos pastores e novos programas, mas nada funcionava. Embora os líderes buscassem a participação dos afro-americanos, poucos na vizinhança aceitavam o convite.

Finalmente, o pastor, um colega meu de infância, deu o passo fora do comum de programar um culto de arrependimento. Antes do culto, ele escreveu a Tony Evans e ao professor do seminário pedindo perdão. Depois, pública e dolorosamente, na presença de líderes afro-americanos, ele confessou o pecado de racismo praticado pela igreja no passado. Ele confessou — e recebeu o perdão deles.

Embora parecesse que um fardo fora retirado da congregação depois do culto, isso não foi suficiente para salvar a igreja. Alguns anos depois, a congregação branca mudou-se para os subúrbios, e hoje uma congregação afro-americana, As Asas da Fé, enche o edifício e faz balançar suas janelas novamente.

Elton Trueblood<sup>4</sup> observa que a imagem que Jesus usou para descrever o destino da igreja — "as portas do inferno não prevalecerão contra ela" — é uma metáfora de ataque, e não de defesa. Os cristãos estão bombardeando as portas, e vão prevalecer. Não importa o que a igreja pareça em determinados pontos da história, as portas guardando os poderes do mal não vão permanecer contra um assalto da graça.

Os jornais preferem fixar-se em guerras violentas: bombardeios em Israel e Londres, esquadrões da morte na América Latina, terrorismo na Índia, no Sri Lanka e na Argélia. Produzem imagens sombrias de rostos sangrentos e membros amputados que temos de enfrentar neste mais violento século de todos. E ainda assim ninguém pode negar o poder da graça.

Quem pode esquecer as imagens das Filipinas, quando gente comum ajoelhou-se diante de tanques de cinquenta toneladas que tiveram de se desviar subitamente como se colidissem com um escudo invisível de oração? As Filipinas são o único país de maioria cristã na Ásia, e foi ali que as armas da graça venceram as armas da tirania. Quando Benigno Aquino desceu do avião em Manila, exatamente antes de ser assassinado, tinha nas mãos um discurso com esta citação de Gandhi: "O sacrifício espontâneo dos inocentes é a resposta mais poderosa para a tirania insolente que já foi concebida por Deus ou pelo homem". Aquino nunca teve oportunidade de fazer esse discurso, mas sua vida, e a de sua esposa, comprovaram aquelas palavras proféticas. O regime de Marcos sofreu um golpe fatal.

A Guerra Fria, diz o ex-senador Sam Nunn, não acabou "em um inferno nuclear, mas em um reluzir de velas nas igrejas da Europa Oriental". As procissões de velas na Alemanha Oriental não apareceram nos noticiários da noite, mas ajudaram a transformar a face do globo. Primeiro algumas centenas, depois milhares, depois trinta mil, cinquenta mil e, finalmente, quinhentas mil — quase toda a população da cidade — saíram em Liepzig para vigílias à luz de velas. Depois de uma reunião de oração na Igreja de São Nicolau, os pacíficos manifestantes marcharam pelas ruas escuras, cantando hinos. A polícia e os soldados com todas as suas armas pareciam impotentes contra essa força. Finalmente, na noite em que semelhante marcha em Berlim Oriental atraiu um milhão de manifestantes, o odioso Muro de Berlim desmoronou sem que um tiro fosse disparado. Uma imensa bandeira apareceu em uma rua de Leipzig: Wir danken Dir Kirche (Agradecemos a você, igreja).

Como uma rajada de ar puro desfazendo nuvens estagnadas de poluição, a pacífica revolução espalhou-se por todo o globo. Apenas em 1989 dez nações: Polônia, Alemanha Oriental, Hungria, Tchecoslováquia, Bulgária, Romênia, Albânia, Iugoslávia, Mongólia e União Soviética, compreendendo meio bilhão de pessoas, experimentaram revoluções não-violentas. Em muitos desses países, a minoria cristã executou papel crucial. A pergunta zombeteira de Stalin: "Quantas divisões de soldados tem o papa?" recebeu resposta.

Então, em 1994, veio a mais surpreendente revolução de todas, surpreendente porque quase todos esperavam derramamento de sangue. A África do Sul, entretanto, também foi o centro materno do protesto pacífico, pois foi onde Mohandas Gandhi, estudando Tolstói e o Sermão da Montanha, desenvolveu sua estratégia de não-violência (que Martin Luther King Jr. mais tarde adotou). Com muita oportunidade para praticar, os sul-africanos aperfeiçoaram o uso das armas da graça. Walter Wink<sup>5</sup> conta de uma mulher negra que estava caminhando pela rua com os filhos quando um homem branco cuspiu no seu rosto. Ela parou e disse: "Obrigada, e agora nas crianças". Estupefato, o homem não foi capaz de reagir.

Em uma aldeia, mulheres negras sul-africanas subitamente se viram rodeadas por soldados com suas máquinas de terraplanagem. Os soldados anunciaram, por meio de um alto-falante, que os habitantes tinham dois minutos para sair antes que a vila fosse arrasada. As mulheres não tinham armas, e os homens da vila estavam no trabalho. Conhecendo a formação puritana dos afrikaners da Igreja Holandesa Reformada da zona rural, as mulheres negras se colocaram na frente das máquinas e tiraram toda a roupa. Os policiais fugiram, e a vila continua de pé até o dia de hoje.

As notícias nos jornais raramente mencionam o papel-chave que a fé cristã representou na revolução pacífica na África do Sul. Depois que um grupo de mediadores, liderado por Henry Kissinger, abandonou todas as esperanças de convencer o Partido Libertador Inkatha a participar das eleições, um diplomata cristão do Quênia encontrou-se secretamente com todos os diretores, orou com eles e ajudou-os a mudar de idéia (uma bússola misteriosamente defeituosa no avião atrasou o vôo, possibilitando este encontro crucial).

Nelson Mandela quebrou a cadeia da ausência de graça quando emergiu de sua prisão de vinte e seis anos com uma mensagem de perdão e reconciliação, e não de vingança. O próprio F. W. De Klerk, eleito pelas menores e mais restritamente calvinistas igrejas sul-africanas, sentiu o que mais tarde descreveu como "um forte senso de chamado". Disse à sua congregação que Deus o chamava para salvar todo o povo da África do Sul, mesmo sabendo que isso significaria rejeição por parte de seu próprio povo.

Líderes negros insistiram que De Klerk pedisse desculpas pelo apartheid racial. Ele se esquivou porque seu próprio pai estivera envolvido na implantação do sistema. Mas o bispo Desmond Tutu<sup>6</sup> cria que era essencial que o processo da reconciliação na África do Sul começasse com perdão, e ele não cederia. De acordo com Tutu, "podemos ensinar uma lição ao mundo, ao povo da Bósnia, Ruanda e Burundi. Estamos prontos a perdoar". Finalmente, De Klerk pediu perdão.

Agora que a maioria negra tem o poder político, estão formalmente considerando questões de perdão. O ministro da justiça parece muito teológico quando formula um plano de ação. Ninguém pode perdoar em

ugar das vítimas, ele diz; elas próprias têm de perdoar pessoalmente. E ninguém pode perdoar sem plena livulgação; o que aconteceu e quem fez o quê tem de ser primeiramente revelado. Além disso, aqueles que cometeram atrocidades têm de concordar em pedir perdão antes que este seja concebido. Passo a passo, os sul-africanos estão se lembrando do seu passado a fim de perdoá-lo.

O perdão não é fácil nem bem definido, como os sul-africanos estão descobrindo. O papa pode perdoar quem tentou assassiná-lo, mas não pode pedir que o soltem da cadeia. Pode-se perdoar os alemães, porém colocando restrições nos seus exércitos; perdoa-se um estuprador de crianças, mantendo-o no entanto afastado de suas vítimas; perdoa-se o racismo, contudo reforçam-se as leis para evitar que seja praticado novamente.

As nações que buscam o perdão, em toda a sua complexidade, podem pelo menos evitar as conseqüências horríveis da alternativa: a falta de perdão. Em vez de cenas de massacre e guerra civil, o mundo alegrou-se à vista dos negros sul-africanos em longas filas que, em alguns casos, se estendiam por quilômetros de um quilômetro e meio, dançando de júbilo por sua primeira oportunidade de votar.

Considerando que o perdão vai contra a natureza humana, ele deve ser ensinado e praticado, como se praticasse qualquer arte difícil. "O perdão não é simplesmente um ato ocasional: é uma atitude permanente" disse Martin Luther King Jr. Que presente maior os cristãos poderiam dar ao mundo do que a formação de uma cultura que preserva a graça e o perdão?

Os beneditinos, por exemplo, têm um comovente culto de perdão e reconciliação. Depois de danças baseadas nas instruções da Bíblia, os líderes pedem a cada presente que identifique questões que exigem perdão. Os participantes mergulham então as mãos em uma grande vasilha de cristal com água, "segurando" o sentimento nas mãos em concha.

Enquanto oram por graça para perdoar, gradualmente suas mãos se abrem para simbolicamente "soltar" o ressentimento. "Encenar uma cerimônia como esta com todo o corpo", diz Bruce Demarest, um participante, "tem mais poder transformador do que simplesmente enunciar as palavras 'eu perdô'". Que impacto seria se negros e brancos na África do Sul, ou nos Estados Unidos, mergulhassem suas mãos repetidas vezes em uma vasilha comum de perdão!

Em seu livro *The Prisoner and the Bomb* [O prisioneiro e a bomba], Laurens van der Post<sup>7</sup> narra a miséria de suas experiências no tempo da guerra em um campo japonês para prisioneiros em Java. Nesse lugar tão pouco propício ele concluiu:

A única esperança para o futuro estava na atitude abrangente do perdão das pessoas que foram nossas inimigas. O perdão, minha experiência na prisão me ensinou, não era mero sentimentalismo religioso; era uma lei fundamental do espírito humano, como a lei da gravidade. Se alguém transgride a lei da gravidade quebra o pescoço; se alguém transgride a lei do perdão, inflige um ferimento mortal ao espírito e se torna novamente um membro da cadeia de prisioneiros da mera causa e efeito da qual a vida tem lutado para escapar tão dolorosamente e há tanto tempo.

# PARTE III

## Cheiro de escândalo

### CAPÍTULO 11

#### UM LAR PARA BASTARDOS: UMA HISTÓRIA

Will Campbell foi criado em uma pequena fazenda no Mississippi. Gostava de ler e nunca se encaixou no seu ambiente rural. Estudou muito e, finalmente, conseguiu entrar na Yale Divinity School. Depois da formatura, voltou para o Sul para pregar e foi nomeado diretor de vida cristã na Universidade de Mississippi. Foi no início da década de 60, quando os cidadãos participavam de manifestações contra os ativistas dos direitos civis. Os estudantes e administradores perceberam a visão liberal de Campbell sobre integração, e sua tarefa na escola acabou abruptamente interrompida.

Campbell logo se viu no fogo da batalha, liderando campanhas de registro de eleitores e supervisionando os jovens idealistas do Norte que migravam para o Sul para se juntar à cruzada dos direitos civis. Entre eles havia um estudante da Harvard Divinity School chamado Jonathan Daniels, que havia aceitado o convite do dr. King para dar apoio em Selma. A maior parte dos voluntários voltou para casa depois da grande marcha, mas Jonathan Daniels ficou; ele e Will Campbell tornaram-se amigos.

A teologia de Campbell estava passando por uma prova naqueles dias. Grande parte da oposição ao seu trabalho vinha de "bons cristãos" que se recusavam a deixar que pessoas de outras raças entrassem em suas igrejas. Esses "bons cristãos" se ofendiam com qualquer um que se envolvesse com as leis que favoreciam os brancos. Campbell encontrava aliados mais facilmente entre agnósticos, socialistas e alguns devotos do Norte.

"Em dez palavras ou menos, qual é a mensagem cristã?", um agnóstico o desafiou. O interlocutor era P. D. East, um editor de jornal renegado que considerava os cristãos como inimigos e não podia entender o compromisso teimoso de Will com a fé religiosa.

Não me recordo bem se estávamos indo para algum lugar ou voltando quando ele disse: "Vamos ver dez palavras". Eu disse: "Nós todos somos bastardos, mas Deus nos ama mesmo assim". East não comentou o que achava do resumo; depois de contar o número de palavras nos seus dedos, limitou-se a dizer: "Eu lhe dei um limite de dez palavras. Se você tentar de novo ficará com duas palavras sobrando". Não tentei de novo, mas ele, com frequência, me lembrava do que havia dito naquele dia.

A definição atormentou P. D. East; Campbell não sabia, mas ele era realmente filho ilegítimo e foi chamado de "bastardo" toda a vida. Campbell havia escolhido a palavra não apenas para efeito de choque, mas também para ser teologicamente exato: espiritualmente, nós somos filhos ilegítimos, convidados, e apesar disso, para nos juntar à família de Deus. Quanto mais Campbell pensava a respeito de sua definição improvisada do evangelho, mais gostava dela.

East, porém, submeteu essa definição a uma dura prova, no dia mais tenebroso da vida de Campbell



um delegado do Alabama, chamado Thomas Coleman, matou o amigo de vinte e seis anos de Campbell Jonathan Daniels foi preso por fazer piquetes diante de lojas de brancos. Ao ser solto, ele se aproximou de um armazém para dar um telefonema e arranjar uma carona quando Coleman apareceu com uma arma e esvaziou em seu abdome. Os projéteis atingiram uma outra pessoa, um adolescente negro, nas costas ferindo-o gravemente.

O livro de Campbell,<sup>1</sup> Brother to a Dragonfly [Irmão de uma Libélula], registra a conversa com East naquela noite, que resultou no que Campbell lembra como "a lição teologicamente mais iluminadora que já vive em toda a minha vida". P. D. East permaneceu na ofensiva até nesse momento de desgraça:

"Sim, irmão. Vamos ver se a sua definição de fé agüenta o teste." Eu havia telefonado para o Departamento de Justiça, para a União Americana das Liberdades Civis e para um advogado amigo em Nashville. Falei a respeito da morte de meu amigo como sendo uma caricatura da justiça, como um racasso completo da lei e da ordem, como uma violação da lei federal e estadual. Usei palavras como 'caipirão, branco miserável, kluxer, ignorante e muitas outras. Eu havia estudado sociologia, psicologia e política social e estava falando e pensando naqueles termos. Também havia estudado teologia do Novo Testamento.

P. D. aproximou-se de mim como um tigre. "Venha cá, irmão. Vamos falar a respeito de sua definição" Em determinado momento, Joe (o irmão de WiH) voltou-se para ele: "Calma, P. D. Você não percebe quando uma pessoa está nervosa?". Mas P. D. o afastou com um aceno, amando-me demais para me deixar sozinho.

"Jonathan era um bastardo?", foi a primeira pergunta que P. D. fez. Campbell, por sua vez, respondeu que, embora fosse um dos indivíduos mais gentis que conheceu, a verdade é que todos são pecadores. Naqueles termos, sim, ele era um "bastardo".

"Muito bem. Thomas Coleman é um bastardo?" Essa pergunta Campbell achou muito mais fácil de responder. É claro que o assassino era um bastardo.

Então R. D. puxou sua cadeira para aproximar-se mais, colocou sua mão ossuda sobre o joelho de Campbell e olhou diretamente em seus olhos vermelhos. "Qual desses dois bastardos você acha que Deus ama mais?" A pergunta atingiu o alvo, como uma flecha no coração.

Subitamente tudo se tornou claro. Tudo. Foi uma revelação. A intensidade da luz maltada ao nosso redor parecia iluminar e intensificar tudo. Atravessei a sala e abri as venezianas, olhando diretamente para a rua iluminada. E comecei a soluçar. Mas o choro estava intercalado de risos. Foi uma experiência estranha. Lembro-me de tentar separar a tristeza da alegria. Exatamente por que estava chorando e por que estava rindo. Então, isto também se tornou claro.

Estava rindo de mim mesmo, dos vinte anos de ministério que haviam-se tornado, sem que eu percebesse, em um ministério de sofisticação liberal...

Concordar com a idéia de que um homem pudesse ir a uma loja onde um grupo de seres humanos desarmados estava bebendo soda limonada e comendo pastéis, descarregasse uma arma em um deles despedaçando seus pulmões, coração e entranhas, voltasse para um outro e enviasse uma rajada de chumbo atingindo sua carne e ossos e que Deus o libertaria era quase mais do que eu poderia agüentar. Mas se esse não fosse exatamente o caso, então, não existe evangelho, não existem boas novas. Caso isto não seja verdade, temos apenas más novas, ficamos apenas com a lei.

O que Will Campbell aprendeu naquela noite foi uma nova visão da graça. A livre oferta da graça estende-se não apenas para os desamparados, mas também para aqueles que, de fato, são dignos do oposto. Isto serve tanto para os membros da Ku Klux Klan como para os defensores dos direitos civis, tanto para P. D. East como para Will Campbell, tanto para Thomas Coleman como para Jonathan Daniels.

Esta mensagem alojou-se tão profundamente dentro de Will Campbell que ele passou por uma espécie de terremoto da graça. Pediu demissão do seu posto no Conselho Nacional das Igrejas e se tornou o que ele chamava, deturpadamente, de "apóstolo dos caipiras". Comprou uma fazenda no Tennessee e, hoje, passa o

eu tempo igualmente entre os homens da Ku Klux Klan e racistas como entre as minorias raciais e brancos liberais. Percebeu que muitas pessoas estavam se oferecendo como voluntárias para ajudar as minorias de quem não conhecia ninguém que ministrasse aos Thomas Colemans do mundo.

Gosto da história de Will Campbell por causa da minha educação em Atlanta entre gente que usava o racismo como um emblema de honra. Resumindo, gosto da história dele porque durante algum tempo eu me parecia mais com Thomas Coleman do que com Jonathan Daniels. Nunca matei ninguém, mas com certeza odiava. Eu ri quando a KKK queimou uma cruz na frente da primeira família negra que se aventurou a morar em nosso bairro. E quando nortistas como Jonathan Daniels eram mortos, eu e meus amigos dávamos-lhes ombros e dizíamos: "Bem feito, vieram aqui para perturbar".

Quando chegou o momento em que eu me vi como realmente era: um racista digno de condenação, um hipócrita que se revestia do evangelho enquanto vivia o antievangelho. Quando chegou esse momento, agarrei-me como um homem que se afogava à promessa da graça para pessoas que mereciam o oposto. Gente como eu.

A não-graça, às vezes revida, levando-me a crer que o meu agora iluminado ego é moralmente superior aos caipiras e racistas que ainda não viram a luz. Mas eu conheço a verdade, que "Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores".<sup>2</sup> Sei que enfrentei face a face o amor de Deus no meu estado pior, não melhor, e que a maravilhosa graça salvou um miserável como eu.

E aqui no pó e na sujeira,  
oh!, aqui os lírios ao seu amor aparecem.  
George Herbert

## CAPÍTULO 12

### ESQUISITICES, NÃO

Apenas uma vez me atrevi a pregar um sermão para crianças. Naquele domingo de manhã, levei comigo um saco de compras reveladoramente suspeito e cheiroso e, durante o culto da manhã, convidei todas as crianças da igreja a se juntarem a mim na plataforma, onde gradualmente revelei o conteúdo do saco.

Primeiro puxei diversos pacotes de torresmos (naquele tempo o petisco predileto do presidente George Bush) para comermos. Depois, tirei uma cobra de brinquedo e uma grande mosca de borracha provocando gritos no meu jovem auditório. Em seguida, conchas. Finalmente, para grande deleite das crianças, tirei cautelosamente de dentro do saco uma lagosta viva. Larry, o apelido que demos à lagosta respondia mexendo as garras de maneira muito ameaçadora.

O zelador da igreja e eu trabalhamos horas extras naquele dia; depois que as crianças desceram assumi a tarefa de explicar aos pais por que Deus no passado havia condenado todos esses alimentos. As leis levíticas do Antigo Testamento proibiam especificamente cada iguaria que havíamos comido, e os judeus ortodoxos não tocariam em nenhum conteúdo de meu saco de compras. "O que Deus tem contra as lagostas?", intitulei o meu sermão.

Abrimos a Bíblia juntos em uma fascinante passagem do Novo Testamento, a narrativa da visão do apóstolo Pedro sobre o terraço da casa. Tendo subido ao terraço para orar sozinho, Pedro começou a sentir fome. Sua mente vagueava, e ele entrou em êxtase. Depois disso, teve uma visão espantosa. Um grande lençol desceu do céu, cheio de mamíferos, répteis e aves "impuros". O texto de Atos 10 não é muito específico, mas podemos encontrar uma boa dica das espécies desses animais em Levítico 11: porcos, camelos, coelhos, abutres, corvos, mochos, corujas, cegonhas, morcegos, formigas, besouros, ursos, lagartos, camaleões, doninhas, ratos, cobras.

Simão, isso é porcaria! Nem toque. Vá lavar as mãos agora mesmo!, sem dúvida ele deve ter ouvido a mãe gritar. Por quê? Porque nós somos diferentes, por isso. Nós não comemos porcos. Eles são sujos e impuros. Deus nos disse para nem mesmo tocá-los. Para Pedro, como para qualquer judeu na Palestina, tais alimentos eram mais do que repugnantes — eles constituíam tabu, eram abomináveis. "Ser-vos-ão por abominação",<sup>1</sup> Deus dissera.

Se no decorrer de um dia Pedro por acaso tocasse na carcaça de um inseto, tinha de tomar banho e lavar suas roupas, permanecendo impuro até a noite, desqualificado para visitar o templo em tal estado. E se acontecesse, digamos, que uma lagartixa ou uma aranha caísse do teto sobre uma panela de barro, ele teria de jogar fora o que houvesse na panela e quebrá-la.

Agora esses itens de contrabando estavam descendo em um lençol, com uma voz celestial ordenando "Levante-se, Pedro, mate e coma".

Pedro fez com que Deus se lembrasse de suas próprias regras. "Claro que não, Senhor!", ele protestou. "Nunca comi nada impuro ou duvidoso."

A voz respondeu: "Não chame de impuro nada que Deus tenha purificado". Esta mesma cena se repetiu por duas vezes mais até que Pedro, abalado em seu coração, desceu as escadas e deu de cara com o próximo susto do dia: um grupo de gentios "impuros" que desejava juntar-se ao grupo de discípulos de Jesus.

Os cristãos que hoje comem carne de porco, mariscos, ostras e lagostas não captam facilmente o impacto desta cena que aconteceu sobre um telhado há tantos anos. Para sentirmos a força do choque, o paralelo mais próximo que posso imaginar seria se, no meio de uma convenção batista no sul, no Estádio do Texas, um bar totalmente equipado descesse de maneira sobrenatural no meio do campo e uma voz rovejante vinda do céu insistisse com os abstêmios: "Bebam!".

Posso imaginar a reação: "Claro que não, Senhor! Somos batistas.

Nunca tocamos nessas coisas". Esse era o tipo de convicção que Pedro tinha contra alimentos impuros.

O incidente em Atos 10 pode ter expandido a dieta da igreja primitiva, mas não forneceu a resposta para a minha pergunta original: "O que Deus tem contra as lagostas?". Para isso tenho de voltar ao livro de Levítico, onde Deus explica a proibição: "Eu sou o Senhor<sup>2</sup> vosso Deus; consagrai-vos, e sede santos porque eu sou santo". A rápida explicação de Deus dá lugar a muitas interpretações, e os mestres há muito debatem os motivos por trás do motivo.

Alguns têm destacado os benefícios para a saúde nas leis levíticas. A proibição da carne de porco afastou a ameaça da triquinose. E a proibição dos mariscos protegia os israelitas dos vírus que, às vezes, se encontram nas ostras e mexilhões. Outros observam que muitos dos animais proibidos são necrófagos alimentando-se de carniça. Outros, ainda, observam que as leis específicas parecem dirigidas contra os costumes dos vizinhos pagãos dos israelitas. Por exemplo, a proibição de cozinhar uma cabra no leite da sua mãe parecia ter sido feita para evitar que os israelitas imitassem um ritual de magia dos cananeus.

Todas essas explicações fazem sentido e podem realmente lançar luz sobre a lógica por trás da curiosidade de Deus. Alguns animais, entretanto, não podem ser explicados. Por que lagostas? E o que dizer dos coelhos, que não provocam riscos à saúde e comem capim, e não carniça? E por que camelos e jumentos animais onipresentes no trabalho no Oriente Médio, faziam parte da lista? Claramente as leis não tinham nenhuma arbitrariedade nelas.<sup>[4]</sup>

O que Deus tem contra as lagostas? O escritor judeu Herman Wouk<sup>3</sup> diz que "apropriado" é a melhor palavra equivalente à palavra hebraica "kosher" que orienta os costumes dos judeus até o dia de hoje. Levítico considera alguns animais "apropriados", ou qualificados, e outros inadequados. A antropóloga Mary Douglas<sup>4</sup> vai mais longe, observando que em cada caso Deus proíbe animais que apresentam uma anomalia.

Uma vez que peixes devem ter barbatanas e escamas, moluscos e enguias não se qualificam. As aves devem levar voar, assim as emas e avestruzes não se qualificam. Animais terrestres devem andar com quatro pernas, não rastejar como a cobra. Gado doméstico, ovelhas e cabras ruminam e têm cascos fendidos. Portanto, todos os mamíferos comestíveis deveriam ser assim. O rabino Jacob Neusner<sup>5</sup> faz eco ao seu argumento: "Se tivesse de dizer em poucas palavras o que torna uma coisa impura, diria que é alguma coisa que, por um motivo ou outro, fosse anormal".

Depois de estudar as diversas teorias, cheguei a um princípio abrangente que, creio, expressa a essência das leis do Antigo Testamento a respeito da impureza: esquisitice, não. A dieta dos israelitas escrupulosamente excluía qualquer anormalidade ou animais "esquisitos", e o mesmo princípio também se aplicava aos animais "puros" utilizados no culto. Nenhum devoto podia trazer um cordeiro aleijado ou defeituoso para o templo, pois Deus queria animais sem mácula. De Caim em diante, as pessoas tinham de obedecer às instruções exatas de Deus ou se arriscavam a ter suas ofertas rejeitadas. Deus exigia perfeição; Deus merecia o melhor. Esquisitices, não.

O Antigo Testamento aplica uma classificação semelhante, muito mais perturbadora, às pessoas. Lembra-me de assistir a um culto em Chicago no qual o pastor Bill Leslie dividiu o santuário de maneira que parecesse o templo em Jerusalém. Os gentios podiam ficar na galeria, chamada de Pátio dos Gentios, mas eram excluídos do santuário principal. As mulheres judias podiam entrar no santuário, mas ficavam apenas na região destinada a elas. Os leigos judeus tinham uma área espaçosa à frente, mas não podiam aproximar-se da plataforma, reservada apenas para os sacerdotes.

A parte de trás da plataforma, onde ficava o altar, Bill designava como o Santíssimo Lugar. "Imaginem uma cortina com uma polegada de espessura neste lugar", ele disse. "Apenas um sacerdote entrava ali uma vez por ano — no dia santo do Yom Kippur. E ele tinha de usar uma corda amarrada ao tornozelo. Se fizesse alguma coisa errada e morresse lá dentro, os outros sacerdotes teriam de puxá-lo pela corda. Eles não se atreviam a entrar no Santíssimo Lugar, onde Deus habitava."

Ninguém, nem mesmo a pessoa mais piedosa, pensaria em adentrar o Santíssimo Lugar, pois a penalidade de morte era certa. A própria arquitetura lembrava aos israelitas que Deus era separado. Era santo.

Considere o paralelo moderno de uma pessoa que queira enviar uma mensagem ao presidente dos Estados Unidos. Qualquer cidadão pode escrever ao presidente, enviar um telegrama ou um e-mail. Mas se tal pessoa viajasse até a Casa Branca, não esperaria obter uma audiência com o presidente. Embora pudesse falar com um secretário, ou até mesmo tivesse a ajuda de um senador, talvez conseguisse apenas marcar uma reunião com um funcionário do gabinete. Nenhum cidadão comum pode entrar no Escritório Oval e apresentar um pedido ao presidente. O governo tem uma hierarquia, separando os seus funcionários mais altos de acordo com um protocolo restrito. Semelhantemente, no Antigo Testamento uma escadaria hierárquica separava o povo de Deus, fundamentada não no prestígio, mas na "pureza" ou "santidade".

Uma coisa é chamar os animais de impuros e outra, muito diferente, é chamar as pessoas de impuras. Mas as leis do Antigo Testamento não se retraíam desse passo.

Nenhum dos teus descendentes, nas suas gerações,<sup>6</sup> em quem houver algum defeito, se chegará para oferecer o pão do seu Deus. Nenhum homem, caso tenha algum defeito físico, se chegará: nenhum homem que seja cego, coxo, desfigurado ou deformado; nenhum homem que tenha o pé quebrado ou a mão quebrada, ou for corcunda, ou anão, ou que tenha qualquer defeito dos olhos, ou sarna, ou impigens, ou estículos esmagados.

Em suma, aqueles com corpos danificados ou linhagem familiar prejudicada (bastardos) não se qualificavam. Esquisitices, não. Mulheres menstruadas, homens que recentemente tivessem tido emissão noturna, mulheres que tivessem parido, pessoas com enfermidades da pele ou feridas supuradas, alguém que tivesse tocado em cadáver — todos esses eram declarados cerimonialmente impuros.

Nesta época de "politicamente correto", tal classificação espalhafatosa de indivíduos, baseada no gênero, raça e até mesmo na saúde física, parece quase inconcebível, mas esse era o ambiente que definiu o judaísmo. Todos os dias os homens judeus começavam suas orações matinais dando graças a Deus "que não me fez gentio... que não me fez escravo... que não me fez mulher".

O texto de Atos 10 mostra claramente os resultados de tal atitude: "a lógica mortal dos políticos da pureza", como o teólogo croata Miroslav Volf <sup>8</sup> a descreve. Quando Pedro, sob coação, finalmente concordou em visitar a casa do centurião romano, apresentou-se dizendo: "Vocês sabem muito bem que é contra nossa lei que um judeu se associe com um gentio ou o visite". Ele fez tal concessão apenas depois de ser derrotado por Deus na discussão do terraço.

Pedro continuou: "Mas Deus me mostrou que não devo chamar nenhum homem de impuro". Uma evolução de graça estava a caminho, do tipo que Pedro dificilmente poderia compreender.

Antes de escrever *O Jesus que Eu Nunca Conheci*, passei vários meses pesquisando os antecedentes da vida do Senhor. Aprendi a apreciar o mundo ordeiro do judaísmo do primeiro século. Admito que a classificação das pessoas amargurou minha sensibilidade americana — parecia um padrão formal de não-graça, um sistema religioso de castas —, mas pelo menos os judeus haviam descoberto um lugar para cada grupo como as mulheres, os estrangeiros, os escravos e os pobres. Outras sociedades os tratavam de maneira pior. Jesus apareceu na terra exatamente quando a Palestina estava experimentando um reavivamento religioso. Os fariseus, por exemplo, ditavam regras precisas para a manutenção da pureza: nunca entrar na casa de um gentio, nunca jantar com pecadores, não trabalhar aos sábados, lavar as mãos sete vezes antes de comer. Assim, quando espalharam-se rumores de que Jesus podia ser o Messias há muito esperado, os judeus piedosos ficaram mais escandalizados do que galvanizados. Ele não tinha tocado em pessoas impuras, tais como aqueles leprosos? Não tinha permitido que uma mulher de má reputação lavasse seus pés e os enxugasse com os cabelos? Ele jantava com cobradores de impostos — um deles até fazia parte do seu círculo mais íntimo de discípulos — e era notoriamente frouxo com as regras da purificação ritual e a guarda do sábado.

Além disso, Jesus deliberadamente entrava em território gentio e se envolvia com gentios. Ele elogiou um centurião romano por ter mais fé do que qualquer um em Israel e se ofereceu para entrar na casa do centurião para curar seu servo. Ele curou um samaritano mestiço da lepra e teve uma longa conversa com uma mulher samaritana — para consternação dos discípulos, que sabiam que "os judeus não se relacionavam com os samaritanos". Essa mulher, rejeitada pelos judeus por causa de sua raça, rejeitada pelos vizinhos por causa de seus muitos casamentos, veio a ser a primeira "missionária" designada por Jesus e a primeira pessoa a quem Ele francamente revelou sua identidade como Messias. A partir de então Jesus culminou o seu período no mundo dando aos seus discípulos a "Grande Comissão", uma ordem de pregar o evangelho aos gentios impuros "em toda a Judéia<sup>9</sup> e Samaria, e até os confins da terra".

A aproximação de Jesus das pessoas "impuras" consternava seus compatriotas e, finalmente, ajudou a crucificá-lo. Em essência, Jesus cancelou o grande princípio do Antigo Testamento "Esquisitices, não" substituindo-o por uma nova regra da graça: "Todos nós somos esquisitos, mas Deus nos ama mesmo assim".

Os evangelhos registram apenas uma ocasião em que Jesus fora obrigado a recorrer à violência: na purificação do templo. Brandindo um chicote de couro, Ele derrubou as mesas e as bancas e expulsou os mercadores que se haviam estabelecido ali. Como já disse, a própria arquitetura do templo expressava a hierarquia entre os judeus: os gentios podiam entrar apenas no pátio externo. Jesus não gostou de que os comerciantes houvessem transformado a área dos gentios em um bazar oriental cheio de sons de animais

ngindo e vendedores anunciando preços, uma atmosfera que dificilmente conduzia à adoração. Marcos registra que, depois de Jesus haver purificado o templo, os sumos sacerdotes e mestres da lei "buscavam ocasião<sup>10</sup> para matá-lo". No sentido real, Jesus selou o seu destino com sua insistência irada no direito dos gentios de se aproximar de Deus.

Um degrau por degrau, Jesus dismantelou a escada da hierarquia que marcava a aproximação de Deus. Convidou pessoas defeituosas, pecadores, estrangeiros e gentios — os impuros! — para a mesa do banquete divino.

Isaías não tinha profetizado a respeito de um grande banquete ao qual todas as nações seriam convidadas? Através dos séculos, a visão exaltada de Isaías havia-se anuviado de tal maneira que alguns grupos restringiam a lista de convidados aos judeus que não fossem fisicamente defeituosos. Em contraste direto, a versão de Jesus do grande banquete apresenta o anfitrião enviando mensageiros às ruas e caminhos para convidar "os pobres,<sup>11</sup> os aleijados, os mancos e os cegos".<sup>[5]</sup>

A história mais memorável de Jesus, a do Filho Pródigo, termina igualmente com uma cena de banquete, apresentando como herói um pobre coitado que manchou a reputação da família. O ponto que Jesus queria destacar é o seguinte: aqueles que são julgados indesejáveis por todos são infinitamente desejáveis para Deus, e há uma grande festa quando um deles se volta para Deus. Todos nós somos desquisitos, mas Deus nos ama mesmo assim. Outra parábola famosa, a do Bom Samaritano, zombou de seu auditório original apresentando dois religiosos profissionais que se desviaram da vítima do assalto, não se arriscando a contaminar-se com um aparente defunto. Jesus fez de herói nesta história um samaritano desprezado — uma escolha tão surpreendente para o auditório como se, nos dias atuais, um rabino contasse uma história glorificando um ativista da OLP.

Em seus contatos sociais, Jesus acabou também com as categorias judias de "puros" e "impuros". O texto de Lucas 8, por exemplo, registra três incidentes em rápida sucessão que, juntos, devem ter confirmado as idéias erradas que os fariseus tinham a respeito de Jesus. Primeiro, Jesus navegou para uma região habitada por gentios, curou um louco nu e designou-o como missionário em sua cidade natal. Depois, Jesus foi tocado por uma mulher com hemorragia há doze anos, um "problema feminino" que desqualificava aos cultos e, sem dúvida nenhuma, provocava-lhe muita vergonha. (Os fariseus ensinavam que essas enfermidades aconteciam por causa de um pecado pessoal; Jesus os contradisse diretamente.) Dali, Jesus seguiu para a casa de um chefe de sinagoga cuja filha havia acabado de morrer. Já "impuro" por causa do louco gentio e da mulher hemorrágica, Jesus entrou no quarto e tocou no cadáver.

As leis levíticas advertiam contra o contágio: contatos com doentes, gentios, cadáveres, certos tipos de animais ou até mesmo mofo e bolor podiam contaminar uma pessoa. Jesus inverteu o processo: em vez de ficar contaminado, tornou a outra pessoa sadia. O louco nu não contaminou Jesus; foi curado. A pobre mulher com o fluxo de sangue não envergonhou Jesus nem o tornou impuro; ela se afastou sadia. A menina morta de doze anos de idade não contaminou Jesus; foi ressuscitada.

Vejo no método de Jesus um cumprimento, e não uma abolição das leis do Antigo Testamento. Deus tinha "santificado" a criação separando o sagrado do profano, o puro do impuro. Jesus não cancelou o princípio santificador; antes, mudou sua fonte. Nós mesmos podemos ser agentes da santidade de Deus pois Ele habita em nós. No meio de um mundo impuro podemos passear, como Jesus, buscando meios de ser uma fonte de santidade. Os doentes e os aleijados para nós não são avisos vermelhos de contaminação nas receptores em potencial da misericórdia divina. Somos chamados para estender essa misericórdia para ser transmissores da graça, e não para evitar o contágio. Assim como Jesus, podemos ajudar o "impuro" a se tornar limpo!

Levou algum tempo para a igreja ajustar-se a essa mudança dramática; Pedro precisou da visão correta. Semelhantemente, a igreja precisou de um incentivo sobrenatural para levar o evangelho aos gentios. O Espírito Santo estava contente em atuar, enviando Filipe primeiro a Samaria e depois levando-o para a estrada no deserto onde encontrou um estrangeiro, um homem negro, alguém que era considerado

mpuro segundo as regras do Antigo Testamento (como eunuco, ele tinha os testículos danificados). Pouco tempo depois, Filipe batizou o primeiro missionário para a África.

O apóstolo Paulo — inicialmente uma das criaturas mais resistentes à mudança, um "fariseu dos fariseus" que diariamente agradecia a Deus por não ser gentio, escravo, nem mulher — acabou escrevendo estas palavras revolucionárias: "Desta forma não há<sup>12</sup> judeu nem grego, não há servo nem livre, não há grego nem grego, não há macho nem fêmea, pois todos vós sois um em Cristo Jesus". A morte de Jesus, ele disse, derrubou as barreiras do templo, desmantelou os muros divisórios da hostilidade que haviam separado as categorias de pessoas. A graça encontrou um caminho.

Nos dias de hoje, quando o tribalismo espalha massacres na África, quando as nações redesenham fronteiras baseadas em antecedentes étnicos, quando o racismo nos Estados Unidos zomba dos grandes ideais de nossa nação, quando as minorias e grupos separatistas maquinam pelos seus direitos, não conheço mensagem mais poderosa do evangelho do que esta, a mensagem que matou Jesus. Os muros que nos separavam uns dos outros, e de Deus, foram demolidos. Somos todos esquisitões, mas Deus nos ama todos da mesma maneira.

Passaram-se quase vinte séculos desde que Deus iluminou o apóstolo Pedro em um terraço. Nesse período de tempo, muitas circunstâncias mudaram (ninguém mais está preocupado em "desjudaizar" a igreja). Mas o movimento que Jesus introduziu tem conseqüências importantes para cada cristão. A evolução da graça de Jesus afeta-me profundamente pelo menos de duas formas.

Primeiro, ela afeta o meu acesso a Deus. No mesmo culto em que Bill Leslie dividiu o santuário nas proporções aproximadas do templo judeu, membros da congregação apresentaram uma peça. Diversos requerentes se aproximaram da plataforma para transmitir uma mensagem ao sacerdote — com as mulheres, naturalmente, dependendo de seus representantes masculinos. Alguns trouxeram sacrifícios para o sacerdote apresentar a Deus. Outros fizeram pedidos específicos: "O senhor poderia falar com Deus a respeito do meu problema?", eles perguntavam. Toda vez que o "sacerdote" subia à plataforma, passava por um ritual prescrito e submetia o pedido a Deus dentro do Santíssimo Lugar.

Subitamente, no meio dessa cerimônia, uma jovem mulher veio correndo pelo corredor, ignorando os limites estabelecidos para o seu gênero, com uma Bíblia aberta no livro de Hebreus. "Olhem, cada um de nós pode falar com Deus diretamente!", ela proclamou. "Ouçam isto."

Visto que temos<sup>13</sup> um grande sumo sacerdote, Jesus, o Filho de Deus, que penetrou nos céus, retenhamos firmemente a nossa confissão... Cheguemo-nos, pois, com confiança ao trono da graça. "E agora, aproximadamente",

... tendo ousadia<sup>14</sup> para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne, e tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemo-nos com verdadeiro coração...

"Qualquer um de nós pode entrar no Santíssimo Lugar!", ela disse antes de sair do recinto. "Qualquer um de nós pode ir diretamente a Deus!"

Em seu sermão, o pastor falou da notável mudança de "poder aproximar-se de Deus". Você apenas precisa ler o livro de Levítico e então o de Atos para sentir a mudança sísmica. Enquanto os crentes do Antigo Testamento se purificavam antes de entrar no templo e apresentavam suas ofertas a Deus por meio de um sacerdote, em Atos os discípulos de Deus (bons judeus, a maioria deles) estavam reunindo-se em casas particulares e dirigindo-se a Deus com o termo informal Aba . Era um termo afetivo usado em família, como "papai", e antes de Jesus ninguém pensaria em aplicar essa palavra a Yahweh, o Soberano Senhor do Universo. Depois dele, tornou-se a palavra padrão utilizada pelos cristãos primitivos para dirigir-se a Deus em oração.

Antes, tracei um paralelo com um visitante na Casa Branca. Nenhum visitante, eu disse, poderia esperar adentrar o Escritório Oval para ver o presidente sem hora marcada. Há exceções. Durante a administração de John F. Kennedy, os fotógrafos, às vezes, captavam cenas encantadoras. Sentados junto à

na mesa presidencial em ternos de cor cinza, os membros do gabinete debatiam questões de conseqüências mundiais, tais como a crise de mísseis cubanos. Enquanto isso, uma criança de dois anos de idade, John John, subia sobre a imensa mesa presidencial, ignorando o protocolo da Casa Branca e os importantes assuntos de Estado. John-John estava simplesmente visitando o seu papai e, às vezes, para deleite deste, invadia o Escritório Oval sem bater à porta.

Esse é o tipo de acessibilidade chocante transmitida pela palavra de Jesus, Abba. Deus pode ser considerado o soberano Senhor do Universo, mas, por meio de seu Filho, tornou-se tão acessível quanto qualquer pai humano "coruja". Em Romanos 8, Paulo traz a imagem da intimidade ainda mais perto. O Espírito de Deus vive dentro de nós, ele diz, e quando não sabemos como que devemos orar, "o mesmo Espírito<sup>15</sup> intercede por nós com gemidos inexprimíveis".

Não precisamos aproximar-nos de Deus por meio de uma escada hierárquica, ansiosos a respeito de questões de pureza. Se o reino de Deus tivesse uma advertência "Esquisitices, não", nenhum de nós poderia entrar. Jesus veio para demonstrar que um Deus perfeito e santo dá boas-vindas aos pedidos de ajuda de uma viúva com dois óbolos, de um centurião romano, de um miserável publicano e de um ladrão na cruz. Temos apenas de chamar "Aba", ou, falhando nisso, simplesmente gemer. Deus se aproximou de nós desse jeito.

A segunda maneira pela qual a revolução de Jesus me afeta centraliza-se em como devemos olhar para as pessoas "diferentes". O exemplo de Jesus me convence hoje porque sinto uma guinada sutil na direção inversa. Conforme a sociedade se desenvolve e a imoralidade aumenta, ouço alguns cristãos clamando que precisamos demonstrar menos misericórdia e mais moralidade, clamores que retrocedem ao estilo do Antigo Testamento.

Uma frase utilizada por Pedro e Paulo tornou-se uma de minhas imagens preferidas no Novo Testamento. Temos de administrar, ou "ser despenseiros" da graça de Deus, dizem os dois apóstolos. A imagem traz à mente um dos antiquados "vaporizadores" que as mulheres usavam antes de se aperfeiçoar com a tecnologia dos sprays. Apertava-se uma bomba de borracha e gotículas de perfume saíam dos buraquinhos na outra ponta. Algumas gotas bastavam para o corpo inteiro; alguns poucos apertões bastavam para mudar a atmosfera de um quarto. Creio que é assim que a graça deve operar. Ela não converte o mundo inteiro ou toda uma sociedade, mas enriquece a atmosfera.

Agora receio que a imagem prevalecente dos cristãos tenha mudado de um vaporizador de perfume para diferentes aparelhos de sprays: o tipo utilizado para exterminar insetos. Ali está uma barata! Bombeia spray, bombeia, spray. Olha ali um foco do mal! Bombeia, spray, bombeia, spray. Alguns cristãos que conheço assumiram a tarefa de "dedetizadores morais" para a sociedade infestada pelo mal que os rodeia.

Sinto profunda preocupação com a nossa sociedade. Estou tocado, entretanto, pelo poder alternativo da misericórdia demonstrada por Jesus, que veio para os doentes e não para os sãos, para os pecadores e não para os justos. Jesus nunca aprovou o mal, mas estava pronto a perdoá-lo. De alguma forma, Ele ganhou a reputação de ser amigo dos pecadores, uma reputação que seus discípulos correm o risco de perder. Como diz Dorothy Day: "Eu realmente só amo a Deus na proporção em que amo a pessoa que menos amo".

São questões difíceis, eu confesso, e por causa disso elas merecem um capítulo próprio.

"A Bíblia não diz que devemos amar a todos?" "Ah! a Bíblia! Para dizer a verdade, ela diz uma porção de coisas; mas ninguém nunca pensa em colocá-las em prática. "

Harriet Beecher Stowe, em *A Cabana do Pai Tomás*



## Capítulo 13

# OLHOS CURADOS PELA GRAÇA

Sempre que me sentia entediado, telefonava ao meu amigo Mel White. Não conhecia ninguém que vivesse com mais vivacidade e paixão. Ele havia viajado pelo mundo inteiro e me divertia com suas histórias: mergulhar entre barracudas no Caribe, atravessar excrementos de pombos acumulados há milênios para filmar o nascer do sol de cima de um minarete marroquino, atravessar o Atlântico no *Queen Elizabeth II* como convidado de um famoso produtor de televisão, entrevistar os sobreviventes do culto de Jim Jones depois do massacre na Guiana.

Excessivamente generoso, Mel era alvo perfeito para qualquer vendedor. Se estivéssemos sentados em uma lanchonete ao ar livre e uma vendedora de flores passasse por ali, ele compraria um ramallete apenas para ver os olhos de sua esposa se iluminando. Se um fotógrafo se oferecesse para tirar nossa foto por algum preço inacreditável, Mel imediatamente concordaria. "É uma lembrança", ele diria, rebatendo nossas objeções. "Não se pode colocar uma etiqueta de preço em uma lembrança." Suas piadas e chistes mantinham o garçom, o *maitre* e o caixa rindo a valer.

Quando morávamos em Chicago, Mel costumava nos visitar quando ia para Michigan, onde trabalhava como consultor de filmes cristãos, Iamos comer fora, visitar galerias de artes, andar pelas ruas, pegar um cinema e caminhar pelas margens do lago até meia-noite ou mais. Então, às quatro horas da manhã, Mel acordava, vestia-se e datilografava diligentemente por quatro horas, produzindo um documento de trinta páginas que entregaria naquela tarde para o seu cliente em Michigan.

Quando colocávamos Mel em um táxi para ir ao aeroporto, eu e minha esposa estávamos exaustos, mal felizes. Mais do que ninguém, Mel nos fazia viver de verdade.

Muitos homossexuais moravam na nossa vizinhança, especialmente ao longo da Avenida Diversey conhecida como "Perversey" (trocadilho com a palavra "perversão" feito pelos habitantes locais). Lembro-me de caçoar deles falando com Mel.

— Conhece a diferença entre um *gay* e um nazista? —, eu disse uma vez enquanto descíamos a avenida. — Sessenta graus —, e deixei cair a minha mão de uma tesa saudação nazista para uma imitação de desmunhecimento.

— A gente consegue identificar os homossexuais por aqui —, minha esposa acrescentou. — Há alguma coisa diferente neles. Eu sempre os reconheço.

Nós éramos amigos há cerca de cinco anos quando recebi um telefonema de Mel perguntando se poderíamos nos encontrar no Marriott Hotel, perto do Aeroporto O'Hare. Cheguei na hora marcada, sentei-me sozinho no restaurante por uma hora e meia lendo o jornal, o cardápio, o verso dos pacotinhos de açúcar e tudo mais que consegui encontrar. Nada do Mel. Exatamente quando me levantei para ir embora irritado com o transtorno, ele entrou apressado. Desculpou-se, quase tremendo. Ele fora ao Marriott errado e então ficou preso em um engarrafamento no tráfego de Chicago. Tinha apenas uma hora antes do seu voo. Eu poderia sentar-me um pouco mais com ele para ajudá-lo a acalmar-se? "Naturalmente."

Aturdido com os acontecimentos da manhã, Mel parecia oprimido e perturbado, à beira das lágrimas. Ele fechou os *olhos*, respirou profundamente várias vezes e começou a conversa com uma frase que nunca esquecerei. — Philip, talvez você já tenha imaginado que eu sou *gay*.

A idéia não tinha nunca cruzado a minha mente. Mel tinha uma esposa amorosa e dedicada e dois filhos. Ensinava no Seminário Fuller, era pastor da Igreja Evangélica da Aliança, fazia filmes e escrevia *best-sellers* cristãos. Mel, *gay*? Só se o papa fosse muçulmano.

Naquela ocasião, apesar da minha vizinhança, eu não conhecia nenhuma pessoa *gay*. Não sabia nada a

espeito dessa subcultura. Fazia piadas e contava histórias a respeito da Parada do "Orgulho Gay" (que passava pela minha rua) aos meus amigos suburbanos, mas não tinha conhecidos homossexuais, muito menos amigos. A idéia era repugnante.

Agora estava ouvindo que um dos meus melhores amigos tinha um lado secreto que eu não conhecia. Recostei na cadeira, respirei fundo algumas vezes e pedi a Mel que me contasse sua história.

Não estou traíndo a confiança de Mel contando a sua história, porque ele já a levou a público em seu livro *Stranger at the Gate: To be Gay and Christian in America* [Estranho no portão: ser *gay* e cristão na América]. O livro menciona sua amizade comigo e também conta a respeito de alguns cristãos conservadores com os quais ele trabalhou escrevendo os livros deles: Francis Schaeffer, Pat Robertson, Oliver North, Billy Graham, W. A. Criswell, Jim e Tammy Faye Bakker, Jerry Falwell. Nenhuma dessas pessoas conhecia a vida secreta de Mel na ocasião em que trabalhara com elas e, de maneira bastante compreensível, algumas deles se sentem zangadas com ele agora.

Devo esclarecer que não tenho nenhum desejo de mergulhar nas importantes questões teológicas e morais do homossexualismo. Escrevo a respeito de Mel por um único motivo: minha amizade com ele desafiou fortemente minha noção de como a graça afetaria minha atitude para com pessoas "diferentes" mesmo quando essas diferenças são sérias e, talvez, insolúveis.

Fiquei sabendo por Mel que o homossexualismo não é uma escolha de vida casual, como eu supunha. Conforme Mel diz em seu livro, ele sentia desejos homossexuais desde a adolescência; tentou com força reprimir esses desejos e, quando adulto, buscou fervorosamente uma "cura". Jejuou, orou e foi ungido para receber a cura. Passou por rituais de exorcismo dirigidos por protestantes e também católicos. Matriculou-se em terapias rígidas, que sacudiam o seu corpo com eletricidade toda vez que se sentia estimulado por fotografias de homens. Em uma ocasião, tratamentos químicos o drogaram, deixando-o um tanto bobalhado. Acima de tudo, Mel desejava desesperadamente *não ser gay*.

Lembro-me de um telefonema que me acordou de madrugada. Sem se preocupar em apresentar-se, Mel falou com voz categórica: — Estou sobre o parapeito de um quinto andar olhando para o Oceano Pacífico. Você tem dez minutos para me dizer por que eu não deveria pular. Não era uma brincadeira para chamar a atenção. Mel quase tivera sucesso em uma sangrenta tentativa de suicídio há pouco tempo. Eu lhe roguei usando todos os argumentos pessoais, existenciais e teológicos que consegui imaginar em meu estado de consciência. Graças a Deus, Mel não pulou.

Também me lembro de uma cena triste alguns anos depois na qual Mel me trouxe algumas lembranças de seu amante. Mostrou-me um suéter de lã azul e me pediu que o jogasse na lareira. Ele havia pecado e agora estava arrependido, dizia, e estava abandonando aquela vida e voltando para a sua esposa e família. Nós nos alegamos e oramos juntos.

Lembro-me de outra cena triste quando Mel destruiu seu cartão de membro do *Califórnia Bath Club*. Uma misteriosa enfermidade estava começando a aparecer entre a população *gay* da Califórnia, e centenas deles estavam abandonando o clube. — Não estou fazendo isto por medo da doença, mas porque sei que é a coisa certa a fazer —, Mel me disse. Ele pegou uma tesoura e cortou em pedaços o cartão de plástico duro.

Mel oscilava entre períodos de promiscuidade e de fidelidade. Às vezes, agia como um adolescente intoxicado de hormônios e outras, como um filósofo. — Aprendi a diferença entre sofrimento virtuoso e sofrimento provocado pela culpa —, ele me disse uma vez. — Os dois são reais, os dois são excruciantes, mas o último é muito pior. O sofrimento virtuoso, como o que as pessoas celibatárias sentem, sabe o que está faltando, mas não conhece o que perdeu. O sofrimento pela culpa sabe tudo. Para Mel, o sofrimento pela culpa significava a consciência persistente de que, se escolhesse sair do armário, perderia seu casamento como também sua carreira e ministério e muito provavelmente a sua fé.

Apesar desses sentimentos de culpa, Mel finalmente concluiu que suas opções se estreitaram em duas: insanidade ou integridade. Acreditava que as tentativas de reprimir os desejos homossexuais e viver no casamento heterossexual ou no celibato *gay* o levariam à insanidade (naquela ocasião, ele estava se

tratando com um psiquiatra cinco dias por semana, a cem dólares por sessão). A integridade, ele decidiu significava encontrar um parceiro gay e abraçar a identidade homossexual.

A odisséia de Mel me confundiu e me perturbou. Minha esposa e eu ficamos acordados muitas longas noites com Mel discutindo o seu futuro. Juntos repassamos todas as passagens bíblicas relevantes e o que leviam significar. Mel continuava perguntando por que os cristãos destacavam todas as referências às uniões entre o mesmo sexo enquanto ignoravam outros comportamentos mencionados nas mesmas passagens.

A pedido de Mel, assisti à primeira marcha dos *gays* em Washington, em 1987. Fui, não como participante, e nem mesmo como jornalista, mas como amigo de Mel. Ele me queria por perto enquanto avaliava algumas das decisões que pesavam sobre ele.

Cerca de 300.000 participantes *gays* marcharam, e apenas uma minoria pretendeu chocar o público usando roupas que nenhum telejornal mostraria. O dia de outubro era frio, e nuvens cinzentas derramaram gotas de chuva sobre as colunas desfilando pela capital.

Em uma das laterais, bem na frente da Casa Branca, observei uma confrontação raivosa. Policiais montados formaram um círculo protetor ao redor de pequenos grupos que, graças a seus cartazes cor-de-aranja com ilustrações vivas do fogo do inferno, haviam conseguido atrair a atenção da maioria dos fotógrafos da imprensa. Embora estivessem superados em número numa proporção de mil e quinhentos para um, esses manifestantes cristãos estavam gritando palavras de ordem inflamadas contra os ativistas *gays*.

"Combustível do inferno! Fora!", o líder deles gritava em um microfone. E os outros pegavam a deixa. "Fora, fora...". Quando isso perdeu a força, passaram para as frases: "Que vergonha! Que vergonha!". Entre as cantorias, os líderes transmitiam mensagens cheirando a enxofre a respeito de Deus reservando o fogo do inferno mais quente para os sodomitas e outros pervertidos.

"AIDS, AIDS, ela vai pegar vocês", era o último motejo no repertório dos que protestavam, a frase gritada com mais ardor. Tínhamos acabado de assistir a uma triste procissão de várias centenas de pessoas com AIDS: muitos em cadeiras de rodas, com corpos esqueléticos de sobreviventes de campos de concentração. Ouvindo a cantilena, eu não conseguia imaginar como alguém poderia desejar esse destino para outro ser humano.

Da parte deles, os *gays* tinham uma reação mista contra os cristãos. Os desordeiros sopravam apitos ou comentavam: "Fanáticos! Fanáticos! Que vergonha para vocês!". Um grupo de lésbicas extraiu frases da imprensa gritando em uníssono contra os manifestantes: "Queremos suas esposas!".

Entre os participantes da marcha havia pelo menos três mil que se identificavam com diversos grupos religiosos: o movimento católico da "Dignidade", o grupo episcopal da "Integridade" e até mesmo um grupinho de Mórmons e Adventistas do Sétimo Dia. Mais de mil participantes marcharam sob a bandeira da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM), uma denominação que professa uma teologia principalmente evangélica, exceto por sua postura a favor do homossexualismo. Este último grupo deu uma resposta comovente aos cristãos que protestavam: aproximaram-se, voltaram-se para eles e cantaram "Jesus me ama, sim eu sei, pois a Bíblia assim o diz".

A ironia inopinada nessa cena de confronto me atingiu. De um lado, estavam os cristãos defendendo a doutrina pura (nem mesmo o Concílio Nacional das Igrejas aceitou a denominação ICM em sua nomenclatura). Do outro, estavam os "pecadores", muitos dos quais abertamente admitindo a prática homossexual. Mas o grupo mais ortodoxo vomitava ódio e o outro grupo cantava o amor de Jesus.

Durante o fim de semana em Washington, Mel me apresentou a muitos líderes de grupos religiosos. Não posso lembrar a quantos cultos assisti só no fim de semana. Para surpresa minha, a maior parte dos cultos utilizava os hinos e a liturgia dos evangélicos ortodoxos, e eu não ouvi nada suspeito teologicamente sendo pregado do púlpito. "Muitos cristãos *gays* são teologicamente bastante conservadores", um dos líderes me explicou. "Recebemos tanto ódio e rejeição da igreja que só continuamos nela porque realmente

remos que o evangelho é a verdade." Ouvi inúmeras histórias pessoais que confirmavam a essa afirmação

Cada *gay* que eu entrevistava contava histórias arrepiantes de rejeição, ódio e perseguição. Muitos haviam sido ofendidos e espancados vezes sem conta. Metade dos que entrevistei fora deserdada por suas famílias. Alguns dos pacientes de AIDS tentaram entrar em contato com a família afastada para informar da enfermidade, mas não receberam resposta. Um homem, depois de dez anos de separação, foi convidado a ir para casa no jantar do Dia de Ação de Graças em Wisconsin. Sua mãe o sentou à parte da família, em uma mesa separada com pratos de papel e utensílios plásticos.

Alguns cristãos dizem: "Sim, temos de tratar os *gays* com compaixão, mas, ao mesmo tempo, temos também de lhes transmitir uma mensagem de juízo". Depois de todas essas entrevistas, comecei a entender que cada *gay* já ouviu a mensagem de juízo da igreja — repetidas vezes, nada além de juízo. As pessoas mais interessadas em teologia que entrevistei interpretam as passagens bíblicas a respeito do homossexualismo de maneira diferente. Algumas delas me disseram que se ofereceram para sentar e discutir essas diferenças com mestres conservadores, mas nenhum concordou.

Deixei Washington com a cabeça girando. Havia participado de cultos abarrotados marcados por cânticos fervorosos, orações e testemunhos — todos orientados pelo que a igreja cristã sempre ensinou como sendo pecado. Além disso, podia sentir que meu amigo Mel estava cada vez mais perto de uma escolha que eu sabia ser moralmente errada — divorciar-se de sua esposa e perder o seu ministério para iniciar uma nova vida assustadora e cheia de tentações.

Ocorreu-me que minha própria vida seria mais simples se eu não tivesse conhecido Mel White. Mas ele era meu amigo, como deveria tratá-lo? O que a graça exigia de mim? O que faria Jesus?

Depois que Mel "saiu do armário" e sua história se tornou pública, seus antigos colegas e empregadores o trataram com frieza. Famosos cristãos que o haviam hospedado, viajado com ele e lucrado centenas de milhares de dólares com o seu trabalho subitamente se afastaram. Em determinado aeroporto Mel aproximou-se de um famoso político cristão que conhecia muito bem e estendeu-lhe a mão. O homem fechou a cara, voltou-lhe as costas e nem mesmo falou com ele. Quando o livro de Mel saiu, alguns dos cristãos com os quais ele havia trabalhado convocaram a imprensa para denunciá-lo, negando qualquer associação íntima com ele no passado.

Durante algum tempo, Mel foi muito requisitado para falar no rádio e em programas de televisão tais como *60 Minutos*. A mídia secular adorou o ângulo de um homossexual enrustido trabalhando para líderes da direita religiosa e, em busca de fofocas, investigaram suas histórias a respeito de celebridades evangélicas. Quando aparecia nesses shows, Mel era repreendido por muitos cristãos. "Virtualmente em cada show", Mel me conta, "alguém telefonava para dizer que eu era uma abominação e deveria ser tratado de acordo com as leis de Levítico. Isto é, deveria ser apedrejado até a morte".

Só porque fui mencionado no livro de Mel, também ouvi alguns desses cristãos. Um homem anexou cópia de uma carta que havia escrito a Mel, que concluía dizendo:

Realmente oro para que um dia você verdadeiramente se arrependa, verdadeiramente deseje libertar-se do pecado que o escraviza e renuncie aos falsos ensinamentos da chamada "igreja *gay*". Se não o fizer graças a Deus receberá o que merece, uma eternidade no inferno, reservada para todos os que são escravizados pelo pecado e recusam arrepender-se.

Quando respondi, perguntei ao signatário se ele realmente queria dizer "graças a Deus", e ele me enviou uma longa carta, cheia de referências bíblicas, afirmando que sim.

Comecei a fazer questão de conhecer outros *gays* de nossa vizinhança, inclusive alguns que tinham antecedentes cristãos. "Eu ainda creio", um deles me disse. "Gostaria de ir à igreja, mas sempre que alguém espalha boatos a meu respeito e de repente todos se afastam." Ele acrescentou uma observação gélida: "Como *gay*, descobri que é mais fácil conseguir sexo nas ruas do que um abraço na igreja".

Conheci outros cristãos que têm procurado tratar os homossexuais de maneira amorosa. Barbara Johnson, por exemplo, é uma autora cristã de *best-sellers* que ficou sabendo que seu filho era *gay* e se

ntão descobriu que a igreja não sabia como lidar com esse fato. Ela começou uma associação chamada "Ministério da Espátula" (sua intenção com esse ministério é despertar a atenção das pessoas para o seguinte objetivo: "Você tem de raspar o meu teto com uma espátula") para ministrar a outros pais com o mesmo problema. [Convencida.de](#) que a Bíblia proíbe esse tipo de relacionamento, Barbara se opõe à prática homossexual e sempre torna isso claro. Ela está simplesmente tentando proporcionar um refúgio para outras famílias que não encontram esse refúgio na igreja. Os boletins de Barbara estão cheios de histórias de famílias que foram desfeitas e, depois, dolorosamente costuradas de novo. "Eles são nossos filhos e nossas filhas", Barbara diz. "Não podemos simplesmente fechar a porta para eles."

Também falei com Tony Campolo, um orador cristão de alto nível que se opõe à prática homossexual nas que admite que a orientação homossexual está entranhada na pessoa e é quase impossível modificá-la. Ele defende um ideal de celibato sexual. Parcialmente por causa do ministério de sua esposa com a comunidade *gay*, Tony tem sido caluniado por outros cristãos, resultando em muitos compromissos cancelados. Em uma convenção, oponentes distribuíram falsa correspondência entre Tony e líderes *gay* da "Queer Nation", uma carta que se comprovou ser espúria, parte de uma campanha de maledicência.

Para minha grande surpresa, fiquei sabendo muita coisa a respeito do tratamento de pessoas diferentes" por Edward Dobson, formado pela Universidade Bob Jones, ex-braço direito de Jerry Falwell, fundador do *Fundamentalist Journal*. Dobson deixou a organização de Falwell para assumir um pastorado em Grand Rapids, no Michigan, e enquanto esteve lá ficou preocupado com o problema da AIDS na cidade. Pediu para se encontrar com alguns líderes *gays* da cidade e ofereceu os serviços dos participantes de sua igreja.

Embora a convicção de Dobson quanto ao erro da prática homossexual não tenha mudado, ele se sentiu constrangido a alcançar a comunidade *gay* com o amor cristão. Os ativistas eram, no mínimo, desconfiados. Eles conheciam a reputação de Dobson como fundamentalista e, para eles, como para muitos *gays*, os "fundamentalistas" trazem à lembrança pessoas como os manifestantes que vi em Washington, D.C.

Com o tempo, Ed Dobson ganhou a confiança da comunidade *gay*. Começou encorajando sua congregação a providenciar presentes de Natal para pessoas com o HTV e a oferecer outros meios práticos de ajuda aos doentes e moribundos. Muitos deles nunca haviam conhecido um homossexual antes. Poucos se recusaram a cooperar. Gradualmente, entretanto, ambos os grupos começaram a se ver sob uma nova luz. Como um *gay* disse a Dobson: —Nós compreendemos vocês, e sabemos que vocês não concordam conosco. Mas vocês ainda demonstram o amor de Jesus, e nós nos sentimos atraídos por isso.

Para muitos pacientes de AIDS em Grand Rapids, a palavra *cristão* agora carrega uma conotação muito diferente do que significava há alguns poucos anos. A experiência de Dobson provou que os cristãos podem ter pontos de vista firmes a respeito de comportamento ético e, ainda assim, demonstrar amor. Ed Dobson me disse uma vez: "Se eu morrer e alguém se levantar no meu funeral e não disser nada além de 'Ed Dobson amava os homossexuais', eu me sentirei orgulhoso".

Também entrevistei o dr. C. Everett Koop, que naquela ocasião era Ministro da Saúde dos Estados Unidos. As credenciais de Koop como cristão evangélico eram impecáveis. Foi ele, junto com Francis Schaeffer, que ajudou a mobilizar a comunidade cristã conservadora a entrar na briga política pelas questões a favor da vida.

Em seu papel de "médico da nação", Koop visitou pacientes com AIDS. Seus corpos esqueléticos debilitados e cobertos de feridas fizeram-no sentir por eles profunda compaixão, como médico e como cristão. Ele havia jurado cuidar dos fracos e desamparados, e não havia grupo mais fraco e mais desamparado do que esse no país.

Durante sete semanas Koop dirigiu-se apenas a grupos religiosos, inclusive à igreja de Jerry Falwell, à convenção dos Radialistas Religiosos Nacionais, a grupos conservadores dentro do judaísmo e a católicos romanos. Nesses discursos, feitos em cadeia pelo Serviço de Saúde Pública, Koop afirmou a necessidade da abstinência e do casamento monogâmico. Mas acrescentou: "Sou o Ministro da Saúde do

heterossexuais e dos homossexuais, dos jovens e dos velhos, dos morais e dos imorais". Ele advertiu os companheiros cristãos: "Vocês podem odiar o pecado, mas têm de amar o pecador".

Koop sempre expressou sua aversão à promiscuidade sexual — sistematicamente ele empregava a palavra "sodomia" quando se referia aos atos homossexuais. Mas, como Ministro da Saúde, agia em favor dos homossexuais e cuidava deles. Koop mal podia crer que, ao falar a doze mil *gays* em Boston, eles ossem gritar: *Koop! Koop! Koop! Koop!* "Eles deram um apoio incrível, apesar do que eu digo a respeito de suas práticas. Creio que é porque sou a pessoa que saiu e disse: 'Sou o Ministro da Saúde de todas as pessoas e irei ao encontro delas onde elas estiverem'. Além disso, pedi que tivessem compaixão deles (dos homossexuais) e pedi voluntários para cuidar deles." Koop nunca comprometeu suas crenças — continuando insistindo em empregar a palavra "sodomia", que é carregada de significado, em seus discursos — mas nenhum evangélico cristão obteve recepção mais calorosa dos homossexuais.

Finalmente, recebi uma importante visão sobre pessoas "diferentes" dos pais de Mel White. Uma rede de televisão apresentou um programa em que entrevistaram Mel, sua esposa, seus amigos e seus pais. Notavelmente, a esposa de Mel continuou a apoiá-lo e a falar elogiosamente dele depois do divórcio; ela inclusive escreveu o prefácio do seu livro. Os pais de Mel, cristãos conservadores e pessoas respeitáveis na comunidade (o pai dele foi prefeito da cidade), enfrentaram tempos difíceis para aceitar a situação. Depois que Mel lhes deu a notícia, passaram por diversos estágios: do choque à negação.

Em determinado ponto, o entrevistador da TV perguntou aos pais de Mel diante das câmeras: — Vocês sabem o que outros cristãos estão dizendo a respeito do seu filho. Dizem que ele é uma abominação. O que vocês pensam disso?

— Bem — a mãe respondeu com voz doce e trêmula — ,ele pode ser uma abominação, mas continuando nosso orgulho e nossa alegria.

Essa frase permaneceu comigo porque a considero uma definição de graça de partir o coração. Percebo que a mãe de Mel White expressou como Deus vê a cada um de nós. De alguma forma, todos nós somos abominações para Deus — *Pois todos pecaram<sup>1</sup> e destituídos estão da glória de Deus* — e, de alguma forma, contra toda razão, Deus nos ama assim mesmo. A graça declara que ainda somos o orgulho e a alegria de Deus.

Paul Tournier<sup>2</sup> escreveu a respeito de um amigo que estava se divorciando:

Não posso aprovar essa atitude, porque o divórcio sempre será desobediência a Deus. Estaria traíndo minha fé se escondesse isso dele. Sei que sempre há uma solução diferente do divórcio para um conflito conjugal, se realmente estamos preparados para busca sob a orientação de Deus. Mas sei que esta desobediência não é pior do que a calúnia, a mentira, o gesto orgulhoso do qual sou culpado todos os dias. As circunstâncias de nossas vidas são diferentes, mas a realidade de nossos corações é a mesma. Se eu estivesse no lugar dele, será que agiria de maneira diferente? Não tenho idéia. Pelo menos sei que precisaria de amigos que me amassem sem reservas como eu sou, com todas as minhas fraquezas, e que confiassem em mim sem me julgar. Se ele obtiver o divórcio, sem dúvida vai encontrar dificuldades ainda maiores do que as que tem agora. Vai precisar ainda mais da minha afeição, e esta é a certeza que posso lhe dar.

Recebi um telefonema de Mel White no meio de uma de suas campanhas ativistas. Ele estava jejuando em um acampamento em Colorado Springs, no Colorado, um bolsão de conservadores incitado até o "ponto de explosão" pelos ativistas dos direitos *gays*. Dentro do acampamento Mel estava exibindo correspondência "para esmagar os *gays*" enviada por organizações cristãs de Colorado Springs. Mel estava pedindo aos líderes cristãos que desistissem da retórica inflamada, pois em muitos lugares do país crimes hediondos contra os *gays* estavam tornando-se uma epidemia.

"Mel teve uma semana difícil. Um comentarista de rádio local havia feito algumas ameaças veladas contra ele e, à noite, carros cercavam o acampamento, buzinando para mantê-lo acordado.

— Um repórter está tentando reunir-nos todos de uma só vez — Mel me disse ao telefone. — Ele

convidei os linhas-duras do ACT UP e algumas ministras *lésbicas* da igreja MCC, além de executivos de organizações como "Focus on the Family" e "Navigators". Não sei o que vai acontecer. Estou faminto, exausto e com medo. Preciso de você lá.

Então eu fui. Mel é a única pessoa que eu conheço que poderia convocar uma reunião dessas. Gente da direita e da esquerda sentaram-se na mesma sala, com uma tensão palpável suspensa no ar. Lembro-me de muitas coisas que aconteceram naquela noite, mas uma acima de todas. Quando Mel me pediu para manifestar a respeito de alguns dos assuntos, apresentou-me como seu amigo e contou um pouco de nossa história comum. Terminou dizendo: — Não sei como Philip se sente a respeito de cada aspecto da questão do homossexualismo e, para dizer a verdade, tenho medo de perguntar. Mas sei como ele se sente a meu respeito — ele me ama.

Minha amizade com Mel havia-me ensinado muito a respeito da graça. Superficialmente, a palavra pode parecer uma expressão estereotipada pela tolerância obscura do liberalismo: podemos todos apenas conviver juntos? Mas a graça é diferente. Retrocedendo às suas raízes teológicas, ela inclui um elemento de auto-sacrifício, um preço.

Eu havia visto Mel demonstrar um espírito gracioso muitas vezes para com os cristãos que o maliciavam. Uma vez pedi para ver um lote de correspondências que ele recebeu de cristãos e maliciosamente li as cartas. As páginas estavam contaminadas pelo ódio. Em nome de Deus, os remetentes faziam maldições, profanidades e ameaças. Eu quis protestar: "Espere um pouco, Mel é meu amigo. Você não o conhece". Mas, para os signatários das cartas, Mel era um rótulo — *perverso!* — e não uma pessoa. Conhecendo Mel, eu compreendia melhor os perigos que Jesus discutiu tão incisivamente no Sermão do Monte: com que rapidez nós acusamos os outros de homicidas e passamos por cima de nossa própria ira, ou de adúlteros e ignoramos nossa própria luxúria. A graça morre quando ela nos coloca um contra os outros.

Também li algumas das cartas que Mel recebeu em resposta ao seu livro *Stranger at the Gate* [Estranho no portão]. Muitas vieram de *gays* e simplesmente contavam uma história. Como Mel, muitos dos signatários das cartas tentaram o suicídio. Como Mel, muitos experimentaram apenas rejeição por parte da igreja. Oitenta mil livros foram vendidos, quarenta e um mil leitores escreveram — isso não significava nada a respeito da fome de graça na comunidade homossexual?

Testemunhei Mel tentando iniciar uma nova carreira. Ele perdeu todos os seus clientes anteriores, seus rendimentos caíram vertiginosamente, tendo de se mudar de uma casa luxuosa para um pequeno apartamento. Como Ministro da Justiça da denominação MCC, ele passa agora grande parte do seu tempo falando a pequenos grupos de homens e mulheres *gays*, grupos que, para falar com delicadeza, não fazem nada para alimentar o ego do orador.

Toda a noção de uma "igreja *gay*" me parece bizarra. Conheço homossexuais celibatários, não praticantes, que desejam desesperadamente que outra igreja os aceite, mas não encontraram nenhuma. Triste porque as igrejas que frequento estão perdendo os dons espirituais desses cristãos, e triste também porque a denominação MCC me parece muito presa a questões sexuais.

Mel e eu temos diferenças profundas. Não posso apoiar muitas das decisões que ele tomou. — Um dia nós dois vamos enfrentar-nos um de cada lado dos piquetes — ele profetizou há alguns anos. — O que vai acontecer à nossa amizade?

Em virtude disso, lembro-me de um difícil confronto na cafeteria do "Hotel Red Lion", exatamente quando voltei da Rússia. Eu estava exultante com as novidades da queda do comunismo, da nova abertura para Cristo em quase um terço do mundo, das incríveis palavras que havia ouvido diretamente dos lábios de Gorbachev e da KGB. Parecia um momento raro de graça em um século que conhecia tão pouco dela.

Mel, entretanto, tinha uma agenda totalmente diferente. — Você poderia apoiar minha ordenação? — ele perguntou. Naquele tempo, o homossexualismo, para não dizer a sexualidade, estava fora de cogitação para mim. Estava pensando na queda do marxismo, no fim da Guerra Fria, na emancipação do Gulag.

—Não — respondi a Mel depois de pensar um pouco. —Com base em sua história e no que leio nas epístolas, não acho que você se qualifique. Se eu votasse no concílio de sua ordenação, votaria contra.

Levou meses para a nossa amizade recuperar-se dessa conversa. Eu havia respondido honestamente, de improviso, mas para Mel pareceu uma rejeição direta e pessoal. Tentei colocar-me em seu lugar para compreender como seria ser como ele e continuar tendo amizade com uma pessoa que escreve para a revista *Christianity Today* e que representa a instituição religiosa que lhe provocou tanto sofrimento. Como seria fácil para ele rodear-se de pessoas iguais a ele para apoiá-lo.

Francamente, creio que nossa amizade precisa de muito mais graça da parte de Mel do que da minha.

Posso prever o tipo de cartas que vou receber em reação a esta história. O homossexualismo é um assunto tão controvertido que desperta reações apaixonadas de ambos os lados. Os conservadores vão arrastar-me por alimentar um pecador, e os liberais vão atacar-me porque não endosso sua posição. Repito não estou discutindo meu ponto de vista a respeito do comportamento homossexual, apenas minhas atitudes para com os homossexuais. Usei o exemplo do meu relacionamento com Mel White — deliberadamente evitando algumas das questões — porque para mim tem sido uma prova intensa e contínua a respeito de como a graça me convida a tratar pessoas "diferentes".

Tais diferenças profundas, seja qual for a área, formam um bocadinho de graça. Alguns têm de lutar corpo a corpo contra os fundamentalistas que os feriram no passado. Will Campbell assumiu a tarefa de reconciliar-se com os *caipiras* e com os membros da *Klan*. Outros ainda lutam com a arrogância e estreiteza de mente dos liberais "politicamente corretos". Os brancos devem lidar com sua diferença com os afro-americanos, e vice-versa. Os negros das cidades também precisam resolver relacionamentos complicados com os judeus e os coreanos.

Um assunto como o homossexualismo representa uma questão importante porque a diferença centraliza-se sobre uma questão moral, e não transcultural. Através da história, a igreja tem considerado unanimemente o comportamento homossexual como um pecado sério. Então, a questão vem a ser: "Como devemos tratar os pecadores?".

Penso nas mudanças que ocorreram dentro da igreja evangélica durante minha vida sobre a questão do divórcio, um assunto a respeito do qual Jesus é absolutamente claro. Contudo, hoje uma pessoa divorciada não é evitada, banida das igrejas, cuspada ou ofendida. Mesmo os que consideram o divórcio um pecado tiveram de aceitar os pecadores e tratá-los com civilidade e até amor. Outros pecados a respeito dos quais a Bíblia também é clara — avareza, por exemplo — não parecem apresentar nenhuma barreira. Aprendemos a aceitar a pessoa sem aprovar o seu comportamento.

Meu estudo da vida de Jesus me convenceu de que, sejam quais forem as barreiras que tivermos de transpor ao tratar com pessoas "diferentes", elas não se podem comparar com o que um Deus santo — que habitava no Santíssimo Lugar, e cuja presença expelia violentamente fogo e fumaça do topo da montanha provocando a morte de qualquer pessoa impura que se aproximasse — teve de vencer quando desceu para se juntar a nós sobre o planeta Terra. Uma prostituta, um rico aproveitador, uma mulher endemoninhada, um soldado romano, uma samaritana com hemorragia e outra samaritana com vários maridos ficaram maravilhados porque Jesus recebeu a reputação de ser "amigo de pecadores". Como escreveu Helmut Thielicke:

Jesus tinha o poder<sup>3</sup> de amar prostitutas, valentões e rufiões... Ele foi capaz disso apenas porque via através da sujeira e da crosta da

degeneração; seus olhos captavam a origem divina que está oculta por toda parte — em *cada* homem!... Primeiro, e principalmente, Ele nos dá novos olhos...

Quando Jesus amava<sup>4</sup> uma pessoa qualquer carregada de culpa e a ajudava, via nela um filho de Deus desviado. Via um ser humano a quem seu Pai amava e por quem se entristecia por ele andar em caminhos errados. Ele o via como Deus o planejara originalmente e



queria que ele fosse e, portanto, olhava, por baixo da camada superficial da sujeira e da imundície para o verdadeiro homem. Jesus não

*identificava* a pessoa com o seu pecado, antes via nesse pecado alguma coisa estranha, alguma coisa que realmente não fazia parte da pessoa, alguma coisa que simplesmente a acorrentava e a dominava e da qual Ele a libertaria e a traria de volta para o seu verdadeiro eu. Jesus foi capaz de amar os homens porque Ele os amava da maneira certa através da camada de lama.

Podemos ser abominações, mas ainda somos o orgulho e a alegria de Deus. Todos nós na igreja precisamos de "olhos curados pela graça" para ver o potencial nos outros para a mesma graça que Deus não prodigamente nos concedeu. "Amar uma pessoa", disse Dostoiévski,<sup>5</sup> "significa vê-la como Deus pretendia que ela fosse".

*O romancista católico crê que você destrói sua liberdade com o pecado; acho que o leitor moderno crê que o pecado traz liberdade. Não existe muita possibilidade de entendimento entre os dois.*

Flannery O`Connor

## CAPÍTULO 14 BRECHAS

Robert Hughes,<sup>1</sup> historiador e crítico de arte, conta a história de um condenado à prisão perpétua em uma ilha de segurança máxima na costa da Austrália. Um dia, sem nenhuma provocação, ele se voltou contra um companheiro de prisão e o espancou até deixá-lo sem sentidos. Por esse motivo, as autoridades o mandaram de volta ao continente para outro julgamento, no qual ele deu um testemunho direto e impassível do crime. Não demonstrou nenhum sinal de remorso e negou ter tido qualquer ressentimento da vítima. — Por que, então? — perguntou o juiz, admirado. — Qual foi o seu motivo?

O prisioneiro respondeu que estava enjoado da vida na ilha, um lugar de notória brutalidade, e não via motivos para continuar vivendo. — Sim, sim, eu compreendo tudo isso — disse o juiz. — Posso entender por que você se afogaria no oceano. Mas por que matar?

— Bem, eu penso assim — disse o prisioneiro. — Sou católico. Se eu cometesse suicídio iria diretamente para o inferno. Mas, se eu matasse alguém, poderia voltar aqui para Sidney e confessar o meu crime a um padre antes da execução. Desse jeito, Deus me perdoaria.

A lógica do prisioneiro australiano era a imagem reflexa do Príncipe Hamlet, que não assassinaria o pai em suas orações na capela para que este não fosse perdoado por seus atos infames, indo diretamente para o céu.

Qualquer pessoa que escreva a respeito da graça tem de enfrentar suas brechas evidentes. No poema de W. H. Auden:<sup>2</sup> "For Time Being" [Para todo o sempre], o rei Herodes astutamente capta as conseqüências lógicas da graça: "Todo velhaco vai argumentar: 'Eu gosto de cometer crimes. Deus gosta de perdôá-los. De fato, o mundo foi admiravelmente arranjado'".

Nesse particular, confesso que apresentei um quadro unilateral da graça. Descrevi Deus como um pai cheio de amor, ansioso por perdoar, e a graça como uma força suficientemente poderosa para quebrar as

adeias que nos amarram e suficientemente misericordiosa para vencer diferenças profundas entre nós. Descrever a graça em tais termos arrasadores torna as pessoas nervosas, e eu concordo que já escorreguei à beira desse abismo. Fiz isso porque acredito no que diz o Novo Testamento. Considere este lembrete penetrante do grande e antigo pregador Martyn Lloyd-Jones:<sup>3</sup>

Existe, portanto, claramente, um sentido no qual a mensagem da "justificação somente pela fé" pode ser perigosa. E igualmente perigosa a mensagem de que a salvação é inteiramente de graça...

Eu diria a todos os pregadores: Se a sua pregação a respeito da salvação não foi mal-entendida desse modo, então seria melhor que examinassem de novo os seus sermões. E também seria melhor que se certificassem de que realmente estão pregando a salvação que é oferecida no Novo Testamento ao ímpio e ao pecador, àqueles que são inimigos de Deus. Há esse tipo de elemento perigoso a respeito da verdadeira apresentação da doutrina da salvação.

A graça tem cheiro de escândalo. Quando alguém perguntou ao teólogo Karl Barth o que ele diria a Adolf Hitler, ele respondeu: "Jesus Cristo morreu pelos seus pecados". Pelos pecados de Hitler? De todas as coisas? A graça não tem limites?

Dois gigantes do Antigo Testamento, Moisés e Davi, cometeram homicídio e Deus ainda os amava. Como já mencionei, outro homem que dirigiu uma campanha de torturas criou um padrão missionário que nunca foi igualado. Paulo nunca se cansou de descrever esse milagre do perdão: "Outrora fui<sup>4</sup> blasfemo e perseguidor e injuriador, mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade; e a graça de nosso Senhor superabundou com a fé e o amor que há em Cristo Jesus. Fiel é esta palavra e digna de toda a aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal".

Ron Nikkel, que dirige a Associação Internacional nas Prisões, tem um discurso padrão que transmite aos prisioneiros em todo o mundo. "Não sabemos quem vai para o céu", ele diz. E prossegue o discurso: "Jesus deu a entender que uma porção de pessoas serão surpreendidas: 'Nem todos os que me dizem Senhor, Senhor, entrarão no reino dos céus'. Mas nós sabemos que alguns ladrões e homicidas estarão ali. Jesus prometeu o céu ao ladrão na cruz e o apóstolo Paulo foi cúmplice de assassinatos". Tenho observado a expressão nos rostos de prisioneiros em lugares como o Chile, Peru e Rússia quando a verdade de Ron atinge o ponto. Para eles, o escândalo da graça soa bom demais para ser verdade.

Quando Bill Moyers filmou um especial para a televisão a respeito do hino "Maravilhosa Graça", sua câmera seguiu Johnny Cash até as entranhas de uma prisão de segurança máxima. — O que este hino significa para você? — Cash perguntou aos prisioneiros depois de cantar o hino. Um homem cumprindo pena por tentativa de assassinato replicou: — Fui diácono, membro de igreja, mas não sabia o que a graça significava até que vim parar em um lugar como este.

O potencial para o "abuso da graça" ficou claro para mim, de uma maneira bastante forte, em uma conversa com um amigo que chamarei de Daniel. Já era tarde da noite e eu estava sentado em um restaurante com Daniel ouvindo-o confidenciar-me que havia decidido abandonar sua esposa depois de quinze anos de casamento. Ele havia se envolvido com uma mulher mais jovem e mais bonita, alguém que fazia sentir-se vivo, "como eu não me sentia há anos", conforme ele mesmo dizia. Sua esposa e ele não tinham grandes incompatibilidades. Ele simplesmente queria uma mudança, como um homem que deseja ardentemente um carro novo.

Daniel, um cristão, conhecia bem as conseqüências pessoais e morais do que ia fazer. Sua decisão de separar-se infligiria prejuízos permanentes à sua esposa e aos três filhos. Mesmo assim, ele disse, a força que o impulsionava para a mulher mais jovem, como um ímã poderoso, era forte demais para ele poder resistir.

Escutei a história de Daniel com tristeza e amargura, falando pouco enquanto tentava absorver a notícia. Então, durante a sobremesa, ele deixou cair a bomba: "Na verdade, Philip, quero saber uma coisa. O motivo porque quis falar com você hoje à noite foi para lhe perguntar o que está me preocupando. Você

estuda a Bíblia. Você acha que Deus pode perdoar uma coisa tão horrível como a que vou fazer?"

A pergunta de Daniel jazia na mesa como uma serpente viva; tomei três xícaras de café antes de me atrever a dar uma resposta. Nesse intervalo, pensei muito na repercussão da graça. Como poderia dissuadir meu amigo de cometer um erro terrível se ele soubesse que o perdão jaz ali ao virar a esquina? Ou, como na sombria história de Robert Hughes, na Austrália, o que evitaria que um condenado cometesse homicídio se ele soubesse com antecedência que seria perdoado?

Há um "gancho" na graça que preciso mencionar agora. Nas palavras de C. S. Lewis:<sup>5</sup> "Agostinho diz: 'Deus dá onde Ele encontra mãos vazias'. Um homem cujas mãos estão cheias de pacotes não pode receber um presente". A graça, em outras palavras, tem de ser recebida. Lewis<sup>6</sup> explica que aquilo que eu chamo de "abuso da graça" brota de uma confusão entre tolerância e perdão: "Tolerar um erro é simplesmente ignorá-lo, tratá-lo como se fosse uma coisa correta. Mas o perdão precisa ser aceito, além de oferecido para que seja completo. Um homem que não admite culpa não pode aceitar o perdão".

Foi o que eu disse ao meu amigo Daniel, em resumo. "Se Deus pode perdôá-lo? Naturalmente. Você conhece a Bíblia. Deus usa homicidas e adúlteros. A bem da verdade, Pedro e Paulo, dois homens que alharam muito, lideraram a igreja do Novo Testamento. O perdão é problema nosso, e não de Deus. O que nós temos de fazer para cometer pecado é que nos distanciamos de Deus — nós nos transformamos no próprio ato de rebeldia — e não há garantia de que um dia voltamos. Você me pergunta agora a respeito do perdão: nas serás que mais tarde você vai querer o perdão, especialmente se ele envolver arrependimento?"

Meses depois de nossa conversa, Daniel fez sua escolha e abandonou a família. Ainda não viu evidências de arrependimento. Agora ele se inclina a racionalizar sua decisão como uma maneira de fugir de um casamento infeliz. Ele se afastou de seus antigos amigos por considerá-los "demasiadamente estreitos e críticos" e procura substitutos que celebrem sua recém-descoberta libertação. Para mim, entretanto, Daniel não parece muito liberado. O preço da "liberdade" significou virar as costas para aqueles que mais se interessam por ele. Ele me diz também que agora Deus não faz mais parte de sua vida. "Talvez mais tarde", ele diz.

Deus assumiu um grande risco anunciando o perdão com antecedência. E o escândalo da graça envolve uma transferência desse risco para nós.

"Verdadeiramente é um erro estar cheio de faltas", disse Pascal, "mas é um erro ainda maior estar cheio delas e não desejar reconhecê-las".

As pessoas se dividem em duas categorias. Não estou me referindo aos culpados e aos "justos", como muitas pessoas pensam. Antes, porém, em duas categorias diferentes de pessoas culpadas. Há pessoas culpadas que reconhecem seus erros. E pessoas culpadas que não os reconhecem. São dois grupos que convergem em uma cena registrada em João 8.

O incidente acontece nos átrios do templo, onde Jesus está ensinando. Um grupo de fariseus e mestres da lei interrompe o "culto" arrastando uma mulher apanhada em adultério. Segundo o costume, ela é desnuda da cintura para cima como prova de sua vergonha. Aterrorizada, indefesa, publicamente humilhada, a mulher se encolhe diante de Jesus, os braços cobrindo os seios nus.

Adultério envolve duas pessoas, naturalmente, mas a mulher está sozinha diante de Jesus (talvez tivesse sido apanhada na cama com um fariseu?). João deixa claro que os acusadores estavam mais interessados em criar uma armadilha para Jesus do que punir um crime. E a armadilha era muito inteligente. A lei de Moisés especificava morte por apedrejamento para o adultério, mas a lei romana proibía os judeus de realizar execuções. Jesus obedeceria a Moisés ou a Roma? Ou Ele, notório por sua misericórdia, encontraria uma maneira dessa adúltera escapar? Neste caso, teria de desafiar a lei de Moisés diante de uma multidão reunida nos próprios átrios do templo. Todos os olhos se fixaram em Jesus.

Nesse momento cheio de tensão, Jesus faz uma coisa diferente: Ele se inclina e escreve no chão com o dedo. Esta, de fato, é a única cena dos evangelhos que apresenta Jesus escrevendo. Para suas únicas palavras escritas Ele escolheu como agente um galho e escreveu na areia, sabendo que os pés, o vento, ou

chuva logo as apagam.

João não nos conta o que Jesus escreveu na areia. No seu filme a respeito da vida de Jesus, Cecil B De Mille o apresenta anotando os nomes dos diversos pecados: adultério, homicídio, orgulho, avareza, luxúria. Cada vez que Jesus escreve uma palavra, alguns fariseus se afastam. A imaginação de De Mille, como todas as outras, é uma conjectura. Sabemos apenas que nesse momento carregado de perigo Jesus escreve, fica em silêncio e escreve com o dedo na areia. O poeta irlandês Seamus Heaney<sup>7</sup> comenta que Jesus "marca passo em todo o sentido dessa expressão", concentrando a atenção de todos e criando uma brecha entre o significado entre o que está acontecendo e o que o auditório deseja que aconteça.

Aqueles que estão no auditório vêm, sem dúvida, duas categorias de atores no drama: a mulher culpada, apanhada com as mãos sujas, e os acusadores "justos", que são, afinal de contas, profissionais religiosos. Quando Jesus finalmente fala, destrói uma daquelas categorias. — Se algum de vocês não tem pecado — diz o Filho de Deus, — que seja o primeiro a atirar uma pedra nesta mulher.

Novamente Ele se inclina para escrever, marcando passo de novo, e, um a um, todos os acusadores se afastam.

A seguir, Jesus se endireita e dirige-se à mulher, que ficou sozinha diante dele. — Mulher, onde estão os teus acusadores? Ninguém te condenou?

— Ninguém, senhor — ela diz.

E para a mulher, tomada pelo terror da expectativa de uma possível execução, Jesus dá o veredito: — Ninguém te condenou... Vai e abandona tua vida de pecado.

Assim, em uma pincelada brilhante, Jesus substitui as duas categorias presumidas, os justos e os culpados, por duas categorias diferentes: os pecadores que admitem o pecado e os pecadores que o negam. A mulher apanhada em adultério, desamparada, admitiu sua culpa. Muito mais problemáticas eram as pessoas que, como os fariseus, negavam ou reprimiam a culpa. Eles também precisavam estar de mãos vazias para receber a graça divina. O dr. Paul Tournier<sup>8</sup> expressa este padrão em linguagem psiquiátrica: "Deus apaga a culpa consciente, mas traz à consciência a culpa reprimida".

A cena que se encontra em João 8 me desconcerta porque, por causa de minha própria natureza identifico-me mais com os acusadores do que com a acusada. Nego mais do que confesso. Envolvendo meus pecados em um manto de respeitabilidade, raramente — ou nunca — me deixo apanhar em uma indiscrição espalhafatosa e pública. Mas, se entendo corretamente esta história, a mulher pecadora é a que está mais próxima do reino de Deus. De fato, só posso avançar no reino se me tornar como essa mulher tímida, humilde, sem desculpas, as mãos abertas para receber a graça de Deus.

Essa cena de abertura para receber é o que chamo de "captar" a graça. Ela tem de ser recebida. E o termo cristão para esse ato é arrependimento, a porta da graça. C. S. Lewis<sup>9</sup> disse que o arrependimento não é uma coisa que Deus arbitrariamente exige de nós; "é simplesmente uma descrição daquilo que significa voltar". Em se tratando da parábola do Filho Pródigo, o arrependimento é a fuga para casa que conduz à celebração feliz. Abre o caminho para um futuro, para um relacionamento restaurado.

As muitas passagens explícitas sobre o pecado aparecem sob uma nova luz quando compreendo o desejo de Deus de me pressionar para o arrependimento, a porta da graça. Jesus disse a Nicodemos: "Porque Deus<sup>10</sup> enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele". Em outras palavras, Deus desperta minha culpa para o meu próprio benefício. Ele não procura me esmagar, mas me libertar. E a libertação exige um espírito indefeso como o dessa mulher apanhada com as mãos sujas, e não o espírito altivo dos fariseus.

Uma falha só pode ser radicalmente curada se for trazida à luz. Os alcoólatras sabem que se uma pessoa não reconhecer o seu problema — "Eu sou um alcoólatra" — não há esperança de cura. Para os médicos especializados, tal confissão pode exigir intervenções excruciantes da família e dos amigos, que escrevem na areia a vergonhosa verdade até que o alcoólatra a admita. [\[6\]](#)

Nas palavras de Tournier:<sup>11</sup>

...os crentes que estão mais desesperados consigo mesmos são aqueles que expressam com mais força sua confiança na graça. Temos um S. Paulo... e um S. Francisco de Assis, que afirmaram que foram os maiores pecadores de todos os homens; e um Calvino, que afirmou que o homem era incapaz de fazer bem e de conhecer a Deus por meio do seu próprio poder...

"São os santos que têm o senso do pecado", diz o padre Daniélou. E continua: "O senso do pecado é a medida da consciência que uma alma tem de Deus".

É possível, adverte o escritor bíblico Judas, transformar "em dissolução a graça<sup>12</sup> de nosso Deus". Nem mesmo uma ênfase sobre o arrependimento apaga este perigo completamente. Ambos, meu amigo Daniel e o condenado australiano, concordariam em teoria com a necessidade do arrependimento. E os dois estavam planejando explorar a brecha da graça conseguindo o que desejavam agora e arrependendo-se mais tarde. Primeiro, uma idéia tortuosa se forma no fundo da mente. É algo que eu desejo. Sim, eu sei que é errado. Mas por que simplesmente não vou em frente? Sempre posso obter o perdão depois. A idéia se transforma em obsessão e, finalmente, a graça se transforma em "dissolução imoral".

Os cristãos têm reagido a esse perigo de diversas formas. Martinho Lutero,<sup>13</sup> embriagado com a graça de Deus, às vezes zombava do potencial do abuso. Ele escreveu a seu amigo Melancton: "Se você for um pregador da graça, não pregue uma graça fictícia, mas a verdadeira; e se a graça é verdadeira, envolve um pecado verdadeiro, não fictício. Seja pecador e peque vigorosamente... Basta reconhecermos, mediante a riqueza da glória de Deus, o Cordeiro que tira o pecado do mundo; disto o pecado não nos separa, mesmo se milhares, milhares de vezes por dia nós fornicássemos ou cometêssemos homicídio".

Outros, alarmados com a perspectiva dos cristãos fornicarem ou matarem milhares de vezes por dia censuraram Lutero por sua hipérbole. A Bíblia, afinal, apresenta a graça como uma contrapartida para o pecado. Como podem os dois coexistir na mesma pessoa? Não deveríamos "crescer na graça",<sup>14</sup> como Pedro ordena? A nossa semelhança familiar com Deus não deveria aumentar? "Cristo nos aceita como somos", escreveu Walter Trobisch,<sup>15</sup> "mas quando ele nos aceita, não podemos permanecer como somos".

Dietrich Bonhoeffer, teólogo do século XX, cunhou a expressão "graça barata" como meio de resumir o abuso da graça. Vivendo na Alemanha nazista, ficou alarmado com a maneira covarde pela qual os cristãos estavam reagindo à ameaça de Hitler. Os pastores luteranos pregavam a graça dos púlpitos aos domingos depois ficavam em silêncio o restante da semana enquanto os nazistas continuavam sua política de racismo, eutanásia e finalmente genocídio. O livro de Bonhoeffer *The Cost of Discipleship* [O preço do discipulado] destaca as muitas passagens do Novo Testamento ordenando aos cristãos que busquem a santidade. Todo chamado à conversão, ele insistia, inclui um chamado para o discipulado, para a semelhança de Cristo.

No livro de Romanos, Paulo lida exatamente com essas questões. Nenhuma outra passagem bíblica apresenta de maneira tão direcionada a graça em todos os seus mistérios. E para termos uma perspectiva do escândalo da graça devemos ler Romanos 6 a 7.

Os primeiros capítulos de Romanos alertam sobre o estado miserável da humanidade, com a conclusão condenatória: "Pois todos pecaram<sup>16</sup> e destituídos estão da glória de Deus". Como uma orquestra introduzindo um novo movimento sinfônico, os próximos dois capítulos falam da graça que apaga toda a maldade: "Mas onde o pecado<sup>17</sup> abundou, superabundou a graça". Certamente uma grande teologia, mas essa declaração arrasadora introduz o problema muito prático que estou abordando: por que ser bom se você já sabe com antecedência que vai ser perdoado? Por que lutar para ser justo como Deus quer quando Ele me aceita exatamente como sou?

Paulo sabe que abriu um dique teológico. Em Romanos 6 ele pergunta bruscamente: "Que diremos pois? Permaneceremos no pecado,<sup>18</sup> para que a graça aumente?", e, novamente: "Havemos de pecar<sup>19</sup> por não estarmos debaixo da lei, mas da graça? O apóstolo responde curta, explosivamente, às duas perguntas: "De modo nenhum". Outras traduções são mais pitorescas; a Versão King James, por exemplo, diz: "Deus não quer que pecemos livremente!"

O que absorve o apóstolo nesses capítulos densos, apaixonados, é simplesmente o escândalo da graça. A questão "Para que ser bom?" subsiste no fundo do argumento de Paulo. Se você já sabe com antecedência que será perdoado, por que não se juntar aos bacanais pagãos? Coma, beba, divirta-se, pois amanhã Deus perdoará. Paulo não pode ignorar esta brecha evidente.

A primeira ilustração de Paulo (Romanos 6:1-14) vai diretamente ao ponto. Ele apresenta a questão: se a graça aumenta quando o pecado aumenta, então por que não pecar o máximo possível para que Deus tenha mais oportunidade de estender a sua graça? Embora esse raciocínio possa parecer perverso, em diversas ocasiões os cristãos têm seguido exatamente essa lógica viciosa. Um bispo do século III ficou perplexo ao ver mártires devotos da fé cristã dedicarem suas últimas noites na prisão embriagando-se, em orgias e promiscuidade. Uma vez que a morte de mártires os tornaria perfeitos, eles raciocinavam, que importância teria se passassem suas últimas horas pecando? E, na Inglaterra de Cromwell, uma seita extremista conhecida como "Ranters" (Vociferadores) desenvolveu a doutrina da "santidade do pecado". Um líder lançava maldições durante toda uma hora no púlpito de uma igreja de Londres; outros embriagavam-se e blasfemavam em público.

Paulo não tinha tempo para tais circunvoluções éticas. Para refutá-las, ele começa com uma analogia básica que contrasta diretamente a morte com a vida. "Nós, que estamos mortos para o pecado,<sup>20</sup> como viveremos ainda nele?", pergunta, incrédulo, o apóstolo. Nenhum cristão que tenha ressuscitado para a nova vida em Cristo deveria estar preso à sepultura. O pecado tem cheiro de morte. Por que alguém preferiria?

Contudo, o exemplo vivo de Paulo da morte versus vida não esclarece totalmente a questão em exame pois a maldade nem sempre tem o cheiro de morte — pelo menos, não para os seres humanos. O abuso da graça é uma verdadeira tentação para a luxúria, a ganância, a inveja e o orgulho que tornam o pecado claramente atraente. Como os porcos de fazenda, nós gostamos de chafurdar na lama.

E mais ainda: embora os cristãos possam ter "morrido para o pecado" de algum modo teórico, eles continuam pipocando de volta à vida. Um amigo meu que dirigiu um estudo bíblico a respeito desta passagem depois foi interpelado por uma colega com uma expressão aturdida. "Eu sei que foi declarado que estamos mortos para o pecado", ela disse. "Mas, na minha vida o pecado parece muito vivo". Paulo, um homem realista, reconheceu este fato. Caso contrário, ele não nos teria advertido na mesma passagem: "Considerai-vos<sup>21</sup> como mortos para o pecado" e "Não reine<sup>22</sup>, portanto, o pecado em vosso corpo mortal".

Edward O. Wilson, biólogo de Harvard, realizou uma experiência um tanto estranha com formigas que pode esclarecer a ilustração de Paulo. Depois de observar que levava alguns dias para as formigas reconhecerem como morta uma de suas companheiras de viveiro que fora estorricada, ele chegou à conclusão de que as formigas identificam a morte pelo cheiro, e não visualmente. Quando o corpo de uma formiga começa a se decompor, as outras formigas, infalivelmente, a carregam para fora do viveiro para um monte de refugos. Depois de diversas tentativas, Wilson conseguiu isolar o elemento como sendo ácido oléico. Se as formigas sentissem o cheiro do ácido oléico, levavam o defunto para fora; qualquer outro cheiro elas ignoravam. Seu instinto era tão forte que se Wilson besuntasse pedacinhos de papel com ácido oléico, as outras formigas carregavam zelosamente o papel para o cemitério das formigas.

Em uma experiência final, Wilson passou ácido oléico nos corpos de formigas vivas. Imediatamente suas colegas de viveiro as agarraram e marcharam com elas, suas pernas e antenas se contorcendo em protesto, para o cemitério das formigas. Assim depositadas, as indignadas "mortas vivas" se limpavam antes de retornar para o viveiro. Se não removessem cada traço de ácido oléico, as colegas de viveiro imediatamente as agarravam de novo e as transportavam ao cemitério. Tinham de estar comprovadamente vivas, julgadas apenas pelo cheiro, antes de serem aceitas de volta no viveiro.

Penso nessa imagem, formigas "mortas" agindo como se fossem vivas, quando leio a primeira ilustração de Paulo em Romanos 6. O pecado pode estar morto, mas obstinadamente ele se contorce de volta à vida imediatamente, Paulo torna a apresentar o dilema de maneira sutilmente diferente: "Havemos

le pecar por não estarmos debaixo da lei, mas debaixo da graça?" (6:15). Será que a graça oferece uma licença, uma espécie de passe livre através do labirinto ético da vida? Já descrevi um homicida australiano e um adúltero americano que chegaram a esta mesma conclusão.

"Acho que existe uma razão para obedecermos às regras enquanto somos jovens... para termos energia suficiente para quebrar todas elas quando ficarmos velhos", disse Mark Twain, que valentemente tentava seguir o seu próprio conselho. Por que não, se você sabe com antecedência que será perdoado? Novamente Paulo deixa escapar um "Deus me livre!" de incredulidade. Como você responde a alguém cujo alvo principal na vida é "forçar a barra" com a graça? Essa pessoa realmente experimentou a graça algum dia?

A segunda analogia de Paulo (6:15-23), a escravidão humana, acrescenta uma nova dimensão à discussão. "Vocês eram escravos", ele começa, traçando uma comparação muito adequada. O pecado é um senhor de escravos que nos controla quer gostemos quer não. Paradoxalmente, uma busca impetuosa de liberdade com frequência acaba em escravidão: insista na liberdade de perder o controle sempre que sentir vontade e logo você descobrirá que é escravo da ira. Na vida moderna, essas coisas que os adolescentes fazem para expressar sua liberdade — fumo, álcool, drogas, pornografia — acabam sendo seus senhores inescrutáveis.

Para muitos, o pecado é como um tipo de escravidão — ou, em termos atuais, um vício. Qualquer membro do "grupo dos doze passos" pode descrever o processo. Estabeleça uma firme resolução de não se entregar ao seu vício e, durante algum tempo, você se aquecerá na liberdade. Quantos, contudo, experimentam o triste retorno à escravidão!

Aqui está uma exata descrição do paradoxo do romancista François Mauriac:<sup>23</sup>

Uma a uma as paixões despertaram, rondando furtivamente e farejando o objeto de seu desejo; elas estão atacando pelas costas a pobre alma indecisa que está liquidada. Quantas vezes foi arremessada na rocha, coberta de lama endurecida, agarrando-se às margens para voltar à luz novamente, para sentir suas mãos fraquejando e retornar de novo às trevas, antes de, finalmente, submeter-se à lei da vida espiritual — a lei menos compreendida no mundo e aquela que o repele mais, embora sem ela não consiga obter a graça pela perseverança. O que é necessário é a renúncia do ego, e isto se expressa perfeitamente na frase de Pascal: "Renúncia doce e total. Absoluta submissão a Jesus Cristo e ao meu orientador espiritual".

As pessoas podem rir e zombar de você por ser indigno do título de homem livre e por ter de se submeter a um senhor... Mas esta escravidão é realmente uma libertação milagrosa, pois mesmo quando você estava livre passava o tempo todo inventando e colocando cadeias em si mesmo, apertando-as cada vez mais a cada momento. Durante os anos em que pensou que era livre você submeteu-se como um boi ao jugo de seus incontáveis males hereditários. Desde o momento de seu nascimento nenhum dos seus crimes deixou de continuar vivo, não deixou de aprisioná-lo mais e mais a cada dia, não deixou de gerar outros crimes. O Homem a quem você se submete não quer que você seja livre para ser escravo; Ele quebra o ciclo de seus grilhões e, contra os seus quase extintos e ainda latentes desejos, Ele acende e reacende o fogo da graça.

Ainda em uma terceira ilustração (7:1-6), Paulo compara a vida espiritual ao casamento. A analogia básica não é nova, pois a Bíblia com frequência apresenta Deus como um noivo amoroso indo atrás de uma noiva volúvel. A intensidade dos sentimentos que temos pela pessoa que escolhemos para passar a vida com ela reflete a paixão que Deus sente por nós, e Ele deseja sua paixão retribuída na mesma moeda.

Muito mais do que a morte, muito mais do que a escravidão, a analogia do casamento propicia uma resposta à pergunta com a qual Paulo começou: Por que ser bom? Realmente, essa pergunta está errada. Deveria ser: Por que amar?

Em um verão eu precisei aprender alemão básico para concluir um doutorado. Que verão miserável! Nas maravilhosas tardes em que meus amigos velejavam pelo Lago Michigan, andavam de bicicleta e bebericavam cappuccinos nos cafés ao ar livre, eu hibernava com um tutor de primeiríssima qualidade analisando verbos alemães. Cinco noites por semana, três horas por noite, eu passava memorizando

vocabulário e terminações que nunca mais usaria. Suportei essa tortura com um único propósito: passar na prova e obter o meu doutorado.

E se o secretário da escola tivesse me prometido: "Philip, queremos que você estude muito, aprenda alemão e preste o exame, mas nós lhe prometemos de antemão que você vai passar no teste. Seu diploma já foi preenchido"? Você acha que eu teria passado todas as deleitáveis tardes de verão em um apartamento quente e abafado? Nunca. Resumindo, esse é o dilema teológico que Paulo confronta em Romanos.

Por que aprender alemão? Há motivos nobres, é claro — as línguas alargam a mente e expandem o âmbito da comunicação — mas isso nunca me motivou a estudar alemão antes. Eu estudava por motivos egoístas, para concluir um doutorado. E apenas a ameaça das conseqüências que pesava sobre mim me levou a reordenar minhas prioridades de verão. Hoje, lembro-me muito pouco do alemão que armazenei na mente. "A velhice da letra" (a descrição da lei do Antigo Testamento feita por Paulo) produz resultados a curto prazo na melhor das hipóteses.

O que me inspiraria aprender alemão? Posso imaginar um incentivo poderoso. Se minha esposa, a mulher pela qual me apaixonei, falasse apenas alemão, eu teria aprendido essa língua em tempo recorde. Por quê? Porque teria um desejo desesperado de comunicar-me mit einer schönen Frau [com uma mulher bonita]. Eu teria passado noites acordado analisando verbos e colocando-os adequadamente nos finais de minhas sentenças nas cartas de amor, acariciando cada acréscimo ao meu vocabulário como uma nova maneira de me expressar àquela a quem amava. Teria aprendido alemão de boa vontade, com o próprio relacionamento como recompensa.

Essa realidade me ajuda a compreender a ríspida exclamação de Paulo, "Deus me livre!", à pergunta "Permaneceremos no pecado, para que a graça aumente?". Será que um noivo na noite do seu casamento manterá a seguinte conversa com a noiva: "Querida, eu a amo muito. Estou ansioso em passar a minha vida com você. Mas preciso esclarecer alguns detalhes. Depois de casado, até onde posso ir com outras mulheres? Posso dormir com elas? Beijá-las? Você não se importaria com alguns casos de vez em quando e importaria? Sei que isso a machucaria, mas imagine só todas as oportunidades que você terá de me verdoar depois que eu a trair!?" Para esse Donjuan, a única resposta razoável é uma bofetada no rosto e um "Deus me livre!". Obviamente, ele não compreende nada a respeito do amor.

Semelhantemente, se nos aproximarmos de Deus com uma atitude de "O que eu posso fazer?" prova que não temos idéia do que Deus tem em mente para nós. Ele quer alguma coisa muito além do relacionamento que eu poderia ter com um senhor de escravos, que forçaria a minha obediência com um chicote. Deus não é um patrão ou um gerente, nem um gênio mágico para servir às nossas ordens.

Realmente, Deus quer alguma coisa mais íntima do que o relacionamento mais íntimo na terra, o laço para toda a vida entre um homem e uma mulher. O que Deus deseja não é um bom desempenho, mas o meu amor. Eu faço "boas obras" para minha esposa não para receber crédito diante dela, mas, sim, para expressar o meu amor. De maneira igual, Deus deseja que eu sirva "de maneira nova no Espírito"; não por compulsão, mas por desejo. "Discipulado", diz Clifford Williams,<sup>24</sup> "significa simplesmente a vida que brota da graça".

Se eu tivesse de resumir as principais motivações do Novo Testamento para "ser bom" em uma única palavra, escolheria gratidão. Paulo começa a maior parte de suas cartas com um resumo das riquezas que possuímos em Cristo. Se compreendemos o que Cristo fez por nós, então certamente por gratidão lutaremos para viver de maneira digna de tão grande amor. Lutaremos por santidade não para fazer Deus nos amar porque Ele já nos ama. Como Paulo disse a Tito, é a graça de Deus que "nos ensina<sup>25</sup> a abandonar a impiedade e as paixões mundanas, para que vivamos neste presente século sóbria, justa e piedosamente".

Em suas memórias *Ordinary Time* [Tempo Regulamentar], a escritora católica Nancy Mairs<sup>26</sup> fala de seus anos de rebelião contra as imagens infantis de um "Papai do céu" que só podia ser agradado se ele seguisse uma lista de difíceis prescrições e proibições:

O fato de essas prescrições e proibições tomarem sua forma mais básica como mandamentos sugeriu



que a natureza humana tinha de ser forçada para o bem. Entregue a seu próprios esquemas, ela preferiria dolos, irreverências, manhãs dominicais ociosas com pãozinhos frescos e o New York Times; desrespeito à autoridade, homicídios, adultérios, roubos, mentiras e a cobiça de todas as coisas que pertencem ao vizinho... Eu estava sempre à beira de cometer um "não faça", para fazer em seguida uma reparação pedindo perdão ao próprio ser que me havia levado a transgredir, pois proibindo os comportamentos ele claramente esperava que eu os cometesse, em primeiro lugar: o Deus do "te peguei", poderíamos dizer.

Mairs transgrediu uma porção dessas regras, sentiu-se constantemente culpada e, então, em suas palavras, "aprendeu a desenvolver-se sob os cuidados" de um Deus que "pedia a simples atitude que tornaria a transgressão impossível: amor".

O melhor motivo para ser bom é desejar ser bom. Mudança interior exige relacionamento. Exige amor. Quem pode ser bom, se não pelo amor?", pergunta Agostinho.<sup>27</sup> Quando Agostinho fez a famosa declaração: "Se você apenas amar a Deus poderá fazer tudo o que desejar", ele estava sendo inteiramente sério. Uma pessoa que realmente ama a Deus ficará inclinada a agradar a Deus. Foi justamente o que Jesus e Paulo disseram ao resumir toda a lei no simples mandamento: "amar a Deus".

Se realmente captarmos a maravilha do amor de Deus por nós, a pergunta tortuosa de Romanos 6 e 7 — "O que eu posso fazer?" — nunca nos ocorrerá. Passaremos os nossos dias tentando aprofundar-nos na graça de Deus, e não em apenas explorá-la.

Mas pode aquele que tem o vinho desejar a uva?

Georde Herbert

## CAPÍTULO 15

### ANULAÇÃO DA GRAÇA

Já tive muitos encontros cara a cara com o legalismo. Sou oriundo de uma cultura fundamentalista de sul que fazia cara feia para rapazes e moças nadando juntos, uso de shorts, jóias ou maquiagem, dança boicote e leitura dos jornais de domingo. O álcool era um pecado de categoria diferente, com o odor sulfuroso do inferno.

Mais tarde, freqüentei uma faculdade cristã onde, em uma era de minissaias, os decanos legislavam uma saia abaixo dos joelhos. Se uma aluna usasse uma saia de comprimento duvidoso, a reitora feminina exigia que ela se ajoelhasse para ver se a saia tocava o chão. Calças compridas eram proibidas para mulheres exceto durante passeios no campo, quando tinham de ser usadas por baixo das saias, garantindo o pecado. Uma faculdade cristã rival chegou ao ponto de banir vestidos com bolinhas, uma vez que as bolinhas poderiam chamar a atenção para partes "sugestivas" do corpo. Os alunos do sexo masculino da nossa escola tinham regras próprias, inclusive uma restrição contra cabelos cobrindo as orelhas e barba. C amoro era severamente regulamentado: mesmo tendo ficado noivo antes do último ano, eu só podia ver minha noiva durante a hora do jantar e não podia beijá-la ou mesmo segurar suas mãos.

A faculdade também tentava monitorar o relacionamento dos estudantes com Deus. Logo cedo de manhã uma campainha tocava, convocando-nos para a hora devocional particular. Se fôssemos apanhados:

formindo, teríamos de ler e fazer um relatório de um livro como *The Christian's Secret of a Happy Life* [Cregredo do cristão para uma vida feliz]. Fico questionando se as autoridades consideraram o impacto a longo prazo na prescrição de tais livros como castigo.)

Alguns alunos abandonaram a escola, alguns cumpriram alegremente as regras e outros aprenderam a infringir, vivendo uma vida dupla. Eu sobrevivi em parte por causa da visão que recebi lendo a obra clássica de Erving Goffman, *Asylums* [Asilos]. O grande sociólogo examinava uma série do que ele chamou de "instituições totais", inclusive mosteiros, internatos particulares, hospícios, prisões e academias militares. Cada uma delas tinha uma longa lista de regras despersionalizantes e arbitrárias, utilizadas como meio de quebrar a individualidade e reforçar a conformidade. Cada conjunto de regras era um sistema sutilmente refinado de não-graça.

O livro de Goffman ajudou-me a ver a faculdade cristã, e o fundamentalismo em geral, como um ambiente controlado, uma subcultura. Eu estivera magoado com esse ambiente, mas então comecei a perceber que cada um de nós se desenvolve em uma subcultura. Alguns (como os judeus hassídicos e os muçulmanos fundamentalistas) são mais legalistas do que os fundamentalistas do Sul; outros (as gangues das cidades e os grupos militares de direita) são muito mais perigosos; outros ainda (a subcultura do videogame/MTV) parecem benignos na superfície, mas se revelam insidiosos. Minha resistência ao fundamentalismo abrandou-se quando considerei as alternativas.

Comecei a ver a faculdade cristã como um tipo de academia militar espiritual: ambas exigiam camisas sem feitas, cabelo mais curto e postura mais rígida do que as outras escolas. Se eu não gostasse daquilo não podia ir embora.

O que me aborrece, na retrospectiva, era a tentativa da faculdade cristã de relacionar todas as regras com a lei de Deus. No livro de sessenta e seis páginas das regras — nós brincávamos que ele incluía uma página para cada livro da Bíblia — e nos cultos na capela, os deões e professores esforçavam-se para fundamentar cada regra em princípios bíblicos. Eu fervia de raiva diante de suas tentativas contorcionistas para condenar o cabelo comprido nos homens, cientes de que Jesus e muitos personagens bíblicos que estudávamos provavelmente tinham cabelos mais longos do que os nossos. A regra a respeito do comprimento do cabelo tinha mais a ver com a probabilidade de ofender os mantenedores do que qualquer coisa nas Escrituras, mas ninguém se atrevia a admitir isso.

Não podia encontrar uma palavra na Bíblia a respeito do rock, comprimento de saias ou uso de cigarros. E a proibição do álcool nos colocava do lado de João Batista, e não de Jesus. Mas as autoridades daquela escola fizeram esforços determinados de apresentar todas aquelas regras como parte do evangelho. A subcultura se misturou com a mensagem.

Devo esclarecer que, de muitas maneiras, agora me sinto grato pela severidade do fundamentalismo que talvez me tenha mantido afastado de problemas. O legalismo restrito estabelece fronteiras para os homossexuais: nós podíamos escapular pela alameda do boliche, mas nunca pensaríamos em tocar em álcool ou — que horror! — em drogas. Embora não encontre nada na Bíblia contra o fumo, sinto-me grato que o fundamentalismo me tenha assustado e me afastado dele antes mesmo que o Ministério da Saúde criasse excelentes advertências.

Resumindo, tenho poucos ressentimentos contra essas regras especiais, mas muito ressentimento contra a maneira pela qual eram estabelecidas. Tinha o sentimento constante, esmagador, de que obedecer a um código externo de comportamento era a maneira de agradar a Deus — mais do que isso, de fazer Deus mandar. Levou anos para destilar o evangelho da subcultura na qual eu o encontrei. Lamentavelmente, muitos dos meus amigos desistiram dos esforços, nunca se aproximando de Jesus porque a intolerância da igreja bloqueou o caminho.

Hesito em escrever a respeito dos perigos do legalismo em uma época em que ambas, a igreja e a sociedade, parecem estar-se inclinando para a direção oposta. Ao mesmo tempo, não sei de nada que represente uma ameaça maior para a graça. O legalismo pode "funcionar" em uma instituição tal como um

culdade cristã ou a Marinha. Em um mundo carente de graça, a desonra estruturada tem poder considerável. Mas há um preço, um preço incalculável: a não-graça não funciona no relacionamento com Deus. Passei a ver o legalismo em sua busca de falsa pureza como um esquema elaborado para fugir da graça. Você pode conhecer a lei de cor sem conhecer a sua essência.

Tenho um amigo que tentou ajudar um homem de meia-idade a vencer sua reação alérgica à igreja; em meu caso, isso era devido a uma criação exageradamente severa em escolas católicas. "Você vai realmente permitir que algumas freiras vestidas de branco e preto o mantenham longe do reino de Deus?", meu amigo perguntou. Trágico é dizer que, durante anos, a resposta foi sim.

Quando estudo a vida de Jesus, um fato sempre me surpreende: o grupo que deixou Jesus mais irado foi o grupo com o qual, pelo menos externamente, Ele mais se identificava. Os mestres concordam que Jesus tinha o perfil rigoroso de um fariseu. Obedecia à Tora, ou lei mosaica, citava os fariseus famosos e, com frequência, concordava com eles em argumentos públicos. Jesus, porém, dirigiu aos fariseus os seus mais fortes ataques. "Serpentes,<sup>1</sup> raça de víboras! Hipócritas! Condutores cegos! Sepulcros caiados!", era assim que Cristo os chamava.

O que provocava tais explosões? Os fariseus tinham muita coisa em comum com aqueles que atualmente, a imprensa poderia chamar de fundamentalistas bíblicos. Eles dedicavam suas vidas para seguir a Deus, davam um dízimo exato, obedeciam à Tora nos mínimos detalhes e enviavam missionários para ganhar novos convertidos. Diferindo dos relativistas e secularistas do primeiro século, mantinham-se fiéis aos valores tradicionais. Raramente envolvidos em pecado sexual ou crime violento, eram cidadãos modelo.

A violenta denúncia contra os fariseus indica com que seriedade Jesus considerava a ameaça tóxica do legalismo. Seus perigos eram indefiníveis, escorregadios, difíceis de derrubar. Tenho percorrido o Novo Testamento em busca deles — especialmente Lucas 11 e Mateus 23, onde Jesus dissecou os fariseus moralmente. Menciono-os aqui pois creio que esses perigos representam uma ameaça tão grande no século XX como no primeiro século. Hoje o legalismo assume formas diferentes das que existiam na minha infância, mas de maneira nenhuma desapareceu. Acima de qualquer coisa, Jesus condenou a ênfase legalista dada as aparências. "Vós, os fariseus,<sup>2</sup> limpais o exterior do copo e do prato, mas o vosso interior está cheio de rapina e maldade", ele afirmou. Expressões de amor a Deus transformaram-se, com o passar do tempo, em meios de impressionar os outros. No tempo de Jesus, os religiosos assumiam uma aparência úgubre e faminta durante um curto período de jejum, faziam orações longas e eloqüentes em público e usavam porções da Bíblia amarradas aos corpos.

Em seu Sermão do Monte, Jesus denunciou as motivações por trás de tais práticas aparentemente inocentes:

Portanto, quando<sup>3</sup> deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita, para que a tua esmola seja dada secretamente. Então teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

E, quando orares, não sejas como os hipócritas, pois gostam de orar em pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas para serem vistos pelos homens. Era verdade vos digo que já receberam a sua recompensa. Mas tu, quando orares, entra no teu aposento, e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em secreto. E teu Pai, que vê secretamente, te recompensará.

Tenho visto o que acontece quando os cristãos ignoram os mandamentos de Jesus. Por exemplo, a igreja de minha infância realizava um esforço anual para levantar fundos para missões estrangeiras.<sup>[7]</sup> De súbito, o pastor citava os nomes e as quantias de cada compromisso: "Sr. Jones, quinhentos dólares... e façam isto — a família Sanderson, dois mil dólares! Louvado seja o Senhor!". Todos nós aplaudíamos e fazíamos "Amém!". E os Sanderson reluziam. Como criança eu tinha fome desse tipo de reconhecimento público, não para promover a causa de missões estrangeiras, mas para ser aprovado e aplaudido. Uma vez

ui à frente levando um grande saco de moedas. E, acreditem, nunca me senti mais justo do que quando o pastor interrompeu o andamento do culto, elogiou-me e orou pelas minhas moedinhas. Recebi a minha recompensa.

Hoje, a tentação ainda existe. Quando dou uma contribuição substancial para uma organização não lucrativa, os beneficiários me dão um tratamento especial, com meu nome destacado no boletim organizacional. Recebo cartas especiais do presidente que, explicam-me, são enviadas apenas ao grupo de loaders de elite. Admito que me deleito com as cartas elogiosas — até que leio novamente o Sermão do Monte.

Leão Tolstói, que batalhou contra o legalismo toda a sua vida, entendia as fraquezas de uma religião fundamentada nos aspectos exteriores. O título de um dos seus livros fala disso: *The Kingdom of God is Within You* [O reino de Deus está dentro de você]. De acordo com Tolstoy, todos os sistemas religiosos têm a inclinação de promover regras exteriores, ou moralismo. Em contraste, Jesus recusou definir um conjunto de regras que os seus seguidores pudessem então cumprir com um senso de satisfação. Ninguém jamais pode "chegar lá" à luz de ordens tão amplas como "Amarás o Senhor<sup>4</sup> teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento... Sede vós, pois, perfeitos,<sup>5</sup> como perfeito é o nosso Pai que está nos céus".

Tolstói<sup>6</sup> traçou um contraste entre o método de Jesus e o de todas as outras religiões:

A prova da observância dos ensinamentos religiosos exteriores é se a nossa conduta se conforma ou não com seus decretos (como, por exemplo, guardar o sábado, dar o dízimo ou ser circuncidado). Tal conformidade realmente é possível.

A prova da observância dos ensinamentos de Cristo é nossa conscientização dos fracassos em atingir uma perfeição ideal. O grau em que nos aproximamos dessa perfeição não pode ser visto; tudo o que podemos ver é a extensão de nosso desvio.

Um homem que professa uma lei externa é como alguém de pé à luz de uma lanterna fixada em um poste. É uma luz que o envolve todo, mas não há mais nenhum lugar para ele andar. Um homem que professa os ensinamentos de Cristo é como um homem carregando uma lanterna: a luz está diante dele sempre iluminando um pedaço de chão novo e sempre encorajando-o a caminhar mais. Em outras palavras a prova da maturidade espiritual não é quanto você está "puro", mas, sim, a conscientização de sua impureza. Essa mesma conscientização abre a porta para a graça.

"Ai de vós<sup>7</sup> também, doutores da lei! que carregais os homens com cargas difíceis de transportar." Com o passar do tempo, o espírito do cumprimento da lei se cristaliza em extremismo. Não conheço nenhum tipo de legalismo que não busque alargar seu domínio de intolerância.

Os escribas e fariseus que estudavam a lei de Moisés, por exemplo, fizeram muitas adições aos seus 613 regulamentos. O rabino Eliezer, o Grande, especificou com que frequência um trabalhador comum, um condutor de burros, de camelos, ou um marinheiro deveriam fazer sexo com suas esposas. Os fariseus acrescentaram dezenas de emendas às regras referentes ao sábado. Um homem podia montar um jumento e transgredir as regras do sábado, mas se carregasse uma vara para apressar o animal seria culpado de obre-carregá-lo. Uma mulher não podia olhar-se no espelho no sábado para não perceber algum cabelo grisalho e se sentir tentada a arrancá-lo. Podia-se engolir vinagre, mas não gargarejar.

Os fariseus tinham a liberdade de melhorar qualquer coisa que Moisés tivesse dito. O terceiro mandamento, "Não tomarás<sup>8</sup> o nome do Senhor teu Deus em vão", transformou-se em uma proibição de usar o nome do Senhor de qualquer forma. Sendo assim, até hoje os judeus escrevem "D-s", em vez de "Deus" e nunca enunciam a palavra. Apenas por motivo de segurança, os mestres interpretam a lei "Não cozerás<sup>9</sup> um cabrito no leite da sua mãe" como uma proibição de misturar carne com laticínios. É por isso que clínicas hospitalares e casas de repouso koshervêm equipados com duas cozinhas, uma para carne e outra para os laticínios. "Não adulterarás"<sup>10</sup> levou os fariseus a criar regras contra falar ou até mesmo olhar para mulheres que não fossem suas esposas. Os "fariseus sangrentos", que andavam de cabeças baixas e davan

rombadas em paredes, usavam seus machucados como distintivos de santidade.

A desconsideração desses acréscimos à lei mosaica provocou constantes problemas para Jesus. Ele curou pessoas aos sábados e permitiu que seus discípulos colhessem espigas quando estavam com fome. Conversava com mulheres à luz do dia. Comia com pessoas "impuras" e dizia que nada que as pessoas comessem podia torná-las impuras. E o mais chocante: dirigia-se a Deus chamando-o de "Aba".

A história da igreja revela que os cristãos, às vezes, superaram os fariseus em seu extremismo. No século IV, os monges viviam de uma dieta de pão, sal e água. Um monge construiu para si uma cela tão pequena que tinha de se dobrar em dois para entrar nela; outro passou dez anos em uma gaiola circular. Outros monges viviam em florestas e colhiam ervas e raízes para comer; alguns usavam apenas uma tanga e espinhos. Simão Stylites estabeleceu o padrão para o extremismo: viveu no topo de uma coluna durante trinta e sete anos e se prostrava 1.244 vezes por dia.

Os cristãos nos Estados Unidos, defensores da liberdade e do pragmatismo, tiveram seus próprios precedentes de extremismo. Seitas como os Shakers proibiam o sexo e o casamento (garantindo sua final extinção). O grande reavivalista Charles Finney não tomava café nem chá, e insistia que a escola fundada por ele, o Colégio Oberlin, banisse estimulantes como pimenta, mostarda, azeite e vinagre. Mais recentemente, um amigo meu pregou no funeral de um jovem adventista do sétimo dia que jejuou até a morte por estar preocupado com os tipos de alimentos que era permitido comer.

Nós rimos, ou choramos conforme o caso, diante de tais sintomas de extremismo, mas os cristãos devem reconhecer que essas tendências fazem parte constante de nossa herança. Em todo o mundo, o padrão mudou com os "cristãos ocidentais" conhecidos agora por sua decadência, e não por causa de seu legalismo extremo. Para se ter uma idéia, alguns países muçulmanos liberam uma polícia moral para espancar mulheres que se atrevem a dirigir carro ou andar sem véu em público. Os hotéis em Israel instalaram elevadores "sabáticos" que, no sábado, param automaticamente em todos os andares para que os judeus ortodoxos possam evitar o trabalho de apertar os botões.

O pêndulo, porém, balança; em alguns grupos cristãos, o extremismo está em alta. Onde o legalismo se enraíza, os espinhos agudos do extremismo finalmente brotam.

O legalismo é um perigo sutil porque ninguém se considera legalista. Minhas próprias regras parecem necessárias; as regras de outras pessoas parecem excessivamente severas.

"Dais o dízimo<sup>11</sup> da hortelã, do endro e do cominho, mas negligenciais o mais importante da lei, a justiça, a misericórdia e a fé... Condutores cegos! que coais um mosquito e engolisum camelo."

Jesus não criticou os fariseus pelo extremismo propriamente dito — duvido de que Ele realmente se importasse com o que eles comiam ou quantas vezes lavavam as mãos. Mas o Senhor Jesus se importava porque impunham o extremismo aos outros e porque focalizavam as trivialidades, negligenciando assuntos mais importantes. Os mesmos mestres que davam o dízimo de suas especiarias culinárias pouco tinham para dizer a respeito da injustiça e opressão na Palestina. E, quando Jesus curou uma pessoa no sábado, seus críticos pareciam muito mais preocupados com o protocolo do que com a pessoa doente.

O legalismo revelou sua baixeza na execução de Jesus: os fariseus se esforçaram para não entrar no palácio de Pilatos antes da festa da Páscoa e arranjaram a crucificação de tal modo para não interferir nas regras do sábado. Assim, o maior crime da história foi realizado com atenção restrita aos detalhes legalistas.

Tenho visto muitas ilustrações modernas da tendência do legalismo para as trivialidades. A igreja na qual fui criado tinha muito a dizer a respeito do corte de cabelo, jóias e rock, mas nenhuma palavra a respeito da injustiça racial e do sofrimento dos negros no Sul. Na faculdade cristã, nunca ouvi uma referência ao Holocausto na Alemanha, talvez o pecado mais hediondo de toda a história. Estávamos preocupados demais medindo saias para nos preocupar com questões políticas contemporâneas como a guerra nuclear, o racismo ou a fome no mundo. Encontrei estudantes sul-africanos que vieram de igrejas onde os jovens cristãos não mascavam chicletes nem oravam com as mãos nos bolsos. E onde calças jeans

ornavam a pessoa espiritualmente suspeita. Mas essas mesmas igrejas defendiam vigorosamente a doutrina acista do apartheid.

Um delegado americano no Congresso da Aliança Batista Mundial em Berlim, em 1934, mandou o seu relatório a respeito do que encontrou no regime de Hitler:

Foi um grande alívio<sup>12</sup> estar em um país onde a obscena literatura sexual não pode ser vendida; onde filmes pútridos e violentos não podem ser exibidos. A nova Alemanha queimou grandes quantidades de livros e revistas corruptores junto com suas fogueiras de livrarias judias e comunistas.

O mesmo delegado defendia Hitler como um líder que não fumava nem bebia, que queria que as mulheres se vestissem com modéstia e que se opunha à pornografia.

É muito fácil apontar o dedo para os cristãos alemães da década de 30, para os fundamentalistas pentecostais da década de 60, ou para os calvinistas sul-africanos da década de 70. O que me deixa preocupado é que os cristãos contemporâneos podem um dia ser julgados exatamente com a mesma aspereza. Que trivialidades nos preocupam, e que assuntos sérios da lei — justiça, misericórdia, fidelidade — podemos estar negligenciando? Será que Deus se preocupa mais com um pierc'ing no nariz do que com a decadência urbana?

O escritor Tony Campolo, que circula regularmente como orador nas capelas das universidades cristãs durante algum tempo usou esta provocação para lograr o seu intento. "As Nações Unidas relatam que mais de dez mil pessoas morrem de fome todos os dias, e a maioria de vocês diz-, 'que vão à m. . .'. Mas o que é ainda mais trágico é que a maioria aqui está mais preocupada com o fato de eu ter pronunciado um palavrão do que com o fato de dez mil pessoas estarem morrendo agora." A reação foi a prova que ele queria: em quase todos os casos Tony recebia uma carta do capelão ou diretor da faculdade protestando por sua linguagem indecente. As cartas nunca mencionavam a fome do mundo.

Grande parte do comportamento considerado pecaminoso na minha criação é agora prática comum em muitas igrejas evangélicas. Embora as manifestações tenha se modificado, o espírito do legalismo não mudou. Agora estou mais predisposto a encontrar um legalismo de pensamento. Escritores meus amigos que se atrevem a questionar a doutrina que herdamos sobre aborto ou homossexualismo, por exemplo, enfrentam o mesmo julgamento hoje que os cristãos enfrentaram por causa do "beber socialmente" na subcultura fundamentalista.

Já mencionei os insultos que Tony Campolo recebeu por seus pedidos para que demonstrássemos mais compaixão aos homossexuais. Outra amiga, Karen Mains, perdeu sua carreira como radialista depois de uma campanha crítica contra suas obras. As "alterações da Palavra de Deus" de Eugene Peterson, em sua paráfrase do Novo Testamento, *The Message* [A mensagem], fizeram dele alvo de um auto-eleito sentinela seitas. Richard Foster atreveu-se a utilizar palavras como "meditação" em suas obras a respeito da disciplina espiritual, o que o colocou sob suspeita de ser um novo herege. Chuck Colson me contou da correspondência horrível que recebeu de cristãos em resposta à sua aceitação do Prêmio Templeton para o progresso na Religião que, às vezes, é concedido a não-cristãos. "Nossos irmãos foram menos caridosos do que a mídia secular durante os dias de Watergate", disse ele, numa terrível acusação. O correio esqueceu ainda mais quando ele assinou uma declaração de mútua cooperação com os católicos.

Acautelai-vos<sup>13</sup> primeiramente do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia... não procedais de conformidade com as suas obras, pois dizem e não fazem." A palavra hipocrisia significa, simplesmente "colocar uma máscara". Evidentemente, Jesus cunhou a palavra, tomando-a emprestada dos atores gregos ou hypocrites, que entretinham multidões em um teatro ao ar livre. Ela descrevia uma pessoa que colocava uma máscara para causar boa impressão.

Como parte de sua bolsa de estudos, meu amigo Terry Muck estudou o legalismo entre os monges budistas no Sri Lanka. Os monges tinham todos concordado em obedecer às 212 regras de Buda, muitas das quais estavam agora fora de moda e eram impraticáveis. Terry ficava imaginando como eles conseguiam conciliar sua necessidade de viver em um mundo moderno com o apego a um código legalista antiquado

Por exemplo, Buda havia especificado que nenhum monge podia carregar dinheiro, mas Terry observou regularmente que os monges pagavam passagens nos ônibus da cidade. "Vocês seguem as 212 regras?", eles perguntou. "Sim." "Vocês lidam com dinheiro?" "Sim." "Vocês conhecem a regra contra a utilização de dinheiro?" "Sim." "Vocês seguem todas as regras?" "Sim."

As regras também proibiam comer depois do meio-dia, pois os monges viviam de esmolas e Buda não queria que seus discípulos sobrecarregassem as donas de casa. Os monges modernos contornam essa regra fazendo o relógio parar ao meio-dia todos os dias; depois da refeição da tarde, eles acertam o relógio de novo.

Tenho utilizado exemplos do budismo, mas, em minha própria experiência, a hipocrisia é um dos motivos mais comuns por que as pessoas rejeitam o cristianismo. Os cristãos professam os "valores da família", mas alguns estudos mostram que alugam vídeos considerados perniciosos, divorciam-se de seus cônjuges, abusam de seus filhos etc... E fazem tudo isso quase na mesma proporção das outras pessoas.

Entretanto, a própria natureza do legalismo incentiva a hipocrisia porque ela define um conjunto de regras que podem encobrir o que se passa por dentro. Em uma universidade cristã, e até mesmo em uma igreja, todos aprendem sobre como parecer "espiritual". A ênfase no exterior torna fácil para uma pessoa fingir, conformar-se, mesmo ignorando ou ocultando os problemas internos. Anos depois de sair da faculdade cristã, fiquei sabendo que alguns de meus colegas sofreram com profundos problemas interiores — depressão, homossexualismo, vícios — que não foram resolvidos durante o período em que estiveram ali. Eles se concentravam apenas em se conformar ao comportamento que os cercava.

Uma das passagens mais solenes do Novo Testamento, e uma das poucas que indicam castigo direto aparece em Atos 5. Trata-se da história de Ananias e Safira. Este casal praticou uma boa obra, vendendo uma propriedade e doando grande parte do dinheiro apurado à igreja. Fez apenas uma coisa errada: no esforço de parecer mais espiritual, agiu como se estivesse doando todo o dinheiro. Em outras palavras representaram espiritualmente. A dura resposta a Ananias e Safira indica com que seriedade Deus olhava para a hipocrisia.

Conheço apenas duas alternativas para a hipocrisia: perfeição ou honestidade. Uma vez que nunca conheci nenhuma pessoa que ame ao Senhor nosso Deus de todo o seu coração, mente e alma, e ao próximo como a si mesma, não vejo a perfeição como uma alternativa realista. Nossa única opção, então, é a honestidade que leva ao arrependimento. Como a Bíblia indica, a graça de Deus pode cobrir qualquer pecado, inclusive homicídio, infidelidade ou traição. Mas, por definição, a graça deve ser recebida, e a hipocrisia disfarça nossa necessidade de receber a graça. Quando a máscara cai, a hipocrisia fica exposta como um artil elaborado para evitar a graça.

"Tudo o que fazem<sup>14</sup> é a fim de serem vistos pelos homens... amam os primeiros lugares nas ceias, as primeiras cadeiras nas sinagogas, as saudações nas praças e o serem chamados Rabi pelos homens."

A crítica de Jesus centraliza-se no que o legalismo faz ao que guarda a lei: desperta sentimentos de orgulho e competição. Em vez de avançar na tarefa de criar uma sociedade justa que brilharia como uma luz aos gentios, os fariseus estreitavam sua visão e começavam a competir uns com os outros. Ocupados na tentativa de impressionar uns aos outros com calistenia espiritual, perdiam contato com o verdadeiro inimigo, como também com o restante do mundo. "Das devoções tolas e dos santos de cara fechada, pouparios, ó Senhor", orava Teresa de Ávila.

Como um legalista convalescente, tenho de me lembrar que, apesar de toda a sua severidade, os fariseus não pareciam sentir o peso das obrigações da lei. Eles continuavam inventando novas regras apesar de tudo. Viam a severidade como meio de ganhar status. Jesus condenou esse orgulho. E condenou também a espiritualidade que classificava alguns pecados como aceitáveis (ódio, materialismo, luxúria, divórcio) e outros como inaceitáveis (homicídio, adultério, transgressão do sábado).

Nós, cristãos, temos o nosso próprio agrupamento de pecados "aceitáveis" e "inaceitáveis". Enquanto evitamos os pecados mais notórios, sentimo-nos muito bem a respeito de nosso status espiritual. C

problema é que nossa compreensão dos pecados notórios continua mudando. Na Idade Média, emprestar dinheiro a juros era considerado imoral, de tal modo que os judeus é que se punham a fazer o trabalho sujo. Hoje, os cristãos desfrutam de cartões de crédito e de empréstimos para compra de casa sem nenhum sentimento de culpa. A lista dos sete pecados mortais incluía glotonaria, inveja e preguiça espiritual ou "melancolia" - comportamento que raramente provoca um sermão nos dias de hoje.

Durante a era vitoriana, os pecados sexuais ficavam no alto da lista — ou embaixo, dependendo de como você olhasse — de modo que a palavra "imoralidade" veio a indicar pecados sexuais. Quando eu era criança, o divórcio e o alcoolismo encabeçavam a lista. Agora, nas igrejas evangélicas modernas, o aborto e o homossexualismo provavelmente estão mais em cima.

Jesus tinha uma visão totalmente diferente do pecado. Em vez de classificar os pecados como mais ou menos significativos, Ele elevava os olhos dos seus ouvintes para um Deus perfeito e distante do qual todos nós somos pecadores. Todos nós carecemos da graça de Deus. Isaías traduziu isso em linguagem terrena: "Todos os nossos atos de justiça", disse o profeta, "são como trapo da imundícia".<sup>15</sup> Literalmente, "roupas de baixo sujas".

Ironicamente, os pecadores notórios têm uma espécie de vantagem quando se trata da graça. O escritor Graham Greene costumava dizer que sua fé religiosa se intensificava quanto ele escorregava para alguma falha moralidade, pois, então, ele ia à igreja e se confessava por causa do desespero. Ele não tinha desculpas nem fundamentos para defender seu comportamento.

A história de Jesus a respeito do Filho Prodigio apresenta um ponto semelhante. O filho não tinha como se apoiar de pé, não tinha base possível para orgulho espiritual. Tinha falhado, qualquer que fosse a medida de avaliação espiritual; agora não tinha nada no que se apoiar além da graça. O amor e o perdão de Deus estendiam-se igualmente para o virtuoso irmão mais velho, naturalmente, mas esse filho, ocupado demais com se comparar com o irmão irresponsável, estava cego à verdade a respeito de si mesmo. Nas palavras do teólogo Henri Nouwen:<sup>16</sup> "O estado de perdição do 'santo' ressentido é tão difícil de alcançar exatamente porque está intimamente ligado ao desejo de ser bom e virtuoso". Nouwen confessa:

Eu sei, na minha própria vida, com que diligência tenho tentado ser bom, aceitável, agradável e um exemplo digno para os outros. Sempre houve o esforço consciente de fugir dos abismos do pecado e do constante temor de cair em tentação. Mas com tudo isso havia uma seriedade, uma intensidade moralista — até mesmo um toque de fanatismo — que tornava cada vez mais difícil sentir-me à vontade na casa do meu Pai. Tornei-me menos livre, menos espontâneo, menos brincalhão...

Quanto mais reflito no filho mais velho em mim, mais percebo com que profundidade esta forma de perdição está enraizada e como é difícil voltar para casa a partir dali. Voltar para casa de uma escapada libidínica parece muito mais fácil do que voltar para casa de uma ira fria que se enraizou nos cantos mais profundos do meu ser.

Os jogos espirituais que praticamos, muitos dos quais começam com a melhor das motivações, podem levar-nos perversamente para longe de Deus porque nos conduzem para longe da graça. O arrependimento não o comportamento adequado ou até mesmo a santidade, é a porta de entrada da graça. E o oposto do pecado é graça, e não virtude.

Se a crítica de Jesus contra o legalismo não é suficientemente devastadora, o apóstolo Paulo acrescentou mais uma queixa fundamental. O legalismo falha miseravelmente em uma coisa que deveria fazer: encorajar a obediência. Com uma estranha contorção, o sistema das leis restritas cria realmente novas idéias de transgressão na mente da pessoa. Paulo explica: "Pois eu não conheceria<sup>17</sup> a concupiscência se a lei não dissesse: Não cobiçarás. Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento operou em mim toda a concupiscência". Em uma demonstração deste princípio, algumas estatísticas mostram que pessoas criadas em denominações abstinentes são três vezes mais inclinadas a se tornarem alcoólatras.

Lembro de ler a narrativa de Agostinho a respeito do roubo das pêras. Ele e seus amigos tinham



bundância de pêssegos de alta qualidade, mas se sentiram inclinados a invadir a árvore de um vizinho apenas para desobedecer à advertência do homem contra o roubo das frutas. Tendo passado quatro anos em um campus governado por um livro de regras de sessenta e seis páginas, posso entender este estranho padrão de comportamento. Aprendi a me rebelar ouvindo todas as severas advertências contra a rebeldia. Parcialmente devido à imaturidade, tenho certeza, sentia uma constante tentação de resistir às exigências da autoridade simplesmente porque eram exigências impostas. Nunca havia sentido desejo de deixar crescer a barba até que li uma regra no livro proibindo barbas.

"Quanto mais fina a malha, mais numerosos são os buracos", escreveu o teólogo católico Hans Küng.<sup>18</sup> Tendo jurado obediência às 2.414 regras do Código Romano da Lei Canônica, um dia ele percebeu que sua energia estava sendo gasta em guardar ou fugir daquelas regras, em vez de realizar o trabalho do evangelho.

Para aqueles que não se rebelam, mas antes lutam sinceramente para cumprir as regras, o legalismo torna-se uma outra ratoeira. Os sentimentos de fracasso podem provocar cicatrizes de vergonha eternas. Como jovem monge, Martinho Lutero passava seis longas horas torturando o cérebro para confessar os pecados que poderia ter cometido no dia anterior! Lutero<sup>19</sup> escreveu:

Embora vivesse uma vida imaculada como monge, sentia que era um pecador com uma consciência inquietada diante de Deus. Quase não podia acreditar que o tinha agradado com minhas obras. Longe de amar a Deus, eu sabia que Deus era justo que punisse os pecadores, eu realmente o maldizia. Eu era um bom monge, e obedecia à minha Ordem tão seriamente que, se um monge pudesse chegar ao céu por meio da disciplina monástica, eu era esse monge. Todos os meus companheiros no mosteiro podiam confirmar isso... Mesmo assim minha consciência não me dava a certeza de que eu precisava. Ao contrário. Eu sempre duvidava e dizia: "Você não fez isso certo. Você não foi suficientemente contrito. Você deixou aquilo fora de sua confissão".

O fracasso do relacionamento opera de ambas as formas. Quando leio a história dos israelitas e sua aliança com Deus, vejo esparsas referências ao deleite ou prazer de Deus. Com algumas exceções luminosas, os livros históricos da Bíblia e, principalmente, os profetas retratam um Deus que parecia irritado, desapontado ou realmente furioso. A lei não encorajava a obediência, antes mostrava amplamente a desobediência. A lei simplesmente indicava a enfermidade. A graça realizou a cura.

Nem Jesus nem Paulo mencionaram uma queixa final contra o legalismo que me atingisse de uma forma profundamente pessoal. Mencionei amigos que rejeitaram a fé cristã principalmente por causa do legalismo mesquinho da igreja. Meu próprio irmão desfez o namoro com a primeira garota que realmente amou porque ela não era suficientemente "espiritual", segundo seus padrões legalistas. Durante trinta anos ele tentou fugir desse moralismo blindado — e desse jeito acabou também fugindo de Deus.

O legalismo cria uma subcultura. E nós, nos Estados Unidos, uma nação de imigrantes, certamente sabemos que as subculturas podem ser repudiadas. Quantos imigrantes observaram seus filhos abandonar a língua, a herança e os costumes da família para adotar a subcultura adolescente da América moderna? De maneira igual, quantas famílias estritamente cristãs viram um filho abandonando a fé, jogando de lado as regras e crenças tão facilmente como se joga de lado uma roupa que ficou pequena? O legalismo facilita a apostasia.

Samuel Tewk, um reformador inglês do século XIX, apresentou um método radicalmente novo de tratar os mentalmente doentes. Naquela ocasião, os funcionários dos hospícios acorrentavam os lunáticos às paredes e os espancavam, na crença de que o castigo derrotaria as forças malignas dentro deles. Tewk ensinou aos mentalmente doentes sobre como portar-se nas festas e na igreja. Vestiu-os como todos se vestem, para que ninguém os reconhecesse como mentalmente doentes. Do lado de fora pareciam ótimos. Contudo, não fez nada para resolver o sofrimento deles e, apesar do seu comportamento, eles continuaram mentalmente doentes.

Um dia, percebi que era como um dos pacientes de Tewk: embora a igreja de minha infância tivesse-me ensinado a maneira adequada de me comportar, e uma faculdade cristã tivesse-me dado conhecimentos

mais avançados, nada havia curado a profunda enfermidade dentro de mim. Embora eu tivesse assimilado o comportamento externo, a enfermidade e o sofrimento continuavam dentro de mim. Durante algum tempo coloquei de lado as crenças de minha infância até que Deus, de forma maravilhosa, se revelou a mim como um Deus de amor e não de ódio, de liberdade e não de regras, de graça e não de julgamento.

Até o dia de hoje alguns dos meus amigos que se rebelaram junto comigo continuam alienados de Deus por causa de sua profunda desconfiança da igreja. No meio de toda a confusão da subcultura, não sei como perderam o alvo final: conhecer a Deus. "A igreja", diz Robert Farrar Capon,<sup>20</sup> "gastou tanto tempo inculcando-nos o medo de cometer erros que nos tornou como estudantes de piano mal treinados: tocamos

nossas músicas, mas nunca realmente as ouvimos porque nossa preocupação principal não é fazer música, mas, sim, evitar alguma confusão que possa levar-nos às dificuldades". Agora ouço os sons da graça e me entristeço pelos meus amigos que não ouvem.

Hoje, depois de diversas décadas, olho para minha própria criação legalista com algum divertimento. Francamente, não acho que Deus se importa se uso ou não bigode, como Deus não se importa se uso zíper para fechar as calças, ou se, como os amish, uso botões. Quando frequentei a faculdade cristã, observei pessoas que seguiam as regras e não conseguiram encontrar-se com Deus. E também pessoas que transgrediam as regras e não se encontraram com Deus. O que me preocupa, contudo, são as pessoas que ainda crêem que não conseguiram alcançar a Deus porque transgrediram as regras. Elas nunca ouviram a melodia do evangelho da graça.

Escrevi a respeito do legalismo parcialmente por causa dos meus próprios encontros contundentes com ele e parcialmente porque creio que ele representa uma tentação muito poderosa para a igreja. O legalismo permanece como um despojador nas laterais da fé, seduzindo-nos para um caminho mais fácil. Ele seduz prometendo alguns dos benefícios da fé, mas é incapaz de conceder o que mais interessa. Como Paulo escreveu aos legalistas do seu tempo: "Pois o reino de Deus<sup>21</sup> não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo".

Jay Kesler, presidente da Taylor University, contou-me sua própria colisão com o legalismo. Logo depois de decidir-se a seguir a Cristo quando ainda era adolescente, ele se sentiu esmagado por todas as novas regras que lhe foram impostas. Confuso, Jay caminhava pelo quintal de sua casa quando notou seu fiel cachorro collie, chamado Laddy, alegremente roendo um osso enquanto se estendia no gramado molhado e reluzente. Jay imaginou que Laddy era talvez o melhor cristão que ele conhecia. Não fumava, não bebia, não ia ao cinema, não dançava, nem participava de protestos. Não fazia mal a ninguém, era dócil e passivo. Imediatamente, Jay percebeu como estava desviado da vida de liberdade e paixão para a qual Jesus o havia chamado.

À primeira vista, o legalismo parece duro, mas na realidade a liberdade em Cristo é o caminho mais difícil. É relativamente fácil deixar de matar, mas é difícil amar; é fácil evitar a cama do vizinho, mas é difícil manter um casamento vivo; é fácil pagar impostos, mas é difícil servir aos pobres. Quando vivo em liberdade, tenho de me manter aberto ao Espírito Santo para receber sua orientação. Estou mais consciente em relação ao que tenho negligenciado do que a respeito do que tenho realizado. Não posso esconder-me por trás de uma máscara de comportamento, como os hipócritas fazem, nem posso esconder-me por trás de comparações fáceis com outros cristãos.

O teólogo reformado J. Gresham Machen escreveu: "Uma visão deficiente da lei leva ao legalismo na religião; uma visão elevada faz com que a pessoa busque a graça". O efeito final do legalismo é diminuir a visão que alguém possa ter de Deus. Inclino-nos a pensar nas denominações e instituições cristãs verdadeiras como sendo mais "espirituais". Na verdade, as diferenças entre Bob Jones e o Wheaton College ou entre os menonitas e os batistas do Sul, são minúsculas quando comparadas com um Deus santo.

Certa vez li que, proporcionalmente, a superfície da terra é mais lisa do que uma bola de bilhar. As alturas do Monte Evereste e as profundezas do Oceano Pacífico são muito impressionantes para aqueles que vivem neste planeta. Mas vistas de Andrômeda, ou mesmo de Marte, essas diferenças não fazem

menor diferença. É assim que agora vejo as mesquinhas diferenças comportamentais entre um grupo cristão e outro. Comparadas com um Deus santo e perfeito, o mais elevado Evereste de regras não passa de um montículo de terra. Você não pode obter a aceitação de Deus escalando; tem de recebê-la como um presente.

Jesus proclamou, sem sombra de dúvida, que a lei de Deus é tão perfeita e tão absoluta que ninguém pode alcançar a justiça. E, por outro lado, a graça de Deus é tão grande que não temos de alcançá-la tentando provar como merecem o amor de Deus, os legalistas perdem o ponto principal do evangelho, que é o dom de Deus às pessoas que não o merecem. A solução para o pecado é deixar de impor um código cada vez mais restrito de comportamento. É conhecer a Deus.

# PARTE IV

## SONS DA GRAÇA PARA UM MUNDO SURDO

### CAPÍTULO 16

#### BIG HAROLD: UMA HISTÓRIA

Cresci sem pai; meu pai morreu de poliomielite um mês depois do meu primeiro aniversário. Por pura bondade, um homem de nossa igreja acolheu-nos, eu e meu irmão, sob sua proteção. Nós o chamávamos de Big Harold. Ele ficava sentado pacientemente nos playgrounds enquanto girávamos no carrossel. Quando ficamos mais velhos, ele nos ensinou a jogar xadrez e nos ajudou a construir um carrinho de rolina com um caixote. Na ignorância da meninice, não tínhamos idéia de que muitas pessoas na igreja pareciam considerá-lo estranho.

Finalmente, Harold saiu da nossa igreja. No seu ponto de vista, ela era liberal demais. Algumas das mulheres ali usavam batom e maquiagem. Além disso, ele havia encontrado algumas passagens bíblicas que o levaram a desaprovar a música instrumental na igreja. Então ele procurou uma igreja que concordasse com os seus pontos de vista. Eu assisti ao casamento do Harold: a regra contra a música evidentemente limitava-se apenas ao santuário, pois um longo fio amarelo serpenteava pelo corredor central até o lado de fora, onde um toca-discos tossia uma gravação rangente da "Marcha Nupcial" de Mendelssohn.

Harold vivia obcecado com moral e política. Os Estados Unidos, ele cria, logo cairiam sob o juízo de Deus por causa de sua permissividade. Citava os líderes comunistas que falavam que o Ocidente estava apodrecendo de dentro para fora, como uma fruta madura demais. Realmente acreditava que os comunistas operando por meio da Comissão Trilateral e do Banco Federal de Reservas, logo tomariam o nosso governo. Ele me deu literatura da Sociedade John Birch, impressa em papel barato, encadernada em capa vermelha-branca-e-azul, e insistiu comigo para que lesse o livro *None Dare Call It Treason* [Ninguém se Ateve a Chamar de Traição].

Big Harold odiava pessoas negras. Com freqüência falava como eram idiotas e preguiçosas, e contava histórias a respeito de negros imprestáveis que trabalhavam perto dele. Nessa ocasião, o Congresso começou a publicar a carta de direitos civis e Atlanta começou a integrar-se. Antes, os brancos sempre tinham determinados hotéis e restaurantes para eles, e os shoppings serviam negros ou brancos, nunca ambos. Agora o governo estava forçando mudanças e Harold viu essas mudanças como mais um sinal de conspiração comunista. A última gota foi quando os tribunais aprovaram leis referentes aos ônibus escolares em Atlanta. Harold tinha dois filhos e não agüentou a idéia de mandá-los tomar um ônibus cheio de crianças negras para uma escola dirigida por humanistas seculares.

Quando Harold começou a falar em emigração, pensei que estivesse brincando. Solicitou panfletos sobre lugares como Rodésia, África do Sul, Austrália, Nova Zelândia e Ilhas Falkland — lugares onde os brancos ainda pareciam estar firmes no controle. Ele examinava mapas e estudava a composição racial dessas sociedades. Além de querer um país onde os brancos dominassem, queria também um que tivesse moral. Isso excluía a Austrália, apesar de sua maioria branca, porque sua sociedade parecia mais permissiva do que a dos Estados Unidos. Tinham praias onde se praticava o topless e todos bebiam cerveja.

Um dia, Harold anunciou que estava de partida para a África do Sul. Naquela época, ninguém poderia

maginar que a minoria branca perdesse o controle do poder. Eles tinham as armas, afinal. As Nações Unidas estavam votando medidas e mais medidas condenando o apartheid, mas a África do Sul permanecia de pé, desafiando o mundo inteiro. Big Harold gostava disso.

Ele também gostava do fato de que a religião exercia papel importante no governo da África do Sul. O partido político dominante apoiava-se com força na Igreja Reformada que, em troca, fornecia base ideológica para o apartheid. O aborto era ilegal, como também o casamento inter-racial. Inspetores de costumes censuravam revistas como a Playboy e proibiam filmes e livros questionáveis. Harold ria enquanto nos contava que, durante anos, Beldade Negra, um livro de história infantil a respeito de um cavalo, fora banido por causa do seu título; nenhum dos inspetores se dera ao trabalho de lê-lo.

No aeroporto de Atlanta nós nos despedimos de Big Harold, sua esposa Sarah e seus dois filhos, que estavam abandonando o único país que haviam conhecido durante toda a sua vida. Eles não tinham empregos, nem amigos, nem mesmo um lugar para morar na África do Sul. Não se preocupem asseguravam-nos, ali gente branca é recebida de braços abertos.

Harold comprovou ser um fiel correspondente, sempre com sua assinatura em estilo próprio. Tornou-se um pregador leigo em uma igreja e usava o verso de suas anotações de sermões para escrever cartas à sua família e aos amigos na América. Tipicamente, esses sermões tinham doze ou catorze pontos principais, cada um apoiado por uma verdadeira concordância de referências bíblicas. Às vezes, tornava-se difícil distinguir o verso de uma dessas cartas da frente, porque os dois lados pareciam sermões. Harold pregava contra o comunismo e as falsas religiões, contra a imoralidade dos jovens de hoje, contra as igrejas e as pessoas que não concordavam com ele em cada detalhe.

Ele parecia dar-se bem na África do Sul. A América tinha muito a aprender, ele me escreveu. Em sua igreja os jovens não mascavam chiclete, não escreviam bilhetinhos, nem cochichavam durante o sermão. Na escola os alunos (todos brancos) ficavam em pé e dirigiam-se aos professores com respeito. Harold assinava a revista Timee mal acreditava no que estava acontecendo na América. A África do Sul mantinha as minorias no seu devido lugar, e grupos de apoio a feministas e direitos dos gays eram coisa desconhecida. O governo deveria ser um agente de Deus, ele nos dizia, em defender o que é certo contra as forças das trevas.

Mesmo quando escrevia a respeito de sua família, Harold conseguia transmitir um tom excêntrico e crítico. Seus filhos nunca pareciam agrada-lo, especialmente William, que estava sempre tomando a decisão errada e criando problemas.

Qualquer um que pegasse uma das cartas de Harold poderia considerá-lo uma pessoa esquisita. Mas devido às boas lembranças da infância, nunca levei muito a sério suas cartas. Sob a superfície do exterior íspido, eu sabia, havia um homem que se dedicara a ajudar uma viúva com seus dois filhos pequenos.

Eu era adolescente quando Harold se mudou. Fui para a faculdade e me formei, arranjei um emprego e editor em uma revista e, finalmente, vim a ser um escritor de tempo integral. O tempo todo Harold mandava uma corrente ininterrupta de cartas. Seu pai morreu, depois sua mãe, mas ele nunca pensou seriamente em voltar aos Estados Unidos para uma visita. Até onde eu sei, ninguém na família dele nem nenhum dos seus amigos também o visitou na África do Sul.

As cartas se tornaram sombrias na década de 90, quando pela primeira vez tornou-se concebível que brancos e negros partilhariam o poder na África do Sul. Harold me enviou cópias de cartas que havia mandado para os jornais. O governo da África do Sul o estava traindo exatamente como o governo dos Estados Unidos. Ele dizia poder provar que Nelson Mandela e Desmond Tutu eram comunistas de parteirinha. Chamava os americanos de traidores pelo seu apoio às sanções econômicas. E apontava para a agitação comunista como a razão principal por trás do declínio da moralidade. Clubes de strip-tease estavam agora sendo abertos nas cidades fronteiriças. E na cidade de Johannesburgo podia-se ver realmente casais de raças misturadas andando de mãos dadas. O tom de suas cartas estava tornando-se cada vez mais histérico.

Com alguma apreensão, resolvi visitar Harold em 1993- Durante vinte e cinco anos eu havia recebido apenas julgamento e desaprovação da parte dele. Ele havia mandado longas refutações aos meus livros, até que um deles, *Disappointment with God* [Decepcionado com Deus], fê-lo ficar tão irado que me pediu que não lhe mandasse mais nenhum. Despachou uma carta de três páginas condenando-o — não o livro propriamente dito, mas o título. Embora não tivesse nem aberto o livro, tinha muita coisa a dizer a respeito do título, que achava ofensivo.

Mesmo assim, uma vez que eu ia à África do Sul a negócios, poderia fazer um desvio de alguns quilômetros para visitar o Big Harold. Talvez ele fosse diferente pessoalmente, mais parecido com o homem que eu havia conhecido. Talvez precisasse entrar em contato com um mundo maior. Eu lhe escrevi por meses de antecedência perguntando se poderia visitá-lo e imediatamente suas cartas mudaram para um tom mais ameno, mais conciliador.

O único vôo para a cidade do Harold saía de Johannesburgo às

6h30, e quando eu e minha esposa chegamos ao aeroporto serviram-nos café. A cafeína aumentou o nosso nervosismo por causa da visita. Não tínhamos idéia do que esperar. Os filhos dele eram agora adultos que, sem dúvida, fariam com sotaque sul-africano. Será que eu reconheceria os pais, Harold e Sarah? Fiz uma anotação mental de abandonar o título Big Harold, remanescente da infância.

E assim começou um dos dias mais bizarros de minha vida. Quando o avião pousou e nós desembarcamos, reconheci Sarah imediatamente. Seu cabelo estava grisalho e seus ombros curvos com a idade, mas aquele rosto triste, magro, não poderia ser de mais ninguém. Ela me abraçou e nos apresentou o filho William e sua noiva Beveriy (a filha morava longe e não poderia nos receber).

William tinha quase trinta anos, era falante, simpático e grande admirador da América. Mencionou que tinha conhecido sua noiva em uma clínica de recuperação de viciados em drogas. Obviamente, alguns fatos nunca entraram nas cartas do Harold.

William havia tomado emprestado uma velha perua Volkswagen, pensando que teríamos muita bagagem. Os assentos do meio da perua tinham sido retirados. William, Beveriy e Sarah sentaram-se na frente enquanto eu e minha esposa ocupamos o único assento de trás, diretamente em cima do motor. Estava fazendo calor e a fumaça do motor entrava pelos buracos no piso enferrujado. Para piorar, Beveriy e William, como muitos que se recuperam do vício das drogas, fumavam sem parar e nuvens de fumaça pairavam dentro do carro, misturando-se com a descarga do óleo.

William nos levou a um passeio maluco pela cidade, de um lado para outro, parando aqui e acolá. E ele, a todo momento, se voltava em seu assento para destacar vistas interessantes; — Ouviu falar do Dr. Christian Barnard? Ele morou nesta casa — e, quando o fazia, a perua pulava de um lado para o outro, a bagagem espalhando-se pelo chão. Tínhamos de lutar para manter no estômago os litros de café e o jejum do avião.

Havia uma pergunta que eu ainda não tinha feito: Onde estava Harold? Eu imaginava que ele estivesse nos esperando em casa. Mas, quando saltamos, ninguém apareceu à porta. — Onde está o Harold? — perguntei ao William enquanto retirávamos a bagagem, lembrando-me de esquecer o "Grande".

— Nós íamos contar-lhe, mas ainda não tivemos oportunidade. Papai está na cadeia — ele procurou um outro cigarro em seu bolso.

— Cadeia? — meu cérebro se encolheu.

— Isso mesmo. Já deveria ter saído, mas a sua libertação atrasou. Fiquei olhando para ele à espera de mais explicações. — É que...

... bem, papai às vezes se descontrola. Ele escreve cartas zangadas...

— Eu sei, eu recebi algumas dessas cartas — interrompi.

— Sim. Ele mandou uma a muitas pessoas e teve problemas. Nós vamos contar-lhe depois. Vamos entrar.

Demorei um pouquinho mais, tentando absorver as notícias, mas William chamou de dentro. Agarrei

ninhas malas e entrei no bangalô pequeno, escuro. Lá dentro, venezianas duplas e cortinas nos isolavam da luz de fora. A mobília era confortável e bastante desgastada, em estilo mais americano do que em outros lugares que visitamos na África do Sul. Sarah pôs água para ferver e nós conversamos educadamente durante alguns minutos, contornando o assunto que todos sabiam estar em nossas cabeças.

Logo descobri um assunto mais interessante. William criava belas aves tropicais: periquitos, cacatuas raras-vermelhas e papagaios. Uma vez que o gerente do seu apartamento não permitia manter animais, eles os mantinha na casa dos pais, onde voavam livres. Criados a partir de ovos, eram bastante mansos e pousaram em meus ombros e andaram pelo sofá. Um periquito muito colorido começou a procurar minha língua, quase me fazendo derramar o chá.

— Oh, não ligue para o Jerry — William riu. — Eu o ensinei a comer chocolate. Eu mastigo a barra de chocolate um pouco, então estico a minha língua e ele retira o chocolate — depois dessa explicação mantive a boca fechada e preferi não olhar para a expressão no rosto de minha esposa.

Ali, enjoado pela overdose de café, o cheiro do cigarro e a viagem no Volkswagen, sentado em um melancólico bangalô, com uma ave deixando algo molhado em meus ombros e querendo agarrar minha língua, ouvi a verdade a respeito do lado triste do Big Harold. Sim, Harold pregava fogo e enxofre aos domingos e escrevia lengalengas de peçonha e julgamento a seus amigos na América. Sim, ele vociferava contra o declínio da moral. Ao mesmo tempo, porém, de sua pequena casa bolorenta na qual eu estava sentado, ele estivera dirigindo uma rede de pornografia. Comprava publicações estrangeiras ilegais e cortava as fotografias e as enviava a mulheres famosas da África do Sul com bilhetes dizendo: "Gostaria de fazer isso com você". Uma dessas mulheres, uma apresentadora de telejornal, ficou bastante alarmada e chamou a polícia. Investigando a máquina de escrever, a polícia chegou até Harold e agiu.

Sarah quase não agüentou contar os detalhes do dia quando a polícia cercou a casa, forçou a porta e vasculhou cada gaveta e armário. Eles apreenderam a copiadora e a máquina de escrever de seu marido. Encontraram seu arquivo particular de pornografia. E o levaram para a cadeia, algemado, com um boné de jogador de beisebol ocultando o rosto. O tempo todo, carros da reportagem da televisão ficaram estacionados do lado de fora e um helicóptero pairou sobre a cena. A história foi contada no noticiário da noite: "Pregador preso acusado de imoralidade".

Sarah disse que não saiu de casa por quatro dias, com vergonha de enfrentar os olhares dos vizinhos. Finalmente, forçou-se a sair para ir à igreja, apenas para suportar mais humilhação. Harold fora o centro moralizador da pequena igreja e os outros agora sentiam-se confusos, até traídos. Se uma coisa dessa história aconteceria com ele...

Mais tarde, naquele mesmo dia, ouvindo a história aos pedaços, fui eu mesmo visitar o Harold. Enchemos um cesto de piquenique com mantimentos e o levamos à prisão, onde Harold encontrou-se conosco no pátio. Foi o nosso primeiro encontro face a face em vinte e cinco anos, e nós nos abraçamos. Ele tinha agora sessenta e poucos anos, estava muito magro, quase calvo, com olhos empapuçados e uma aparência pouco sadia da cor de leite desnatado. Eu mal podia crer que já o havia chamado de Big Harold.

Parecia um fantasma comparado com os outros prisioneiros, muitos dos quais aproveitavam o tempo para desenvolver músculos e se bronzear. Ele tinha um ar de tristeza esmagadora. Estivera exposto e despido diante de todo o mundo. Não tinha mais onde se esconder.

Nas diversas horas em que passamos juntos, percebi vislumbres do Harold que conheci. Contei-lhe sobre as mudanças na antiga vizinhança e os melhoramentos feitos para preparar Atlanta para as Olimpíadas de 96. Ele se iluminou quando mencionei amigos e membros da família. Apontou para as diversas aves que vojavam pelo pátio, aves exóticas da África do Sul que eu nunca tinha visto.

Conversamos, mas nunca diretamente a respeito dos acontecimentos que o levaram para a cadeia. Ele admitiu estar com medo. "Ouvi dizer o que eles fazem aqui com pessoas infratoras em assuntos relacionados com o sexo", ele disse. "Por isso deixei crescer a barba e comecei a usar chapéu. É uma espécie de disfarce."

A hora da visita acabou e, juntos com todos os outros visitantes, fomos levados para fora através de portas de cercas de arame farpado. Abracei Harold novamente e fui embora, sabendo que provavelmente nunca mais o veria.

Quando nosso avião deixou a África do Sul alguns dias depois, eu e minha esposa ainda estávamos em estado de choque. Ela, que conhecia Harold principalmente por suas cartas, esperara encontrar um profeta vestido de pêlo de camelo, um João Batista insistindo com o mundo: Arrependei-vos! Eu esperava uma combinação disso com o homem gentil de minha infância. Em um milhão de anos, nenhum de nós teria imaginado que iríamos visitar um prisioneiro cumprindo pena.

Depois de nossa visita, as primeiras cartas de Harold tiveram um tom humilde. Quando foi solto, entretanto, começou a endurecer de novo. Consegui forçar o caminho de volta para a igreja (pois eles o tinham "excomungado"), comprou uma nova máquina de escrever e começou a enviar mais pronunciamentos sobre as condições do mundo. Eu esperava que tal experiência o freasse um pouco, tornasse mais compassivo com os outros, menos ativo e moralmente menos seguro. Mas, infelizmente vários anos se passaram e nunca mais detectei o mínimo sinal de humildade em suas cartas.

O mais triste é que nunca detectei nenhum sinal de graça. O Big Harold era bem escolado em moralidade. Para ele, o mundo se dividia certinho em puros e impuros, e ele apertava o círculo cada vez mais até que, finalmente, não pôde mais confiar em ninguém a não ser em si mesmo. Então não pôde mais confiar nem em si mesmo. Talvez pela primeira vez na vida ele se encontrasse em uma posição onde não havia lugar para se voltar a não ser a graça. Mas, até onde pude perceber, nunca se voltou para ela. A moralidade, até mesmo a moralidade defeituosa, parecia um lugar bem mais seguro.

Os melhores sentem falta de toda convicção,  
enquanto os piores estão cheios de intensidade apaixonada.  
W. B. Yeats

## CAPÍTULO 17 AROMA MISTO

Tive uma rude introdução às guerras culturais contemporâneas quando visitei a Casa Branca durante o primeiro período governamental de Bill Clinton. O convite veio indiretamente. Eu tinha pouco envolvimento pessoal em política e procurava fugir do assunto em minhas obras. Entretanto, no final de 1993, comecei a ficar preocupado com o alarme, histeria mesmo, por causa do estado da sociedade sendo comentado nos círculos evangélicos. Escrevi um artigo que concluía dizendo: "Nosso desafio real não deve ser cristianizar os Estados Unidos (sempre uma batalha perdida), mas, antes, lutar para sermos a igreja de Cristo em um mundo cada vez mais hostil".

Os editores da revista Christianity Today [Cristianismo Hoje] deram um título um tanto sensacionalista ao artigo: "Por que Clinton não é o Anticristo". Recebi várias cartas, principalmente de pessoas declarando que Bill Clinton é o Anticristo. Não sei como o artigo foi parar na mesa presidencial e alguns meses depois, quando o presidente Clinton convidou doze evangélicos para um café da manhã particular, meu nome estava na lista. Alguns dos convidados representavam a igreja ou organizações paraeclesiais. Alguns vinham de academias cristãs. Fui Convidado graças principalmente ao título



interessante do meu artigo. ("Bem, Bill, você tem de começar por algum lugar", disse Al Gore quando viu o título "Por que Clinton não é o Anticristo.")

"O presidente não tem uma agenda", asseguraram-nos. "Ele simplesmente deseja ouvir as preocupações de vocês. Cada um terá cinco minutos para dizer o que quiser ao presidente." Era preciso pouca sabedoria política para entender que o presidente estava nos convidando principalmente por causa de sua baixa popularidade entre os evangélicos. O sr. Clinton falou de algumas dessas preocupações em suas palavras de abertura, confessando: — Às vezes eu me sinto como um órfão espiritual. Sendo um batista do Sul a vida inteira, acho difícil encontrar uma comunidade cristã em Washington, D.C., a cidade mais secular na qual já vivi — ele nos informou.

Quando a família presidencial ia à igreja, atraía toda a mídia, o que dificultava uma experiência de adoração mais íntima. Poucos dos membros da equipe de Clinton (os quais, naturalmente, ele havia designado) partilhavam de sua preocupação com a fé.

Além disso, a comunidade cristã conservadora havia-se afastado dele. Quando o presidente se exercitava correndo pelas ruas de Washington, via pára-choques com os dizeres: "Um voto para Bill Clinton é um pecado contra Deus". Randall Terry, fundador da "Operação Resgate", havia publicamente chamado os Clinton de "Acabe e Jezabel". E a própria denominação batista do Sul estava sendo pressionada para censurar a igreja de Clinton em Arkansas por não excluir o presidente do seu rol de membros.

Resumindo, o presidente não havia experimentado muita graça por parte dos cristãos. — Estou na política o suficiente para esperar críticas e hostilidade — o presidente nos disse. — Mas não estou preparado para o ódio que recebi dos cristãos. Por que os cristãos odeiam tanto?

Naturalmente, todos os que se encontravam na Sala de Jantar Lincoln, naquela manhã, sabiam por que o presidente despertava tanta animosidade entre os cristãos. Sua política a respeito do aborto e dos direitos homossexuais, particularmente, junto com os relatórios de seus próprios fracassos morais, tornava difícil para muitos cristãos levar a sério a profissão de fé dele. Um respeitado líder cristão havia me declarado categoricamente: "Bill Clinton não pode naturalmente ser sincero a respeito de sua fé e defender os pontos de vista que defende".

Escrevi um artigo a respeito do café da manhã e, alguns meses depois, recebi outro convite da Casa Branca, desta vez oferecendo uma entrevista exclusiva do presidente para a revista. A entrevista teve lugar em fevereiro de 1994, a maior parte dela realizada na limusine presidencial. Depois que o sr. Clinton fez um discurso em uma escola no centro da cidade, eu e David Neff, o editor da Christianity Today, o acompanhamos na longa corrida de volta à Casa Branca, onde continuaríamos a conversa no Escritório Oval. À limusine, embora espaçosa, tolhia as longas pernas de Clinton sentado à nossa frente. Tomando goles de água em um copo de papel para aliviar a sua constantemente irritada garganta, o presidente respondeu às nossas perguntas.

Grande parte da conversa girou em torno da questão do aborto. David Neff e eu tínhamos estrategicamente planejado como introduzir as perguntas difíceis, mas aconteceu que elas vieram à tona naturalmente. Naquela manhã, todos nós tínhamos estado no "Café da manhã com oração nacional" e ouvimos madre Teresa criticando ousadamente o presidente pela praga do aborto neste país. Clinton havia se encontrado com ela particularmente depois do café e parecia ansioso por continuar a discussão conosco.

Meu artigo resultante dessa conversa, "A charada da fé de Bill Clinton", apresentava seus pontos de vista e também explorava a pergunta levantada pelo meu amigo. Poderia Bill Clinton ser sincero a respeito de sua fé, defendendo os pontos de vista que defende? Eu havia feito muita pesquisa, inclusive conversei com seus amigos e colegas de infância e a evidência parecia clara: a fé de Clinton não era uma postura assumida como expediente político, mas parte integrante do que ele era. Com exceção do período da adolescência, ele freqüentava a igreja fielmente, apoiou Billy Graham a vida toda e era ávido estudante da Bíblia. Quando perguntei que livros cristãos havia lido mais recentemente, ele mencionou títulos de

Richard Mouw (presidente do Seminário Teológico Fuller) e Tony Campolo.

Na verdade, achei quase impossível entender os Clintons à parte de sua fé religiosa. Hillary Clinton metodista desde criança, crê que fomos colocados no mundo para fazer o bem e servir aos outros. Bill Clinton, um batista do Sul, foi criado na tradição do reavivamento e de "ir à frente" para confessar os pecados. É claro que ele faz muita bagunça durante a semana — todo mundo não faz? — mas, aos domingos, vai à igreja, confessa seus pecados e começa tudo de novo.

Depois da entrevista escrevi o que pensava ser uma avaliação equilibrada do presidente Clinton e sua família, dando espaço considerável à questão do aborto, na qual fiz um contraste entre sua posição indefinida e os absolutos morais de madre Teresa. Eu estava totalmente despreparado para a reação tempestuosa. Fiquei imaginando se meu carteiro vai recuperar-se do esforço violento de arrastar malas de cartas zangadas para dentro de minha caixa do correio.

"Você diz que Clinton tem conhecimento bíblico", dizia um, "bem, o diabo também tem! Você foi enganado". Muitos signatários defendiam que os evangélicos não deveriam nunca se encontrar com o presidente. Seis traçavam paralelos com Adolf Hitler, que cinicamente usou pastores para os seus próprios propósitos. Outros nos compararam com a igreja amedrontada por Stalin. Outros lembraram-se de cenas bíblicas de confrontação: João Batista e Herodes, Elias e Acabe, Nata e Davi. Por que eu não tinha agido mais como um profeta, sacudindo o meu dedo diante do rosto do presidente?

Uma pessoa escreveu: "Se Philip Yancey visse uma criança que estivesse prestes a ser atropelada por um trem de carga, creio que ficaria confortavelmente fora do caminho e amorosamente pediria à criança que se mexesse, em vez de se esforçar gritando e empurrando a criança para fora do perigo".

Menos de dez por cento das cartas tinham coisas positivas a dizer. E o tom vicioso dos ataques pessoais me apanharam desprevenido. Um leitor escreveu: "Talvez a mudança das planícies do centro-oeste para a atmosfera rarefeita e reclusa do Colorado provocaram um curto-circuito na provisão de oxigênio do sr. Yancey e prejudicaram o seu discernimento". E outro: "Espero que Philip Yancey tenha desfrutado dos deliciosos ovos à Benedict do café da manhã na Casa Branca; enquanto ele estava ocupado limpando a gema de sua barba (se é que não escorreu pelas costas), a administração Clinton estava orjando de antemão sua agenda radicalmente antiteísta e amoral".

Em vinte e cinco anos de jornalismo tenho recebido meu quinhão de respostas de todos os tipos. Mesmo assim, quando leio pilhas de cartas injuriosas, tenho a estranha sensação de que entendo por que o mundo não associa automaticamente a palavra "graça" com os evangélicos.

As obras do apóstolo Paulo seguiram um padrão familiar. A primeira parte de cada carta explora conceitos teológicos elevados, tais como "as riquezas da graça de Deus". Nesse ponto, Paulo tipicamente faz uma pausa para responder a objeções potenciais. Apenas então ele prossegue para fazer uma aplicação prática, explicando como essas riquezas se traduzem para a desordem da vida cotidiana. Como uma pessoa "agraciada" deveria agir no papel de marido ou esposa, como membro de igreja, como cidadão?

Utilizando esse mesmo padrão, apresentei a graça como uma força poderosa que pode quebrar as cadeias da desgraça que estão amarrando nações, tribos e famílias. Ela transmite as melhores notícias possíveis, que o Deus do universo nos ama — notícias tão boas que trazem o cheiro do escândalo. Mas minha tarefa não acabou. Chegou a hora de voltar à questão prática: se a graça é tão maravilhosa, por que os cristãos não dão mais demonstrações dela?

Por que os cristãos chamados para espargir o aroma da graça preferem emitir a fumaça doentia da não-graça? Nos Estados Unidos da década de 90, uma resposta a essa pergunta rapidamente desabrocha na mente. A igreja permitiu-se envolver muito em questões políticas que funcionam pelas regras do poder, que não são regras da não-graça. Em nenhuma outra área a igreja corre risco maior de perder sua vocação do que na praça pública.

Minha experiência em escrever a respeito de Bill Clinton me esclareceu esse ponto. Talvez pela primeira vez eu tenha captado um bom sopro do aroma espargido por alguns cristãos, e não foi um cheiro

gradável. Comecei a prestar mais atenção a como os cristãos estão sendo percebidos pelo mundo de um modo geral. Um editorial empolado no *The New York Times*,<sup>1</sup> por exemplo, advertia que o ativismo dos conservadores religiosos "apresenta uma ameaça muito maior à democracia do que o comunismo apresentava". Será que eles realmente crêem nisso?

Uma vez que as histórias em quadrinhos revelam muito a respeito da tendência da cultura, comecei a observar como elas descrevem os cristãos. A revista *New Yorker*, por exemplo, mostrava um garçom em um restaurante caro explicando o cardápio a um freguês: "Os que têm asteriscos são aqueles recomendados pela direita religiosa". Ainda outra tira política apresentava uma igreja americana clássica com o letreiro "Primeira Igreja Anti-Clinton".

Apoio totalmente o direito, e também as responsabilidades que os cristãos têm de se envolver na política. Em cruzadas morais como a abolição, direitos civis e antiaborto, os cristãos têm liderado. Creio que a mídia tem exagerado grosseiramente a "ameaça" apresentada pela direita religiosa. Os cristãos que conheço que estão envolvidos na política não se parecem nada com essas caricaturas. Mesmo assim, eu me preocupo com a recente tendência dos rótulos "cristãos evangélicos" e "direita religiosa" se tornarem intercambiáveis. As histórias em quadrinhos mostram que os cristãos estão sendo cada vez mais considerados como moralistas rígidos que querem controlar a vida dos outros.

Sei por que alguns cristãos estão agindo dessa forma: por medo. Sentimos o ataque nas escolas, nos tribunais e, às vezes, no Congresso. Enquanto isso, vemos ao nosso redor o tipo de mudança moral que destaca o declínio da sociedade. Em categorias como crime, divórcio, suicídio de jovens, aborto, uso de drogas, bem-estar das crianças e nascimentos ilegítimos os Estados Unidos superam todos os outros países industrializados. Os socialmente conservadores sentem-se cada vez mais como uma minoria ameaçada com seus valores sob ataque constante.

Como podem os cristãos defender valores morais em uma sociedade secular enquanto, ao mesmo tempo, transmitem um espírito de graça e amor? Como o salmista expressou: "Na verdade que já os fundamentos<sup>2</sup> se transtornam, o que pode fazer o justo?". Tenho certeza de que por trás da rispidez das pessoas que me escreveram existe uma preocupação profunda e apropriada por um mundo que dá pouco lugar a Deus. Mas também sei que, como Jesus destacou para os fariseus, uma preocupação apenas com valores morais não é de maneira nenhuma suficiente. O moralismo à parte da graça resolve pouco.

Andy Rooney, comentarista de um programa de televisão, disse uma vez; "Decidi que sou contra o aborto. Acho que é homicídio. Mas tenho um dilema: por que prefiro as pessoas pró-escolha, em vez das que são pró-vida? Prefiro muito mais jantar com um grupo das primeiras pessoas". Pouco importa com quem ele janta, mas é muito importante se Andy Rooney deixa de encontrar a graça de Deus dos cristãos em todo o seu zelo pró-vida.

Quando pergunto aos meus companheiros de vôo: "O que lhes vem à mente quando digo as palavras 'cristão evangélico?'", geralmente eles respondem em termos políticos. Mas o evangelho de Jesus não foi principalmente uma plataforma política. Em toda a conversa dos partidos eleitorais e guerras políticas, a mensagem da graça, o principal distintivo que os cristãos têm para oferecer, tende a sumir. É difícil, se não impossível, transmitir a mensagem da graça nos corredores do poder.

A igreja está se tornando cada vez mais politizada. Conforme a sociedade se desenvolve, ouço gritos de que estamos enfatizando menos a misericórdia e mais a moralidade. Estigmatizar os homossexuais, envergonhar as mães solteiras, perseguir os imigrantes, molestar os mendigos, punir os infratores — sinto que alguns cristãos crêem que, se simplesmente aprovarmos leis suficientemente duras em Washington poderemos virar nosso país ao contrário. Um notável líder espiritual insiste: "A única maneira<sup>3</sup> de termos um reavivamento genuinamente espiritual é fazer uma reforma legislativa". Será que o inverno não será melhor?

Nas décadas de 50 e 60, as principais denominações afastaram-se da proclamação do evangelho para seguir uma agenda mais política. E o que aconteceu? Os bancos das igrejas começaram a se esvaziar

ortando a membresia pela metade. Muitos desses frequentadores de igreja insatisfeitos procuraram igrejas evangélicas onde podiam ouvir mensagens mais direcionadas para suas necessidades espirituais. Seria irônico realmente se as igrejas evangélicas repetissem o erro e expulsassem os membros por causa de uma infase exacerbada na política conservadora.

Outro livro merece ser escrito atacando a intolerância da esquerda secular, onde a mesquinha e inflexibilidade também vicejam. Neste livro, contudo, tenho apenas uma preocupação: O que dizer a respeito da graça? A preocupação dos cristãos com a moralidade esgotou nossa mensagem do amor de Deus pelos pecadores? Os cristãos evangélicos fazem parte da minha herança, da minha família. Trabalho entre eles, preste? culto no meio deles, escrevo livros para eles. Se minha família parece estar em perigo de representar mal o evangelho de Cristo, tenho de falar. É, na realidade, uma espécie de autocrítica.

É verdade que a mídia distorce a direita religiosa e interpreta mal os cristãos em geral. Mas nós, os cristãos, temos parte da culpa. Ao visitar minha cidade, Randall Terry<sup>1</sup> convocou os cristãos a ser "zelotes intolerantes" quando se trata de "infanticidas, sodomitas, distribuidores de camisinhas e do pluralismo sem sentido". Terry descreveu nossa congressista como "uma cobra, feiticeira e mulher maligna". Disse que "os cristãos precisam parar de ser gatinhos assustados nos guetos

cristãos brincando de 'joguinhos espirituais'". Precisamos, antes, limpar o "esgoto moral em que esta nação se transformou" e fazer dela uma nação cristã novamente. Mas, acima de tudo, precisamos fazer uma conquista cristã das outras nações.

Embora Randall Terry talvez não se referisse aos principais evangélicos, seus comentários fizeram com que as primeiras páginas dos jornais locais alimentassem as imagens públicas da não-graça. Foi o que fizeram estes comentários de Teny: "Eu quero que uma onda de ódio passe sobre vocês. Sim, o ódio é bom... Temos um dever público, somos chamados por Deus para conquistar este país".

Ralph Reed,<sup>5</sup> antigo membro da Coalizão Cristã, geralmente é um orador circunspecto. Mas essas palavras dele foram provavelmente impressas mais vezes do que quaisquer outras: "É melhor andarmos de leve, furtivamente, na calada da noite... Quero ficar invisível. Quero fazer guerrilhas. Pinto meu rosto de preto para o meu viagem de noite. Você não sabe que acabou até que esteja morto em um saco. Você não sabe até a noite da eleição".

Imagino muitas pessoas, assim como eu, recebendo esses pronunciamentos com reservas. Estamos acostumados com posturas políticas, com a imprensa publicando os trechos mais polêmicos. Eu poderia facilmente desculpar suas palavras por causa dos comentários destemperados do lado oposto. Contudo, fico imaginando, que som têm esses comentários para uma jovem mulher que acabou de passar por um aborto e agora está arrependida. Sei o que tais comentários provocam em um homossexual que luta com sua identidade, pois entrevistei muitos deles em Washington, D.C.

Retorno ao comentário da prostituta que no início me levou a escrever este livro. "Igreja! Por que deveria ir lá? Já estou me sentindo terrível. Eles vão apenas me fazer sentir pior!" Penso na vida de Jesus que atraía com um magnetismo inverso as pessoas mais desagradáveis, os refugos morais. Ele veio buscar os pecadores, e não os justos. Ao ser preso, não foram os notórios pecadores da Palestina, mas os moralistas que pediram a sua morte.

Meu vizinho, um oficial do Partido Republicano do Estado, falou-me da preocupação entre os companheiros republicanos com o fato de os "candidatos sorrateiros" (termo de Ralph Reed) da direita religiosa estarem planejando assumir o partido. Um de seus colegas advertiu-o de que esses candidatos sorrateiros poderiam geralmente ser identificados por seu freqüente emprego da palavra "graça". Embora ele não tivesse idéia do que a palavra graça significa, havia observado que os candidatos sorrateiros tinham de organizações e igrejas com essa palavra destacada em seus títulos ou em sua literatura.

Será que a graça, "a última palavra perfeita", a única palavra teológica imaculada remanescente em nossa linguagem, vai pelo mesmo caminho de muitas outras? Na arena política, será que passou a significar o oposto?

Em outro contexto, Nietzsche fez esta advertência, que se aplica aos cristãos modernos: "Tenha cuidado para que, ao lutar contra o dragão, você não se transforme em um dragão".

William Willimon,<sup>6</sup> capelão da Universidade de Duke e um metodista vitalício, adverte os evangélicos contra sua atual fixação nos políticos. "Pat Robertson tornou-se Jesse Jackson. Randall Terry da década de noventa é o Bill Coffin da década de sessenta. O americano médio conhece outra resposta para os anseios humanos ou para o desvio da moral que não seja a legislação." Willimon fala por experiência, pois sua própria denominação construiu um prédio de escritórios de quatro andares em Capitol Hill a fim de dar apoio ao Congresso mais eficientemente. Sim, eles trabalharam com eficiência, mas ao longo do caminho negligenciaram sua missão principal como igreja, e os metodistas abandonaram suas igrejas aos milhares. Agora, quando Willimon chama sua denominação de volta à pregação bíblica, ele olha para os evangélicos e encontra sermões a respeito de política, e não sobre Deus.

Vejo a confusão de política e religião como uma das maiores barreiras para a graça. C.S. Lewis observou que quase todos os crimes da história cristã aconteceram quando a religião foi confundida com a política. A política, que sempre foi governada pelas regras da não-graça, seduz-nos para trocar a graça pelo poder, uma tentação à qual a igreja com frequência não tem conseguido resistir.

Aqueles de nós que viveram sob a estrita separação entre igreja e Estado talvez não percebam bem como se faz historicamente esse arranjo ou por que ele aconteceu. A frase de Thomas Jefferson,<sup>7</sup> "um paredão de separação entre igreja e Estado", apareceu primeiro em uma carta aos batistas de Connecticut que receberam bem essa parede de separação. Os batistas, os puritanos, os quakeres e outros grupos separatistas fizeram uma longa viagem à América na esperança de encontrar um lugar que separasse a igreja do Estado, pois todos foram vítimas da perseguição religiosa patrocinada pelo Estado. Quando a igreja se juntava com o Estado, tendia a exercer o poder em vez de dispensar graça.

Como Mark Galli da revista *Christian History* destacou, os cristãos no final do século XX queixam-se da desunião da igreja, da falta de líderes piedosos na política e da morte da influência cristã na cultura popular. Nenhuma dessas queixas se aplicava à Idade Média, uma era em que a igreja estava unificada, os cristãos nomeavam líderes políticos em posições importantes e a fé permeava toda a cultura popular. Mas quem poderia olhar com nostalgia para os resultados desse passado? As cruzadas devastaram as terras do Oriente. Os sacerdotes, marchando ao lado dos soldados, "converteram" continentes inteiros na ponta de uma espada. Inquisidores perseguiram judeus, caçaram feiticeiras e até mesmo sujeitaram cristãos leais a cruéis provas de fé. Verdadeiramente a igreja se tornou a "policia moral" da sociedade. A graça deu lugar ao poder.

Quando a igreja teve oportunidade de estabelecer as regras para toda a sociedade, com frequência voltava-se ao extremismo contra o qual Jesus advertiu. Considere apenas um exemplo, a Genebra de João Calvino. Ali, as autoridades podiam convocar qualquer pessoa para ser interrogada a respeito de questões da fé. A frequência à igreja era compulsória. As leis abrangiam questões tais como quantos pratos podiam ser servidos em cada refeição e a cor apropriada das roupas.

William Manchester<sup>8</sup> registra algumas das diversões proibidas por Calvino: banquetes, dança, canto, quadros, estátuas, relíquias, sinos de igreja, órgãos, velas no altar; canções indecentes ou profanas"; apresentar-se no palco ou frequentar o teatro; usar ruje, jóias, rendas ou roupas indecorosas"; falar desrespeitosamente dos superiores; divertimentos extravagantes, jurar, apostar, jogar cartas, caçar, embriagar-se; dar aos filhos nomes que não sejam de personagens do Antigo Testamento; livros "imorais ou profanos".

Um pai que batizasse o filho com um nome que não se encontrava no Antigo Testamento passava quatro dias na cadeia, assim como a mulher cujo penteado fosse de altura "imoral". O Consistório degolou uma criança que bateu nos pais. Eles afogavam qualquer mulher solteira que estivesse grávida. Em incidentes separados, o filho adotivo de Calvino e sua nora foram executados porque foram encontrados n

ama com seus amantes.

Depois de contar tais acontecimentos da história, Paul Johnson<sup>9</sup> conclui: "Tentativas de aperfeiçoar sociedades cristãs neste mundo, quer dirigidas por papas quer por revolucionários, acabaram degenerando em terror vermelho". Este fato deveria nos fazer parar quando vozes hodiernas nos convocam para derrubar os muros entre a igreja e o Estado e para restaurar a moralidade de nossa sociedade. Nas palavras de Lesslie Newbigin:<sup>10</sup> "O projeto de trazer o céu de cima para a terra sempre resulta em trazer o inferno de baixo".

Nós, nos Estados Unidos modernos, assediados pelo secularismo e vivendo em uma cultura que se está deteriorando moralmente, podemos facilmente perder de vista de onde viemos. Fico cada vez mais alarmado quando ouço a Secretaria Nacional em favor da Maioria Moral orar pela morte dos seus oponentes, dizendo: "Estamos cansados<sup>11</sup> de virar a outra face... valha-nos, o céu, é tudo o que temos de certo". Fico alarmado quando leio a respeito de uma organização na Califórnia trabalhando para eleger autoridades governamentais a fim de que o governo possa se tornar o "departamento de polícia<sup>12</sup> do reino de Deus na terra", pronto para "impor a vingança de Deus sobre aqueles que abandonam as leis divinas da justiça".

No início, a América esteve à beira do abismo de se tornar uma teocracia restrita segundo as linhas da Genebra de Calvino. O Código de Connecticut,<sup>13</sup> por exemplo, inclui estas leis: "Ninguém vai correr nem andar, nem caminhar no seu jardim, ou em qualquer outro lugar, exceto reverentemente para a reunião e voltar dela. Ninguém vai trabalhar, cozinhar, fazer camas, varrer a casa, cortar cabelo ou barbear-se no sábado. Se algum homem beijar sua esposa, ou a esposa o marido, no Dia do Senhor, o casal culpado será punido à vontade do tribunal de magistrados". As forças anglicanas que tomaram Maryland passaram um mês exigindo que os cidadãos se convertessem do catolicismo para participar da assembléia. Partes da Nova Inglaterra restringiram os eleitores a pessoas piedosas que pudessem dar testemunho de uma experiência pessoal de salvação.

Finalmente, entretanto, as colônias concordaram que não haveria uma igreja estabelecida nacional e que a liberdade de religião seria praticada por toda a nação. Foi um passo sem precedentes na história e um jogo que parece que valeu a pena, como diz o historiador Garry Wills: a primeira nação a separar o cristianismo do governo produziu talvez a nação mais religiosa na terra.

Jesus veio para fundar uma espécie de reino que poderia coexistir em Jerusalém e também espalhar-se pela Judéia, Samaria e os confins da terra. Em uma parábola ele advertiu que aqueles fazendeiros que se concentram em arrancar o joio (sua imagem para "os filhos do maligno") podem destruir o trigo junto. Deixe as questões do julgamento ao único Juiz verdadeiro, Jesus aconselhou.

O apóstolo Paulo tinha muito a dizer a respeito da imoralidade individual dos membros da igreja, mas pouco a respeito da imoralidade de Roma paga. Raramente ele desmascarava os abusos de Roma — escravidão, idolatria, jogos violentos, opressão política, ganância —, embora, por meio desses abusos Roma certamente prejudicasse os cristãos daquele tempo tanto quanto a nossa sociedade deteriorante prejudica os cristãos da atualidade.

Quando fui à Casa Branca visitar o presidente Clinton, sabia que sua reputação entre os cristãos conservadores dependia de duas questões: o aborto e os direitos dos homossexuais. Concordo plenamente que as questões morais são importantes e que os cristãos devem discuti-las. Mas, quando examino o Novo Testamento, encontro muito pouca coisa relacionada com cada uma delas. As duas práticas existiam naquela época, de formas diferentes e mais notórias. Os cidadãos romanos não dependiam principalmente do aborto para o controle da natalidade. As mulheres davam à luz aos seus bebês e, então, os abandonavam à beira da estrada para os animais selvagens e abutres. De maneira igual, os romanos e os gregos também praticavam o homossexualismo: homens mais velhos utilizavam-se de garotos jovens como seus escravos sexuais, em pederastia.

Assim, no tempo de Jesus e de Paulo, essas duas questões morais faziam valer seus direitos de maneira

que hoje seria considerada crime em qualquer país civilizado da terra. Nenhum país permite que uma pessoa mate um bebê que nasceu a termo.. Nenhum país permite legalmente que se pratique sexo com crianças. Jesus e Paulo, sem dúvida, sabiam dessas práticas deploráveis. E, mesmo assim, Jesus não disse nada a respeito delas. E Paulo fez apenas referências ao transexualismo. Nenhum deles se concentrou no reino pagão que os rodeava, mas na alternativa do reino de Deus.

Por este motivo, fico pensando na enorme energia que está sendo gasta nos dias de hoje para a restauração da moralidade dos Estados Unidos. Será que estamos concentrando-nos mais no reino deste mundo do que no reino que não é deste mundo? A imagem pública da igreja evangélica atual está praticamente definida por uma ênfase em duas questões que Jesus nem mesmo mencionou. Como nos sentiremos se os historiadores do futuro olharem para trás para a igreja evangélica da década de 90 e declararem: "Eles lutaram bravamente nas fronteiras morais do aborto e dos direitos dos homossexuais" enquanto, ao mesmo tempo, contassem que pouco fizemos para obedecer à Grande Comissão e espargir o aroma da graça no mundo?

A igreja... não é a senhora ou a serva do Estado, mas, antes, a sua consciência. Ela deve ser a orientadora e a crítica do Estado. E nunca sua ferramenta!  
Martin Lutner King Jr.

## CAPÍTULO 18

### SABEDORIA DE SERPENTE

Na minha infância, na década de 50, o diretor da escola começava o dia com uma oração lida no intercomunicador. Na escola jurávamos fidelidade a uma nação "à sombra de Deus". Na Escola Dominical jurávamos fidelidade às duas bandeiras: a americana e a crista. Jamais me ocorreu que a América pudesse um dia apresentar aos cristãos um novo desafio-, como "agraciar" uma sociedade cada vez mais hostil a eles.

Até a recente história americana — a versão oficial pelo menos — os dois parceiros, igreja e Estado lançavam a mesma valsa. A religião é tão penetrante que os Estados Unidos já foram descritos como uma nação com a alma de uma igreja. The Mayflower Compact [O pacto do Mayflower] especificava que o alvo dos peregrinos era "assegurado para<sup>1</sup> a glória de Deus e avanço da fé cristã e honra de nosso Rei e pátria". Nossos fundadores pensavam que a fé religiosa era essencial para uma democracia funcionar. Nas palavras de John Adams, "nossa constituição<sup>2</sup> foi feita apenas para um povo moral e religioso. Ela é totalmente inadequada para o governo de qualquer outro povo".

Na maior parte de nossa história, até a Suprema Corte fazia eco ao consenso cristão. Em 1931, a corte declarava: "Somos um povo cristão,<sup>3</sup> garantindo reciprocamente uns aos outros direito igual de liberdade religiosa e reconhecendo com reverência o dever de obedecer à vontade de Deus". Em 1954, Earl Warren, um presidente do Supremo Tribunal famoso entre os conservadores, disse em um discurso: "Creio<sup>4</sup> que ninguém pode ler a história do nosso país sem perceber que a Bíblia e o espírito do Salvador têm sido desde o início, nossos mentores". As constituições das colônias originais, ele acrescentou, apontavam todas para o mesmo objetivo: "uma terra governada por princípios cristãos".

- Nós vivemos entre lembretes diários de nossa herança cristã. Os próprios nomes das agências do governo — o serviço civil e o ministério da justiça — apresentam implicações religiosas. Os americanos reagem rapidamente a desastres, protegem os direitos dos incapacitados, param para ajudar motoristas encalhados, doam bilhões de dólares para caridade — estes e muitos outros "hábitos do coração" refletem

uma cultura nacional que cresceu a partir de raízes cristãs. Apenas alguém que viaja para o estrangeiro pode apreciar o fato de que nem todas as culturas incluem tais nuances da graça.

Sob a superfície, naturalmente, a história conta uma história diferente. Os americanos nativos quase foram exterminados neste país "cristão". Mulheres tiveram negados seus direitos básicos. "Bons cristãos" do Sul espancavam seus escravos sem uma pontinha de remorso. Tendo sido criado no Sul, sei que os afro-americanos como um grupo não olham para trás com nostalgia para os "piedosos" dias de nossa história primitiva. "Eu teria sido um escravo naquele tempo", John Perkins nos relembra. Para essas minorias, a mensagem da graça se perdeu.

Atualmente, poucas pessoas confundem a igreja e o Estado nos Estados Unidos. E a mudança aconteceu com uma rapidez de deixar sem fôlego qualquer um que nasceu nos últimos trinta anos, ficando a imaginação que o consenso cristão estou falando. É incrível que as palavras "à sombra de Deus" foram acrescentadas ao Juramento de Fidelidade apenas em 1954, e a frase "Em Deus nós confiamos" veio a ser o lema oficial da nação em 1956. Desde então, a Suprema Corte banuiu as orações nas escolas e alguns professores tentaram proibir seus alunos de escrever a respeito de alguns temas religiosos. O cinema e a televisão raramente mencionam os cristãos, exceto para depreciá-los, e os tribunais rotineiramente arrancam símbolos religiosos dos lugares públicos.

Grande parte da violência aos direitos religiosos brota da rapidez desta deriva cultural. Harold O. J. Brown, um dos primeiros ativistas evangélicos contra o aborto, diz que ele e outros enfrentaram a decisão no caso Roe x Wade como um grito para despertar no meio da noite. Os cristãos consideravam a Suprema Corte como um grupo de sábios muito digno de confiança que tiraram suas conclusões do consenso moral restante do país. Subitamente, a bomba caiu, uma decisão que dividiu o país ao longo das linhas de frente.

Outras decisões do tribunal — estabelecendo o "direito de morrer", redefinindo o casamento protegendo a pornografia — fizeram os cristãos conservadores cambalearem. Agora os cristãos estão muito mais propensos a considerar o Estado como antagonista da igreja, não seu amigo. James Dobson capta o tom quando diz: "Nada menos do que uma grande guerra civil de valores alastra-se hoje por toda a América do Norte. Dois lados imensamente diferentes e pontos de vista incompatíveis estão presos em um largo conflito que permeia cada nível da sociedade".

A guerra cultural está a caminho. Ironicamente, cada ano a igreja nos Estados Unidos se aproxima mais e mais da situação enfrentada pela igreja do Novo Testamento: uma minoria ameaçada vivendo em uma sociedade pluralista, paga. Os cristãos em lugares como o Sri Lanka, Tibete, Sudão e Arábia Saudita enfrentam a hostilidade franca do governo há anos. Mas, nos Estados Unidos, com uma história tão compatível com a fé, não gostamos disso.

Como podem os cristãos dispensar graça em uma sociedade que parece estar se desviando de Deus? A Bíblia oferece muitos modelos diferentes de respostas. Elias escondeu-se em cavernas e desencadeou oraios sobre o regime pagão de Acabe; seu contemporâneo Obadias cooperou com o sistema, dirigindo o palácio de Acabe enquanto abrigava os verdadeiros profetas de Deus ao lado. Ester e Daniel foram usados por impérios pagãos; Jonas invocou o juízo sobre outro império. Jesus submeteu-se ao julgamento de um governador romano; Paulo pediu que o seu caso fosse conduzido ao imperador.

Para complicar ainda mais as coisas, a Bíblia não dá conselho direto aos cidadãos de uma democracia. Paulo e Pedro insistiam com seus leitores que se submetessem às autoridades e honrassem o rei, mas, em uma democracia, nós, cidadãos, somos o "rei". Dificilmente podemos ignorar o governo quando, por direito constitucional, formamos o governo. E se os cristãos formam uma maioria, por que não se proclamam uma "maioria moral" e formar a cultura à nossa semelhança?

Quando uma forma de consenso cristão dominava nos Estados Unidos, essas questões eram menos urgentes. Agora todos nós que amamos nossa fé e também a nossa nação temos de decidir como melhor expressar esse cuidado. Eu ofereço três conclusões preliminares que deveriam ser aplicadas, haja o que



ouver, no futuro.

Primeiro, deve ter ficado claro que creio que dispensar a graça de Deus é a principal contribuição cristã. Como disse Gordon MacDonald, o mundo pode fazer qualquer coisa que a igreja pode, exceto uma: o mundo não pode demonstrar graça. Em minha opinião, os cristãos não estão fazendo um bom trabalho de dispensação da graça ao mundo, e nós tropeçamos especialmente neste campo da fé e da política.

Jesus não permitiu que nenhuma instituição interferisse no seu amor pelos indivíduos. A política racial e religiosa dos judeus proibia que Ele falasse com uma mulher samaritana, ainda mais com uma que tivesse antecedentes morais duvidosos. Jesus, no entanto, escolheu uma mulher samaritana para ser missionária. Entre os seus discípulos havia um cobrador de impostos, considerado um traidor em Israel, e também um zelote, membro de um partido ultrapatriota. O Senhor Jesus elogiou João Batista, que era contracultural. Encontrou-se com Nicodemos, um fariseu observador, e também com um centurião romano. Jantou na casa de outro fariseu chamado Simão e também na casa de um homem "impuro", Simão, o leproso. Para Jesus, a pessoa era mais importante do que qualquer categoria ou rótulo.

Sei como é fácil ser arrebatado pela política da polarização, gritar nas passeatas para o "inimigo" do outro lado. Mas Jesus ordenou: "Amai a vossos inimigos".<sup>6</sup> Para Will Campbell, eles eram os Kluxers racistas que mataram seu amigo. Para Martin Luther King Jr., eram os delegados brancos que atiravam suas bombas sobre ele.

Quem é meu inimigo? Os favoráveis ao aborto? O produtor de Hollywood que polui nossa cultura? O político ameaçando meus princípios morais? O traficante que domina o centro de minha cidade? Se o meu ativismo, ainda que bem motivado, expulsa o amor, então eu entendi mal o evangelho de Jesus. Estou apaixonado pela lei, e não pelo evangelho da graça.

As questões que desafiam a sociedade são centrais. Talvez uma guerra cultural seja inevitável. Mas os cristãos devem utilizar diferentes armas nas guerras, as "armas da misericórdia", na maravilhosa frase de Dorothy Day. Jesus declarou que deveríamos ter um sinal diferencial: não a correção política ou superioridade moral, mas o amor. Paulo acrescentou que sem amor nada do que fazemos — nenhum milagre da fé, nenhum brilho teológico, nenhuma chama de sacrifício pessoal — terá valor (1 Coríntios 13).

A democracia moderna precisa desesperadamente de um novo espírito de civilidade. E os cristãos poderiam mostrar o caminho demonstrando o fruto do Espírito de Deus: amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e autocontrole.

As armas da misericórdia podem ser poderosas. Conteí sobre minha visita à Casa Branca, que provocou uma chuva de cartas iradas. Dois líderes cristãos em nossa reunião sentiram a necessidade de pedir desculpas ao presidente pela falta de graça demonstrada pelos companheiros cristãos. Um disse: "Os cristãos macularam a credibilidade do evangelho com a maldade de... ataques pessoais contra o presidente e sua família". Enquanto estivemos lá, também ouvimos uma história diretamente de Hillary Clinton, alvo de muitos desses ataques.

Susan Baker, republicana e esposa do ex-secretário do Estado James Baker, convidou a sra. Clinton para ir ao seu estudo bíblico bipartidário. A primeira-dama admitiu que se sentia cética a respeito de um encontro com um grupo de mulheres que se descreviam como "conservadoras e liberais, republicanas e democratas, mas todas fiéis a Jesus". Ela foi prevenida, pronta para defender suas posições e absorver alguns golpes verbais.

Mas a reunião começou com uma das mulheres dizendo: "Sra. Clinton, todas nós nesta sala concordamos em orar pela senhora fielmente. Queremos pedir desculpas pela maneira com que tem sido tratada por algumas pessoas, inclusive alguns cristãos. Nós a tratamos de maneira errada, a difamamos, e tratamos com falta de cristianismo. A senhora nos perdoa?"

Hillary Clinton disse que tinha se preparado para qualquer coisa naquela manhã, menos para um pedido de perdão. Todas as suas suspeitas se derreteram. Mais tarde, ela dedicou todo um discurso no

café da manhã para oração nacional" para enumerar os "dons" espirituais que havia recebido do grupo perguntou se não poderiam iniciar um grupo semelhante para jovens da idade de sua filha Chelsea, pois Chelsea não conhecia muitos cristãos "cheios de graça".

Entristeço-me porque a correspondência dos grupos religiosos conservadores é, no tom, muito parecida com a ACLU e "Peoplefor the American Way". Os dois lados apelam para a histeria, advertem contra conspirações fanáticas e se ocupam em assassinar o caráter dos seus inimigos. Resumindo, ambos exalam o espírito da não-graça.

Para seu próprio crédito, Ralph Reed renunciou publicamente a tais métodos. Agora ele se arrepende de usar linguagem com ausência da "graça redentora que deveria sempre caracterizar nossas palavras e atos". "Se tivermos sucesso", Reed escreveu em Active Faith [Fé Ativa], "será porque seguimos o exemplo de Martin Luther King de sempre amar aqueles que nos odeiam, lutando 'com armas cristãs e com amor cristão'. Se falharmos, não será um fracasso por causa de dinheiro ou métodos, mas um fracasso de oração e da alma... Cada palavra que dizemos e cada ato nosso devem refletir a graça de Deus".

Ralph Reed<sup>7</sup> olha de maneira certa para Martin Luther King Jr., que tem muito a nos ensinar a respeito da política de confrontação. "Ataque a idéia falsa, não a pessoa que defende essa idéia", King insistia. Ele lutou para pôr em prática a ordem de Jesus de "amar os inimigos", mesmo dentro de uma cadeia e sendo ridicularizado por esses inimigos. Apenas podemos persuadir nossos adversários com base na verdade. Ele disse, não recorrendo à meia-verdade, ao exagero ou à mentira. Cada voluntário na organização de King comprometia-se a seguir oito princípios, inclusive estes: meditar diariamente nos ensinamentos e na vida de Jesus, andar e falar com amor e observar as regras da cortesia com todos, amigos e inimigos.

Eu estava presente em uma cena pública de confrontação que seguiu o padrão cheio de graça que o dr. King estabeleceu. Na manhã em que entrevistei o presidente Clinton, como já mencionei, nós dois assistimos ao "café da manhã para oração nacional" em que ouvimos madre Teresa falar. Foi um evento memorável. Os Clinton e os Gore sentaram-se nas mesas de cabeceira sobre um estrado, uma a cada lado da madre Teresa. Introduzida em uma cadeira de rodas, a frágil mulher de oitenta e três anos de idade aureada com o Prêmio Nobel da Paz precisou de ajuda para se levantar. Uma plataforma especial foi colocada para permitir que ela olhasse por cima do púlpito. Mesmo assim, curvada, com sua pequena estatura, mal podia alcançar o microfone. Ela falou claramente e devagar com um pesado sotaque em um tom que, apesar da idade, conseguia encher o auditório.

Madre Teresa disse que a América tinha-se tornado uma nação egoísta, em perigo de perder o significado do amor: "dar até doer". A maior prova, ela dizia, é o aborto, cujos efeitos podem ser vistos na escalada da violência. "Se aceitarmos que uma mãe pode matar até mesmo o seu próprio filho, como podemos dizer às outras pessoas para não se matarem umas às outras?... Qualquer país que aceita o aborto não está ensinando o seu povo a amar, mas a usar a violência para obter o que deseja."

Ela disse que somos incoerentes quando nos preocupamos com a violência, com as crianças famintas em lugares como a Índia e a África, e não nos importamos com os milhões que são mortos por escolha deliberada de suas próprias mães. Ela propôs uma solução para as mulheres grávidas que não querem os filhos: "Dêem esses filhos para mim. Eu os quero. Eu cuidarei deles. Estou disposta a aceitar qualquer criança que seria abortada e darei essa criança a um casal unido pelo matrimônio que vai amá-la e se casado por essa criança". Naquela época ela já havia colocado três mil crianças em lares adotivos em Calcutá.

A religiosa encheu seu discurso com histórias comoventes de pessoas às quais ela havia servido, e ninguém que as ouvisse podia ir embora impassível. Depois do café, madre Teresa reuniu-se com o presidente Clinton e, mais tarde, naquele dia, eu vi que a conversa o havia comovido também. O próprio Clinton trouxe à tona diversas das histórias dela durante a nossa entrevista.

Corajosa e firmemente, mas com cortesia e amor, madre Teresa havia conseguido reduzir a controvérsia do aborto aos seus termos morais mais simples: vida ou morte, amor ou rejeição. Um cético

oderia dizer a respeito de sua oferta: Madre Teresa, a senhora não compreende as complexidades envolvidas. Há mais de um milhão de abortos só nos Estados Unidos anualmente. Com certeza a senhora não vai conseguir cuidar de todos esses bebês!

Mas, afinal, ela era a madre Teresa. Ela tinha vivido a sua vocação especial de Deus e, se Deus lhe enviasse um milhão de bebês, ela provavelmente encontraria um meio de cuidar deles. Ela compreendeu que amor sacrificial é uma das mais poderosas armas no arsenal cristão da graça.

Os profetas apresentam-se em todos os tipos e estilos; imagino que o profeta Elias, por exemplo, teria usado palavras mais fortes do que madre Teresa ao denunciar injustiças morais. Mas não posso deixar de pensar que, de todas as palavras sobre aborto que o presidente Clinton ouviu enquanto esteve no seu cargo, as palavras de madre Teresa penetraram mais profundamente.

Minha segunda conclusão talvez pareça contradizer a primeira: compromisso com um estilo de graça não significa que os cristãos vão viver em perfeita harmonia com o governo. Como Kenneth Kaunda,<sup>8</sup> o ex-presidente da Zâmbia, escreveu, "o que uma nação precisa mais do que qualquer outra coisa não é de um governante cristão no palácio, mas de um profeta cristão ao alcance do ouvido".

Desde o início, o cristianismo — cujo fundador, afinal, o Estado executou — viveu em tensão com o governo. Jesus advertiu seus discípulos de que o mundo os odiaria como odiaram a Ele próprio, e no caso dele Jesus foram os poderosos que conspiraram contra Ele. Quando a igreja se espalhou pelo Império Romano, seus discípulos adotaram o lema "Cristo é o Senhor",<sup>9</sup> uma afronta direta às autoridades romanas que exigiam que todos os cidadãos jurassem que "César (o Estado) é o Senhor". Um objeto imóvel encontrou uma força irresistível.

Os cristãos primitivos forjaram regras para governar seus deveres para com o Estado. Proibiram certas profissões: o ator que tivesse de fazer o papel de um deus pagão, o professor que fosse forçado a ensinar mitologia paga nas escolas públicas, o gladiador que tirava a vida humana por esporte, o soldado que matava, o policial e o juiz.

Justino, que se tornou mártir, enunciou os limites da obediência a Roma: "A Deus somente<sup>10</sup> prestamos adoração, mas em outras coisas alegremente os servimos, reconhecendo-os como reis e governadores dos homens e orando para que, com o seu poder real, façam também julgamento perfeito".

Com o passar dos séculos, alguns governadores demonstraram julgamento perfeito e outros, não. Quando houve conflito, os cristãos se colocaram contra o Estado, apelando para uma autoridade mais elevada. Thomas Becket<sup>11</sup> disse ao rei da Inglaterra: "Não tememos ameaças, porque a Corte da qual viemos está acostumada a dar ordens aos imperadores e reis".

Os missionários que levaram o evangelho a outras culturas viram a necessidade de desafiar certas práticas, colocando-se em conflito direto com o Estado. Na Índia eles atacaram o sistema de castas, o casamento infantil, a queima das noivas, o extermínio das viúvas. Na América do Sul baniram o sacrifício humano. Na África se opuseram à poligamia e à escravidão. Os cristãos compreenderam que sua fé não era uma fé simplesmente particular e devoçional, mas tinha implicações para toda a sociedade.

Não foi por acidente que os cristãos foram pioneiros no movimento antiescravidão, por exemplo, por causa de suas argumentações teológicas. Filósofos como David Hume consideravam os negros inferiores, e os homens de negócio os consideravam como uma fonte barata de trabalho. Alguns cristãos corajosos viram, acima da utilidade dos escravos, o seu valor essencial, como seres humanos criados por Deus e consideraram sua emancipação.

Com todas as suas falhas, a igreja às vezes — esporádica e imperfeitamente, é verdade — tem dispensado a mensagem da graça de Jesus ao mundo. Foi o cristianismo, e apenas o cristianismo, que acabou com a escravidão. E também foi o cristianismo que inspirou a criação dos primeiros hospitais e hospícios. A mesma energia impeliu o primeiro movimento trabalhista, o voto das mulheres, as campanhas pelos direitos humanos e os direitos civis.

Quanto à América, Robert Bellah<sup>12</sup> diz que "não houve nenhuma questão importante na história do

Estados Unidos a respeito da qual as organizações religiosas não falassem, pública e clamorosamente".

Na história recente, os principais líderes do movimento dos direitos civis (Martin Luther King Jr., Ralph Abernathy, Jesse Jackson, Andrew Young) foram pastores, e seus comoventes sermões o provaram. Igrejas negras e brancas proporcionaram os edifícios, as redes, a ideologia, os voluntários e a teologia para apoiar o movimento.

Martin Luther King Jr. mais tarde alargou sua cruzada para encampar as questões da pobreza e da oposição à guerra no Vietnã. Apenas recentemente, quando o ativismo político passou para as causas conservadoras, o envolvimento cristão na política provocou alarme. Como Stephen Carter sugere em *The Culture of Disbelief* [A cultura da incredulidade], esse alarme pode simplesmente denunciar o fato de que aqueles que estão no poder não gostam das posições dos novos ativistas.

Stephen Carter oferece bom conselho a respeito de ativismo político: para que sejam eficientes, os cristãos "cheios de graça" precisam ser sábios nas questões que escolhem apoiar ou combater. Historicamente, os cristãos têm tido uma tendência de sair pela tangente. Sim, nós lideramos o caminho para a abolição e para os direitos civis. Os protestantes, porém, também deram uma guinada com campanhas frenéticas contra os católicos, contra a imigração, contra os maçons. Grande parte da preocupação da sociedade hodierna com o ativismo cristão retrocede a essas campanhas mal formuladas.

E hoje? Estamos escolhendo nossas batalhas com sabedoria? Obviamente, aborto, questões sexuais e definições de vida e morte são problemas dignos de nossa atenção. Mas, quando leio a literatura produzida por evangélicos que estão na política, encontro assuntos como o direito de portar armas, abolição do Departamento de Educação, acordos comerciais da NAFTA, o tratado do Canal do Panamá e limites de períodos para os congressistas. Há alguns anos, ouvi o presidente da Associação Nacional dos Evangélicos incluir em sua lista das dez preocupações principais a "rejeição do imposto sobre lucros de capital". Com demasiada frequência a agenda dos grupos religiosos conservadores está de acordo com a minha da agenda dos políticos conservadores e não fundamenta suas prioridades em uma fonte transcendente. Como todos os outros, os evangélicos têm o direito de apresentar suas propostas em todas essas questões, mas, no momento em que as apresentamos como parte de alguma plataforma "cristã" abandonamos nosso elevado fundamento moral.

Quando o movimento dos direitos civis — a grande cruzada moral do nosso tempo — emergiu em meados da década de sessenta, os evangélicos, na sua maioria, permaneceram nas laterais. Muitas igrejas metodistas, como a minha, resistiram ferozmente às mudanças. Gradualmente, oradores como Billy Graham e Dral Roberts apoiaram o movimento. Apenas agora denominações evangélicas como a Comunidade Pentecostal da América do Norte e os Batistas do Sul procuraram unir-se com as igrejas negras. Somente agora os movimentos populistas como os Promise Keepers estão fazendo da reconciliação racial uma prioridade.

Para vergonha nossa, Ralph Reed admite que a centelha da recente onda dos evangélicos na política não foi acesa pela preocupação com o aborto, a injustiça na África do Sul, ou qualquer outra questão moral constringente. Não, a administração Carter acendeu o novo ativismo quando mandou que o Departamento do Tesouro investigasse as escolas particulares, exigindo que provassem que não foram organizadas com o intuito de preservar a segregação. Pegando nas armas por causa desta brecha na barreira igreja-estado, os evangélicos foram às ruas.

Com demasiada frequência, em suas incursões na política, os cristãos provaram ser "sábios como as bombas" e "inofensivos como as serpentes" — exatamente o oposto do preceito de Jesus. Se esperamos que a sociedade leve a sério nossa contribuição, então temos de demonstrar mais sabedoria em nossas escolhas.

Minha terceira conclusão a respeito das relações igreja-estado é um princípio que tomei emprestado de G. K. Chesterton: a intimidade entre a igreja e o Estado é boa para o Estado e ruim para a igreja.

Ja adverti contra o fato de a igreja estar transformando-se em "exterminadora moral" do mundo. Na

verdade, o Estado precisa de exterminadores morais e vai recebê-los de braços abertos sempre que a igreja fizer esse favor. O presidente Eisenhower disse à nação em 1954: "Nosso governo não faz sentido se não for fundamentado sobre uma fé religiosa profundamente sentida — e não me importo qual seja ela". Eu costumava rir da declaração de Eisenhower até que, em um fim de semana, fiquei diante de uma situação que me mostrou a pura verdade por trás dessa declaração.

Estava participando de um fórum em New Orleans com dez cristãos, dez judeus e dez muçulmanos; a ocasião coincidia com o auge da temporada do Carnaval. Ficamos em um centro católico para idosos longe do rebuliço da cidade. Uma noite, porém, alguns dos participantes foram passear pelo bairro francês para ver um dos desfiles do Carnaval. Foi uma cena assustadora.

Milhares de pessoas se acotovelavam nas ruas tão perto umas das outras que fomos arrastados por uma onda humana, incapazes de nos libertar. Moças debruçavam-se sobre as sacadas gritando: "Seios por favor!" Em troca de uma bijuteria vistosa, elas levantavam a camiseta e se desnudavam. Por um presente mais elaborado, ficavam nuas. Vi homens embriagados pegarem uma menina adolescente na multidão gritando: "Mostre seus seios!" Quando ela se recusou, arrancaram a blusa da moça, levantaram-na até a altura dos ombros e a apalpavam enquanto ela gritava, protestando. Em sua bebedeira, lascívia e atropelamento violento, os foliões do Carnaval estavam demonstrando o que acontece quando os desejos humanos recebem permissão de correr soltos.

Na manhã seguinte, de volta ao centro do retiro, comparamos as histórias da noite anterior. Algumas das mulheres, feministas ardentes, estavam muito abaladas. Sabíamos que cada uma de nossas religiões tinha algo a contribuir para a sociedade em geral. Os muçulmanos, os cristãos e os judeus, todos nós ajudávamos a sociedade a compreender por que tal comportamento animal não era apenas inaceitável, mas também maligno. A religião define o mal e dá às pessoas a força moral para resistir. Como "a consciência do Estado", ajudamos a informar o mundo a respeito da justiça e da retidão.

Nesse sentido cívico, Eisenhower<sup>13</sup> estava certo: a sociedade precisa de religião, e pouco importa que tipo de religião. A Nação Islâmica ajuda a limpar o gueto; a igreja mórmon diminui a criminalidade em Utah, tornando-o um Estado de famílias e amigos. Os fundadores dos Estados Unidos reconheceram que especialmente uma democracia, menos dependente da ordem imposta e mais da virtude dos cidadãos livres, precisa de um fundamento religioso.

Alguns anos atrás, o filósofo Glenn Tinder escreveu um artigo amplamente comentado para *The Atlantic Monthly* [O mensário atlântico] intitulado "Podemos ser bons sem Deus?". Sua conclusão meticulosamente discutida, em uma só palavra foi: não. Os seres humanos, inevitavelmente, derivam para o hedonismo e egoísmo a não ser que alguma coisa transcendente — o amor ágape — os leve a se importar com alguém mais do que com eles mesmos, era o que Tinder argumentava. Com senso de oportunidade cômico, o artigo apareceu um mês depois da queda da Cortina de Ferro, um evento que acabou com o idealismo daqueles que haviam tentado construir uma sociedade justa sem Deus.

Não nos atrevemos, entretanto, a esquecer a última parte do aforismo de Chesterton: embora um acomodamento entre a igreja e o Estado possa ser bom para o Estado, é ruim para a igreja. Aí reside o principal perigo para a graça: o Estado, que governa pelas regras da não-graça, gradualmente esgota a sublime mensagem da graça da igreja.

Insaciável pelo poder, o Estado pode muito bem decidir que a igreja seria ainda mais útil se ele a controlasse. Isto aconteceu mais dramaticamente na Alemanha nazista, quando, de forma sinistra, os cristãos evangélicos foram atraídos pela promessa de Hitler de restaurar a moral do governo e da sociedade. Muitos líderes protestantes inicialmente agradeceram a Deus pelo surgimento dos nazistas, que pareciam a única alternativa para o comunismo. De acordo com Karl Barth,<sup>14</sup> a igreja "quase unanimemente recebeu bem o regime de Hitler, com confiança verdadeira, realmente com as mais elevadas esperanças" tarde demais aprenderam que, mais uma vez, a igreja fora seduzida pelo poder do Estado.

A igreja opera melhor como uma força de resistência, um contrapeso ao poder consumidor do Estado

Quanto mais íntima ela fica do governo, mais diluída fica a sua mensagem. O próprio evangelho muda quando se transforma em religião civil. A ética elevada de Aristóteles, lembra-nos Alasdair MacIntyre não dá lugar a um homem bom demonstrando amor por um homem mau. Em outras palavras, não entende um evangelho da graça.

Resumindo, o Estado deve sempre diluir a qualidade absoluta dos mandamentos de Jesus e transformá-los em uma forma de moralidade externa — precisamente o oposto do evangelho da graça. Jacques Ellul chega ao ponto de dizer que o Novo Testamento não ensina uma coisa tal como "ética judaico-cristã". Ele ordena conversão e, depois, isto: "Sede vós, pois, perfeitos,<sup>15</sup> como perfeito é o vosso Pai que está nos céus". Leia o Sermão do Monte e tente imaginar qualquer governo agindo segundo esse conjunto de leis.

Um governo pode fechar lojas e teatros aos domingos, mas não pode exigir a adoração. Pode prender e punir os assassinos da KKK, mas não pode curar o seu ódio, muito menos ensinar-lhes amor. Pode aprovar leis tornando o divórcio mais difícil, mas não pode obrigar os maridos a amar suas esposas e as esposas a amar seus maridos. Pode dar subsídios aos pobres, mas não pode forçar os ricos a demonstrar por eles compaixão e justiça. Pode banir o adultério, mas não a concupiscência; o roubo, mas não a cobiça; a fraude, mas não o orgulho. Pode encorajar a virtude, mas não a santidade.

A abdicação da fé  
torna o comportamento mesquinho.  
Emily Dickinson

## CAPÍTULO 19

# RETALHOS VERDES

Durante a erupção vulcânica do Monte Sta. Helena, o calor intenso derreteu o solo, deixando a rocha nua coberta por um espesso manto de cinzas. Os ambientalistas do Serviço Florestal ficaram imaginando quanto tempo seria preciso para que alguma coisa viva pudesse desenvolver-se ali. Um dia, um empregado do parque deparou com um pedaço viçoso de flores silvestres, samambaias e capim profundamente enraizados em um local de desolação. Levou apenas alguns segundos para constatar um fato extraordinário: este retalho de vegetação tinha o formato de um alce. As plantas haviam brotado do material orgânico que jazia onde o alce fora sepultado pelas cinzas. Daquele momento em diante, o ambientalista começou a procurar esses retalhos luxuriantes como um subsídio para calcular a perda da vida selvagem.

Muito tempo depois que uma sociedade começa a decair, sinais de sua vida antiga continuam aparecendo. Sem saber por que, pessoas se apegam a costumes morais do passado, os "hábitos de oração", na frase de Robert Bellah. Devidamente semeados, como as formas dos animais pontilhando os declives vazios do Monte Sta. Helena, dão vida a uma paisagem que seria estéril.

A Inglaterra vitoriana oferece um exemplo de um lugar onde os retalhos verdes brotam para a vida, um lugar onde um grupo de cristãos dedicados agraciaram toda a sociedade. Foi um período histórico sombrio, marcado pela escravidão nas colônias, trabalho infantil nas fábricas e esqualidez nas cidades. A mudança veio de baixo, como costuma acontecer, e não imposta de cima.

Das quase quinhentas organizações britânicas de caridade criadas durante o século XIX, pelo menos três quartos delas são evangélicas em seus métodos. O Partido Clapham, um pequeno grupo de cristãos sinceros, inclusive Charles Simeon e William Wilberforce, conseguiu que cinco dos seus membros fossem eleitos no Parlamento. Embora Wilberforce dedicasse toda a sua carreira à abolição da escravidão, outros grupos assumiram a causa dos devedores presos, resultando em uma libertação de mil e quatrocentos prisioneiros. Outros, ainda, lideraram cruzadas em favor da educação, casas para os pobres e auxílio aos incapacitados ao mesmo tempo em que se opunham ao trabalho infantil, à imoralidade pública e ao alcoolismo. Oponentes zombavam dos "santos", um rótulo do qual o Partido Clapham se orgulhava.

Nesse mesmo período, William Booth costumava passear pelos cortiços do extremo leste de Londres onde sua esposa dirigia um grupo de estudo bíblico. Ele observou que um em cada cinco edifícios era um trapub [bar], onde homens passavam o dia inteiro, bebendo o sustento de suas famílias. Muitos bares tinham até degraus junto ao balcão para que crianças pequenas pudessem subir e pedir gim. Assustado com essas condições, William Booth abriu a "Missão Cristã", em 1865, servindo os "abatidos e esquecidos" ignorados pelos outros e, dessa visão, nasceu o Exército da Salvação (imagine uma organização sendo criada com esse nome hoje!). Quando as denominações tradicionais franziram o nariz por causa da clientela que Booth estava atraindo, ele teve de organizar a sua própria igreja para acomodar esses "troféus da graça".

Muitas pessoas não sabem que o Exército da Salvação opera como uma igreja local, além de fazer caridade. Mas nenhuma organização de caridade atraiu maior apoio financeiro quanto esta, que alcança o ponto mais alto em qualquer avaliação de eficiência: eles alimentam os famintos, abrigam os que não têm ar, tratam dos viciados e dos alcoólatras, sendo os primeiros a aparecer nos cenários das desgraças. O movimento continuou a crescer, de modo que hoje esses soldados da graça chegam a um milhão — um dos maiores exércitos em atividade no mundo atual — e servem em uma centena de países. O fermento de William Booth leveda agora sociedades ao redor do mundo.

As reformas assumidas por William Booth e pelo Partido Clapham finalmente se transformaram em



política pública. E as qualidades vitorianas da honestidade, diligência, pureza e caridade espalharam-se por toda a sociedade, ajudando a poupar a Inglaterra de violentas dilacerações por outras nações.

A Europa e os Estados Unidos continuaram a sacar, do capital moral da fé cristã, o transbordamento da graça. Todavia, a opinião pública revela que a maioria dos americanos está ansiosa a respeito do futuro (a pesquisa do Gallup diz que oitenta e três por cento dos americanos crêem que a nação está em declínio moral). A historiadora Barbara Tuchman,<sup>1</sup> que ganhou o prêmio Pulitzer por suas obras e certamente não representa o alarmismo da direita religiosa, preocupa-se com a bancarrota moral. Ela contou a Bill Moyers sua preocupação:

Preocupa-me a perda de um senso moral, de conhecer a diferença entre o certo e o errado, e de ser governado por esse conceito. Vemos tudo isso no tempo. Abrimos qualquer jornal matutino e lemos que algumas autoridades foram indiciadas por desfalque ou corrupção. As pessoas andam por aí atirando em seus colegas ou matando gente... Pergunto-me, as nações já entraram em declínio por causa de uma perda de senso moral em vez de motivos físicos ou pressões dos bárbaros? Acho que sim.

Quando o consenso cristão se desvanece, quando a fé religiosa é arrancada da sociedade, o que ocorre? Não precisamos especular, pois o nosso século deu exemplos claros de respostas a essa mesma pergunta. Considere a Rússia.

O governo comunista atacou a herança russa com uma fúria anti-religiosa sem precedentes na história humana. Arrasaram igrejas, mesquitas e sinagogas, baniram a instrução religiosa das crianças, fecharam seminários e mosteiros, prenderam e mataram sacerdotes. Todos nós sabemos o que aconteceu naturalmente. Depois de dez milhões de mortes e depois de experimentar o caos social e moral, o povo da Rússia finalmente acordou. Como acontece, os artistas falaram primeiro. Alexander Solzhenitsyn disse;

Há meio século, enquanto eu ainda era criança, lembro-me de ouvir as pessoas mais velhas oferecerem a seguinte explicação para os grandes desastres que desabaram sobre a Rússia: "Os homens se esqueceram de Deus; por isso tudo aconteceu". Desde então, passei quase cinquenta anos trabalhando na história da nossa revolução; no processo li centenas de livros, colecionei centenas de testemunhos pessoais e já contribuí com oito volumes para o esforço de limpar o entulho deixado por essa transformação social. Mas, se me pedissem hoje para formular o mais concisamente possível a causa principal da ruína e evolução que engoliu cerca de sessenta milhões do nosso povo, não poderia expô-lo mais adequadamente do que repetindo: "Os homens se esqueceram de Deus; por isso tudo aconteceu".

Solzhenitsyn<sup>2</sup> disse essas palavras em 1983, quando a URSS ainda era uma superpotência e ele estava sendo muito atacado. Menos de uma década depois, entretanto, os líderes da Rússia estavam citando suas palavras com aprovação, conforme ouvi pessoalmente quando visitei a Rússia em 1991.

Vi na Rússia pessoas morrendo com fome da graça. A economia, toda a sociedade realmente, estava em queda livre, e cada um acusava alguém. Os reformadores acusavam os comunistas, os comunistas linha dura acusavam os americanos, os estrangeiros acusavam a Mafia e a ética trabalhista nojenta dos russos. As recriminações abundavam. Observei que os cidadãos russos comuns tinham o comportamento de crianças espancadas: cabeça baixa, fala vacilante, olhar furtivo. Em quem podiam confiar? Exatamente como uma criança espancada acha difícil acreditar na ordem e no amor, essas pessoas achavam difícil acreditar em um Deus que controla de maneira sobrenatural o universo e que as ama apaixonadamente. Achavam difícil acreditar na graça. Mas, sem a graça, o que colocaria um fim no ciclo da não-graça na Rússia?

Deixei a Rússia impressionado com as mudanças necessárias que eles têm pela frente, mas também com um profundo sentimento de esperança. Até mesmo em uma paisagem moral arrasada, vi sinais de vida: pedaços de vegetação amenizando o deserto, crescendo no formato do que foi morto.

Conheci cidadãos comuns que agora desfrutavam de liberdade para adorar. Muitos deles aprenderam a fiar com uma babushka, uma vovó idosa. Quando o Estado derrubou a igreja, ignorou este grupo: "Deixemos que as mulheres idosas varram o chão e vendam velas e se apeguem às tradições até que todas morram"

les raciocinavam. As mãos idosas das babushkas, entretanto, embalaram os berços. Jovens frequentadores de igrejas hoje dizem que aprenderam a respeito de Deus em sua infância por meio dos hinos e histórias que a vovó lhes sussurrava enquanto eram arrastados pelo sono.

Nunca me esquecerei de uma reunião na qual os jornalistas de Moscou choraram — eu nunca havia visto jornalistas chorando — quando Ron Nikkel, da Comunidade Internacional de Prisioneiros, falou das igrejas secretas que estavam agora florescendo nas colônias penais da Rússia. Durante setenta anos as prisões foram o repositório da verdade, o único lugar onde se podia enunciar seguramente o nome de Deus. Foi na prisão, e não na igreja, que pessoas como Solzhenitsyn encontraram Deus.

Ron Nikkel contou também sobre sua conversa com um general que dirigia o Ministério dos Negócios Internos. O general ouvira falar da Bíblia por meio dos crentes idosos e tinha admiração por ela, como se fosse uma peça de museu, e não uma coisa para se crer. Os acontecimentos recentes, entretanto, fizeram-no reconsiderar. No final de 1991, quando Boris Yeltsin ordenou o fechamento de todos os escritórios nacionais, regionais e locais do Partido Comunista, seu ministério policiou o desmantelamento. "Nenhum partido oficial", disse o general, "nenhuma pessoa diretamente afetada pelo fechamento protestou". Ele contrastou isso com a campanha de setenta anos para destruir a igreja e esmagar a fé em Deus. "A fé cristã sobreviveu a qualquer ideologia. A igreja está agora ressurgindo de um modo diferente de qualquer coisa que eu tenha testemunhado."

Em 1983, um grupo da JOCUM (Jovens Com Uma Missão) ousadamente desfraldou uma bandeira na manhã do domingo de Páscoa na Praça Vermelha: "Cristo ressuscitou!", diziam em russo. Alguns russos idosos caíram de joelhos e choraram. Soldados logo cercaram os perturbadores que cantavam hinos e asgaram sua bandeira e os levaram para a cadeia. Menos de uma década depois desse ato de desobediência civil, em toda a Praça Vermelha as pessoas estavam cumprimentando-se no domingo de Páscoa usando a fórmula tradicional: "Cristo ressuscitou!"... "Verdadeiramente ele ressuscitou!".

No longo percurso de avião de Moscou para Chicago, tive muito tempo para refletir sobre o que havia visto na Rússia. Enquanto estive lá, senti-me como Alice no País das Maravilhas. Apesar de sua falta de recursos, o governo estava investindo bilhões de rublos para ajudar a restaurar as igrejas danificadas ou destruídas pelo regime comunista. Nós oramos com o Soviete Supremo e com a KGB. Vimos Bíblias à venda nos edifícios do governo russo. Os editores do Pravda perguntaram se um de nós poderia escrever um artigo religioso para a primeira página do seu jornal. Educadores nos convidaram para que sugeríssemos um currículo baseado nos Dez Mandamentos. Tive a impressão explícita de que Deus estava se movendo, não no sentido espiritualizado dessa frase, mas literalmente, fazendo as malas e se mudando. Na Europa Ocidental agora dá pouca importância a Deus, os Estados Unidos estão empurrando Deus para a periferia, e talvez o futuro do reino de Deus pertença a lugares como Coreia, China, África e Rússia. O reino de Deus viceja onde seus súditos seguem os desejos do Rei — será que isso descreve os Estados Unidos da América e a América Latina hoje?

Como americano, a perspectiva de tal "mudança" me deixa triste. Contudo, ao mesmo tempo, entendo mais claramente do que nunca que minha lealdade máxima jaz no reino de Deus, e não nos Estados Unidos. Os discípulos originais de Jesus viram sua bem-amada Jerusalém sendo queimada até o chão, e tinham certeza de que olharam para trás através das lágrimas quando foram para Roma, Espanha e Etiópia. Agostinho, que escreveu a Cidade de Deus para ajudar a explicar a cidadania dupla de um cristão, viveu o colapso de Roma e viu do seu leito de morte as chamas devorando sua cidade natal em Hippona, no norte da África.

Não faz muito tempo tive uma conversa com um missionário idoso que passou o começo de sua carreira na China. Ele estava entre os seis mil missionários que foram expulsos depois que os comunistas assumiram o poder. Como na Rússia, esses comunistas também lutaram vigorosamente para destruir a igreja que, até então, fora uma vitrine do movimento missionário. O governo proibiu as igrejas nos lares e tornou ilegal que os pais dessem educação religiosa aos filhos, prendeu e torturou pastores e professores.

la Bíblia.

Enquanto isso, os missionários exilados ficaram sentados nas laterais torcendo as mãos. Como a igreja na China ficaria sem eles? Sem os seus seminários e escolas bíblicas, a igreja sobreviveria? Durante quarenta anos esses missionários ouviram rumores, alguns desencorajadores e alguns encorajadores, a despeito do que estava acontecendo na China, mas nenhum sabia com certeza até que o país começou a se abrir na década de oitenta.

Perguntei a esse missionário idoso, agora um renomado conhecedor da China, o que havia acontecido nos quarenta anos intermediários. "Calculando de maneira conservadora, eu diria que havia 750.000 cristãos quando saí da China. E agora? A gente ouve toda sorte de estimativas, mas acho que um cálculo seguro seria de 35 milhões de crentes." Aparentemente, a igreja e o Espírito Santo passaram muito bem nos vizinhos. A igreja na China agora constitui a segunda maior comunidade evangélica do mundo; apenas os Estados Unidos a excedem.

Um especialista calcula que o reavivamento na China representa o maior reavivamento numérico na história da igreja. De maneira estranha, a hostilidade do governo finalmente operou para a vantagem da igreja. Excluídos das estruturas do poder, os cristãos chineses dedicaram-se a adorar e a evangelizar, a missão original da igreja, e não se preocuparam muito com política. Eles se concentraram em transformar vidas, não em transformar leis.

Regressei da Rússia menos preocupado com o que poderia acontecer por trás das paredes de mármore e granito dos edifícios do Capitólio e da Suprema Corte dos Estados Unidos e mais preocupado com o que poderia acontecer por trás das paredes das igrejas espalhadas por toda a América. Uma renovada espiritualidade nos Estados Unidos não vai descer do alto; se ocorrer, vai começar da base e crescer de baixo para cima.

Tenho de admitir que minha volta me deu pouca esperança de que a Rússia e o mundo possam aprender sobre a graça por meio dos cristãos daqui. Randall Terry dizia na Rádio Nacional Oficial que as enchentes do meio-oeste, que fizeram milhares de fazendeiros perderem suas terras, casas e gado, vieram como juízo de Deus contra o fracasso da América em apoiar a cruzada antiaborto. No ano seguinte, 1992, provavelmente um dos anos eleitorais mais difíceis, enquanto a direita religiosa flexionava seus músculos pela primeira vez em escala nacional, os cristãos pareciam mais interessados em poder do que em graça.

Logo depois da eleição de 1992, participei de um debate com Lucinda Robb, neta do presidente Lyndon Johnson e filha do senador Chuck e Lynda Robb. Sua família tinha passado por uma campanha humilhante contra Oliver North, na qual os cristãos da ala direita fizeram manifestações em cada apresentação deles. "Eu pensei que fôssemos cristãos", Lucinda me disse. "Crescemos com Billy Graham nos visitando freqüentemente e sempre fomos ativos na igreja. Nós realmente cremos. Mas esses manifestantes nos trataram como se fôssemos demônios do inferno."

O debate do qual participamos discutia o tema "Guerras Culturais" diante de um grande ajuntamento que lutava pela convicção liberal democrática e incluía uma forte minoria judia. Fui escolhido como símbolo do cristão evangélico. Além de Lucinda Robb, o júri incluía os presidentes do Canal Disney e da Warner Brothers, como também o presidente da Universidade Wellesley e o advogado pessoal de Anita Hill.

A fim de preparar meu discurso, li os evangelhos em busca de orientação, apenas para ser lembrado de como Jesus foi apolítico. Nas palavras de P. T. Forsyth:<sup>3</sup> "A referência maior e mais profunda do evangelho não é ao mundo ou aos seus problemas sociais, mas à eternidade e às suas obrigações sociais" Hoje, sempre que uma eleição está por vir, os cristãos debatem se este ou aquele candidato é o "homem de Deus" para assumir o cargo. Projetando-me para os tempos de Jesus, tenho dificuldade em imaginá-lo ponderando se Tibério, Otávio ou Júlio César era o "homem de Deus" para o império.

Quando chegou minha vez de falar, disse que o homem que eu Seguia, um judeu-palestino do primeiro

éculo, também esteve envolvido em uma guerra cultural. Ele se levantou contra uma instituição religiosa ígida e um império pagão. Os dois poderes, geralmente em desacordo, conspiravam juntos para eliminá-lo. Sua reação? Não lutar, mas dar a sua vida pelos seus inimigos, e apontar para esse dom como a prova do seu amor. Entre as últimas palavras que Ele enunciou antes da sua morte estavam estas: "Pai, perdoai-os, pois não sabem o que fazem".

Depois do debate, uma celebridade da televisão aproximou-se de mim. "Preciso lhe dizer, o que você disse me atingiu em cheio no coração", revelou ele. "Eu estava preparado para não gostar de você porque não gosto dos cristãos da ala direita e entendi que você era um deles. Você não pode imaginar as cartas que recebo dos partidários da ala direita. Não sou discípulo de Jesus, sou judeu. Mas, quando você falou de Jesus perdoadando seus inimigos, percebi como estou afastado desse espírito. Tenho muito a aprender do espírito de Jesus."

Na vida dessa celebridade, a lenta e firme contracorrente submarina da graça estava operando.

As figuras apresentadas por Jesus descrevem o reino como um tipo de força secreta. Ovelhas entre lobos, tesouro escondido em um campo, a menor das sementes no jardim, trigo crescendo entre joio, um punhado de fermento operando na massa do pão, uma pitada de sal na carne. Tudo isso aponta para um movimento que opera dentro da sociedade, mudando-a de dentro para fora. Você não precisa de uma pitada de sal para preservar uma fatia de presunto; um pouquinho seria suficiente.

Jesus não deixou uma hoste organizada de discípulos, pois Ele sabia que um punhado de seguidores gradualmente operaria através do mais poderoso império do mundo. Contra todas as possibilidades, as grandes instituições de Roma — o código de leis, as bibliotecas, o Senado, as legiões romanas, as estradas, os aquedutos, os monumentos públicos — desmoronaram gradualmente, mas o pequeno bando a quem Jesus entregou essas figuras prevaleceu e continua até o dia de hoje.

Søren Kierkegaard descreve a si mesmo como um espião, e realmente os cristãos agem como espiões vivendo em um mundo enquanto nossa mais profunda fidelidade pertence a outro. Somos alienígenas residentes, ou forasteiros, utilizando uma expressão bíblica. Minhas visitas aos estados totalitários deram a esse termo um novo significado.

Durante muitos anos os dissidentes na Europa Oriental reuniam-se secretamente, usavam palavras em código, evitavam telefones públicos e publicavam artigos com pseudônimos em jornais da resistência. Em meados da década de 70, entretanto, começaram a perceber que suas vidas duplas tinham-lhes custado caro. Trabalhando em segredo, sempre com um olhar nervoso por sobre o ombro, haviam sucumbido ao medo, eram alvo de seus oponentes comunistas o tempo todo. Tomaram uma decisão consciente de mudar de tática. "Vamos agir como se fôssemos livres, aconteça o que acontecer", decidiram os dissidentes poloneses e tchecos. Começaram a realizar reuniões públicas, geralmente em edifícios das igrejas, apesar da presença de informantes conhecidos. Assinaram artigos, às vezes acrescentando um endereço e número de telefone, e distribuíram jornais abertamente nas esquinas das ruas.

Na verdade, os dissidentes começaram a agir do modo como achavam que a sociedade deveria agir. Se você quer liberdade de palavra, fale abertamente. Se você ama a verdade, fale a verdade. As autoridades não souberam como reagir. Às vezes, caíam em cima, quase todos os dissidentes passaram algum tempo na prisão e, às vezes, observavam com uma frustração que chegava às raias da fúria. Enquanto isso, as táticas de escaradas dos dissidentes tornavam muito mais fácil que eles se comunicassem entre si e com o Ocidente. Com isso, um tipo de "arquipélago de liberdade" tomava forma, uma contrapartida luminosa ao sombrio arquipélago Gulag".

Notavelmente, vivemos para ver esses dissidentes triunfarem. Um reino alternativo de súditos esfarrapados, de prisioneiros, de poetas e de sacerdotes que colocaram suas palavras em um samizdat abiscado à mão, derrubou o que parecia uma fortaleza inexpugnável. Em cada nação a igreja operou como uma contraforça, às vezes mansamente e às vezes em voz alta, insistindo em uma verdade que transcendia, na maioria dos casos, contradizia a propaganda oficial. Na Polônia, por exemplo, os católicos

marcharam diante dos edifícios do governo gritando: "Nós os perdoamos!". Na Alemanha Oriental, os cristãos acenderam velas, oraram e marcharam nas ruas até que uma noite o Muro de Berlim caiu como uma parede podre.

Há muito tempo, Stalin construiu uma vila na Polônia e a chamou de Nowa Huta, ou seja, "Nova Cidade", para demonstrar a promessa do comunismo. Ele dizia que não podia transformar todo o país de repente, mas podia construir uma nova cidade com uma reluzente fábrica de aço, apartamentos espaçosos e abundância de parques e largas ruas como sinal do que viria a seguir. Mais tarde, Nowa Huta se tornou um dos berços do Partido Solidariedade, demonstrando assim o fracasso do comunismo até mesmo para fazer uma simples cidade funcionar.

E se os cristãos usassem o mesmo método na sociedade secular e tivessem sucesso? "No mundo os cristãos são uma colônia do verdadeiro lar", diz Bonhoeffer. Talvez os cristãos devessem trabalhar com mais afinco para estabelecer colônias do reino que apontassem para o nosso verdadeiro lar. Com demasiada freqüência, a igreja levanta um espelho refletindo a sociedade que a cerca, em vez de uma lanterna revelando um caminho diferente.

Se o mundo despreza uma pecadora notória, a igreja vai amá-la. Se o mundo nega ajuda ao pobre e ao doente, a igreja vai oferecer-lhe alimento e cura. Se o mundo oprime, a igreja vai levantar o oprimido. Se o mundo envergonha um pária social, a igreja vai proclamar o amor reconciliador de Deus. Se o mundo busca lucro e auto-satisfação, a igreja se dispõe ao sacrifício e serviço. Se o mundo se fende em facções, a igreja se junta em unidade. Se o mundo destrói seus inimigos, a igreja os ama.

Essa, pelo menos, é a visão da igreja no Novo Testamento: uma colônia do céu em um mundo hostil. Dwight L. Moody disse: "De cem homens, um lera a Bíblia; noventa e nove lerão o cristão".

Como os dissidentes nos países comunistas, os cristãos vivem por meio de um conjunto de regras diferente. Somos um povo "peculiar", escreveu Bonhoeffer.<sup>5</sup> Um povo que ele definiu como extraordinário fora do comum, que não é natural. Jesus não foi crucificado por ser um bom cidadão, por ser apenas um pouquinho melhor do que os outros. Os poderes do seu tempo acertadamente o viram e a seus seguidores como subversivos, porque receberam ordens de um poder mais alto do que o poder de Roma ou de Jerusalém.

Que aparência teria uma igreja subversiva nos Estados Unidos da atualidade? Alguns observadores chamaram os Estados Unidos de nação mais religiosa do mundo. Se é verdade, o fato conduz a uma pergunta revigorante, conforme foi feita por Dallas Willard: meio quilo de sal sobre meio quilo de carne não deveria surtir mais efeito?

É claro que um povo peculiar deveria demonstrar um padrão mais elevado de ética pessoal do que o mundo que o rodeia. Mas, dando apenas um exemplo, George Barna, investigador da opinião pública, descobriu que os cristãos regenerados na América moderna têm realmente um índice mais elevado de divórcios (vinte e sete por cento) do que os incrédulos (vinte e três por cento); aqueles que se descrevem como fundamentalistas têm o índice mais elevado de todos (trinta por cento). Realmente, quatro dos seis Estados com a taxa mais elevada de divórcios encontram-se na região conhecida como Cinturão da Bíblia. Longe de serem peculiares, os cristãos modernos tendem a se parecer com todos os demais. Se a nossa ética pessoal não subir acima do nível que nos cerca, dificilmente poderemos esperar agir como um reservativo moral.

Mas, mesmo se os cristãos demonstrassem elevado padrão ético, só isso não cumpriria o evangelho. Afinal os fariseus tinham ética impecável. Antes, Jesus reduziu a marca de um cristão a uma única palavra: "Nisto conhecerão<sup>6</sup> todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros". O mais subversivo ato que a igreja pode praticar é obedecer sistematicamente a esse mandamento.

Talvez a política tenha demonstrado ser tal armadilha para a igreja porque o poder raramente coexiste com o amor. As pessoas no poder fazem listas de amigos e inimigos. Daí, recompensam os amigos e punem os inimigos. Os cristãos receberam ordem de amar até mesmo seus inimigos. Chuck Colson, que

perfeição a arte da política do poder sob a administração Nixon, diz agora que tem pouca fé na política para resolver os problemas sociais da atualidade. Nossos melhores esforços na sociedade mutante falharão não ser que a igreja possa ensinar o mundo a amar.

Colson cita um exemplo comovente de um cristão que obedeceu ao mandamento do amor, em vez de às regras do poder. Depois que o presidente Nixon renunciou, desacreditado, retirou-se para sua propriedade em San Clemente para viver em virtual isolamento. Uma vez que os políticos não queriam manchar sua própria reputação sendo vistos com ele, Nixon tinha poucas visitas no início. Uma exceção foi Marl Hartfield, um cristão sincero que muitas vezes se opusera a Nixon no Senado dos Estados Unidos. Colson perguntou a Hartfield por que ele se arriscava a viajar até San Clemente. "Faço isso para que o sr. Nixon saiba que alguém o ama", Hartfield respondeu.

Conheço algumas das ofensas que Billy Graham recebeu por visitar Bill e Hillary Clinton e por orar na posse de Clinton. Graham também acredita que o mandamento transcende as diferenças políticas, e por isso é ministrado a cada presidente desde Harry Truman, apesar da política. Em uma entrevista particular perguntei ao reverendo Billy Graham com que presidente ele passou mais tempo. Para surpresa minha, ele citou Lyndon Johnson, um homem com o qual tinha profundas diferenças políticas. Mas Johnson tinha medo da morte e "sempre queria um pastor por perto". Para Graham, a pessoa era mais importante do que a política.

Durante a era Bréfnev, no auge da Guerra Fria, Billy Graham visitou a Rússia e encontrou-se com líderes do governo e da igreja. Os conservadores em casa o reprovaram por tratar os russos com tanta cortesia e respeito. Ele deveria ter assumido um papel mais profético, disseram, condenando os abusos dos direitos humanos e da liberdade religiosa. Um dos críticos o acusou de fazer a igreja retroceder cinqüenta anos. Graham ouviu, abaixou a cabeça e respondeu: "Estou profundamente envergonhado. Tenho-me esforçado muito para fazer a igreja retroceder dois mil anos".

A política traça linhas entre pessoas; em contraste, o amor de Jesus passa por cima dessas linhas e dispensa graça. Isso não significa, naturalmente, que os cristãos não deveriam se envolver em política. Significa simplesmente que, ao fazê-lo, não devemos permitir que as regras do poder desalojem o mandamento do amor.

Ron Sider" disse:

Imagine o impacto se a primeira coisa que as feministas radicais pensassem quando a conversa se voltasse para os homens evangélicos fosse que eles tinham a melhor reputação em manter os votos matrimoniais e em servir a suas esposas à maneira difícil de Jesus na cruz. Pense no impacto se a primeira coisa que a comunidade homossexual pensasse quando alguém mencionasse os evangélicos fosse que eram pessoas que dirigiam com amor abrigos para aidéticos e cuidavam deles carinhosamente até o último suspiro. Um exemplo um pouco mais sólido e uma mordomia mais difícil valem mais que milhares de palavras verdadeiras enunciadas com aspereza.

Uma amiga minha trabalhava em um centro de aconselhamento para grávidas. Católica sincera aconselhava as clientes a fazer sua escolha contra o aborto e a deixar que ela encontrasse pais adotivos para os bebês. Uma vez que se localizava perto de uma universidade importante, as ativistas da pro-escolha, com freqüência, faziam passeatas na frente do centro de aconselhamento. Em um dia frio e nebuloso de Michigan, minha amiga mandou buscar umas rosquinhas com café, encomendando o suficiente para todas as ativistas que se opunham ao seu trabalho. Quando chegou o alimento, ela saiu pessoalmente e ofereceu às suas "inimigas".

"Sei que discordamos neste assunto", ela lhes informou. "Mas ainda as respeito como pessoas, e sei que devem sentir frio ficando aí fora o dia inteiro. Pensei que poderiam precisar comer alguma coisa."

As ativistas ficaram sem fala. Gaguejaram palavras de agradecimento e ficaram olhando para o café, embora muitas se recusassem a bebê-lo (será que ela não o tinha batizado com veneno?).

Nós, cristãos, podemos resolver entrar na arena do poder, mas, quando o fizermos, não devemos

trever-nos a deixar o amor para trás. "O poder sem amor é imprudente e abusivo", disse Martin Luther King Jr. "O poder é principalmente o amor implementando as exigências da justiça."

Friedrich Nietzsche<sup>8</sup> acusava a igreja cristã de ter "apoiado tudo o que é fraco, vil e inadequado". Ele lambava de uma religião piedosa que negava a teoria da evolução e suas regras favorecendo o poder e a competição. Nietzsche colocou o dedo no escândalo da graça, um escândalo que retrocedia ao "Deus na cruz".

Nietzsche estava certo. Nas parábolas de Jesus, os ricos e sadios nunca pareciam ter entrada na festa do casamento, enquanto os pobres e os fracos vinham correndo. E, através dos anos, os santos cristãos escolheram os objetos mais antidarwinianos para o seu amor. As freiras da madre Teresa acumulam cuidados dos miseráveis sem lar que ainda têm alguns dias, se não horas, de vida. Jean Vanier, fundador do movimento "l'Arche"(O Arco), mora em uma casa que emprega dezessete ajudantes para trabalhar com dez homens e dez mulheres mentalmente perturbados, nenhum dos quais jamais será capaz de falar ou coordenar seus próprios movimentos. Dorothy Day,<sup>9</sup> do Movimento das Obreiras Católicas, admitiu a loucura de sua cozinha: "Que coisa deliciosa", ela disse, "ser ousadamente pródigo, ignorando o preço do café, e continuar servindo, à longa fila dos destituídos que nos procuram, café bom e o melhor pão".

O cristão sabe servir aos fracos não porque eles mereçam, mas porque Deus estendeu seu amor a nós quando nós merecíamos o oposto. Cristo desceu do céu e, sempre que seus discípulos alimentavam sonhos de prestígio e poder, Ele os fazia lembrar que o maior é aquele que serve. A escada do poder sobe, a escada da graça desce.

Como jornalista, tenho tido o privilégio de ver muitos exemplos maravilhosos de cristãos dispensando graça. Diferentemente dos ativistas políticos, este grupo não aparece com frequência nos jornais. Eles servem fielmente, temperando a nossa cultura com a força preservadora do evangelho. Estremeço ao imaginar qual seria a aparência dos Estados Unidos da atualidade sem o "sal da terra" no seu meio.

"Nunca subestime o poder de uma minoria que dá valor à visão de um mundo justo e bom", disse Robert Bellah.<sup>10</sup> Esse é o povo que eu desejaria que viesse à mente quando pergunto aos meus companheiros de vôo: "Como você acha que é um cristão evangélico?"

Sei bem como funciona um hospital para pacientes terminais, pois minha esposa trabalha em um campo de capela. Uma vez entrevistei Dame Cicely Saunders, fundadora do movimento moderno dos hospitais terminais, no Hospital de St. Christopher, em Londres. Assistente social e enfermeira, ela estava estupefata com a maneira pela qual a equipe médica tratava as pessoas que estavam para morrer — em essência, ignorando-as, como provas de fracasso. Esta atitude ofendeu a Saunders como cristã, pois o cuidado dos moribundos tem sido tradicionalmente uma das sete obras de misericórdia da igreja. Uma vez que ninguém daria ouvidos a uma enfermeira, ela voltou à faculdade de medicina e se formou médica antes de fundar um local onde as pessoas pudessem vir para morrer com dignidade e sem dor. Agora, esses hospitais existem em quarenta países, inclusive dois mil apenas nos Estados Unidos — sendo que cerca de metade deles tem um fundamento cristão. Dame Cicely cria, desde o início, que os cristãos oferecem a melhor combinação de cuidados físicos, emocionais e espirituais para as pessoas enfrentarem a morte. Ela considera os cuidados do hospital terminal como uma alternativa brilhante para o dr. Kevorkian e o seu movimento do "direito de morrer".

Penso nos milhares de grupos que se fundamentam no programa dos doze passos e se reúnem nos subsolos das igrejas, salões e salas da VFW por toda a nação, qualquer noite da semana. Os cristãos que fundaram os Alcoólicos Anônimos enfrentaram uma escolha: ou fazer dela uma organização restritamente cristã ou fundá-la sobre princípios cristãos e, então, abri-la para todos. Escolheram a última alternativa, e agora milhares de pessoas na América procuram o programa — fundamentados na dependência de um poder mais alto" e uma comunidade de apoio — como remédio para o vício do álcool, das drogas, do sexo e da comida.

Penso em Millard Fuller, um empresário milionário de Alabama que ainda fala com o sotaque fanhoso

os plantadores de algodão. Rico, mas miserável, com seu casamento acabado, dirigiu-se para Americus na Geórgia, onde caiu sob a magia de Clarence Jordan e da Comunidade Koinonia. Dentro de pouco tempo Fuller distribuiu sua fortuna e fundou uma organização sobre a simples premissa de que cada pessoa do planeta merece um lugar decente para viver. Hoje, o "Habitat para a Humanidade" alista milhares de voluntários para a construção de casas em todo o mundo. Uma vez ouvi Fuller explicar a sua obra a uma mulher judia cética: "Madame, nós não procuramos evangelizar. Não é preciso ser cristão para viver em uma de nossas casas ou ajudar a construir uma. Mas o fato é que o motivo por que eu faço o que faço, e tantos voluntários fazem o que fazem, é que estamos sendo obedientes a Jesus".

Penso em Chuck Colson, preso por seu papel em Watergate, que acabou com um desejo de descer, e não de subir. Ele fundou a "Prison Fellowship" (Comunidade de prisioneiros), que hoje opera em quase cinquenta países. Famílias de mais de dois milhões de prisioneiros nos Estados Unidos têm recebido presentes de Natal graças ao projeto "Colson's Angel Tree" (Árvore do anjo de Colson). No exterior membros de igreja levam sopa e pão fresco para prisioneiros que, de outra forma, morreriam de fome. O governo brasileiro até permite que a "Prison Fellowship" administre uma prisão dirigida pelos próprios prisioneiros cristãos. A Prisão de Humaitã emprega apenas dois funcionários e, mesmo assim, não tem problemas com tumultos ou fugas. Ao contrário, tem uma média de infratores reincidentes de apenas quatro por cento, comparada com os setenta e cinco por cento nas outras prisões.

Penso em Bill Magee, um cirurgião plástico que ficou estarrecido quando descobriu que nos países do Terceiro Mundo muitas crianças passavam pela vida com "lábios leporinos" sem nunca ser tratadas. Elas não podem sorrir, e seus lábios se mantêm abertos em um constante esgar de zombaria, fazendo delas objeto de ridículo. Magee e sua esposa organizaram um programa chamado Operação Sorriso: aviões dotados de médicos e pessoal de apoio viajaram a lugares como Vietnã, Filipinas, Quênia, Rússia e Oriente Médio para reparar deformidades faciais. Até agora já operaram mais de trinta e seis mil crianças deixando um legado de sorrisos infantis.

Penso nos missionários médicos que conheci na Índia, especialmente aqueles que trabalham com pacientes leprosos. Na escala da desgraça, não há um grupo mais desprezado de pessoas na terra do que as vítimas da lepra que vieram da casta dos intocáveis. Não se pode descer mais. A maior parte dos avanços no tratamento da lepra veio dos missionários cristãos, porque são as únicas pessoas prontas a tocar e cuidar das vítimas da lepra. Graças principalmente ao trabalho desses servos fiéis, a enfermidade é agora totalmente controlável com drogas, e a chance de contágio é mínima.

Penso no "Bread for the World" [Pão para o mundo], uma agência fundada por cristãos que criam que poderiam ajudar melhor os famintos não iniciando uma competição com a Visão Mundial, mas dando apoio ao Congresso em benefício dos pobres do mundo. Ou na "Casa de José", um lar para pacientes aidéticos em Washington, D.C. Ou na "Operação bênção de Pat Robertson", que dirige programas no centro de trinta e cinco grandes cidades. Ou no "Save a Baby Homes" [Lares para salvar bebês], de Jeny Falwell, onde mulheres grávidas podem buscar um lar amoroso para apoiá-las caso desejem ter os seus bebês, em vez de abortar. São todos programas que recebem muito menos atenção do que as opiniões políticas dos seus fundadores.

Rousseau disse que a igreja estabeleceu um dilema insolúvel de lealdade. Como os cristãos podem ser bons cidadãos neste mundo se estão principalmente preocupados com o outro mundo? As pessoas que mencionei, e muitos milhares de outras como elas, anulam o argumento de Rousseau. Como bem observou C. S. Lewis, aqueles que estão muito conscientes de um outro mundo tornaram-se cristãos muito mais eficientes neste mundo.

O homem nasceu quebrado.



Ele vive se consertando.  
A graça de Deus é a cola.  
Eudene O'Neill

## CAPÍTULO 20

### GRAVIDADE E GRAÇA

A vida de Simone Weil<sup>1</sup> brilhou como uma vela luminosa até sua morte, aos trinta e três anos de idade intelectual francesa, preferiu trabalhar em fazendas e fábricas para se identificar com a classe trabalhadora. Quando os exércitos de Hitler invadiram a França, ela fugiu para se juntar aos franceses livres em Londres, onde morreu. Sua tuberculose se complicou por causa da desnutrição que a acometera. Ela se recusava a comer mais do que seus conterrâneos recebiam em suas rações diárias por estarem sob ocupação nazista. Como seu único legado, esta judia que aceitou a Cristo deixou em diários e notas esparsas um denso registro de sua peregrinação rumo a Deus.

Weil concluiu que duas grandes forças governavam o universo: a gravidade e a graça. A gravidade leva um corpo a atrair outros corpos, de modo que aumenta continuamente, absorvendo mais e mais do universo em si mesmo. Alguma coisa igual a esta mesma força opera nos seres humanos. Nós também queremos nos expandir, adquirir, inchar significativamente. O desejo de "sermos como deuses", afinal levou Adão e Eva a se rebelarem.

Emocionalmente, Weil concluiu: nós, humanos, operamos por meio de leis tão fixas quanto a lei de Newton. "Todos os movimentos naturais da alma são controlados por leis análogas às da gravidade física. A graça é a única exceção." Muitos de nós continuamos presos no campo gravitacional do amor-próprio e assim, "tapamos as fissuras pelas quais a graça poderia passar".

Mais ou menos na época em que Weil estava escrevendo, outro refugiado dos nazistas, Karí Barth,<sup>2</sup> fez um comentário de que o dom do perdão de Jesus, da graça, era para ele o mais surpreendente dos milagres de Jesus. Os milagres quebraram as leis físicas do universo; o perdão quebrou as regras morais. "O início do bem é percebido no meio do mal... A simplicidade e a abrangência da graça, quem as medirá?"

Quem realmente poderia medi-la? Tenho meramente caminhado pelo perímetro da graça, como alguém que caminha ao redor de uma catedral grande demais para ser vista de uma só vez. Tendo iniciado com perguntas do tipo: "O que há de tão maravilhoso na graça e por que os cristãos não demonstram mais fé nela?", agora concluo com uma pergunta final: "Como é um cristão cheio de graça?"

Talvez eu devesse fazer de novo a pergunta: "Qual é a aparência de um cristão cheio de graça?". A vida cristã, eu creio, não se centraliza principalmente em ética ou regras, mas, antes, envolve uma nova maneira de ver. Eu escapo da força da "gravidade" espiritual quando começo a ver a mim mesmo como um pecador que não pode agradar a Deus por nenhum método de autodesenvolvimento ou autoengrandecimento. Então posso voltar para Deus para buscar ajuda de fora: a graça. E, para o meu próprio espanto, aprendo que um Deus santo já me ama apesar dos meus defeitos. Consigo escapar da força da gravidade novamente quando reconheço que meus semelhantes também são pecadores amados por Deus. Um cristão cheio de graça é aquele que olha para o mundo por meio de "lentes tingidas de graça".

Um pastor amigo meu estava estudando o texto de Mateus 7 no qual Jesus dizia, mais ou menos impetuosamente: "Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade!".

A frase "Nunca vos conheci" saltou da página. Claramente Jesus não disse "Vocês nunca reconheceram" ou "Vocês nunca conheceram o Pai". Meu amigo se assustou ao perceber que uma de nossas principais tarefas, talvez a principal, é fazer-nos conhecidos de Deus. Boas obras não bastam — "não profetizamos em teu nome?" — qualquer relacionamento com Deus deve ser fundamentado na plena revelação. As máscaras têm de ser tiradas.

"Não podemos encontrá-lo se não reconhecermos que precisamos dele", escreveu Thomas Merton. Para alguém que foi criado em fortes fundamentos eclesiais, essa conscientização não vem facilmente. Minha própria igreja inclinava-se para o perfeccionismo, o que nos tentava todos a seguir o exemplo de Ananias e Safira, fingindo espiritualmente. Aos domingos, famílias aparentemente impecáveis saíam dos seus carros com sorrisos em seus rostos mesmo quando, depois ficávamos sabendo, haviam brigado vergonhosamente a semana inteira.

Quando criança, eu me comportava da melhor maneira possível nos domingos de manhã, vestindo-me para Deus e para os cristãos que me cercavam. Nunca me ocorreu que a igreja era um local para ser honesto. Agora, entretanto, quando procuro olhar para o mundo por meio das lentes da graça, percebo que a imperfeição é o pré-requisito da graça. A luz só consegue passar pelas rachaduras.

Meu orgulho ainda me tenta a parecer melhor, a limpar as aparências. "É fácil reconhecer", disse C. S. Lewis,<sup>4</sup> "mas quase impossível aceitar, que somos espelhos cuja luminosidade, se somos luminosos, deriva totalmente do sol que brilha sobre nós. Certamente, temos um pouco, não importa quanto, de luminosidade natural. Não temos? Certamente, não podemos ser apenas criaturas". E ele continua em seu raciocínio: "A graça substitui uma aceitação total, infantil e deliciosa da nossa necessidade, uma alegria na dependência total. Nós nos tornamos 'mendigos joviais'".

Nós, criaturas, mendigos joviais, damos glória a Deus pela nossa dependência. Nossas feridas e defeitos são as próprias fissuras através das quais a graça poderia passar. É nosso destino humano na terra sermos imperfeitos, incompletos, fracos e mortais, e apenas aceitando esse destino podemos escapar da força da gravidade e receber graça. Só então podemos crescer, aproximando-nos de Deus.

É estranho, Deus está mais perto dos pecadores do que dos "santos", (Com santos quero dizer aquelas pessoas reconhecidamente piedosas. Os verdadeiros santos nunca perdem de vista a sua pecaminosidade.) Vejamos agora a explicação de um palestrante falando a respeito de espiritualidade: "Deus no céu<sup>5</sup> segura cada pessoa por uma corda. Quando você peca, você corta a corda. Então, Deus amarra você de novo fazendo um nó, e assim traz você para um pouco mais perto dele. Repetidas vezes os seus pecados cortam a corda. E, com cada nó a mais, Deus continua atraindo você para mais e mais perto".

Quando a minha visão particular se transforma, começo a ver a igreja por uma luz diferente também como uma comunidade de pessoas sedentas de graça. Como os alcoólatras no caminho da recuperação compartilhamos uma fraqueza mutuamente reconhecida. A gravidade nos tenta a crer que podemos viver sozinho; a graça corrige esse erro.

Lembro mais uma vez o comentário da prostituta no início deste livro: "Igreja! Por que deveria ir lá? Já me sinto horrível agora. Eles apenas vão me fazer sentir pior". A igreja deveria ser um porto para as pessoas que se sentem horríveis — teologicamente, esse é o nosso bilhete de entrada. Deus precisa de pessoas humildes (o que geralmente significa pessoas humilhadas) para realizar a sua obra. Qualquer coisa que nos faça sentir superiores às outras pessoas, qualquer coisa que nos tente a exibir um senso de superioridade é gravidade, e não graça.

Os leitores dos evangelhos se maravilham com a capacidade de Jesus de se relacionar facilmente com os pecadores e os párias. Tendo passado algum tempo com "pecadores", e também com pretensos "santos" tenho um palpite por que Jesus passou tanto tempo com o primeiro grupo: acho que Ele preferia a companhia deles. Porque os pecadores eram honestos a respeito de si mesmos e não fingiam, Jesus podia lidar com eles. Em contraste, os santos assumiam ares, julgavam-no e tentavam apanhá-lo em uma armadilha moral. No final, foram os santos, e não os pecadores, que prenderam Jesus.

Lembre-se da história do jantar de Jesus na casa de Simão, o fariseu, no qual uma mulher não muito diferente da prostituta de Chicago derramou perfume sobre Jesus e enxugou seus pés com os cabelos. Simão sentiu repulsa. Tal mulher não merecia nem mesmo entrar em sua casa! Eis aqui a resposta de Jesus naquela atmosfera tensa:

Então voltando-se<sup>6</sup> para a mulher, disse a Simão: Vês tu esta mulher? Entrei em tua casa, e não me lavei água para os pés; esta, porém, regou com lágrimas os meus pés, e os enxugou com os seus cabelos.

Não me deste ósculo, mas ela, desde que entrou, não cessou de me beijar os pés. Não me ungieste a cabeça com óleo, mas esta ungiu-me os pés com unguento. Por isso te digo que os seus muitos pecados lhe são perdoados, pois muito amou. Mas aquele a quem pouco é perdoado, pouco ama.

Por que, eu me pergunto, a igreja às vezes transmite o espírito de Simão, o fariseu, em vez de transmitir o espírito da mulher perdoada? Por que, com freqüência, é isso que eu faço?

Um romance publicado um século atrás, *The Damnation of Theron Ware* [A condenação de Theron Ware], deu-me uma imagem duradoura do que a igreja deveria ser. Um médico cético, conversando com um pastor fundamentalista e um sacerdote católico, disse: "Se vocês me permitirem — é claro que os vejo de todo imparcialmente, do lado de fora — direi que me parece lógico que uma igreja deveria existir para aqueles que precisam de sua ajuda, e não para aqueles que, por sua própria profissão, já são tão bons quanto eles que ajudam a igreja". O cético então descreveu a igreja como um lugar que deveria manter a graça sempre fluindo. "Alguns vêm todos os dias, outros apenas uma vez por ano, alguns talvez só no batismo e no funeral. Mas todos eles têm o direito de estar ali, o ladrão profissional tanto quanto o santo imaculado. A única estipulação é que não devem vir sob falsos pretextos..."

Essa imagem da igreja dispensando graça "sempre fluindo" me enternece especialmente por causa de um grupo dos AA que se reunia no subsolo de minha igreja em Chicago. Os Alcoólicos Anônimos não podem conseguir muitas igrejas que lhes cedam suas instalações, por um motivo muito prático: seus grupos costumam deixar muita bagunça. Os membros dos AA lutam contra os demônios do vício das drogas e do álcool apoiando-se em demônios menores como cigarros e café, e poucas igrejas estão dispostas a tolerar as manchas nos assoalhos e nas mesas e os estragos que os cigarros causam nas paredes e nas cortinas. A igreja que eu freqüentava decidiu abrir suas portas para os AA assim mesmo.

Às vezes eu assistia à reunião como um ato de solidariedade para com um amigo alcoólatra em recuperação. A primeira vez em que o acompanhei fiquei surpreso com o que encontrei, pois de muitas maneiras pareciam-se com uma igreja do Novo Testamento. Um conhecidíssimo apresentador de TV e diversos milionários proeminentes misturavam-se livremente com desempregados e garotos que usavam band-aids para esconder sinais de agulhas nos braços. O "momento de partilhar" era como um pequeno grupo discutindo o manual de instruções, marcado por atenção compassiva, respostas calorosas e muitos abraços. As apresentações eram como esta: "Boa-noite, eu sou Tom, sou alcoólatra e viciado em drogas" imediatamente, todos respondiam em uníssono, como um coro grego: "Boa-noite, Tom!". Cada pessoa presente dava um relatório pessoal de progresso em sua luta contra o vício.

Com o tempo percebi que os AA funcionavam sobre dois princípios: honestidade radical e dependência radical. São exatamente os mesmo princípios expressos na oração do Pai Nosso, o resumo de Jesus de viver "um dia de cada vez". De fato, muitos grupos dos AA recitam juntos o Pai Nosso em cada uma de suas reuniões.

Os AA não permitem nunca que uma pessoa diga: "Alô, eu sou Tom, eu era um alcoólatra e agora estou curado". Mesmo que o Tom não tenha bebido nada por trinta anos, ele ainda deve identificar-se como um alcoólatra, pois negando sua fraqueza ele estaria se tornando sua vítima. Além disso, Tom nunca poderia dizer: "Posso ser um alcoólatra, mas não sou tão mau quanto a Betty ali. Ela é viciada em cocaína". Entre as pessoas dos grupos dos AA o chão é nivelado.

Como Lewis Meyer<sup>8</sup> disse:

É o único lugar que conheço onde o status não significa nada. Ninguém engana ninguém. Cada um está

li porque transformou sua própria vida em uma bagunça pegajosa e está tentando recolocar as peças no lugar... Eu já assisti a milhares de reuniões na igreja, reuniões em lojas maçônicas, reuniões de confrarias e nunca encontrei o tipo de amor que encontrei nos AA. Durante uma curta hora os importantes e poderosos descem e os humildes sobem. O resultado do nivelamento é o que as pessoas querem dizer quando utilizam a palavra fraternidade.

Para uma "cura", o programa dos AA exige que seus membros dependam radicalmente de um poder superior e dos companheiros que lutam. Muitas pessoas nos grupos a que assisti substituíram o "poder superior" por "Deus". Abertamente, pedem a Deus perdão e força, e pedem a seus amigos que os cercam que lhes dêem apoio. Vão aos AA porque crêem que ali a graça flui "solta".

Às vezes, quando subo e desço as escadas que ligam o santuário da nossa igreja ao subsolo, penso no contraste sobe-e-desce entre os domingos de manhã e as noites de terça-feira. Apenas alguns dos que se reúnem nas noites de terça-feira voltam aos domingos. Embora apreciem a generosidade da igreja em abrir o seu subsolo para eles, os membros dos AA com os quais conversei disseram que não se sentiriam à vontade na igreja. Lá em cima as pessoas pareciam inteiras, enquanto eles mal se agüentavam. Eles se sentiam mais confortáveis no meio da fumaça, sentados nas cadeiras de metal, vestidos com jeans e camisetas e utilizando palavras de baixo calão quando tinham vontade. É àquele lugar que eles pertenciam não a um santuário com vitrais e bancos alinhados.

Se tão-somente eles percebessem, se tão-somente a igreja pudesse perceber que, em algumas das lições mais importantes de espiritualidade, os membros do grupo do subsolo eram nossos mestres. Começaram com honestidade radical e terminaram com dependência radical. Sedentos, vieram como "alegres mendigos" todas as semanas porque o AA era o único lugar que lhes oferecia graça em abundância.

Algumas vezes, em minha igreja, eu pregava o sermão e depois ajudava na cerimônia da Ceia. "Eu não participo porque sou uma boa pessoa, santa, piedosa e escorreita", escreve Nancy Mairs<sup>9</sup> a respeito da Ceia. "Participo porque sou uma pessoa ruim, cheia de dúvidas, ansiedades e ira: desmaiando de séria hipoglicemia da alma", confessa o crente sincero consigo mesmo e com Deus. Depois de transmitir o sermão, eu ajudava a nutrir as almas famintas.

Aqueles que desejassem participar vinham à frente, ficavam silenciosamente em um semicírculo e esperavam que lhes levássemos os elementos. "O corpo de Cristo partido por você", eu dizia enquanto apresentava um pão para ser quebrado pela pessoa diante de mim. "O sangue de Cristo derramado por você", o pastor ao meu lado dizia, segurando um cálice comum.

Minha esposa trabalhava para a igreja, e eu ensinava a uma classe ali há muitos anos; por isso conhecia as histórias de algumas pessoas que estavam diante de mim. Sabia que Mabel, a mulher com cabelo cor-de-palha e postura alquebrada que viera ao centro dos cidadãos idosos, havia sido uma prostituta. Minha esposa trabalhara com ela durante sete anos antes de Mabel confessar o negro segredo enterrado lá no fundo. Cinquenta anos atrás, ela havia vendido seu único filho. Era uma menina. Sua família a rejeitara muito antes, a gravidez havia eliminado sua única fonte de recursos e ela sabia que seria uma mãe negligente, por isso vendeu o bebê a um casal de Michigan. Ela não conseguia perdoar-se, dizia. Agora estava junto à amurada para comungar, manchas de ruge como rodela de papel coladas às faces, as mãos estendidas, esperando receber o dom da graça. "O corpo de Cristo quebrado por você, Mabel..."

Ao lado de Mabel estavam Gus e Mildred, personagens principais na única cerimônia de casamento realizada entre os idosos da igreja. Eles perderam 150 dólares por mês de benefícios do Seguro Social porque se casaram, em vez de viverem juntos, mas Gus insistiu. Ele disse que Mildred era a luz de sua vida, e ele não se importava se vivesse na pobreza contanto que fosse com ela ao seu lado. "O sangue de Cristo derramado por você, Gus, e por você, Mildred..."

A seguir vinha Adolphus, um jovem negro irado cujos piores temores a respeito da raça humana se confirmaram no Vietnã. Adolphus assustava as pessoas, afastando-as da igreja. Uma vez, em uma classe

que eu estava lecionando sobre o livro de Josué, Adolphus levantou a mão e pronunciou-se: "Eu gostaria de ter agora uma M-16. Eu mataria todos vocês, seus branquelos, que estão nesta sala". Um ancião da igreja que era médico levou-o para a sala ao lado e conversou com ele, insistindo que tomasse o seu remédio antes dos cultos de domingo. A igreja tolerava Adolphus porque sabia que ele não saía apenas de medo, mas também da fome. Se ele perdesse o ônibus, e ninguém lhe oferecesse uma carona, às vezes ele caminhava cinco quilômetros para chegar à igreja. "O corpo de Cristo partido por você, Adolphus..."

Eu sorria para Christina e Reiner, um elegante casal germânico contratado pela Universidade de Chicago. Ambos eram Ph.D.s e vinham da mesma comunidade pietista do sul da Alemanha. Eles nos haviam contado a respeito do impacto mundial do movimento moraviano que ainda influenciava sua igreja na pátria. E agora estavam lutando com a notícia que, para eles, era difícil de aceitar. Seu filho havia partido para uma viagem missionária na Índia. Ele planejava viver por um ano na pior favela de Calcutá. Christina e Reiner sempre respeitaram tal sacrifício pessoal, mas agora, quando se tratava de seu filho, tudo parecia diferente. Eles temiam pela saúde e segurança do filho. Christina segurava o rosto nas mãos e lágrimas pingaram por entre seus dedos. "O sangue de Cristo derramado por você, Christina, e por você Reiner..."

Então veio Sarah, um turbante cobrindo sua cabeça calva, com uma cicatriz onde os médicos haviam retirado um tumor cerebral. E Michael, que gaguejava tanto que se encolhia fisicamente toda vez que alguém falava com ele. E Maria, a tempestuosa e obesa mulher italiana que acabara de se casar pela quarta vez. "Desta vez vai ser diferente, eu sei."

"O corpo de Cristo... o sangue de Cristo..." O que poderíamos oferecer a essas pessoas além da graça em abundância? O que de melhor pode a igreja jamais oferecer além dos "meios da graça"? A graça aqui entre essas famílias destruídas e indivíduos que mal se agüentavam? Sim, aqui. Talvez a igreja lá em cima não fosse tão diferente dos grupos AA lá embaixo, afinal.

De maneira bastante estranha aos nossos olhos humanos, as lentes da graça revelam aqueles que estão fora da igreja da mesma forma que revelam a nós, os cristãos. Assim como eu, e como todos aqueles que estão dentro da igreja, eles também são pecadores amados por Deus. São filhos perdidos. Alguns se distanciaram muito do lar, mas, mesmo assim, o Pai permanece preparado para recebê-los de volta com alegria e celebração.

De maneira bastante estranha aos nossos olhos humanos, as lentes da graça revelam aqueles que estão fora da igreja da mesma forma que revelam a nós, os cristãos. Assim como eu, e como todos aqueles que estão dentro da igreja, eles também são pecadores amados por Deus. São filhos perdidos. Alguns se distanciaram muito do lar, mas, mesmo assim, o Pai permanece preparado para recebê-los de volta com alegria e celebração.

Adivinhos no deserto, artistas modernos e pensadores procuram em vão fontes alternativas da graça. O que o mundo precisa, tenho vergonha de dizer, é de amor cristão", escreveu o filósofo materialista Bertrand Russell. Pouco tempo antes de morrer, a humanista secular e romancista Marghanita Laski disse a um entrevistador de televisão: "O que eu mais invejo em vocês, cristãos, é o seu perdão. Eu não tenho ninguém que me perdoe". E Douglas Coupland, que inventou a expressão Geração X, concluiu em seu livro *Life After God* [A vida depois de Deus]: "Meu segredo é que eu preciso de Deus. Estou doente e não posso mais agüentar sozinho. Preciso de Deus para me ajudar a fazer o bem aos outros, porque me parece que não sou mais capaz disso; para me ajudar a estender a mão, porque já não me sinto mais capaz de bondade para me ajudar a amar, porque parece que estou além da capacidade desse sentimento".

Fico maravilhado com a ternura de Jesus ao lidar com pessoas que expressaram tais anseios. João narra a conversa improvisada de Jesus com uma mulher junto a um poço. Naquele tempo, era o marido quem dava início ao divórcio. E essa mulher samaritana fora jogada fora por cinco homens diferentes. Jesus poderia ter começado apontando a bagunça que ela havia feito em sua vida. Mas Ele não disse: "Mulher, você percebe que coisa imoral você está fazendo, vivendo com um homem que não é o seu marido?". Antes, Ele realmente disse: Vejo que você está com muita sede. Jesus continuou dizendo-lhe que a água que ela estava bebendo nunca a satisfaria. E, então, lhe ofereceu a água viva para matar sua sede para sempre.

Tento recapturar este espírito de Jesus quando me encontro com alguém que desaprovo moralmente. Esta deve ser uma pessoa com muita sede, digo para mim mesmo. Uma vez falei com o padre Henry

Nouwen logo depois que ele voltou de San Francisco. Ele havia visitado vários ministérios com vítimas de AIDS e estava abalado e comovido com suas tristes histórias. "Eles precisam tão desesperadamente de amor que estão literalmente morrendo", foram suas palavras. Ele as via como pessoas sedentas arquejando pela espécie certa de água.

Quando me sinto tentado a afastar-me horrorizado dos pecadores, das pessoas "diferentes", lembro de que deve ter sido para Jesus viver na terra. Perfeito, sem pecado, Jesus tinha todo o direito de ficar enojado com o comportamento daqueles que o cercavam. Mas não. Ele tratou pecadores notórios com misericórdia, e não com julgamentos.

—Aquele que foi tocado pela graça não vai mais olhar para aqueles que se desviaram como "aquele gente ruim" ou "aquela pobre gente que precisa de nossa ajuda". Nem devemos procurar sinais de merecimento de amor". A graça nos ensina que Deus nos ama pelo que Ele é, e não pelo que nós somos. Categorias de merecimento não valem nada. Em sua autobiografia, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche<sup>1</sup> falou de sua capacidade de "sentir o cheiro" das partes mais ocultas de cada alma, especialmente a abundante sujeira escondida no fundo do caráter". Nietzsche foi um mestre da não-graça. Nós somos chamados para fazer o oposto, para sentir o cheiro dos resíduos do valor oculto.

Em uma cena do filme *Ironweed*, os personagens representados por Jack Nicholson e Meryl Streep ropeçam em uma velha mulher esquimó deitada na neve, provavelmente embriagada. Intoxicados eles mesmos, discutem o que deveriam fazer com a mulher.

— Ela está bêbada ou é uma vadia? — Nicholson pergunta.

— Apenas uma vadia. É o que tem sido a vida inteira.

— E antes disso?

— Era uma prostituta no Alasca.

— Ela não pode ter sido uma prostituta a vida inteira. E antes disso?

— Eu não sei. Apenas uma menininha, eu acho.

— Bem, uma menininha é alguma coisa. Não é uma vadia e não é uma prostituta. É alguma coisa vamos recolhê-la.

Os dois vagabundos viram a mulher esquimó por meio das lentes da graça. Onde a sociedade veria apenas uma vadia e uma prostituta, a graça viu "uma menininha", uma pessoa feita à imagem de Deus, não importa quão desfigurada essa imagem estivesse.

O cristianismo tem um princípio: "Odeie o pecado, mas ame o pecador", que é mais facilmente pregado do que praticado. Se os cristãos pudessem simplesmente recuperar essa prática, tão preciosamente modelada por Jesus, avançaríamos bastante no cumprimento de nossa vocação como despenseiros da graça de Deus. Conforme conta C. S. Lewis,<sup>11</sup> durante um longo tempo ele não conseguia entender a diferença minúscula entre odiar o pecado de uma pessoa e odiar o pecador. Como seria possível odiar o que o homem faz e não odiar o homem?

Veja o resumo de sua história:

Anos depois, porém, ocorreu-me que havia um homem ao qual eu havia feito isso toda a minha vida. Isto é, eu mesmo. Por mais que detestasse minha própria covardia, orgulho ou ganância, eu continuava mandando. Não houve nunca a mais insignificante dificuldade nisso. Na verdade, o próprio motivo por que eu odiava essas coisas era porque eu amava o homem. Exatamente porque eu amava a mim mesmo, sentia-me triste em descobrir que eu era o tipo de homem que fazia essas coisas.

Os cristãos não devem fazer concessões ao pecado, diz Lewis. Antes, deveríamos odiar os pecadores e os outros da mesma forma que os odiamos em nós mesmos: sentindo que a pessoa tenha feito essas coisas esperando que, de alguma forma, algum dia, em algum lugar, essa pessoa seja curada.

O filme-documentário de Bill Moyers a respeito do hino *Amazing Grace* inclui uma cena filmada no Estádio de Wembley, em Londres. Diversos grupos musicais, principalmente bandas de rock, estavam reunidos celebrando as mudanças na África do Sul e, por algum motivo, os responsáveis pelo evento

elecionaram uma cantora de ópera, Jessye Norman, para o número final.

O filme pula para trás e para frente entre as cenas da multidão indisciplinada no estádio e Jessye Norman sendo entrevistada. Durante doze horas grupos de rock como Guns'n'Roses estiveram atordoando a multidão com palavras de ordem, irritando os fãs já alterados com álcool e drogas. A multidão grita pedindo mais apresentações no palco e os grupos de rock atendem. Enquanto isso, Jessye Norman está sentada em seu camarim discutindo Amazing Grace com Moyers.

O hino fora escrito, como se sabe, por John Newton, um mercador de escravos vulgar e cruel. Pela primeira vez ele clamou a Deus no meio de uma tempestade que quase o jogou para fora do navio. Newton viu a luz gradualmente, continuando a exercer o comércio mesmo depois de sua conversão. Ele escreveu o hino "How Sweet the Name of Jesus Sounds" [Como é doce o nome de Jesus] enquanto esperava em um porto africano um carregamento de escravos. Mais tarde, entretanto, renunciou à atividade profissional tornou-se ministro e juntou-se a William Wilberforce na luta contra a escravidão. John Newton nunca perdeu de vista as profundezas das quais foi tirado. Ele nunca perdeu de vista a graça. Quando escreveu "... que salvou um miserável como eu", queria dizer isso mesmo de todo o seu coração.

No filme, Jessye Norman conta a Bill Moyers que Newton talvez tomasse emprestada uma antiga melodia cantada pelos próprios escravos, redimindo a canção, exatamente como ele fora redimido.

Finalmente, chega a hora de ela cantar. Um simples círculo de luz acompanha Norman, uma majestosa mulher afro-americana usando um esvoaçante dashiki africano, enquanto atravessa o palco. Sem nenhum acompanhamento, sem instrumentos musicais, apenas Jessye. A multidão se agita, nervosa. Poucos reconhecem a diva da ópera. Uma voz grita pedindo Guns'n'Roses. Outros se juntam ao grito. A cena começa a ficar pesada.

Sozinha, a capela, Jessye Norman começa a cantar, muito lentamente, os primeiros versos do hino.

Uma coisa espantosa aconteceu no Estádio de Wembley naquela noite. Setenta mil fãs roucos ficaram em silêncio diante da ária da graça.

Quando Norman chegou à segunda estrofe: "Tal graça me levou a temer assim que em Deus eu cri...", o soprano já tinha a multidão em suas mãos.

Ao chegar à terceira estrofe: "Por provas duras passarei... mas pela graça irei morar na eterna mansão..." diversas centenas de fãs estavam cantando junto, cavando profundamente em lembranças já esquecidas em busca das palavras que haviam ouvido há muito tempo.

Jessye Norman mais tarde confessou que não tinha idéia do poder que desceu sobre o Estádio Wembley naquela noite. Acho que sei o que era. O mundo tem sede de graça. Quando a graça desce, o mundo fica em silêncio diante dela.

# NOTAS

## Capítulo 1: A última palavra perfeita

1. *Niebuhr*: Citado por D.Ivan Dykstra, *Who Am I? and Other Sermons*, Holland, Mich.: Hope College, 1983, p-104.
1. *Bernanos*: Georges Bernanos, *The Diary of a Country Priest*, Garden City, N.Y.: Doubleday/Image, 1974, p.233-
2. *Seamands* : David Seamands, "Perfectionism: Fraught with Fruits of Self-Destruction", em *Christianity Today* (Cristianismo Hoje), 10/04/1981, pp.24-25.
3. *MacDonald*: De uma conversa particular.
5. "*Growing Up Fundamentalist*", Stefan Ulstein, *Growing Up Fundamentalist*, Downers Grove, Ill., InterVarsity Press, 1995, p-72.

## Capítulo 2: A festa de Babette: uma história

1. *A Festa de Babette*. Um conto incluído por Isak Dínesen em *Anecdotes of Destiny and Ehrengard*, New York: Random House/ Vintage, 1993.

## Capítulo 3- Um mundo sem graça

1. *Herbert*: George Herbert, "The Church Militant", em *The English Poems of George Herbert* (Os Poemas Ingleses de George Herbert), Totowa, N.J.: Rowman and Littlefield, 1975, p.196.
1. "*Pois a lei*", João 1:17.
3. "*provérbios de cinza*", Jó 13:12.
3. *Tournier*. Paul Tournier, *Guilt and Grace*, New York: Harper & Row, 1962, p.23.
5. *Bombeck*: Erma Bombeck, *At Wif's End*. N.p.: Thorndike Large Print Edition, 1984, p.63-
6. *James*-. William James, *The Varieties of Religious Experience*, New York: The Modern Library, 1936, p.297-
7. S.João da Cruz, *Dark Night of the Soul*, Garden City, N.Y.: Doubleday/Image, 1959-
7. *Hecht*: Anthony Hecht, "Galatians", em *Incarnation*, ed. Alfred Corn, New York: Viking, 1990, p.158.
8. *Thielicke*: Helmut Thielicke, *The Waiting Father*, San Francisco: Harper & Row, 1959, p-133.
10. *Franklin*: Benjamin Franklin, *Autobiography*, New York: Buccaneer Books, 1984, pp.103,114.
10. "*Apology Sound-OffLine*": Jeanne McDowell, "True Confessions by Telephone", em *Time* , 3/10/1988, p.85.
11. *Smedes*: Lewis B.Smedes, *Shame and Grace*, San Francisco: Harper-Collins, 1993, pp. 80,31.
- 13- *Times*: Nicholas D.Kristof, "Japanese Say No to Crime-. Tough Methods, at a Price", em *The New York Times* , 14/02/1995, p.l.
14. *Hemingway*-. Ernest Hemingway, "The Capitol of the World", em *The Short Stories of Ernest Hemingway*, New York: Scribner, 1953, p.38.
14. "Cada filho que nasce". Citado por Paul Johnson, em *Intellectuals*, New York: Harper & Row, 1988, p.145.
16. *Greave*: Peter Greave, *The Second Miracle*, New York Henry Holt and Company, 1955.

## Capítulo 4: O Pai cego de amor



1. Lewis: Citado por Scott Hoezee, em *The Riddle of Grace*, Grand Rapids: Eerdmans, 1996, p.42.
  1. "Pois este meu filho": Lucas 15:24.
  2. "Quando ainda": Lucas 15:20.
  3. "Assim vos digo": Lucas 15:10.
  4. Nouwen: Henri J.M.Nouwen, *The Return of the Prodigal Son*, New York: Doubleday/Image, 1994, p.114.
  5. "Ô Deus, tem misericórdia": Lucas 18:13-
  7. "haverá alegria no céu": Lucas 15:7.
  7. "Senhor, lembra-te": Lucas 23:42,43.
  8. Kierkegaard: Soren Kierkegaard, *Training in Christianity*, Princeton: Princeton University Press, 1947, p.20.
- Capítulo 5: A nova matemática da graça
1. Lucas: Lucas 15:3-7
1. João: João 12:3-8.
  2. Marcos: Marcos 12:41-44.
  3. Mateus-. Mateus 20:1-16.
5. "Amigo, não te faço injustiça": Mateus 20:13-15-
  6. Buechner, Frederick Buechner, *Telling the Truth*, San Francisco: Harper & Row, 1977, p.70.
  7. "Até quantas vezes": Mateus 18:21.
  7. "Paga-me": Mateus 18:28.
  8. Lewis: C.S.Lewis, "On Forgiveness", em *The Weight of Glory and Other Addresses*, New York: Collier Books/Macmillan, 1980, p.125-
  10. Lewis Himself C.S.Lewis e Don Giovanni Calábria, *Letters*, Ann Arbor, Mich.: Servant Books, 1988, p.67.
  10. Volf: Miroslav Volf, *Exclusion and Embrace*, Nashville: Abingdon Press, 1996, p.85.
  11. "Pois os meus pensamentos": isaías 55:8:9-
  - 13- "O Senhor não retém": Miquéias 7:18.
  14. "Cairá a espada": Oséias 11:6-9.
  14. "Vai outra vez, ama": Oséias 3:1
  15. "Mas onde o pecado abundou": Romanos 5:20.
  16. Buechner: Frederick Buechner, *The Longing for Home*, San Francisco: HarperCollins, 1996, p.175.
  17. Sayers: Dorothy L.Sayers, *Christian Letters to a Post-Christian World*. Grand Rapids: Eerdmans, 1969, p.45-
  18. Dr. Bob Smith: História contada por Ernest Kurtz, em *The Spirituality of Imperfection*, New York: Bantam, 1994, pp.105-6.
  19. Donne: John Donne, *John Donne's Sermons on the Psalms and the Gospels*, Berkeley: University of Califórnia Press, 1963, p.22.
  20. "Deus âe toda a graça": 1 Pedro 5:10.
- Capítulo 6: Ciclo ininterrupto: uma história

1: *Missionary in Lebanon*: Kenneth E. Bailey, *Poet & Peasant* (Poeta e Camponês), Grand Rapids: Eerdmans, 1976, pp.161-64, 181.

Capítulo 7: Um ato nada natural

1. *Tolstói*: William L. Shirer, *Love and Hatred: The Stormy Marriage of Leon and Sonya Tolstoy*, New York: Simon & Schuster, 1994, pp.26,65-67.

1. *Auden*-. W. H. Auden, "September 1, 1939" (1 de setembro de 1939), em *Selected Poems*, New York: Vintage Books/Random House, 1979, p.86.

3- *O'Connor*. Elizabeth O'Connor, *Cry Pain, Cry Hope*, Waco, Tex.: Word Books, 1987, p.167.

4. "Perdoa-nos": Mateus 6:12.

4. *Williams*: Charles Williams, *The Forgiveness o/Sins*, Grand Rapids: Eerdmans, 1984, p.66.

5. "Porém se não perdoardes": Mateus 6:15.

6. *Dryden* Louis LBredvold, etc, *The Best of Dryden*, New York: T.Nelson and Sons, 1933, p.20.

7. "Portanto, se trouxeres a tua oferta": Mateus 5:23-24. 9- "Assim vos fará": Mateus 18:35.

10. *Jones (rodapé)*: Gregory Jones, *Embodying Forgiveness: A Theological Analysis*, Grand Rapids: Eerdmans, 1995, p.195.

10. "para que sejais filhos": Mateus 5:44-47.

11. *Bonhoeffer*: Dietrich Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship*, New York: Macmillan, 1959, pp. 134-35.

13- *Thielicke*: Helmut Thielicke, *Waiting*, op.cit., p.112. 14. *Nouioem* Henry Nouwen, *Return*, op.cit. pp.129-30. 15- "Não vos vingueis": Romanos 12:19-

Capítulo 8: Por que perdoar?

1. *Lutero*: Citado em "Colorful Sayings of Colorful Luther", em *Christian History*, vol.34, p.27.

2. *Márquez*: Gabriel Garcia Márquez, *Love in the Time of Cholera*, New York: Alfred A.Knopf, 1988, pp.28-30.

3- *Mauriac* François Mauriac, *Knot of Vipers*, London: Methuen, 1984.

4. *Karr*. Mary Karr, *The Liar's Club*, New York: Viking, 1995-5: *Smedes*: Lewis B.Smedes, *Shame*, op.cit., pp. 136,141.

6. *Trapp*: Kathryn Watterson, *Not by the Sword*, New York: Simon & Schuster, 1995.

6. *Hugo*: Victor Hugo, *Les Misérables*, New York: Penguin, 1976, p.111.

7. *Smedes*: Lewis B.Smedes, "Forgiveness: the Power to Change the Past", em *Christianity Today*, 7/01/1983, p.24.

9. *Weil*, Simone Weil, *Gravity and Grace*, New York: Routledge, 1972, p.9.

10. "Pois não temos": Hebreus 4:15.

10. "Aquele que não conhece pecado": 2 Coríntios 5:21.

11. "Sepossível": Mateus 26:39.

12. "Perdoa-lhes": Lucas 23:34.

Capítulo 9: Acerto de contas

1. *Wiesenthal*: Simon Wiesenthal, *The Sunflower*, New York: Schocken, 1976.

1. *Klausner*. Joseph Klausner, *Jesus of Nazareth: His Life, and Teaching*, London: George

3- *Smedes*: Lewis B.Smedes, *Forgive and Forget*. San Francisco: Harper & Row, 1984, p.130.

4. *Guardini*: Romano Guardini, *The Lord*, Chicago: Regnery Gateway, 1954, p.302.

5- *Thielicke*: Helmut Thielicke, *Waiting*, op.cit., p.62.

6. *Wilson*: Mark Noll, "Belfast: Tense with Peace", em *Books & Culture*, novembro/dezembro 1995, p.12.

6. *O'Connor*: Elízabeth O'Connor, *Cry Pain*, op.cit., p.50.

7. *Time*: Lance Morrow, "I Spokc.As a Brother", em *Time* , 9/01/ 1984, pp.27-33.

9- "*não sabem o que fazem*". Lucas 23:34.

Capítulo 10: O arsenal da graça

1. *Wink*: Walter Wink, *Engaging the Powers*, Minneapolis: Fortress, 1992, p.275.

1. *The Wages of Guilt*: Ian Buruma, *The Wages of Guilt: Memories of War in Germany and Japan*, New York: Farrar, Straus and Giroux, 1994.

3. *Nós, os primeiros*: citado em *Response*, uma publicação de Simon Wiesenthal Center em Los Angeles.

4. *Truebloô*: Elton Trueblood, *The Yoke of Christ*, Waco, Tex.: Word, 1958, p.37.

4. *Wink*; Walter Wink, *Engaging*, op.cit., p.191-

5. *Tutu*: Michael Henderson, *The Forgiveness Factor*, Salem, Ore.: Grosvenor Books USA, 1996, p.xix.

6. *van der Post*: Laurens van der Post, *The Prisoner and the Bomb*, New York: William Morrow and Company, 1971, p.133.

Capítulo 11: Um lar para bastardos: uma história

1. *Campbell*: Will D.Campbell, *Brother to a Dragonfly*, New York: The Seabury, 1977, pp.220-24.

1. "*sendo nós ainda pecadores*": Romanos 5:8. itálico acrescentado.

Capítulo 12: Esquisitices, não

1. "*Ser-vos-ão por abominações*": Levítico 11:11.

1. "*Eu sou o Senhor*": Levítico 11:44.

2. *Wouk*. Herman Wouk, *This Is My God*, New York: Little, Brown and Company, 1987, p.111

4. *Douglas*: Citado por Sheldon Isenberg e Dennis E.Owen, "Bodies, Natural and Contrived: the Work of Mary Douglas" em *Religious Studies Review*, VoL3, N<sup>o</sup> 1, 1977, pp.1-17.

4. *Neusner*. Jacob Neusner, *A Rabbi Talks with Jesus*, New York: Doubleday, 1993, p.122.

6. "*nas suas gerações*": Levítico 21:17-20.

6. "*que não*": citado por John Timmer, em "Owning Up to Baptism", *The Reformed Journal*, maio/junho 1990, p.14.

7. *Volf*, *Exclusiom* op.cit., p.74.

8. "*em toda ajudéia*": Atos 1:8.

10.. "*buscavam ocasião*": Marcos 11:18.

11. "*ospobres*": Lucas 14:13-

11. "*Desta forma não há*": Gaiatas 3:28. 13- "*Visto que temos*": Hebreus 4:14,ló.

14. "*tendo ousadia*": Hebreus 10:19-22

14. "*o mesmo Espírito*": Romanos 8:26.

Capítulo 13: Olhos curados pela graça

1. "pois todos pecaram": Romanos 3:23-

1. Tournier. Paul Tournier, *The Person Reborn* (A Pessoa Nascida de Novo), New York: Harper & Row, 1966, p.71.
2. Thielicke: de Helmut Thielicke, *How; rõe World Began* (Como o Mundo Começou), Philadelphia: Muhlenberg, 1961, p.62.
3. Thielicke-. *Quando Jesus mava* de Helmut Thielicke, *Christ and the Meaning ofLife* (Cristo e o Significado da Vida), Grand Rapids, Baker, 1975, p.41.
4. Dostoievsky: citado por Helmut Thielicke, em *Waiting* (Esperando), op.cit., p.81.

#### Capítulo 14: Brechas

1. Hughes: de entrevista na rádio, baseada na história *The Fatal Shore* de Robert Hughes.

1. Auden-. W.H.Âuden, "For the Time Being", em *The Collected Poetry of W.H.Âuden*, New York: Random House, 1945, p.459-
2. Lloyd-Jones: citado por Stephen Brown, em *When Being Good Isn't Good Enough*, Nashville: Nelson, 1990, p.102.
3. "outrora fui": 1 Timóteo 1:13-15, grifo do autor.
4. Lewis: "St.Augustine" de C.S.Lewis, *Letters to an American Lady*, Grand Rapids: Eerdmans, 1967, p.71.
5. Lewis: "To condone" de C.S.Lewis, *The Prohlem of Pain*, New York: Macmillan, 1962, p.122.
6. Heaney-. citado por Helen Vendler, em "Books", *The New Yorker* 13/03/1989, P-107.
7. Tournier: Paul Tournier, *Guilt*, op.cit., p. 112.
8. Lewis: C.S.Lewis, *Mere Christianity*, New York, Macmillan, 1960, p.60.

10. "Porque Deus": João 3:17.

10. Tournier. Paul Tournier, *Guilt*, op.cit., pp.159~60.

11. "em dissolução a graça": Judas 4.

12. Lutero-. citado por Walter Kaufmann, em *The Faith of a Heretic*, Garden City, N.Y.: Doubleday, 1961, pp.231-32.

14. "crescei na graça": 2 Pedro 3:18.

14. Trobisch: Walter Trobisch, *Love Yourself* Downers Grove, 111.: InterVarsity Press, 1976, p.26.

15. "pois todos pecaram": Romanos 3:23-

16. "Mas onde o pecado": Romanos 5:20.

17. "Permaneceremos no pecado": Romanos 6:1.

18. 19- "Havemos de pecar?": Romanos 6:15.

20. "mortos para o pecado": Romanos 6:2.

20. "considerai-vos": Romanos 6:11, itálico acrescentado.

21. "Não reine": Romanos 6:12.

23- Mauriac: François Mauriac, *God andMammon*, London: Sheed & Ward, 1946, pp.68-9-

24. Bonhoeffer. citado por Clifford Williams, em *Singleness ofHearts*, Grand Rapids: Eerdmans, 1994, p.107.

25. "Ele nos ensina": Tito 2:12.

26. Mairs, Nancy Mairs, *Ordinary Time*, Boston: Beacon Press, 1993, p.138.

27. *Augustine*: (Agostinho), citado por Kathleen Norris, em *The Cloister Walk*, New York: Riverhead, 1996, p.346. .

Capítulo 15: Anulação da graça

1. "Serpentes...": Mateus 23:33, 16-18, 27.

1. "Vós, os fariseus": Lucas 11:39-

2. "Portanto, quando": Mateus 6:2-6.

3. "Amarãis o Senhor": Mateus 22:37.

4. "Sede vós, pois, perfeitos": Mateus 5:48.

5. Tolstói: Leão Tolstói, "An Afterword to 'The Kreutzer Sonata'" por A.N.Wilson, em *The Lion and the Honeycomb: The Religious Writings of Tolstoy*, San Francisco: Harper & Row, 1987, p.69.

6. "Ai de vós": Lucas 11:46.

7. "Não tomaras": Êxodo 20:7.

8. 9- "Não cozerás": Êxodo 23:19-

10. "Não adulterarás": Êxodo 20:14.

10. "Dais o dízimo": Mateus 23:23,24.

11. "Foi um grande alívio": citado por Walter Wink, em *Naming the Powers*, Philadelphia Fortress, 1984, p.110.

13- "Acautelai-vos": Lucas 12:1, Mateus 23:3-

14. "Tudo o que fazem": Mateus 23:5-7.

14. "Trapo da imundícia": Isaías 64:6.

15. *Nouwen*: Henri Nouwen, *Return*, op.cit., p.71.

16. "Pois eu não conheceria": Romanos 7:7,8.

17. *Küng*: Hans Küng. *On Being a Christian*, Garden City, N.Y.: Doubleday, 1976, p.242.

18. *Lutero*: citado por Karen Armstrong, *A History of God*, New York, Alfred A.Knopf, 1974, p.276.

19. *Capon*: Robert Farrar Capon, *Between Noon and Three*, San Francisco: Harper & Row, 1982, p.148.

20. "Pois o reino de Deus": Romanos 14:17.

Capítulo 17: Aroma misto

1. *New York Times*: "Government Is Not God's Work", no *New York Times*, 29/08/1993.

2. "já os fundamentos": Salmo 11:3 "

2. "A única maneira": citado por Rodney Clapp, em "Calling the Religious Right to Its Better Self", *Perspectives* de Abril/1994, p.12.

3. *Terry*: Virginia Culver, "200 hear Terry hit 'baby killers'" em *The Denver Post*, 30/julho/1993, p.4B.

4. *Reed*: citado por Jim Wallis, em *Who Speaks for God?*, New York: Delacorte, 1996, p.161.

5. *Willimon*-. William H. Willimon, "Been there, preached that", em *Leadership*, outono de 1995, p.76.

6. *Jefferson*-. citado por Robert Booth Fowler, em *Religion and Politics in America*, Metuchen, N.J.: Scarecrow, 1985, p.234.

7. *Manchester*. William Manchester, *A World Lit Only by Fire*, Boston: Little, Brown and Company, 1993,

p-191.

8. *Johnson-*. Paul Johnson, *A History of Christianity*, New York: Atheneum, 1976, p.263-

10. *Newbigin*: Lesslie Newbigin, *Foolishness to the Greeks*, Grand Rapids: Eerdmans, 1986, p.117.

11. "*Estamos cansados*": citado por Walter Wink, em *Engaging*, op.cit., 263.

12. "departamento de polícia": citado por Rodney Clapp, em *Perspectives*, op. cit., 12

12. "*código de connecticut*": citado por Brennan Manning, em *Abba's Child*, Colorado Springs: NavPress, 1994, p.82.

Capítulo 18: Sabedoria de serpente

1. "*assegurado para*": citado por Paul Johnson, "God and the Americans", uma palestra apresentada em 1994 na Biblioteca Pierpont Morgan em New York.

1. "*Nossa constituição*": citado por John R.Howe Jr., em *The Changing Political Tboiigt of John Adams*, Princeton: Princeton University Press, 1966, p.185.

2. "*Somos um povo cristão*": citado por Richard John Neuhaus, em *The Naked Public Square*, Grand Rapids: Eerdmans, 1986, p.80.

3. "*Creio*": discurso de Earl Warren publicado em "Breakfast at Washington", no *Time*, 14/02/1954, p.49.

5- *Dobson*: James Dobson, "Why I Use 'Fighting Words'", em *Christianity Today*, 19;06/1995, p.28. •

6. "*Amai a vossos inimigos*": Mateus 5:44.

7. *Reed*: Ralph Reed, *Active Faith*, New York: The Free Press, 1996, pp.120,65-

7. *Kaunda*: citado por Tom Sine, em *Cease Fire*, Grand Rapids: Eerdmans, 1995, p.284.

8. "*Cristo é o Senhor*": Christoph Schonborn, "The Hope of Heaven, The Hope of Earth", em *First Things* (Primeiras Coisas), Abril, 1995, p.34.

10. "*A Deus somente*": citado por Robert E.Webber, *The Church in the World: Opposition, Tension, or Transformation?* Grand Rapids, Zondervan, 1986.

10. *Becket*: citado por Jacques Maritain, *The Things That Are Not Caesar's*, London: Sheed & Ward, 1930, p.16.

11. *Bellah*: Robert N.Bellah, et.al., *The Good Society*, New York: Vintage, 1992, p.180.

12. *Eisenhower*. citado por Paul Johnson, *The Questfor God*, New York: HarperCollins, 1996, p.35.

14. *Barth*: citado por Paul Johnson, *History*, op.cit., p.483-

14. "*Sede vós, pois, perfeitos*": Mateus 5:48.

Capítulo 19: Remendos verdes

1. *Tuchman*: citado por *Bill Moyers: A World ofIdeas*, ed.Betty Sue Flowers, New York: Doubleday, 1989, p.5.

1. *Solzhenitsyn*: Extraído de seu discurso de recebimento do Templeton Prize em 1993-

2. *Forsyth*: citado por Donald Bloesch, em *Crisis ofPiety*. Colorado Springs: Helmers and Howard, 1988, p.116.

3. "*Pai, perdoa-lhes*": Lucas 23:34.

5- *Bonhoeffer*. Dietrich Bonhoeffer, *Cost*, op.cit., p.136.

6. "*Nisto conhecerão*": João 13:35, itálicos acrescentados.

6. *Sider*. citado por Bob Briner, *Deadly Detours*, Grand Rapids: Zondervan, 1996, p-95.

8. *Nietzsche*: Friedrich Nietzsche, *The Anti-Christ*, New York: Penguin,

1968, pp.115-18.

9- Day, Dorothy Day, *The Long Loneliness*, San Francisco: Harper-Collins, 1981, p.235.

10. *Bellah*: citado no discurso de John Stott.

Capítulo 20: Gravidade e graça

1. *Weih* Simone Weil, *Gravü* op.cit., pp.1, 16.

1. *Barth*: Karl Barth, *The Word of God and the Worl of Man*, New York: Harper & Row, 1957, p.92.

2. *Merton*-. Thomas Merton, *No Man Is an Island*. New York; Harcourt, Brace and Company, 1955, p.235.

3. *Lewis*: C.S.Lewis, *The Four Loves*, London: Geoffrey Bles, 1960, p.149.

4. "*Deus no céu*": citado por Ernest Kurtz, em *Spirituality*, op.cit., p.29-

6. "*Então voltando-se*": Lucas 7:44-47.

6. *Damnation*: Harold Frederic, *The Damnation of Theron Ware*, New York: Penguin, 1956, pp.75-76.

7. *Meyer*. citado por Brennan Manning, *The Gentle Revolutionaries*, Denville, N.J.: Dímensión, 1976, p.66.

9. *Mairs*: Nancy Mairs, *Ordinary Time*, op.cit., p.89.

10. *Nietzsche*: citado por Williams, *Singleness*, op.cit., p.126.

11. *Lewis*: C.S.Lewis, *Mere*, op.cit., pp.105-6.

[\[1\]](#) O pregador contemporâneo Fred Craddock uma vez brincou com os detalhes da parábola para destacar exatamente esse ponto. Em um sermão, ele fez o pai dar o anel e o manto para o irmão *mais velho*, depois matar o bezerro cevado em homenagem aos seus anos de fidelidade e obediência. Uma mulher lá atrás gritou: "É assim que *deveria* estar escrito!".

[\[2\]](#) L. Gregory Jones<sup>o</sup> observa: "Tal chamado para amar os inimigos é assustador em seu franco reconhecimento de que os cristãos fiéis terão inimigos. Embora Cristo decisivamente derrotasse o pecado e o mal por meio da sua cruz e da ressurreição, a influência do pecado e do mal ainda não acabou completamente. Portanto, pelo menos em um sentido, ainda vivemos neste lado da plenitude da Páscoa".

[\[3\]](#) Visitei o Museu do Holocausto em Washington, D.C e fiquei profundamente comovido com a descrição das atrocidades nazistas contra os judeus. O que me impressionou pessoalmente, entretanto, foi uma seção logo no início da exposição que demonstrava como as primeiras leis discriminatórias contra os judeus — as lojas, bancos nas praças, banheiros e bebedouros "só para judeus" — foram explicitamente imitações das leis de segregação dos Estados Unidos.

[\[4\]](#) Naturalmente, os hábitos alimentares de todas as sociedades são arbitrários, e cada cultura faz uma diferenciação entre animal "puro" e "impuro". Os franceses comem cavalos, os chineses comem cachorros e macacos, os italianos comem rouxinóis, os neozelandeses comem cangurus, os africanos comem insetos e os canibais comem gente. Consideramos muitos desses costumes ofensivos porque nossa sociedade tem sua própria lista arraigada de alimentos aceitáveis. Para os vegetarianos a lista é muito mais curta.

[\[5\]](#) O Antigo Testamento contém muitas indicações de que Deus planejava o tempo todo expandir sua "família" além da raça judia para abranger cada tribo e nação. Em deliciosa ironia, Pedro recebeu a visão dos animais impuros em Jope, exatamente o porto do qual Jonas tentou escapar da ordem de Deus de levar a mensagem dele aos pagãos ninivitas.

[\[6\]](#) Utiliza-se o termo "bêbado seco" para descrever um alcoólatra que pára de beber, mas permanece negando, recusando-se a admitir que tem um problema. Seco, mas miserável, ele torna miseráveis todos os que o cercam. Continua manipulando os outros e puxa as cordas da dependência. Mas como não bebe mais, não tem mais intervalos de felicidade. Os membros da família podem até tentar fazer que esse alcoólatra beba de novo, para ter alívio; eles querem o seu "bêbado feliz" de volta. O escritor Keith Miller compara essa pessoa a um hipócrita na igreja, que muda o exterior, mas não o interior. A verdadeira mudança, tanto para o alcoólatra quanto para o cristão, deve começar com a admissão de que precisa da graça. Anegação bloqueia a graça.

[\[7\]](#) Sim, esta é a mesma igreja que excluía membros negros. Levantávamos mais de cem mil dólares — muito dinheiro nos anos 50 e 60 — para enviar missionários às pessoas da raça negra, mas não permitíamos que nenhuma dessas pessoas entrasse em nossa igreja.